

SÉRIE HERÓIS DA FÉ

Abraão



*Um homem
obediente
e destemido*

CHARLES R. SWINDOLL

MC

CHARLES R. SWINDOLL

ABRAÃO

UM HOMEM OBEDIENTE E DESTEMIDO

Traduzido por EMIRSON JUSTINO

MC
mundocristão
São Paulo

Copyright © 2014 por Charles Swindoll
Publicado originalmente por Tyndale House Publishers, Inc.
Carol Stream, Illinois, EUA.

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da *Nova Versão Internacional* (NVI), da Bíblica Inc., salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei no 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Equipe MC: Daniel Faria (editor assistente)
Heda Lopes
Natália Custódio
Preparação: Luciana Chagas
Revisão: Josemar de Souza Pinto
Diagramação: SWB
Diagramação para e-book: Felipe Marques
Capa: Douglas Lucas

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

S98a

Swindoll, Charles

Abraão [recurso eletrônico] : um homem obediente e destemido / Charles Swindoll; tradução Emerson Justino. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2015.

recurso digital (Heróis da fé)

Tradução de: Abraham

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-433-0100-6 (recurso eletrônico)

1. Abraão - Biografia. 2. Bíblia - Biografia. 3. Bíblia - Crítica, interpretação, etc. 4. Livros eletrônicos. I. Título. II. Série.

15-25134

CDD: 232

CDU: 232

Categoria: Biografia / Autobiografia

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:
Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 79, São Paulo, SP, Brasil, CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

1ª edição eletrônica: abril de 2016

Uma das maiores alegrias e satisfações de minha vida é servir como pastor titular da Stonebriar Community Church, que fundei em 1998. Estou maravilhado diante do crescimento, da extensão, da profundidade e da força desse grupo tão singular. Somente nosso Deus maravilhoso poderia ter possibilitado a junção de todas essas partes que hoje moldam e sustentam esse ministério. Deus, e somente Deus, merece todo o louvor e toda a glória.

Sou especialmente grato por aqueles que exercem fielmente o diaconato. Eles ajudam nossos pastores e nossa diretoria a manter tudo dentro da perspectiva correta. Oram fielmente e servem sem precisar do aplauso público.

Supervisionam de maneira proveitosa sem visar aos próprios interesses. E tomam decisões sábias sem motivações ocultas ou legalistas. É um grande privilégio atuar com esses homens, que exemplificam o que é ser um líder-servo piedoso e gracioso, que ama a Cristo e seu povo.

Com gratidão e imenso respeito, dedico este livro a tais homens: Jim Byrd, Ralph Ehren, Jim Goodyear, Jim Gunn, Dave Hammock, Jay Madden, Sam Mathai, Russell Patterson, Steve Raffaele e Stan Toussaint.

Sumário

Agradecimentos

Introdução

1. Indo... sem saber para onde
2. Quando o fiel falha
3. Uma decisão que levou a um desastre
4. Abrão, o generoso
5. Podemos conversar?
6. Correndo na frente de Deus
7. Aprofundando nossas raízes com Deus
8. Um daqueles dias de altos e baixos
9. O que acontece quando oramos?
10. Quando a fossa transborda
11. O lamento de duas cidades
12. A superação da perigosa contracorrente da depravação
13. Reprise da desobediência
14. É um menino!
15. Pecado perdoado e consequências prolongadas
16. Quando Deus diz: "Largue!"
17. Um lar sadio e fiel
18. Como encontrar a companhia para a vida toda
19. Que jornada!
20. O retrato de um herói (com suas fraquezas e tudo mais)

Apêndice

Bibliografia

Agradecimentos

AS PALAVRAS DE SALOMÃO são conhecidas por muitos:

É melhor ter companhia do que estar sozinho, porque maior é a recompensa do trabalho de duas pessoas. [...] Um homem sozinho pode ser vencido, mas dois conseguem defender-se. Um cordão de três dobras não se rompe com facilidade.

Eclesiastes 4.9,12

Essas palavras são certamente verdadeiras quando se trata de escrever um livro. Quem imagina que um livro é obra realizada por uma pessoa apenas nunca escreveu um! Sou grato por todos aqueles que me ajudaram a concluir este volume. Não poderia ter realizado este projeto sozinho.

Mark Gaither, meu genro, serviu de maneira fiel e eficiente como meu editor. Sou grato por sua disposição em equilibrar suas outras demandas e responsabilidades com o propósito de dar a este projeto o tempo e a atenção exigidos. Além da tarefa de corrigir meus erros literários e dar um toque criativo ao texto, Mark foi diligente em fazer pesquisas para garantir a precisão de diversos fatos, assim como verificar as fontes de todas as minhas referências. Fazer tudo isso dentro do prazo estabelecido não foi tarefa fácil. Mark merece um forte aplauso por essa realização monumental.

A equipe de homens e mulheres da Tyndale House Publishers fez da escrita deste livro uma experiência agradável do início ao fim. Minhas visitas iniciais a Ron Beers e Lisa Jackson, enquanto discutíamos a produção desta obra, foram esclarecedoras e revigorantes. Pude contemplar seu entusiasmo quando comecei a escrever e sua ansiedade ao me encorajarem durante os longos meses que se seguiram. Durante esse tempo, Jon Farrar, Stephanie Rische, Kara Leonino, Maria Eriksen e Erin Gwynne fizeram sugestões e apresentaram ideias que adicionaram combustível ao fogo do meu entusiasmo. Minha gratidão pela competência, pela integridade e pelo profissionalismo dessa maravilhosa editora que não conhece limites. É um imenso prazer ser citado como um de seus autores.

Também tenho uma grande dívida de gratidão para com Sealy e Matt Yates, amigos de longa data e meus agentes literários. Tenho de agradecer-lhes por me apresentarem à família editorial da Tyndale e por lidarem tão bem com os detalhes dos bastidores. Sua excelente ajuda permitiu que meu relacionamento com essa organização resultasse em um vínculo saudável e harmonioso.

Finalmente, como sempre, devo mais uma vez reconhecer minha constante parceira no ministério. Não disponho de companhia mais entusiasmada ou apoiadora do que minha esposa, Cynthia. Ela permanece plenamente comprometida com qualquer projeto no qual nos envolvemos juntos. Cynthia está sempre presente, seja qual for o tempo e a energia que um livro como este demande, e a despeito das horas exigidas para que seja elaborado com excelência. Contudo, devo acrescentar, ela não fazia ideia de onde estava se metendo quando me disse “Sim” há mais de 59 anos.

Introdução

OLIVER CROMWELL, SOLDADO E estadista britânico do século 17, tornou-se conhecido por sua autenticidade e transparência. Certa vez, exasperado diante dos rigores da política e perturbado por seus pares, ele se colocou diante deles no Parlamento e disse: “Teria me contentado em viver em uma cabana de madeira, cuidando de um rebanho de ovelhas, em vez de ter assumido um governo como este”.¹ Diz-se que, mais tarde, posando sentado para um retrato, Cromwell teria afirmado ao pintor: “Sr. Lilly, desejo que o senhor use toda a sua habilidade para pintar meu retrato exatamente como sou, e que de modo algum me lisonjeie. Mas repare em toda rudeza, em manchas, rugas e tudo o mais que vir em mim. Se não for assim, não lhe pagarei um tostão pelo retrato”.²

Admiro as pessoas que são autênticas e transparentes, e gosto de biografias que pintam personagens históricos como eles realmente foram. Junte essas duas qualidades em uma única encadernação e não conseguirei largar uma obra assim. Não me dê a versão diluída da vida de uma pessoa. Quero pessoas pintadas como elas eram, com “manchas, rugas e tudo o mais”.

É dessa maneira que a Bíblia retrata todos os seus personagens. A Escritura não se permite contar histórias da carochinha. Ela é um livro sobre a vida real, mostrando pessoas reais que passam por experiências reais em um mundo real. Ela nos conta a verdade sobre seus heróis sem cobri-la de verniz, mesmo quando essa verdade se mostra desconfortável e nada atraente. Quando vê vidas retratadas tais como são, você entende a história completa — nada de enganação, nada de modelos retocados. Todos os homens e todas as mulheres da Bíblia são como Elias, a quem o apóstolo Tiago descreveu como alguém que “era humano como nós” (Tg 5.17).

A Bíblia nos conta a história dessas pessoas porque somos como elas, e as experiências delas nos ajudam a entender a nós mesmos, nossas necessidades e nossa relação com Deus. A mesma coisa pode ser dita sobre biografias em geral, mas isso é especialmente verdadeiro em se tratando de biografias de personagens históricos das Escrituras, o que pode explicar por que escrevi tantos livros sobre eles. Creio que uma observação mais atenta da vida de uma pessoa — particularmente de um indivíduo que ajudou a moldar nosso mundo atual — pode ser um dos melhores investimentos de nosso tempo de leitura. Consequentemente, é raro existir um momento em que eu não esteja lendo uma biografia.

Tendo lido tantas biografias, descobri que muitas coisas na vida são cíclicas; a história se repete. Torno-me mais sábio ao aprender como outra pessoa enfrentou uma fase difícil. A maneira pela qual uma grande mulher ou um grande homem respondeu à crítica. De que forma um indivíduo, honrado e celebrado, evitou a armadilha egocêntrica da arrogância ou do convencimento.

Percebi que existem pelo menos quatro benefícios em estudar biografias.

Uma boa biografia traduz a verdade para a vida.

As discussões teológicas podem ser entediadas ou muito teóricas. As verdades discutidas podem ser válidas, mas não é raro que elas se tornem horrivelmente estereis e abstratas. Assim como as plantas, as verdades teológicas pertencem à terra. As verdades bíblicas vicejam no solo da realidade, onde explodem para a vida, florescem e dão fruto. Um de meus mentores, o dr. Howard Hendricks, costumava desafiar seus alunos com a ordem “encarnem a verdade”. Encarnar é fazer que algo se torne carne. Não simplesmente discuta a verdade; faça que a verdade se transforme em carne vivente, de modo que outros possam ser atraídos para o Autor da verdade.

Eu poderia, por exemplo, pregar ou escrever uma série sobre sofrimento. As pessoas a ouviriam (ou leriam) e dariam o melhor de si para permanecer interessadas, mas, mesmo assim, não haveria muita mudança. Contudo, quando escrevi uma biografia sobre Jó, a verdade sobre o sofrimento ganhou vida. Os leitores se conectaram com esse relato autêntico sobre o sofrimento e puderam enxergar suas próprias experiências ali. Isso aconteceu porque uma biografia encarna a verdade bíblica e teológica.

Uma boa biografia cria maior proximidade com pessoas que admiramos de longe.

Ao estudarmos a vida de uma pessoa na Bíblia, nosso sentimento é o de termos encontrado um amigo. E essa amizade pode se tornar consideravelmente íntima. Ao ler uma biografia com alguma imaginação, colocando-se no mundo do sujeito, você começa a sentir uma unidade com o personagem — mesmo alguém tão extraordinário quanto Elias, um líder como Moisés, ou uma

mulher corajosa como Ester. De repente, você sente intimidade com aquele indivíduo, uma amizade cheia de respeito e gratidão.

Uma boa biografia oferece segurança quando passamos por experiências similares.

Ao estudar a vida de Davi, você percebe que não está sozinho ao perder um filho. O filho dele, pequeno, ainda nas fraldas, morreu depois de uma doença breve mas intensa. Ou talvez você trabalhe para um chefe muito difícil, uma pessoa emocionalmente desequilibrada que, por alguma razão, mantém uma posição de poder. Nos primeiros anos de sua vida adulta, Davi serviu ao rei Saul, que se tornou insanamente paranoico e assombrou obsessivamente a vida de Davi por mais de doze anos. Estude as experiências de Davi durante o período de transição entre os 17 e os 30 anos, antes de ele assumir o trono de Israel, e você verá como lidar com um superior opressivo.

Talvez você tenha um relacionamento tenso com sua mãe. O mesmo aconteceu com Esaú. A biografia dele lhe será instrutiva. Ou, se você se vir divergindo de um colega de trabalho ou talvez de outro cristão, estude a vida de Barnabé e de Paulo, que batiam de frente sobre uma questão, sem que nenhum dos dois recuasse. Eles se separaram diante do desacordo e nunca mais trabalharam juntos. Às vezes, um conflito não se resolve. Um estudo da vida desses homens nos ajudará a aprender a discordar como cristãos maduros.

Uma boa biografia nos ajuda a manter uma perspectiva divina em relação à vida.

Quando convivemos com uma pessoa das Escrituras, obtemos uma visão muito mais ampla de nossas circunstâncias. Para muitos de nós, é fácil ficar excessivamente preocupados, sentindo-nos atormentados pelo fracasso. Estude a vida de Pedro e você descobrirá um homem dirigido pelas próprias emoções. Impulsivo além da conta, ele falava sem pensar e se lançava sem olhar — hábitos que o levaram a negar seu Senhor em três ocasiões diferentes durante o período mais difícil da vida de Jesus sobre a terra. Você encontrará encorajamento quando vir como o Senhor restaurou seu amigo caído e como Pedro se ergueu acima de seu terrível erro.

Sendo assim, por que Abraão? O que a vida de um nômade do passado tem a ver com a nossa?

Nos últimos anos, testemunhamos o crescimento daquilo que alguns chamam de “ateísmo radical”, liderado por autores como Richard Dawkins, Sam Harris e o falecido Christopher Hitchens. Eles não rejeitam apenas a existência de Deus; eles atacam agressivamente a crença em Deus considerando-a um mal que deve ser erradicado. Alguns se preocupam com o rumo que a civilização ocidental do século 21 vai tomar diante dessa tendência. Embora o movimento possa ser radical, ele certamente não é nada novo. E, além disso, dei uma espiada para ver como a história da humanidade termina. Sinto em dizer: Deus vence.

Portanto, com a questão da vitória estabelecida, a pergunta muda: Como nós, na condição de pessoas que creem em um Deus criador, nos comportamos em um mundo que não aceita sua existência como verdade?

Se voltarmos o suficiente na História, descobriremos um tempo no qual praticamente ninguém acreditava em Deus. Civilizações adoravam muitos deuses inventados e maquinavam superstições extremas para explicar o inexplicável, mas não reconheciam a existência de um verdadeiro Criador de todas as coisas. No meio de toda essa massa de humanidade teologicamente sem rumo, surgiu um homem que começou a proclamar o que poderíamos chamar de “teísmo radical”. O homem que conhecemos hoje como Abraão não apenas proclamou que havia um Criador verdadeiro e que nenhum dos outros deuses existia, mas também fixou sua vida inteira nessa crença.

Hoje em dia, esse homem é reverenciado pela maioria dos habitantes do mundo como o “pai da fé”.³ Sua história está preservada em Gênesis, e ela nos fala muito daquilo que precisamos saber sobre fé. Embora cada pessoa tenha uma jornada de fé única, Abraão abriu uma trilha para o restante de nós; sua jornada de fé nos fala sobre nossa própria jornada. A biografia de Abraão tem muito a ensinar a qualquer pessoa — até mesmo a um ateu — que queira conhecer o único e verdadeiro Criador.

A história de Abraão só aparece em Gênesis depois de cerca de um quarto do livro já ter sido apresentado. No momento em que se encontram com Abraão, os leitores já aprenderam muita coisa sobre Deus. Assim, parece justo que conheçamos algo sobre o Senhor também. Em razão do tempo, deixe-me resumir o que a Bíblia revela sobre Deus.

Primeiro, o Deus da Bíblia é a única divindade existente. Ele não é um dentre muitos; existe apenas um Deus e nenhum outro. A Bíblia nega a validade de qualquer religião ou filosofia que não reconheça a Deus, conforme descrito em suas páginas, como único alvo de adoração. Qualquer deus cuja descrição seja diferente da que encontramos na Bíblia é uma ficção e, portanto, não existe.

Segundo, sendo o único Criador do universo, ele tem tanto a autoridade quanto a habilidade de governar sobre toda a criação, incluindo as pessoas. Sua soberania é absoluta. E, por ser moralmente perfeito, ele é o único juiz daquilo que é certo e do que é errado. Consequentemente, só ele tem a qualificação e o direito de se sentar em posição de julgar qualquer pessoa.

Terceiro, o amor de Deus pelas pessoas é infinito, ilimitado. Seu amor não pode ser medido porque não tem fim. O Senhor sabe tudo sobre nós, mas nos ama mesmo assim. Nada do que ele saiba sobre nós pode fazê-lo nos amar menos e, por maior que seja nossa devoção por ele, Deus não pode nos amar mais. Seu amor é não apenas infinito, mas também absoluto.

Quarto, a instrução de Deus é imprevisível a partir de uma perspectiva humana. Ele costuma guiar seu povo a lugares e circunstâncias surpreendentes porque não é limitado pelas determinações humanas. Embora seu caráter permaneça firme, seus métodos não podem ser calculados como se ele fosse uma máquina programável.

Quinto, as bênçãos de Deus sobre nós são espantosas. Embora seja justo, ele frequentemente oferece misericórdia. Ele nos dá mais coisas boas do que merecemos, assim como nos protege de muitas tristezas a que fazemos jus. A melhor palavra para descrever seu caráter, seus valores e seus métodos é graça. Além disso, sua graça não pode ser contida, nem mesmo por nossa rejeição rebelde a ele.

Tendo esses fatos essenciais em mente, vamos começar nosso exame detalhado da vida de Abraão. Conforme seguirmos a jornada do patriarca, da ignorância pagã à iluminação bíblica, permita-me desafiar você a colocar-se no lugar desse nômade notável. Espero que, ao ler as palavras finais do último capítulo, você tenha aceitado pelo menos três verdades importantes.

Primeiro, o pensamento verdadeiramente iluminado fundamenta a verdade de que Deus, conforme descrito na Bíblia, não apenas existe, mas também governa ativamente sua criação (cf. Sl 111.10; Pv 1.7). Quando a vida é vista através dessa lente, as descobertas científicas se tornam mais claras, e o mundo — com todo o seu caos e perigo — se torna um lugar menos assustador.

Segundo, o Deus da Bíblia ama você e está ativamente envolvido em sua vida desde que você nasceu, e até mesmo antes disso. Essa é uma verdade, quer você reconheça a atividade de Deus ou não, quer escolha reconhecê-lo ou não.

Terceiro, Deus tem um plano para você, e esse plano inclui bênçãos maiores do que sua capacidade de imaginá-las. Muitos séculos atrás, Deus estabeleceu um plano para redimir o mundo do mal e criou um lugar para você em seu grande projeto. Esse plano redentor começou com a escolha que ele fez de um homem, Abraão. Uma vez que a história desse homem é o arquétipo da minha e da sua história, vamos seguir seus passos à medida que aprendemos sobre esse Deus que nos ama tanto.

CHARLES R. SWINDOLL
Janeiro de 2014

CAPÍTULO 1

Indo... sem saber para onde

NO PRINCÍPIO, DEUS CRIOU todas as coisas — o universo, nosso sol, este planeta — e povoou a terra com plantas, peixes, pássaros, animais e, por fim, os humanos. E tudo era bom... de fato, muito bom. Cada item da criação existia em colaboração simbiótica com tudo o mais. De fato, assim foi até que Adão e sua esposa, Eva, os primeiros humanos, violaram a única regra de seu Criador: de todos os milhões de árvores frutíferas que havia na terra, eles não deveriam comer o fruto de uma árvore específica (cf. Gn 2.15-17). Quando, mesmo assim, optaram por comer daquela árvore, a despeito da séria advertência do Criador, tudo mudou. *Tudo*.

A opção de Adão e Eva por desobedecer a Deus foi um ato de rebelião. Eles escolheram seguir os próprios desejos em vez de confiar na liderança de Deus. E seu ato de rebelião mudou a maneira como o mundo funciona. Antes da Queda, tudo funcionava de acordo com a graça de Deus; mas, depois daquele incidente, o mundo tornou-se rapidamente um lugar caracterizado por sofrimento, doença, dor, egoísmo, violência e morte. As pessoas nasciam com a natureza rebelde de Adão e, depois de apenas algumas gerações, a raça humana se tornou tão incorrigivelmente corrupta que Deus exterminou todos, com exceção de um punhado de vidas: Noé e sua família (cf. Gn 6 —9).

Várias gerações depois desse novo início, a população humana voltou a crescer, mas sua condição moral não foi muito melhor. De fato, na época de Abraão, a humanidade estava no rumo certo de tornar-se incorrigível novamente. As pessoas viviam de acordo com suas próprias regras, as quais, de acordo com dados arqueo-lógicos, incluíam todo tipo de maldade e perversão. Em vez de procurar conhecer a Deus, seu Criador, elas trocaram a verdade pela superstição. Divertiam-se em volta da fogueira com histórias sobre seres espirituais místicos cujas atividades afetavam o mundo físico, esculpiam ídolos para representar esses deuses imaginários e então faziam coisas aterradoras para agradá-los.

Deus poderia ter dado as costas para sua criação. Ele poderia ter abandonado a humanidade à sua própria ignorância autodestrutiva. Ele não estava moralmente obrigado a resgatar a humanidade do mal que ela havia criado e perpetuado. Mesmo assim, Deus estabeleceu um plano para redimir o mundo, começando com um único homem. Ele faria desse homem um modelo daquele que recebe a graça salvadora e o estabeleceria como o fundador de uma nação nova e singular. Com o passar do tempo, à medida que seu plano se revelasse, essa nação se tornaria o meio pelo qual todo o mundo poderia ouvir falar do único Deus Criador e, então, voltar para ele.

O plano redentor de Deus começou com a escolha divina de um homem chamado Abrão.

O homem escolhido por Deus

Conhecemos esse homem pelo nome de Abraão, mas ele nasceu Abrão. Deus mudou seu nome em um momento crítico da narrativa; mas, durante os primeiros 99 de seus 175 anos, ele se chamou Abrão.

Ele viveu perto do final da Era do Bronze (c. 2000 a.C.), em uma cidade próspera, agitada e civilizada conhecida como “Ur dos caldeus” (Gn 11.28). A terra dos caldeus — também conhecida como Mesopotâmia — se localizava onde hoje está o Iraque, uma região que os arqueólogos e historiadores chamam de berço da civilização, pois foi ali que povos antigos se agruparam em cidades e estabeleceram sociedades. “Poucos períodos da História antiga são tão bem documentados por artefatos e inscrições como o tempo de Abraão”.¹ Consequentemente, sabemos muito sobre a cultura, a religião, as crenças e a vida diária desse homem.

Abrão, um membro comum da sociedade, em nada se diferenciava de seus vizinhos. Ao nascer, recebeu um nome que significa “o pai é exaltado”, muito provavelmente uma referência à divindade adorada por sua família. As pessoas da Mesopotâmia antiga adoravam um panteão mítico governado pelo deus da lua, conhecido como Sin, a quem consideravam “o senhor do céu” e “o criador divino”.² Tal como seus parentes e vizinhos, Abrão adorava ídolos e aceitava a mitologia como verdade (cf. Js 24.2). Mesmo assim, Deus apareceu especificamente a Abrão e deu-lhe instruções personalizadas: “Saia da sua terra, do meio dos seus parentes e da casa de seu pai, e vá para a terra que eu lhe mostrarei” (Gn 12.1).

É interessante notar que Deus não apareceu a um grupo de pessoas e, então, ofereceu um convite geral para que o seguissem. Também devemos observar que Abrão não buscava um relacionamento com Deus; foi o Senhor quem se aproximou de Abrão. Dificilmente Abrão teria ouvido sobre o verdadeiro Deus Criador antes dessa ocasião. Por um ato de pura graça, Deus mergulhou sua mão naquele rincão idólatra para escolher Abrão dentre todas as pessoas.

Por que esse homem em particular? Abrão se afastara dos ídolos de seus ancestrais e buscara ao Senhor? Fizera-se digno da misericórdia divina? Longe disso! Deus escolheu Abrão por motivos conhecidos apenas no céu. Podemos dizer com certeza que Abrão não havia feito nada para merecer o favor divino. Todavia, o Senhor apareceu diante daquele adorador de ídolos ignorante, pecador e supersticioso e disse:

Saia da sua terra, do meio dos seus parentes e da casa de seu pai, e vá para a terra que eu lhe mostrarei. Farei de você um grande povo, e o abençoarei. Tornarei famoso o seu nome, e você será uma bênção. Abençoarei os que o abençoarem e amaldiçoarei os que o amaldiçoarem; e por meio de você todos os povos da terra serão abençoados.

Gênesis 12.1-3

O chamado de Deus a Abrão começou com um imperativo — uma ordem clara. Deus lhe disse que saísse de seu país para uma terra que ele lhe mostraria... algum tempo depois. Para receber as bênçãos prometidas, Abrão tinha de deixar para trás tudo que ele considerava fonte de segurança e provisão — terras e parentes — e confiar que Deus honraria seu compromisso. Um autor do Novo Testamento refletiu sobre seu ancestral, declarando: “Pela fé Abraão, quando chamado, obedeceu e dirigiu-se a um lugar que mais tarde receberia como herança, embora não soubesse para onde estava indo” (Hb 11.8).

Pare e pense sobre isso por um instante. Coloque-se no lugar de Abrão. Você tem pouco mais de 75 anos e uma esposa na casa dos 70. Viveu em um único lugar durante toda a sua vida. Tem uma propriedade estabelecida numa cidade familiar, em meio a parentes e à comunidade que você conhece desde que nasceu. De repente, o Senhor lhe aparece em uma manifestação física — seja visual, seja auditiva — cuja sobrenaturalidade não pode ser negada, e ele lhe diz que faça as malas e pegue a estrada rumo a um destino não revelado. Consegue imaginar as conversas de Abrão com amigos e vizinhos?

— Bom, vejo que você está fazendo as malas, Abrão.

— É.

— É mesmo? Você vai sair da cidade?

— Sim, vamos partir daqui a alguns dias.

— Sabe, você já não é tão moço. Está pronto para começar do zero em outro lugar?

— Estou sim. Sarai e eu estamos nos mudando.

— Sério? Para onde vocês vão?

— Eu não sei.

— Você está arrumando tudo o que tem, deixando tudo o que lhe é familiar, e não faz ideia do lugar para onde está indo? Acaso perdeu o juízo?

Tudo em nós rejeita a ideia de grandes mudanças sem que haja antes grandes planejamentos. A maioria precisa ver para onde vai pular antes de dar um salto. Mas Deus chamou Abrão para que obedecesse a esse chamado, embora a informação fosse incompleta. Abrão não sabia para onde estava indo, de modo que não podia confiar em um plano de longo prazo meticulosamente elaborado. Todavia, o Senhor lhe deu informação *suficiente* para que tomasse uma decisão razoável.

Assim que encontrou o Senhor, Abrão soube que Deus era real. O maravilhoso esplendor da presença divina não deixou nenhum espaço para dúvidas. Além disso, o Senhor deu a ele três promessas específicas, segundo as quais a obediência compensaria toda dificuldade. Enquanto os vizinhos achavam que ele havia perdido o juízo, Abrão tinha boas razões para confiar em Deus, mesmo sem saber todos os detalhes do plano.

A aliança incondicional de Deus

Tipos diferentes de alianças aparecem por todo o Antigo Testamento — algumas entre indivíduos, outras entre nações. Também existem várias alianças divinas, que são contratos ou acordos entre Deus e o povo. No jardim do Éden, o Criador estabeleceu uma aliança com Adão e Eva: “Coma livremente de qualquer árvore do jardim, mas não coma da árvore do conhecimento do bem e do mal” (Gn 2.16-17). Perceba a promessa: “no dia em que dela comer, certamente você morrerá” (v. 17).

Um pouco mais à frente nas Escrituras, chegamos ao tempo de Noé, quando Deus disse: “Darei fim a todos os seres humanos, porque a terra encheu-se de violência por causa deles. Eu os destruirei com a terra. Você, porém, fará uma arca” (Gn 6.13-14). Quando as águas do dilúvio baixaram, o Senhor prometeu:

Estabeleço uma aliança com vocês: Nunca mais será ceifada nenhuma forma de vida pelas águas de um dilúvio; nunca mais haverá dilúvio para destruir a terra. [...] Este é o sinal da aliança que estou fazendo entre mim e vocês e com todos os seres vivos que estão com vocês, para todas as gerações futuras: o meu arco que coloquei nas nuvens. Será o sinal da minha aliança com a terra.

Gênesis 9.11-13

Algumas alianças são condicionais, ou seja, o cumprimento do pacto por uma das partes depende do cumprimento por parte da outra. Esses acordos normalmente incluem declarações que envolvem a ideia de se/então: “Se você fizer a sua parte, então eu farei a minha”. Quando entregou aos israelitas a Terra Prometida, Deus firmou uma aliança condicional com eles:

Se vocês obedecerem fielmente ao SENHOR, o seu Deus, e seguirem cuidadosamente todos os seus mandamentos que hoje lhes dou, o SENHOR, o seu Deus, os colocará muito acima de todas as nações da terra. Todas estas bênçãos virão sobre vocês e os acompanharão, se vocês obedecerem ao SENHOR, o seu Deus.

Deuteronômio 28.1-2

De maneira recíproca, ele disse:

Entretanto, se vocês não obedecerem ao SENHOR, o seu Deus, e não seguirem cuidadosamente todos os seus mandamentos e decretos que hoje lhes dou, todas estas maldições cairão sobre vocês e os atingirão [...]. O SENHOR enviará sobre vocês maldições, confusão e repreensão em tudo o que fizerem, até que vocês sejam destruídos e sofram repentina ruína pelo mal que praticaram ao se esquecerem dele.

Deuteronômio 28.15,20

Uma aliança incondicional é uma promessa direta que não contém cláusula. Em seu primeiro encontro com Abrão, o Senhor estabeleceu uma aliança incondicional. Deus deu uma ordem ao patriarca, e Abrão tinha de obedecer para poder receber as bênçãos do Senhor. Mesmo assim, as promessas não continham nenhuma declaração do tipo “se/então”. Eram simples declarações:

- “Farei de você um grande povo” (Gn 12.2).
- “[Eu] o abençoarei. Tornarei famoso o seu nome” (v. 2).
- “Abençoarei os que o abençoarem e amaldiçoarei os que o amaldiçoarem” (v. 3).
- “Por meio de você todos os povos da terra serão abençoados” (v. 3).

Perceba também que a aliança implicou bênção em três grandes aspectos:

- uma bênção *nacional*
- uma bênção *pessoal*
- uma bênção *internacional*

Deus prometeu uma bênção nacional incondicional. Os descendentes de Abrão seriam suficientemente numerosos para formar uma grande nação. Não devemos desprezar o fato de que Deus deu essa garantia a um homem que estava na casa dos 70 anos! A esposa de Abrão, então na casa dos 60, não dera à luz nenhuma criança. Sendo um casal estéril e cujo vigor já tinha passado, eles já haviam abandonado todas as esperanças de terem um único filho, quanto mais de serem capazes de gerar uma nação inteira de descendentes. Contudo, o Senhor prometeu: “Farei de você um grande povo”.

Hoje sabemos que Deus tinha em mente a nação de Israel, uma vez que a história nos conta que Abraão é o pai do povo hebreu. Deus fez essa promessa de abençoar uma nação sem impor condições; ele garantiu que seria totalmente cumprida, sem falha. Naturalmente, Abrão e Sarai tiveram de esperar. Eles ainda não estavam prontos para receber essa bênção em particular. Uma jornada de 25 anos, que lhes construiria a fé, os aguardava. E, quando a confiança de Abrão vacilou durante aqueles anos entre a promessa e seu cumprimento, o Senhor reafirmou essa aliança incondicional em pelo menos duas outras ocasiões.

Quando Abrão chegou a Canaã, o território transbordava do tipo de mal que havia provocado o grande dilúvio (cf. Gn 6-9). Para piorar as coisas, Abrão abriu mão de uma parte de suas terras a fim de encerrar uma disputa familiar (cf. Gn 13.1-12). O Senhor disse a Abrão: “De onde você está, olhe para o norte, para o sul, para o leste e para o oeste: toda a terra que você está vendo darei a você e

à sua descendência para sempre. Tornarei a sua descendência tão numerosa como o pó da terra. Se for possível contar o pó da terra, também se poderá contar a sua descendência”(v. 14-16).

Anos mais tarde, ainda sem descendentes, Abrão estava pensando se talvez Eliézer, um de seus servos principais, não se tornaria seu herdeiro oficial. O Senhor aliviou o temor do patriarca.

Então o SENHOR deu-lhe a seguinte resposta: “Seu herdeiro não será esse. Um filho gerado por você mesmo será o seu herdeiro”. Levando-o para fora da tenda, disse-lhe: “Olhe para o céu e conte as estrelas, se é que pode contá-las”. E prosseguiu: “Assim será a sua descendência”. [...] Naquele dia o SENHOR fez a seguinte aliança com Abrão: “Aos seus descendentes dei esta terra, desde o ribeiro do Egito até o grande rio, o Eufrates: a terra dos queneus, dos quenezus, dos cadmoneus, dos hititas, dos ferezeus, dos refains, dos amorreus, dos cananeus, dos girgaseus e dos jebuseus”.

Gênesis 15.4-5,18-21

Não gostamos de esperar, mas é nessas ocasiões que Deus faz algumas de suas melhores obras em nossa alma. Quando sou forçado a esperar pelo tempo de Deus, eu mudo. Às vezes, descubro que meu pedido era egoísta — definitivamente não fazia parte da agenda de Deus. Em outros momentos, descubro que meu nível de maturidade ainda não poderia receber a bênção que Deus queria que eu desfrutasse; eu precisava crescer para que pudesse lidar bem com ela. Não raro, minhas circunstâncias precisavam mudar, senão a bênção teria se tornado um fardo.

À medida que vimos o desdobramento da jornada de fé empreendida por Abrão, veremos por que ele teve de esperar tanto tempo para receber a bênção prometida por Deus.

Deus prometeu uma bênção pessoal incondicional. Isso incluía grande riqueza, assim como proteção pessoal. Mais adiante na história, somos informados que “Abrão tinha enriquecido muito, tanto em gado como em prata e ouro” (Gn 13.2). Ele era conhecido por receber muitas bênçãos de Deus, incluindo “ovelhas e bois, prata e ouro, servos e servas, camelos e jumentos” (Gn 24.35). O povo de Canaã se referia a ele como “um príncipe de Deus em nosso meio” (Gn 23.6).

Este é um bom momento para fazer uma pausa e dizer que Deus não condena a riqueza. Deus se reserva o direito de abençoar alguns com abundância de dinheiro e posses materiais, e não abençoar outros dessa maneira. Isso é seu direito soberano. Em nossa cultura materialista, podemos acusar Deus de crueldade por reter bênçãos materiais para alguns, mas a economia de Deus não funciona de acordo com a nossa moeda. Alguns de seus servos mais honrados, incluindo seu próprio Filho, não tinham um siclo furado no bolso. Contudo, o Senhor de fato promete que a pobreza temporal em favor dele será ricamente recompensada na eternidade (cf. Mt 6.33; Mc 10.29-31).

Abrão nunca pediu desculpas por ser rico. De fato, Deus usou as riquezas dele de maneiras maravilhosas, como veremos mais adiante.

Deus prometeu uma bênção internacional incondicional. Mais importante que as bênçãos nacional e pessoal, uma bênção foi posta por Deus sobre toda a humanidade: “Por meio de você todos os povos da terra serão abençoados” (Gn 12.3). Isso se refere a todas as raças e nacionalidades — o mundo inteiro. Deus traria uma bênção a todas as pessoas através dos descendentes de Abrão, a nação hebraica.

Em seu grande plano para redimir o mundo do pecado e do mal, Deus edificou uma nação fundada na fé que um homem manifestava. Esse povo seria “um reino de sacerdotes e uma nação santa” (Êx 19.6), responsável por conduzir as nações ignorantes, supersticiosas e idólatras a um relacionamento com o verdadeiro Deus Criador. O Senhor estabeleceu o povo hebreu como “uma luz para os gentios, para abrir os olhos aos cegos” (Is 42.6-7). Ele disse: “Também farei de você uma luz para os gentios, para que você leve a minha salvação até os confins da terra” (Is 49.6). E, para ajudá-los a realizar essa grande tarefa, ele situou Israel em uma ponte de terra aninhada entre o extenso deserto Arábico e o vasto mar Mediterrâneo.

Qualquer um que viajasse entre os grandes impérios do mundo antigo — Egito, Assíria e Babilônia — tinha de passar pela terra que fora prometida aos descendentes de Abrão. Se Israel permanecesse fiel ao seu chamado, mercadores, exércitos e nômades veriam uma nação abençoada e perguntariam: “Quem é o rei incrível que os faz tão prósperos e seguros?”. E o povo hebreu poderia responder: “Nosso Rei é o Deus de Abrão! Você gostaria de conhecê-lo?”.

A OBEDIÊNCIA INCOMPLETA DE ABRÃO	
Gênesis 11.31-12.3	Atos 7.2-4
Terá tomou seu filho Abrão, seu neto Ló, filho de Harã, e sua nora Sarai, mulher de seu filho Abrão, e juntos partiram de Ur dos caldeus para Canaã. Mas, ao chegarem a Harã, estabeleceram-se ali. Terá viveu 205 anos e morreu em Harã. Então o SENHOR disse a Abrão: “Saia da sua terra, do meio dos seus parentes e da casa de seu pai, e vá para a terra que eu lhe mostrarei. Farei de você um grande povo, e o abençoarei. Tornarei	O Deus glorioso apareceu a Abraão, nosso pai, estando ele ainda na Mesopotâmia, antes de morar em Harã, e lhe disse: “Saia da sua terra e do meio dos seus parentes e vá para a terra que eu lhe mostrarei”. Então ele saiu da terra dos caldeus e se estabeleceu em Harã. Depois da morte de seu pai, Deus o trouxe a esta terra, onde vocês agora vivem.

famoso o seu nome, e você será uma bênção. Abençoei os que o abençoarem e amaldiçoei os que o amaldiçoarem; e por meio de você todos os povos da terra serão abençoados”.

Depois de passar grande parte de sua vida — talvez desde o nascimento — em Ur dos caldeus, Abrão foi instruído por Deus a sair “da sua terra, do meio dos seus parentes e da casa de seu pai” e ir para um lugar a ser revelado posteriormente. Infelizmente, ele não respondeu com obediência completa, mas apenas em parte. Quando saiu de Ur, Abrão levou consigo seu pai, Terá, e seu sobrinho Ló. E suas respectivas famílias e as posses.

Abrão seguiu na direção de Canaã — a terra que Deus lhe prometera —, mas não seguiu além de Harã, para onde convergiam as principais rotas de comércio de Damasco, Nínive e Carquêmis, segundo inscrições antigas. Talvez iludido pela abundância material e pela oportunidade de construir riqueza, a caravana de Abrão mudou de rota. Mais provavelmente, porém, outro obstáculo se colocou entre Abrão e a obediência completa. Havia dois principais centros de adoração a Sin, o deus-lua, a quem a família de Abrão era devota: Ur dos caldeus e... (adivinhou!) Harã.

Não seria difícil imaginar que o pai de Abrão, a vida toda devoto do deus-lua, não conseguiria se desligar do santuário dessa divindade em Harã, conhecido pelos moradores locais como “casa de regozijo”.³ Foi por isso que o Senhor instruiu Abrão a deixar sua família para trás; ele sabia que os familiares se tornariam uma constante distração em relação ao seu chamado. Quando o pai de Abrão decidiu permanecer em Harã, Abrão deveria ter lhe dado adeus e prosseguido para Canaã.

Abrão também permitiu que seu sobrinho Ló o seguisse de perto, possivelmente porque sentia pena desse homem mais novo. O pai de Ló falecera alguns anos antes (cf. Gn 11.27-28), e sem dúvida o moço apegou-se a Abrão em busca de orientação paternal. Por outro lado, Abrão, que ainda não tinha filho, também pode ter visto Ló como um herdeiro em potencial. Com o progresso da história, porém, Ló se mostra uma distração ainda maior do que o pai de Abrão. Uma ameaça à vida, na verdade.

Fé em desenvolvimento

Em Gênesis 12.4, vemos o instante em que a fé que Abrão tinha, ainda semelhante a uma muda de planta, começa a se transformar em uma árvore plenamente madura e frutífera. Sou confortado por ver que Deus não cancelou sua aliança com Abrão pelo fato de este ter deixado de obedecer por completo. Felizmente para Abrão — e para nós —, o Senhor não espera que ninguém exerça fé perfeita. Em vez disso, ele vem a nós onde estamos e, então, nos ajuda a cultivar uma confiança cada vez mais madura nele. Assim, não me importo em dizer a você que Deus ainda não concluiu o trabalho em mim. Ele continua a alongar os músculos da minha fé para que ela se torne cada vez maior com o uso. E ele está fazendo o mesmo com você.

Conforme você reflete sobre o início titubeante de Abrão, permita-me encorajá-lo a examinar sua própria jornada de fé fazendo a si mesmo três perguntas profundas.

1. Você está buscando a vontade de Deus de maneira deliberada e apaixonada?

Dos sete pecados capitais, a preguiça talvez seja o mais sinistro. A passividade mortal pode consumir nossa vida e, antes mesmo de nos darmos conta, não temos nada a mostrar depois de tantos anos. Mas preguiça não é indolência. A preguiça tem pouco a ver com inatividade. Em seu cerne, preguiça é desconectar-se daquilo que deveria nos manter entusiasmados. Preguiça é não seguir o curso estabelecido diante de nós por Deus e, assim, deixar de cumprir nosso propósito divino.

Desafio você a fazer a seguinte oração: “Senhor, guia-me à tua vontade, seja qual for a mudança necessária, independentemente do lugar aonde eu deva ir ou do que deva fazer. Quero que saibas, Senhor, que estou disponível. Não quero viver fora da tua vontade”. Então, prepare-se para receber algumas respostas desconfortáveis à sua oração. A fé raramente envolve escolhas fáceis.

No início do meu ministério, anos depois de ter me formado no seminário, assumi o pastoreado de uma igreja em um subúrbio de Boston. Depois de dezoito meses, percebi que eu não tinha sido uma boa escolha para aquela igreja. Havia pensado sinceramente que aquele seria meu lugar de ministério por muitos anos. Além disso, para fazer a mudança de nossa família, aquela pequena igreja havia gasto 1.600 dólares — uma pequena fortuna em meados de 1960. Sentia-me

envergonhado diante da possibilidade de partir apenas dois anos depois de ter chegado. Eu dizia: “Senhor, quero fazer a tua vontade, mas não acho que é aqui que eu devo estar”.

Finalmente, conversei com Cynthia, minha esposa, e ela concordou. Mas éramos jovens e inexperientes; não sabíamos o que fazer. O que um pastor faz quando percebe que não está onde o Senhor quer que ele esteja? Não havia nada de errado com a igreja, e ela me amava; mas eu não conseguia me livrar de um senso de inquietação que me distraía e pesava cada vez mais.

Nunca me esquecerei da visita que fiz a Tom, o líder do corpo diaconal. Ele era dono de um comércio de trajes a rigor, e conversei com ele na própria loja. Fomos para trás da cortina e nos sentamos na sala dos fundos. Ele disse:

— O que está acontecendo?

Lágrimas encheram meus olhos. Sentia-me envergonhado e odiava ter de dar a notícia.

— Tom, preciso lhe dizer que creio que não devo estar aqui.

Naturalmente, ele perguntou o que qualquer um perguntaria.

— O que há de errado?

— Nada — disse eu.

— Não há nada de errado e você acha que não deve estar aqui?

— Isso.

— Para onde você deseja ir?

— Eu não sei, Tom. Só sei que não consigo ficar aqui.

Nunca me esquecerei de sua resposta repleta de graça — algumas das palavras mais maravilhosas que já ouvi.

— Chuck, se o Senhor não quer você aqui, então nós também não queremos.

Ele podia ter dito: “Bem, você sabe que gastamos um monte de dinheiro para fazer sua mudança para cá. Trabalhamos duro para arrumar uma casa onde você e sua família pudessem ficar. Colocamos até papel de parede novo. Tivemos um monte de problemas, e é assim que você nos agradece?”. Não houve nenhuma dessas coisas desagradáveis. Ele se uniu a mim na submissão à liderança de Deus, embora tudo aquilo não fizesse muito sentido.

Isso nos leva à segunda pergunta.

2. Como você responderia se Deus tirasse você de sua zona de conforto e o fizesse encarar os desafios do desconhecido?

Confiar em Deus raramente envolve escolhas fáceis. Se todo missionário procurasse conforto, conveniência ou familiaridade, as missões decairiam da noite para o dia. Ministérios acabariam e obras de caridade fechariam as portas. Toda opção por seguir a orientação de Deus implica sacrifício — pelo menos o sacrifício de nossos desejos. Você confia suficientemente no caráter do Senhor para obedecer-lhe sem saber de todos os detalhes? Está disposto a aceitar uma perda de curto prazo com o propósito de receber as bênçãos divinas que não pode ver?

3. Você está complicando demais a obediência?

Se você estiver discutindo sua decisão com um número excessivo de pessoas ou conversando em círculos infundáveis, então está complicando demais a obediência. E, provavelmente, está caindo em uma das seguintes armadilhas:

- Você está esperando que alguém lhe dê uma razão convincente para fazer alguma outra coisa que não aquilo que, em seu coração, você sabe ser a vontade de Deus.
- Você está esperando encontrar uma maneira de obedecer sem ter de enfrentar dificuldades e sacrifícios.
- Você não gosta do risco e está esperando que Deus mude de opinião se você postergar a tomada de decisão por tempo suficiente.
- Ao conversar e aguardar, você espera sentir-se bem em relação à decisão antes de ter de se comprometer.
- Você ainda não aceitou o fato de que não existe essa coisa de decisão sem nenhuma consequência negativa.

Se você sabe o que Deus quer que você faça, a obediência não é complicada. Pode ser difícil, mas não é complicada. Pare de esperar até que seja fácil e desista da busca por alternativas. Não espere mais até que todos os detalhes estejam resolvidos. O Senhor lhe deu uma oportunidade de crescer

na fé. Ele quer que você confie em seu cuidado fiel e descanse em seu poder inabalável. O tempo de obedecer chegou. Agora...

Vá!

CAPÍTULO 2

Quando o fiel falha

HÁ UM EXPOSITOR DAS Escrituras e ministro do evangelho que respeito profundamente e que certa vez se pôs diante dos alunos do Seminário Teológico de Dallas para pregar sobre pureza. Ele começou sua mensagem dizendo: “Carrego no bolso do colete um pequeno livro que me ajuda a preservar minha integridade moral. Por ser ministro do evangelho que se põe diante de grandes grupos de pessoas, devo manter-me fiel ao meu testemunho público. Contudo, já vivi tempo suficiente para perceber que muitos começam bem no ministério, mas não terminam bem. Portanto, neste livro — que nunca revelarei a ninguém — continuo a adicionar os nomes das pessoas que um dia foram fortes representantes de Cristo mas caíram e, por causa disso, perderam sua autoridade moral para liderar. Nesta manhã registrei o 42º nome”.

Às vezes, o fiel falha. O bom e o piedoso, apesar de tudo, são imperfeitos. O forte pode ficar fraco. O poderoso e influente invariavelmente se ergue sobre pés de barro. Os heróis podem vacilar. O vigoroso às vezes cai. Aqueles que respeitamos podem nos deixar tão desanimados que começamos a pensar se existe alguém que possa ser de confiança.

Existem pelo menos duas razões pelas quais devemos evitar colocar pessoas em um pedestal. A primeira é que atraímos desilusão para nós mesmos, porque inevitavelmente veremos falhas em nossos heróis. Segundo, os pedestais vêm com expectativas que nenhum ser humano comum consegue atender. Não fazemos nenhum favor às pessoas que admiramos ao colocar fardos nada realistas sobre seus ombros. Isso vale tanto para pessoas de hoje quanto para nossos heróis bíblicos.

Os primeiros versículos de Gênesis 12 retratam Abrão, de maneira geral, como um herói. Embora seja verdade que a obediência completa tenha vindo gradualmente para ele, vamos dar-lhe algum crédito. Tendo ouvido de Deus, ele abandonou o lar em que sempre vivera, negou sua cultura, desconectou-se de sua família, deixou seus amigos, sacrificou seus imóveis e abriu mão de qualquer futuro que pudesse ter planejado ou esperado. Em seus 70 e poucos anos, deixou tudo para trás com o propósito de ir... sabe-se lá para onde. Ele voluntariamente trocou o familiar pelo desconhecido, um compromisso que pouquíssimos septuagenários estariam dispostos a assumir. Abandonou a vida estabelecida e confortável de um habitante da cidade para tornar-se um nômade, tanto física quanto espiritualmente. Com os olhos colocados em Deus, disse, com efeito: “Confiarei em ti, Deus. Eu te seguirei por onde me mandares”. Considero tudo isso simplesmente admirável.

Abrão deixou a cidade próspera e civilizada de Ur, viajou para noroeste seguindo as margens do rio Eufrates e, então, estabeleceu-se por um tempo em Harã. Após a morte de Terá, seu pai, Abraão seguiu por uma movimentada rota comercial rumo ao oeste e, depois, para o sul, para a cidade montanhosa de Siquém, um agitado centro comercial situado entre duas montanhas reverenciadas pelas religiões locais: o monte Gerizim e o monte Ebal. Por essa localização, Siquém era considerada muito antes disso um local sagrado.

Abrão acampou ao lado do carvalho de Moré (cf. Gn 12.6), que também pode ser traduzido por “a árvore do ensino”. Muito provavelmente era um grande carvalho situado em Tabor, reconhecido como ponto de referência. A expressão hebraica sugere que esse carvalho havia se tornado um santuário local ou um lugar de reunião onde os mestres falavam às multidões. Registros históricos indicam que “os cananeus tinham santuários em bosques de carvalhos, e Moré pode ter sido um de seus centros de culto”.¹ Adoradores de deuses da fertilidade acreditavam que grandes árvores eram evidências do poder reprodutivo associado à região; eles pensavam que alguém poderia se tornar mais fértil ao prestar culto ali.

Enquanto Abrão estava acampado perto desse santuário pagão, Deus lhe apareceu mais uma vez, reafirmando seu grande plano redentor. Ele repetiu sua promessa anterior de dar uma descendência a Abrão e relembrou-lhe que os filhos daquela nação por fim se tornariam professores da verdade divina para o mundo inteiro. Ele disse, de fato: “Estas pessoas vêm aqui para adorar deuses que não existem e se apegam à esperança supersticiosa de se tornarem férteis. Confie em mim, Abrão, e sua semente formará uma nação poderosa”.

Abrão respondeu construindo um altar e, em seguida, oferecendo um sacrifício animal de gratidão. Mesmo depois de Abrão ter retomado sua jornada, os cananeus que se reuniram junto àquela árvore de ensinamento teriam notado imediatamente sua contribuição arquetípica. O novo

altar de pedra se colocava como um monumento à obediência de um homem ao único Deus verdadeiro. Ele anunciava aos residentes locais: “O Deus de Abrão chegou a Canaã”.

Abrão seguiu em direção ao sul — e a altitudes mais elevadas — rumo a um lugar que mais tarde se tornaria significativo para a nação de Israel. Hoje conhecemos esse lugar como Jerusalém. Ali, ele construiu outro altar. Tal como o que fora edificado em Siquém, esse monumento expressava a devoção de Abrão: “Senhor, confio em ti e creio em ti. Dependo de ti. Preciso de ti. Sou teu servo. Ajuda-me em minha jornada de fé para que eu possa caminhar com confiança e receber as promessas da tua aliança”.

A história mostra que, tempos depois, os lugares onde Abrão construiu altares a Deus se tornaram grandes centros de adoração hebreia.

A resposta padrão de Abrão

Tendo erigido um segundo altar, Abrão continuou na direção sul até a região do Neguebe, nome que significa “seco, árido”. Enquanto esteve nessa região austera, Abrão enfrentou seu primeiro desafio quando uma fome muito séria varreu a terra. A causa poderia ter sido a seca, plantações doentes, uma praga de gafanhotos ou simplesmente uma colheita malsucedida. Essa área sempre apresentou uma ecologia de equilíbrio delicado. Se as chuvas chegam na hora errada, as colheitas resultam em pouca produção.

Na condição de recém-chegado, Abrão talvez não soubesse com que frequência a comida ficava escassa naquela região. Vindo de uma parte do mundo conhecida como Crescente Fértil, talvez ele esperasse encontrar pasto exuberante para seus rebanhos, junto com vastas colheitas de trigo e cevada. Comparado às terras às margens do Eufrates, o Neguebe parecia um território devastado.

Para Abrão, essa temporada de fome representou um grande teste. A fome trazia uma mensagem implícita e muito séria, vinda do Senhor: “Em meio a toda a sua oração e à construção de altares, Abrão, deixe-me revelar a verdadeira profundidade de sua fé. Essa dificuldade mostrará quão pouco você confia em mim como provedor de suas necessidades, agora que as circunstâncias se voltaram contra você e a única coisa que encontra em abundância é a fome”. Embora Deus não tenha provocado essa fome, ele certamente a usou como instrumento para desenvolver a fé que Abrão tinha.

Você pode esperar mais de uma prova divina em sua jornada de fé, mas Deus não usa as circunstâncias difíceis para descobrir o que faremos. Ele não nos testa para observar nossa resposta de fé. Ele já nos conhece melhor do que nós mesmos. Ele já sabe o que o futuro reserva. Deus usa as provações para que nos revelemos *a nós mesmos!* Ele costuma usar uma prova no início de uma lição para nos mostrar onde precisamos melhorar. Na maioria das vezes, segue-se uma temporada de aprendizado.

Uma prova divina normalmente expõe aquilo que pode ser chamado de nossa resposta padrão à crise. Todo mundo tem uma resposta padrão quando é desafiado em sua fé. Ela começa como um reflexo de autopreservação. Depois, aprendemos a cultivar esse reflexo natural de modo que se transforme em força. Com o tempo, aprendemos a responder ao estresse com agilidade de especialista, sem nem sequer pensar. E, antes de percebermos, temos um mecanismo de superação funcionando a plena carga, o qual assume o controle, impedindo-nos de confiar em Deus. Para Abrão, foi o engano. Mentir. Ele não dizia inverdades às pessoas para trapaceá-las ou obter vantagem injusta. Ele contava lorotas para salvar a própria pele. Parece que, no passado, ele alcançara uma habilidade de lançar falsidades críveis e, com o tempo, tornou-se especialista no assunto.

Abrão falhou em sua primeira prova, quando correu para o Egito em vez de buscar o conselho de Deus. Antes do episódio da fome, ele havia conversado com Deus e construído altares como memoriais de seu relacionamento com o Todo-poderoso. Assim que uma fome severa se abateu, porém, não ouvimos mais orações; não vemos mais altares. Em vez de buscar a instrução de Deus, Abrão foi direto para onde os mercadores disseram que ele poderia encontrar comida em abundância.

F. B. Meyer descreve o significado literário e simbólico do Egito na literatura bíblica. A escolha feita por Abrão quanto ao seu destino tem amplas implicações teológicas.

Na linguagem figurada das Escrituras, o Egito significa uma aliança com o mundo. [...] Abraão agiu tão somente de acordo com seu julgamento. Ele olhou para suas dificuldades e ficou paralisado de medo. Agarrou-se ao primeiro meio de livramento que apareceu, como um homem que está se afogando agarra-se à palha. E assim, sem obter conselho de seu Protetor celestial, Abraão desceu para o Egito.

Ah, que erro fatal! Mas quantos ainda o cometem. Podem ser verdadeiros filhos de Deus e, ainda assim, em um momento de pânico, adotam métodos de livramento que, para dizer o mínimo, são questionáveis, lançando sementes de tristeza e desastre a fim de se salvarem de uma dificuldade menor. [...]

Quão melhor teria sido para Abraão ter jogado a responsabilidade de volta para Deus e dito: “Você me trouxe aqui e agora é você quem deve suportar todo o peso de sustentar-me e à minha família. Ficarei aqui até que eu saiba claramente o que você quer que eu faça”.²

Mais adiante na história de Israel, o profeta Isaías usou o Egito para simbolizar a resposta incrédula da nação a uma crise de invasão. Ele escreve: “Ai dos que descem ao Egito em busca de ajuda, que contam com cavalos. Eles confiam na multidão dos seus carros e na grande força dos seus cavaleiros, mas não olham para o Santo de Israel, nem buscam a ajuda que vem do SENHOR!” (Is 31.1). Correr para o Egito não foi uma decisão pecaminosa em si.³ Tal como todas as decisões tomadas sem fé, voltar-se para o Egito tornou-se o prenúncio de um tombo moral. E foi isso o que aconteceu a Abrão.

Quando estava chegando ao Egito, disse a Sarai, sua mulher: “Bem sei que você é bonita. Quando os egípcios a virem, dirão: ‘Esta é a mulher dele’. E me matarão, mas deixarão você viva. Diga que é minha irmã, para que me tratem bem por amor a você e minha vida seja poupada por sua causa”.

Gênesis 12.11-13

Caso você esteja se sentindo superior neste exato momento, pensando que nunca mentiria como Abrão fez naquela situação, deixe-me oferecer-lhe uma advertência das Escrituras: “Assim, aquele que julga estar firme, cuide-se para que não caia! Não sobreveio a vocês tentação que não fosse comum aos homens” (1Co 10.12-13). Ninguém acorda de manhã e diz: “Bem, planejo cometer hoje uma tremenda falha moral”. É mais comum nossos dias começarem com a melhor das boas intenções e, então, sobrevir-nos uma crise. Um desafio de fé surge. De repente, a resposta padrão assume, e o cérebro pensa apenas no plano horizontal, ignorando totalmente a dimensão vertical.

Tecnicamente, a mentira de Abrão continha uma meia verdade. Sarai era, de fato, sua meia-irmã: eles nasceram do mesmo pai, mas tinham mães diferentes (cf. Gn 20.12). Ao afirmar ser irmão de Sarai, Abrão esperava tirar proveito do costume local. Ele de fato poderia ser morto por ser seu marido, mas as leis antigas faziam que ele, na condição de irmão, fosse o guardião dela. Qualquer um que se interessasse em ter Sarai como esposa abordaria Abrão para fazer os acertos do casamento, dando a ele tempo para tomar medidas de autoproteção.

Não muito depois de Abrão chegar ao Egito, alguém o intimou a dizer a verdade, e seu projeto fracassou. Em vez de dar-lhe a folga que ele esperava, seu plano criou uma terrível armadilha política. “Vendo-a, os homens da corte do faraó a elogiaram diante do faraó, e ela foi levada ao seu palácio. Ele tratou bem a Abrão por causa dela, e Abrão recebeu ovelhas e bois, jumentos e jumentas, servos e servas, e camelos” (Gn 12.15-16).

A consciência de Abrão deveria estar trabalhando em hora extra. Podemos imaginar sua ansiedade ao pensar que sua esposa seria cortejada todas as noites por um dos reis mais poderosos do mundo! Felizmente, os rituais antigos de casamento incluíam um período de espera longo o suficiente para garantir que uma noiva já não estivesse grávida. Assim, Sarai vivia dentro do palácio, mas estava isolada de contato sexual com qualquer um, incluindo o rei. Enquanto isso, o faraó enviou a Abrão inúmeros presentes pelo casamento, em antecipação ao grande dia.

Embora Sarai não tenha enfrentado risco imediato de ser violada, imagine como ela se sentiu em relação ao marido. Ele lhe dera uma resposta destituída de fé — ou seja, fora covarde — colocando-a em perigo, ao passo que ele vivia uma vida de luxo. Enquanto ela morava com estranhos, sujeita a rituais com os quais não estava familiarizada e diante de um futuro incerto, Abrão mantinha relações amigáveis com a elite do Egito.

Deus vem em resgate

Naquilo em que Abrão falhou para proteger sua esposa, o Senhor foi generosamente bem-sucedido em fazê-lo. Ele afligiu o faraó e sua casa com doenças graves (cf. Gn 12.17). A palavra hebraica significa “doenças ou infestações”. Antes do cair da noite, o rei sofreu uma enfermidade repentina. Para piorar as coisas, chegaram notícias de que uma estranha doença havia se espalhado por seu harém. Seus servos pararam de trabalhar porque estavam de cama, adoentados.

O rei politeísta reconhecia o Deus de Abrão, mas não o considerava o único Deus verdadeiro. E o faraó temia o poder de uma divindade territorial adversária. Como a maioria das pessoas de seus dias, ele via o mundo através das lentes da superstição. A visão antiga presumia que a causa geradora de doenças era espiritual, não física. As pessoas tratavam os sintomas com purificação por

água, óleos, ervas e às vezes cirurgia, mas acreditavam que a única maneira de curar um paciente era descobrir qual deus deveria ser aplacado por meio de sacrifício. Quando a casa do faraó passou a ser afligida por enfermidade, ele aplacou seus deuses com sacrifícios e, então, tendo satisfeito a todos (segundo acreditavam), presumiu que havia ofendido o Deus de Abrão. De alguma maneira ele descobriu a verdade de que Sarai já tinha um marido. Não há dúvida de que ela mesma atraiu essa suspeita, pois foi a única que não ficou doente.

Abrão deveria ter sido moralmente superior ao rei do Egito, mas o faraó queimou de raiva justa e repreendeu o homem de Deus.

Por isso o faraó mandou chamar Abrão e disse: “O que você fez comigo? Por que não me falou que ela era sua mulher? Por que disse que era sua irmã? Foi por isso que eu a tomei para ser minha mulher. Aí está a sua mulher. Tome-a e vá!” A seguir o faraó deu ordens para que providenciassem o necessário para que Abrão partisse, com sua mulher e com tudo o que possuía.

Gênesis 12.18-20

Conclusão muito triste. Não há como não se surpreender diante da opinião que o faraó teve do Deus de Abrão depois daquele episódio. E fico pensando a mesma coisa em relação a nós hoje: Quantas pessoas deixam de abraçar o Deus da Bíblia porque continuam a viver nas sombras criadas por nossas falhas morais? O faraó poderia ter tirado todas as posses de Abrão e tê-lo lançado numa prisão de escravos... ou numa sepultura. Mas não fez nada disso. Talvez porque já tivesse provado o suficiente do desprazer de Deus. Ele simplesmente deportou o homem juntamente com sua esposa, os presentes que recebera e seu pequeno exército de parentes e servos.

Abrão partiu para Canaã com os presentes que recebera do faraó, que incluíam rebanhos e servos (cf. Gn 12.16), entre os quais uma serva chamada Hagar.

As lições de Abrão

Está claro que Abrão estragou tudo. Ele vacilou em sua fé e deixou de honrar a Deus depois de receber o favor dos céus. Seu primeiro teste real lhe rendeu uma nota zero. Felizmente, porém, esse não é o final da história. O Senhor não disse: “Cometi um erro ao escolher Abrão; esse cara não está pronto para um relacionamento comigo. Acho que vou procurar um sujeito melhor”. Pelo contrário, Deus resgatou Abrão da ira do faraó e até mesmo usou o incidente para tornar o patriarca mais rico. Por quê? O Senhor fizera promessas incondicionais que deveriam ser cumpridas. E ele não fez aquelas promessas sem ter pleno conhecimento do futuro de Abrão.

O Senhor, com perfeita presciência das escolhas boas e ruins de Abrão, o escolheu para que se tornasse um exemplo de fé genuína. Essa falha não abalou o compromisso de Deus; ela simplesmente lhe deu a oportunidade de ajudar Abrão a cultivar uma confiança que, por fim, se tornaria sólida como rocha.

Você notou que Deus não puniu Abrão pelo fracasso? Em sua graça, Deus abençoou Abrão a despeito da falta de confiança deste. Ficou claro que o favor de Deus não dependia do bom comportamento de Abrão. Como um bom pai, Deus permitiu que as consequências naturais das escolhas ruins de seu filho se tornassem um meio de instrução. Em vez de enterrar Abrão em condenação e vergonha, ele usou seu fracasso como uma ferramenta para instrução.

Pelo menos cinco princípios surgem desse curto relato sobre a fé vacilante de Abrão e sua resposta padrão.

1. Todo mundo enfrenta fome

Algumas fomes são severas. Elas lhe puxam o tapete e o deixam você caído de costas no chão, sem ter onde buscar ajuda. O diagnóstico do médico com a pior notícia possível. Um divórcio. A morte de uma pessoa amada. Desemprego. Falência. Outras fomes parecem gerenciáveis a partir da perspectiva humana. Seja como for, essas experiências invariavelmente levam a uma crise de fé, desafiando você a responder à pergunta: Em que eu de fato confio?

As fomes, embora destrutivas e apavorantes, podem fornecer uma oportunidade de levar seu relacionamento com Deus a um nível mais profundo. Encontre um crente que você tem certeza de que é sábio, que preservou a integridade em meio às dificuldades. Peça a essa pessoa que conte suas experiências e, então, ouça atentamente. Descubra como a fé na provisão e na proteção de Deus pode ser fortalecida através das circunstâncias severas.

2. Toda fuga contém uma mentira

Quando fazemos qualquer coisa que esteja ao nosso alcance para evitar passar pela crise de fé, quando buscamos uma fuga por meio de métodos antigos e conhecidos, mentimos para nós mesmos: “Eu consigo lidar com isso sem Deus”. Nossa resposta padrão habitual — agora, uma estratégia inconsciente de como lidar com a situação — sempre funcionou; sendo assim, por que não tentar de novo? Por que não agora? Convencemo-nos de que, com suficiente engenhosidade, coragem e sorte, podemos contar com os próprios recursos para sobreviver à fome e nos esquivar de grande parte da dor.

Chegar à verdade é como descascar uma cebola, uma camada de mentiras após outra, até descobrirmos em nosso cerne uma pessoa há muito esquecida. Passamos a vida toda fugindo das provas em vez de caminhar por entre elas pelo poder de Deus. E, durante o caminho, justificamos, racionalizamos, damos desculpas e minimizamos nossos erros. Mentir se tornou algo tão fácil que nem sequer pensamos em nossas racionalizações como mentiras.

3. Todo Abrão luta com uma fraqueza

Isso diz respeito a você. Todo mundo, incluindo o bom e o piedoso, carrega imperfeições e falhas. Essas fraquezas nos levam a fazer escolhas pouco sábias, assim como a opções pecaminosas e egoístas. Além disso, essas falhas e os mecanismos a elas associados para lidar com a situação solapam nosso relacionamento com Deus. Nossa resposta padrão compete com a fé, de modo que preferimos confiar em nós mesmos a confiar em Deus para nos proteger e suprir nossas necessidades.

Mais religião não é a resposta. Não me diga quantas horas você passa lendo a Bíblia. Não me diga há quantos anos você é membro de igreja. Não me diga quanta teologia conhece ou quantos diplomas tem. Nada disso é capaz de protegê-lo das decisões tolas ou das mentiras que conta para si mesmo. Somos todos fracos e precisamos de ajuda sobrenatural. Se Abrão foi capaz de falhar, logo depois de ter construído dois altares, acredite em mim: você e eu podemos igualmente nos envolver em uma queda moral.

4. Cada concessão coloca uma Sarai em risco

Sempre que revertemos à nossa resposta padrão, alguém se machuca... incluindo aqueles que estão mais próximos de nós. Sarai confiou que Abrão a conduziria bem e que a manteria segura, mas o plano egoísta do esposo a transformou na mais nova adição ao harém do faraó. Quando o sol se pôs na primeira tarde, ela deve ter perguntado a si mesma algo assim: “Mas o que é que eu estou fazendo aqui? Como ele pôde fazer isso comigo?”.

Sua vida consiste em relacionamentos arranjados em círculos concêntricos. Aqueles que vivem nos círculos mais próximos se conectaram a você e, como resultado, confiam em você. Suas vítimas podem não estar cientes da perda que você lhes causou, mas mesmo assim elas perderam. Não existe essa coisa de pecado sem vítima, incluindo os pecados que você mantém em segredo. Você pode pecar em segredo, mas nunca peca sozinho.

5. Todo Egito tem um faraó

Vivemos em meio a pessoas que não conhecem nosso Deus. Elas servem aos deuses da riqueza, das posses, do poder, do *status*, do ego e de tantas outras coisas — há muitas para citar. Então, elas ouvem alguém falando sobre ter um relacionamento com o único Criador verdadeiro. Naturalmente, a curiosidade as leva a observar como a vida desse sujeito é diferente da delas. Quando nos veem agir cegamente, cometendo erros na vida, fazendo escolhas pouco sábias ou pecaminosas, trazemos vergonha a Deus, em lugar de glória. Além do mais, confundimos esses curiosos. Ninguém respeita um falso. Ninguém admira a hipocrisia.

Esses princípios que Abrão aprendeu durante seu tempo no Egito são realistas e relevantes para nós hoje. Você e eu precisaremos deles para nossa jornada de fé, especialmente quando uma “fome” devastadora surgir inesperadamente em nossa vida.

CAPÍTULO 3

Uma decisão que levou a um desastre

PARA O LEITOR INFORMADO, Gênesis 13 está *repleto* de informações. Se você não consegue vê-las de imediato, é porque muitos dos detalhes estão escondidos por baixo de referências culturais que pertencem à civilização do Oriente Médio desde quatro mil anos atrás. Muitos leitores ocidentais do século 21 arranham a superfície do texto com um bocejo, tentando entender o que a história de Abrão tem a ver com eles. Como expositor bíblico, tenho a tarefa de desembalar essas referências há muito esquecidas, de modo que você possa ver tanto quanto possível a largura e a profundidade de seu significado, da maneira como as pessoas daquela cultura o teriam visto.

À medida que escavamos a história, a geografia e a cultura da Canaã antiga, descobrimos um elenco de figuras históricas que não eram muito diferentes do que somos hoje. Usamos roupas diferentes, falamos outro idioma, vivemos em locais distintos, mas, na essência, os seres humanos não mudam. Aqueles homens e mulheres queriam as mesmas coisas que queremos hoje: laços familiares fortes, boa saúde, segurança financeira, relacionamentos que nos deem satisfação, segurança física e ambiente confortável. Tais como nós, eles esperavam ser parte de algo significativo e causar um impacto positivo no mundo. Vivenciaram muitas das esperanças, preocupações, ambições, ciúmes, alegrias e tristezas que experimentamos hoje.

É por isso que Deus preservou essas histórias por quatro mil anos. Aqueles povos antigos — mortos há muito tempo — ainda têm muito a nos ensinar.

De Abrão, já aprendemos que um relacionamento com Deus é uma jornada de fé iniciada pelo simples reconhecimento de que o Senhor existe e nos ama, de que ele tem para nós um plano cheio de grandes bênçãos, de que ele deseja nos fazer desfrutar de um relacionamento muito próximo com ele. Também aprendemos que fé não é simplesmente acreditar que existe um Criador onipotente e onisciente; fé é confiar em Deus à medida que vivemos. Além disso, descobrimos que a fé começa tateante e imperfeita, e que Deus usará nossas experiências para nos fortalecer nessa fé.

Abrão vacilou durante sua primeira crise, revertendo à sua estratégia padrão de lidar com as coisas — a mentira — em vez de confiar no Senhor. Algum tempo depois, ele enfrentou uma crise diferente: prosperidade. Felizmente, esse teste revelou o crescimento de sua fé.

A crise de prosperidade

Thomas Carlyle, ensaísta e historiador escocês, escreveu o seguinte: “A adversidade às vezes se impõe duramente sobre o homem; mas, para cada homem que consegue enfrentar a prosperidade, existem cem que enfrentarão a adversidade”.¹ A maioria de nós consegue enfrentar a adversidade com nosso melhor caráter. Contudo, nosso caráter verdadeiro aparece quando as coisas vão realmente bem. É fácil tornar-se arrogante, cheio de si, soberbo, ganancioso e intransigente em momentos assim.

Abrão retornou para Canaã com mais riqueza do que quando chegou ali, vindo de Ur. O texto de Gênesis 13.2 refere-se a ele como alguém que “tinha enriquecido muito”. A expressão hebraica significa literalmente “pesado” — ele possuía muitos rebanhos, prata e ouro. Diríamos hoje que Abrão era endinheirado. Ele não havia reagido bem à dificuldade anteriormente. De que maneira sua integridade se comportaria diante da prosperidade? O que esse teste divino revelaria sobre seu verdadeiro caráter?

Lembre-se de que grande parte da riqueza de Abrão viera do Egito, depois de seu fracasso em confiar em Deus e do colapso moral que se seguiu. Como foi gracioso da parte de Deus ter lhe concedido tantos bens imerecidos e ter composto essa riqueza tão rapidamente! É bem provável que tais bênçãos tenham ajudado Abrão a retornar do Egito genuinamente humilde, apesar de sua incrível prosperidade.

Saiu, pois, Abrão do Egito e foi para o Neguebe, com sua mulher e com tudo o que possuía, e Ló foi com ele. Abrão tinha enriquecido muito, tanto em gado como em prata e ouro. Ele partiu do Neguebe em direção a Betel, indo de um lugar a outro, até que chegou ao lugar entre Betel e Ai onde já havia armado acampamento anteriormente e onde, pela primeira vez, tinha construído um altar. Ali Abrão invocou o nome do SENHOR.

Nessa parte da história, a volta de Abrão do Egito é propositadamente retratada pelo narrador como um regresso: desde o Egito, através da região desértica do Neguebe, e de volta para Betel, onde Abrão havia construído seu último altar. O nome *Betel* significa “casa de Deus”. Assim, Abrão retornou para casa, por assim dizer, ao lugar onde ele havia acertado pela última vez. Quando chegou ali, adorou o Senhor *novamente*. Isso deve ter sido extremamente gratificante. Tendo recuado da falta de fé, ele estava pronto para começar de novo.

Até esse ponto da narrativa, não tínhamos ouvido muito sobre Ló, o sobrinho de Abrão. Descobrimos anteriormente que o pai de Ló havia morrido muitos anos antes e que Ló provavelmente havia se juntado a Abrão vendo nele um substituto. O Senhor dissera a Abrão que deixasse toda a sua família para trás, mas ele não o fez. E isso lhe trouxe um custo. Por causa de Terá, seu pai, a jornada para Canaã terminou atolando em Harã. Contudo, até então Ló não havia causado nenhum problema.

Quando Abrão prosperou, Ló também se beneficiou: “Ló, que acompanhava Abrão, também possuía rebanhos e tendas” (Gn 13.5). Não despreze a menção específica à posse de tendas. Mais tarde, esse será um detalhe significativo na história. Mas a prosperidade trouxe os próprios desafios. A expansão dos rebanhos exigia uma quantidade cada vez maior de comida e água. A terra talvez não tivesse se recuperado plenamente da fome anterior, de modo que os recursos disponíveis não poderiam sustentar os rebanhos dos dois homens. Além disso, eles tiveram de enfrentar os habitantes locais: os cananeus e os ferezeus.

Todos os elementos necessários para um conflito familiar estavam empilhados como graveto seco à espera de um fósforo. O senso de merecimento que vem com a fartura não reage bem a recursos limitados. O temor da perda, combinado com a excitação de adquirir mais, pode se tornar destruidor e, depois de pouco tempo, a riqueza muda de bênção para ídolo. Foi nesse ponto que a vegetação e a água se tornaram insuficientes para alimentar os rebanhos dos dois homens, e os servos de Abrão começaram a se confrontar com os de Ló.

Abrão poderia ter chamado Ló à sua tenda e dito: “Olhe, sou o adulto aqui, e você é o sobrinho. Tem sido ótimo, mas você precisa ir, meu jovem. Além disso, Deus deu esta terra a mim, não a você. Portanto, pegue seu rebanho e suas tendas e encontre sua própria terra em algum outro lugar!”. Mas Abrão não fez isso. Não podemos deixar de nos impressionar com sua resposta. Ele escolheu suas palavras cuidadosamente para reconhecer a tensão crescente e buscar uma solução pacífica, ao mesmo tempo que afirmava seu amor.

Então Abrão disse a Ló: “Não haja desavença entre mim e você, ou entre os seus pastores e os meus; afinal somos irmãos! Aí está a terra inteira diante de você. Vamos separar-nos. Se você for para a esquerda, irei para a direita; se for para a direita, irei para a esquerda”.

Gênesis 13.8-9

Abrão primeiramente afirmou o relacionamento que tinham e expressou seu desejo de preservar a harmonia. Em vez de impor sua autoridade (como faria um tio egoísta), ele se tornou um mentor. Com graça, Abrão tratou Ló como seu igual, apelando para o senso de justiça do sobrinho, em vez de ditar os termos. Então, propôs uma solução que colocou Ló no controle de seu próprio destino. Esse foi um ato altruísta da parte de Abrão. Sou capaz de ir mais longe e chamar isso de uma expressão de sua fé crescente em Deus.

Pense nisso por um momento. Ao dar a Ló a escolha do território e aceitar qualquer coisa que sobrasse, Abrão abriu mão do controle de seu futuro. Ao deixar que Ló escolhesse a terra primeiro, Abrão confiou que Deus cuidaria dele independentemente do que viesse a acontecer. Deixe-me ilustrar com um exemplo dos dias atuais.

Digamos que você e um membro de sua família mais ampla — um sobrinho ou um primo — possuem um negócio juntos. Você tem 60%; ele tem 40%. Os pedidos não param de entrar e você está trabalhando no azul, mas isso está cobrando um preço do relacionamento. Vocês não são mais tão próximos como eram antes e, agora, as famílias estão começando a brigar. É hora de separar.

Você convida seu sócio para um café da manhã e sugere que a melhor maneira de garantir crescimento é dividir a empresa. As filiais do leste e do oeste se tornariam empresas independentes. Quando você mostra o mapa do país e examina os números das vendas, fica claro que uma filial se sai muito melhor do que a outra. Como sócio majoritário, você tem o direito de escolher primeiro, o que leva a uma pergunta intrigante: Em que ou em quem você confia quanto à sua provisão? Confia em seu tino comercial ou em Deus, que convida você a confiar nele?

Não há nada inerentemente errado em escolher o melhor território. É seu direito como sócio mais velho. Mas sua escolha revela o que você valoriza e em quem você confia.

O perigo da ganância

O patriarca abriu mão de seu direito de escolha em favor da harmonia com o sobrinho. Ele sentiu liberdade de fazer isso porque confiava que Deus o sustentaria independentemente do resultado. Para efeito de comparação, considere o processo de tomada de decisão de Ló.

Olhou então Ló e viu todo o vale do Jordão, todo ele bem irrigado, até Zoar; era como o jardim do SENHOR, como a terra do Egito. Isto se deu antes de o SENHOR destruir Sodoma e Gomorra. Ló escolheu todo o vale do Jordão e partiu em direção ao leste. Assim os dois se separaram.

Gênesis 13.10-11

A opção de Ló pelo território mais fértil revela seu verdadeiro caráter. Ele deveria ter dito: “Tio Abrão, tenho uma enorme dívida de gratidão com o senhor. De fato, eu lhe devo tudo! O senhor me trouxe nesta jornada quando deveria ter me deixado em Ur, e hoje sou um homem por causa do senhor. Uma vez que foi tão bondoso comigo, insisto que o senhor escolha a melhor terra. Deus cuidará de mim de uma maneira ou de outra”.

Ló, no entanto, optou pela ganância em detrimento da gratidão. Escolheu riqueza acima da família. Optou por confiar nele mesmo em vez de confiar em Deus. Verdade seja dita, a maioria de nós é mais parecida com Ló do que com Abrão.

Nossa sociedade incentiva a ganância. Regularmente, encontro maravilhosas exceções, mas é uma tragédia que pessoas generosas não sejam a regra. Nós, que somos abençoados com os bens deste mundo, muito facilmente nos esquecemos daqueles que passam por necessidades. E, em geral, aqueles de nós que têm menos invejam os que têm muito. Para deixar as coisas ainda mais confusas, a inveja nos leva a crer que estamos perpetuamente na categoria dos “pobres”.

Costumo interagir com pessoas ricas, e minhas observações me ensinaram que o melhor remédio para a doença da ganância é a generosidade. A generosidade vai contra nossa natureza, força-nos a sair da zona de conforto, faz-nos enxergar as necessidades dos outros e nos encoraja a confiar na provisão de Deus. Não há nada de errado em poupar para os dias chuvosos; de fato, eu incentivo de coração que se faça um bom planejamento financeiro. Mas a doação generosa nos ajudará a manter equilibrado nosso desejo de adquirir. Gosto do pungente conselho de Richard Foster em seu livro *Dinheiro, sexo e poder*:

Sem dúvida, o dinheiro assumiu um aspecto sacro em nosso mundo, e seria bom que encontrássemos formas de difamá-lo, profaná-lo e calcá-lo sob os pés.

Portanto, pise-o. Grite com ele. Ria dele. Coloque-o no fim de sua escala de valores — certamente bem abaixo da amizade e das boas companhias. E dedique-se ao ato mais profano de todos: o de doá-lo.²

Você talvez tenha notado na passagem de Gênesis sobre Ló, anteriormente citada, que o narrador inseriu um aparte: “Isto se deu antes de o SENHOR destruir Sodoma e Gomorra” (Gn 13.10). O público original dessa narrativa sabia da destruição daquelas duas cidades, e todos estavam familiarizados com a topografia do vale do Jordão. Antes da destruição, essa área havia desfrutado da fertilidade encontrada no Egito por todo o Nilo ou na Babilônia ao longo do Eufrates. Hoje, chamamos de fenda do vale do Jordão a região junto à parte sul desse rio. É um lugar árido, quente e seco, nada adequado para lavoura, a menos que se recorra a modernos recursos de irrigação. No ponto em que o Jordão deságua no mar Morto, a elevação é negativa: cerca de 400 metros abaixo do nível do mar — literalmente o lugar mais baixo da terra.

A história prenuncia problemas para Ló. A questão é óbvia: a fé exibida por Abrão mostrou-se a decisão melhor no longo prazo; a ganância de Ló lhe custaria praticamente tudo. “Abrão ficou na terra de Canaã, mas Ló mudou seu acampamento para um lugar próximo a Sodoma, entre as cidades do vale. Ora, os homens de Sodoma eram extremamente perversos e pecadores contra o SENHOR” (Gn 13.12-13).

O teólogo escocês Alexander Whyte escreve sobre essa decisão fatal:

O coração de Ló foi transformado em pedra. Com olhos endurecidos, Ló se levantou e procurou pela melhor terra e pela melhor água de todo o país, e levou seus rebanhos até lá sem hesitar, sem qualquer sinal de remorso ou ao menos um “obrigado”. Ló sabia muito bem o nome daquela cidade e o senso comum acerca daquele lugar. Ele já vira seu tio orando e interpellando a Deus com toda a sua força por Sodoma. Mas Ló não tinha medo. Ló não se importava.³

Assim que Ló levantou acampamento e iniciou sua migração rumo a Sodoma e Gomorra, o Senhor mais uma vez tranquilizou Abrão ao reafirmar sua promessa: “De onde você está, olhe para o norte, para o sul, para o leste e para o oeste: toda a terra que você está vendo darei a você e à sua descendência para sempre” (Gn 13.14-15). O Senhor garantiu a Abrão que este não estava sacrificando nada no longo prazo ao abrir mão de seu direito e escolher confiar em Deus. Nada importante, pelo menos. Talvez o tio idoso precisasse desse apoio à medida que observava seu sobrinho desaparecendo ao longe.

Abrão respondeu mudando-se para Hebrom, onde passaria grande parte do restante de sua vida. De acordo com historiadores, a região oferecia boa terra: “O solo é relativamente fértil, e uma variedade de frutos (maçãs, ameixas, figos, romãs, damascos), castanhas e vegetais são cultivados facilmente”.⁴ Não muito longe dali, erguiam-se “os carvalhos de Manre” (Gn 13.18), similares aos santuários de fertilidade localizados em Siquém. Abrão colocou a marca de Deus em Hebrom ao construir um altar — outro monumento de pedra a fim de simbolizar sua fé no único e verdadeiro Deus Criador — para seu Protetor e Provedor. A fé que aquele homem tinha se aprofundava cada vez mais à medida que ele adorava entre os carvalhos ancestrais de Manre.

O guia de Abrão para tomada de decisões

Abrão e Ló representam duas perspectivas diferentes — paradigmas opostos — sobre como tomar decisões importantes na vida. Um representa pensamento e planejamento em um espaço bidimensional. Para Ló, não havia o “para cima”. Quando tomava suas decisões, ele não considerava Deus como fator determinante de seu futuro. Ele fazia todos os seus cálculos com base em influências potenciais da natureza e da humanidade, nunca considerando que Deus poderia alterar o mundo a seu favor. Ele procurou no vale do Jordão e viu apenas vegetação verde e exuberante para seus rebanhos, além de solo rico e saudável para suas plantações.

Ló deixou de considerar o perigo potencial de se estabelecer entre as cidades gêmeas que ocupavam aquele vale. Havia uma razão para Abrão não ter montado acampamento perto de Sodoma e Gomorra. Ló não pediu a orientação de Deus nem uma vez sequer. De uma perspectiva puramente horizontal, a decisão foi extremamente fácil. Conseqüentemente, tendo a ganância como seu guia, ele colocou a si mesmo, sua família e seu futuro em risco.

Abrão, por outro lado, pensou e planejou de uma perspectiva tridimensional. Além da interação humana e da influência da natureza, ele levou em conta a presença de Deus atuando na criação para protegê-lo, sustentá-lo, guiá-lo e realizar o plano divino por meio dele. Enquanto Ló presumia que poderia se arranjar sozinho, Abrão confiava que Deus agiria em seu favor. Os planos de Ló eram egoístas, limitados por sua habilidade de observar o entorno e por sua capacidade de raciocínio. Abrão, por sua vez, era sensível, desejando e buscando o conselho de um Benfeitor onisciente e onipotente.

Não consigo imaginar por que alguém desejaria ignorar esse componente vertical. É como tentar navegar sem um mapa — limitando-se apenas àquilo que se pode ver e ouvir nas proximidades — quando se poderia ter um aparelho de GPS dando instruções curva a curva. Deus não apenas consegue ver tudo o que não podemos; ele *quer* nos guiar em meio a essa paisagem perigosa e nos levar em segurança ao nosso destino.

Como você vê o mundo? Você está preso no plano horizontal? Ou conta com a dimensão vertical ao buscar o conselho de Deus? Estou ciente de que não recebemos visitas de Deus em forma visual e audível. Mas, mesmo assim, o Senhor fala e nos orienta. Antes de considerar como Deus se comunica, você deve, em primeiro lugar, aceitar que ele está ali e quer conduzi-lo. Você aceita? Se não aceita, então o resto do que escrevo tem pouca aplicação para sua vida. Assim como Ló, você está por sua própria conta.

Se, porém, você quiser seguir a orientação de Deus, comece reconhecendo a presença dele e expresse, em oração, seu desejo de obedecer-lhe. No apêndice deste livro, você encontrará uma breve explicação sobre como pode começar um relacionamento com Deus. O restante deste capítulo presume que você respondeu ao convite divino para crer, ser resgatado de seus pecados e ser guiado pelo Senhor.

Se, como Abrão, você se tornou alguém que crê e concordou em seguir a orientação de Deus, provavelmente descobriu que ele não fala conosco hoje da mesma maneira que falava com as pessoas dos primeiros dias do Antigo Testamento. Naquela época, ele falava de maneira audível; as pessoas literalmente ouviam a voz do Todo-poderoso, com quem conversavam do mesmo modo como fariam com qualquer outra pessoa. Mais tarde, ele escolheu profetas para se tornarem seus

mensageiros, direcionando-os a falarem em seu favor ou a escreverem aquilo que ele queria comunicar. Nada de adivinhação, nenhuma ambiguidade. Apenas comunicação clara, simples e direta.

Essa parece ser uma forma eficiente para Deus e o homem interagirem, não é? Sendo assim, por que ele não aparece visivelmente ou não fala audivelmente hoje? Creio que seja porque ver e ouvir Deus em pessoa não costuma afetar a capacidade de uma pessoa para obedecer.

Os ateus afirmam que acreditariam em Deus se tivessem uma prova visível ou tangível da existência divina, mas as evidências da História provam o contrário. O Antigo Testamento — um documento histórico digno de confiança — registra muitos relatos de pessoas que literalmente ouviram a voz de Deus ou leram suas instruções escritas e entenderam exatamente o que ele queria... *e então seguiram seus próprios caminhos*. Em vez de seguir as claras instruções do Senhor, elas continuaram a fazer o que lhes interessava. Acreditavam na existência de um único e verdadeiro Deus Criador, mas falharam em confiar nele.

Lembre-se: a definição de fé não é simplesmente acreditar na existência de Deus; fé é confiar em Deus.

Nosso maior problema não é que não vemos ou não ouvimos Deus; é que *temos dificuldade em fazer aquilo que ele ordena!* Nossos olhos e ouvidos funcionam bem. Nosso coração? Nem tanto. Consequentemente, Deus mudou seu modo de comunicação a fim de ultrapassar os sentidos e ir direto ao coração.

Hoje, na era seguinte ao tempo em que Cristo esteve aqui na terra, Deus não envia mensagens. Ele opta por interagir conosco de maneira muito mais profunda, íntima e maravilhosa. Em vez de falar por palavras, ele nos conduz em uma jornada de fé, no contexto de um relacionamento pessoal, com o objetivo de mudar nosso coração. Ele usa a Bíblia, nossos relacionamentos com outros irmãos, nossas experiências e — o mais crucial de todos os fatores — a habitação do Espírito Santo em nós para transformar nosso coração e nos guiar a uma maior conformidade com seus caminhos. À medida que viajamos pela vida com Deus — algo não muito diferente do que fez nosso antepassado nômade, Abrão —, começamos a pensar como Deus pensa, queremos as coisas que ele quer e então agimos como ele queria que agíssemos. Esse é um cumprimento, em nível pessoal, de uma promessa que o Senhor fez no Antigo Testamento. Ele disse a Jeremias:

“Estão chegando os dias”, declara o SENHOR, “quando farei uma nova aliança com a comunidade de Israel e com a comunidade de Judá. Não será como a aliança que fiz com os seus antepassados quando os tomei pela mão para tirá-los do Egito; porque quebraram a minha aliança, apesar de eu ser o Senhor deles”, diz o SENHOR. “Esta é a aliança que farei com a comunidade de Israel depois daqueles dias”, declara o SENHOR: “Porei a minha lei no íntimo deles e a escreverei nos seus corações”.

Jeremias 31.31-33

Sempre, nunca; esqueça, lembre

Se, neste momento, você está apenas começando sua jornada com Deus, tudo isso é teologia demais para digerir. Mas, à medida que prosseguirmos em nosso estudo sobre a vida de Abrão, tudo isso começará a fazer mais sentido. Por ora, deixe-me apenas simplificar as coisas com quatro palavras simples: *sempre, nunca, esqueça e lembre*.

Sempre olhe além dos benefícios positivos imediatos de uma decisão. O positivo normalmente é óbvio e pode ser compreendido de imediato. Vivemos em uma cultura motivada por um desejo de gratificação instantânea. A maioria de nós carrega a internet no bolso para que possamos ter acesso instantâneo a qualquer coisa que queiramos saber. Quando, por meio desse recurso, encontramos o que queremos, podemos baixá-lo no mesmo instante ou fazer que seja entregue na nossa porta antes do pôr do sol do dia seguinte. Quando vamos ao médico, esperamos encontrar cura instantânea em um comprimido ou em algum procedimento simples. Queremos atender aos nossos desejos *agora*, e nossa preocupação com a satisfação instantânea é mortal.

É hora de diminuirmos o ritmo. Em vez de fazermos perguntas como “O que há para mim?”, “Quão feliz ela vai me fazer?” ou “O que eu ganho com isso?”, precisamos pensar nas consequências de longo prazo. Quais são as desvantagens? O que acontecerá se você esperar? No silêncio, no desconforto e na paciência da espera, peça a Deus que lhe mostre o caminho dele. Quando ele o fizer, siga por ali.

Nunca subestime o impacto das consequências negativas. Reserve alguns momentos para refletir sobre suas decisões recentes. Se você for honesto consigo mesmo, descobrirá que os benefícios

positivos não eram tão bons quanto você esperava, e o impacto negativo normalmente foi pior do que o imaginado.

Ló viu como o vale era verde, quanta água fluía por ali e quão bom tudo aquilo seria para seus rebanhos. Ele calculou quanto eles cresceriam em razão da boa linhagem e dos recursos abundantes. Contou mentalmente o dinheiro que ganharia ao vender para cidades próximas, sem considerar, em nenhum momento, o impacto dessa decisão sobre sua família.

Esqueça a ideia de agradar apenas a si mesmo. Eu sei — parece que, neste momento, aquela decisão pode trazer grande felicidade, prosperidade, segurança e contentamento. Deixe-me adverti-lo. Arrependi-me de toda decisão que tomei concentrando-me apenas naquilo que me beneficiaria. Decisões com interesse voltado apenas para mim mesmo sempre resultaram em mais dor do que prazer. Sempre me dei melhor quando segui o conselho do apóstolo Paulo: “Nada façam por ambição egoísta ou por vaidade, mas humildemente considerem os outros superiores a si mesmos. Cada um cuide, não somente dos seus interesses, mas também dos interesses dos outros” (Fp 2.3-4).

Lembre que, com maior independência e liberdade, vem a necessidade de uma disciplina pessoal mais forte. Se a sua decisão implica a possibilidade de comprometer sua caminhada com Deus, então ela é uma decisão ruim, sejam quais forem os aparentes pontos positivos. Por favor, lembre-se disso! O custo de longo prazo não vale a pena. Existe algo mais importante do que ganhar mais dinheiro, avançar na carreira, encontrar um novo romance ou frequentar uma escola melhor. Nenhuma dessas coisas será importante se você se desconectar do Senhor. Exercite a disciplina de buscar primeiramente a orientação de Deus e, depois, considere as aparentes vantagens e desvantagens de uma decisão.

Comece cada processo de tomada de decisão com esta pergunta: “Isso vai melhorar meu relacionamento com Deus?”. Se a resposta for “sim”, pode estar certo de que haverá segurança e a provisão para você (cf. Mt 6.33). Se a resposta for “não”, não dê nem um passo sequer naquela direção!

CAPÍTULO 4

Abrão, o generoso

A BÍBLIA É, SEM sombra de dúvida, o livro mais admirável já publicado. Como literatura, a Bíblia não tem paralelo, em razão de suas histórias tocantes, da bela poesia, das ricas imagens e da profunda sabedoria. Como livro de história, ela preserva alguns dos momentos mais importantes da existência humana, sem jamais perder contato com a humanidade das pessoas envolvidas. Sua mistura única de narrativa, poesia e exposição a torna francamente informativa e brutalmente prática, sendo, ao mesmo tempo, amplamente interessante. Mais do que qualquer outro livro, a Bíblia passou pelo teste do tempo. Desde que surgiram as Escrituras, mais de três mil anos atrás, pessoas se voltam a elas para conhecer seu Criador, para aprender sobre si mesmas, para discernir os mistérios da vida e para se tornar espiritualmente sábias. E, hoje, ela permanece como um *best-seller* perene.

Tudo o que há na Bíblia se encaixa em uma de três categorias: pessoas, eventos e ideias. Histórias de pessoas e o que aconteceu a elas estão entremeadas no tecido das Escrituras, mas essas narrativas servem a um propósito maior do que o de serem simplesmente fatos biográficos. Elas preparam o terreno para grandes ideias. Ajudam a comunicar e a ilustrar grandes verdades. Essas histórias nos ajudam a fazer uma ponte por sobre o abismo intelectual que existe entre nosso reino físico e temporal e o reino espiritual e eterno ao qual de fato pertencemos. Tais histórias de pessoas e eventos revelam verdades espirituais que não estão disponíveis em nenhum outro lugar. E é por essa razão que milhares de gerações continuam a se voltar para esse livro, pesquisando suas páginas e confiando em suas verdades.

Agora, ao explorar outro episódio da história da vida de Abrão, vamos nos tornar leitores conscientes e tomar cuidado para não deixar passar as grandes ideias que esse relato busca transmitir.

O capítulo 14 de Gênesis daria um excelente filme de ação. Ele contém todos os elementos necessários para uma grande história. Uma trama interessante. Vilões. Uma crise. Um herói. Estratégia, luta e atos de ousadia. Uma mudança surpreendente e — muito importante para um bom enredo — personagens que se desenvolvem de modo significativo. Quando a crise se resolve, temos conhecimento dessas pessoas. Já vimos suas motivações, podemos apreciar seu potencial para o bem, lamentamos as falhas de alguns e admiramos a grandeza de outros. O mais importante de tudo, porém, é que essa narrativa é uma mina de ouro de grandes verdades.

Caos em Canã

Não sabemos quanto tempo passou entre a separação de Abrão e Ló e os eventos descritos em Gênesis 14. Meses, talvez anos. Foi tempo suficiente para que a quantidade de servos de Abrão chegasse a pelo menos 318 homens, muitos dos quais tinham a própria família. No versículo 14, vemos que esses indivíduos são descritos como “nascidos em sua casa”, o que não necessariamente significa que eles nasceram na comunidade de Abrão como bebês. Essa expressão antiga significava “não comprados”. O narrador deixa claro que aqueles homens eram servos de Abrão por escolha, não escravos involuntários.

Antes do período dos grandes governos nacionais, as pessoas buscavam segurança em números. Alguns se tornavam cidadãos de determinada localidade; outros pediam para viver debaixo da proteção de homens poderosos como Abrão, oferecendo seus serviços pessoais em troca dos benefícios da comunidade. Eles não estavam ligados a Abrão de maneira servil; participavam de um arranjo comercial: provisão e proteção em troca de lealdade.

Eis a razão pela qual a distinção é importante: Abrão atraiu um grande número de seguidores leais porque era um homem rico e influente. Sua casa cresceu numericamente porque as pessoas percebiam que sua comunidade desfrutava de provisão e proteção. Muitas delas chegaram a ele pedindo para fazer parte de sua casa. Enquanto isso, outros homens poderosos — em geral, governantes — alcançavam maior poder por meio de conquistas. Atacavam seus vizinhos, tomavam-lhes as posses, matavam qualquer um que não servisse a seus propósitos e escravizavam os sobreviventes. Nas cidades conduzidas por esses governantes, cidadãos livres pagavam impostos e se uniam a seus reis em guerra; caso contrário, tornavam-se, eles próprios, escravos.

Longe de ser dono de escravos, Abrão colocava a própria vida em risco ao lutar contra aquilo que tanto o Antigo quanto o Novo Testamentos chamaram de “sequestradores”, isto é, reis que atacavam outras cidades e levavam os cativos como escravos (cf. Êx 21.16; Dt 24.7; 1Tm 1.10).

Embora Abrão vivesse pacificamente no interior do país, uma coalizão de reis do leste, liderada por um tal Quedorlaomer, formou um exército único e começou a atacar Canaã. Por cerca de doze anos, as cidades cananeias serviram a Quedorlaomer como “cidades vassalas”, o que significa que elas pagavam altos impostos a esse governante em troca de proteção. De acordo com esse arranjo, Quedorlaomer garantia a segurança das cidades contra quaisquer potenciais saqueadores. Se uma cidade deixasse de pagar, porém, precisaria de proteção contra ele!

Depois de doze anos, os reis de cinco cidades situadas no vale do Jordão — Sodoma, Gomorra, Admá, Zeboim e Belá — decidiram que havia chegado a hora de colocar um fim na extorsão. Quedorlaomer usou isso como uma oportunidade de ensinar a todos os habitantes de Canaã uma lição dolorosa, ao saquear brutalmente todas as cidades da região.

A passagem de Gênesis 14.5-11 descreve em detalhes as áreas conquistadas pelo exército de Quedorlaomer, à medida que cada cidade foi caindo. A razão para todo esse nível de detalhes é dupla. Primeiro, eles ilustram o poder daquele exército, que havia conseguido um enorme impulso na época em que chegou às cidades do vale do Jordão. Segundo, o território conquistado por Quedorlaomer corresponde quase totalmente à terra que Deus havia prometido a Abrão — um ponto teológico importante nessa história, naquilo que ela se relaciona à aliança do Senhor com o patriarca de Israel.

Colocando de modo simples, ninguém derrotara aquele exército, o que resultou no fato de que o reino de Quedorlaomer incluiu o território de Abrão.

É interessante perceber que nada disso parece incomodar Abrão. No que se refere a ele, a terra prometida por Deus terminaria vindo para ele independentemente de qual rei adorador de ídolos a reclamasse. Ele não se envolveu nas escaramuças intramuros dos políticos mesquinhos de Canaã ou de seus governantes egoístas... até que a violência deles afetou sua família.

Uma breve batalha se seguiu ao ataque do exército de Quedorlaomer a Sodoma e às cidades vizinhas. Durante a luta, muitos soldados de Sodoma e Gomorra escaparam para as colinas, mas algumas das tropas caíram em poços de betume, locais onde o petróleo subterrâneo borbulhava até a superfície em forma de substância pegajosa. Por que a narrativa nos apresenta esse detalhe? Talvez para ilustrar a incompetência daqueles dois exércitos. Cinco exércitos marcharam para enfrentar Quedorlaomer; dois fugiram. Além do mais, esses reis-generais envolveram o inimigo no terreno deste — uma clara vantagem tática. Os combatentes locais não apenas falharam no uso dos poços de betume contra seus adversários, como caíram vítimas da própria terra.

Tendo derrotado as defesas de Sodoma e Gomorra, os exércitos agressores saquearam as cidades e reuniram os cativos com a finalidade de levá-los para casa como escravos. Entre os cativos estava Ló, o sobrinho de Abrão, bem como sua casa e suas posses. Felizmente, alguém que se lembrava da ligação entre Ló e Abrão conseguiu se desgarrar do grupo de prisioneiros de guerra e passou a mensagem ao patriarca generoso. Quando esse honrado senhor ouviu que seu sobrinho fora levado cativo, respondeu reunindo um exército pessoal de servos. Ele não hesitou em levar adiante uma missão de resgate.

Uma resposta de generosidade

Como você vai se lembrar, Abrão havia deixado Ló escolher onde viver, e Ló escolheu estabelecer seu acampamento perto de Sodoma. Alguém que não fosse generoso teria se recostado em sua cadeira de balanço e afirmado: “Tudo bem, chegou a hora de aquele jovem aprender algumas duras lições. Ele escolheu onde viver e não teve perspicácia suficiente para ficar longe da encrenca, por isso vai ter de se virar”. Ou ele poderia ter dado de ombros e dito: “O que isso tem a ver comigo? É problema de Ló. Ele fez sua cama; agora, tem de deitar-se nela”. Mas não vemos nenhuma resposta mesquinha da parte de Abrão. Grandes pessoas não julgam os outros por terem necessidades, ainda que sejam problemas que elas mesmas tenham trazido sobre si. Grandes pessoas veem a crise do outro como um chamado à ação.

Abrão reuniu 318 homens de seu campo habilitados em luta. Uma vez que não havia uma delegacia de polícia para a qual telefonar, nem uma milícia nacional a ser mobilizada em caso de ataque, Abrão e sua crescente comunidade tinham de lutar por si mesmos, de modo que fizeram armas e foram treinados para usá-las. A palavra *convocar*, usada no texto bíblico, é muito mais pitoresca em hebraico; ela tem a conotação de desembainhar. Retrata os servos de Abrão como uma

lâmina que fora forjada, afiada e polida até se transformar em um instrumento de morte resplandecente e cortante como uma navalha.

Uma rápida olhada no mapa mostra que os homens de Abrão marcharam mais de 150 quilômetros em direção ao norte, até a cidade fenícia de Laís (cf. Jz 18.29), mais tarde rebatizada como Dã. Essa cidade “protegia uma importante rota que ligava Damasco e Tiro, sendo assim um importante centro comercial”.¹ O exército de Quedorlaomer provavelmente pensou que estava fora de perigo quando acampou no vale fora da cidade. Eles haviam humilhado seus opositores por toda a Canaã, de modo que nunca suspeitariam de um ataque noturno.

Perceba a diferença entre a habilidade militar de Abrão e a dos reis de Sodoma e Gomorra. Estes lutaram em terreno conhecido e não conseguiram transformar os poços de betume numa vantagem estratégica. Abrão e seus homens lutaram contra o mesmo inimigo em terreno estranho e estavam em número muito menor. Mas seus homens eram treinados, isto é, “dedicados, separados, equipados”. Para superar sua desvantagem, Abrão usou a astúcia e a sagacidade. Ele dividiu suas tropas (cf. Gn 14.15) — o termo hebraico usado para “dividir” incorpora a ideia de distribuir e designar —, e não há dúvida de que tenha atacado o campo inimigo saindo de várias direções ao mesmo tempo, a fim de criar pânico. Na confusão, seus 318 homens afugentaram um exército de talvez milhares de soldados, colocando todos para correr.

Então, em vez de juntar os prisioneiros recuperados e suas respectivas posses e, em seguida, correr para casa, Abrão perseguiu o exército oponente por mais 80 quilômetros pelas montanhas de Damasco! Fica clara, assim, a razão de os arqueólogos não terem encontrado nenhuma inscrição antiga com o nome de Quedorlaomer! Quem manteria um registro disso?

O relato bíblico não registra o encontro de Ló e Abrão. Não temos ideia se Abrão recebeu qualquer agradecimento por esse resgate heroico. (Conhecendo Ló, provavelmente não!) Mas pessoas generosas têm pouca necessidade de receber agradecimento; essa não é sua motivação. Elas não mantêm um diário com uma lista intitulada “Estúpidos que nunca disseram ‘obrigado’”. Você é generoso quando sai em resgate sem chamar atenção para si nem esperar que seu feito seja anunciado a todos.

Integridade irrepreensível

As notícias sobre a vitória de Abrão se espalharam rapidamente. Enquanto acompanhavam Ló e sua família de volta ao acampamento perto de Sodoma e Gomorra, dois reis apareceram para saudar Abrão — duas personalidades que não poderiam ser mais diferentes. O rei de Sodoma viajou para o norte para saudar Abrão e acompanhar seus cidadãos pelo restante de seu caminho para casa. O rei de Salém (que significa “paz”) também veio para saudar o herói que voltava para casa. Esse segundo rei, Melquisedeque, cujo nome significa “rei da justiça”, era “sacerdote do Deus Altíssimo” (Gn 14.18). Como um ato sacerdotal, ele trouxe pão e vinho, e os serviu com uma bênção.

Bendito seja Abrão pelo Deus Altíssimo,
Criador dos céus e da terra.
E bendito seja o Deus Altíssimo,
que entregou seus inimigos em suas mãos.

Gênesis 14.19-20

Amém! Sem desconsiderar nada da bravura e da generosidade de Abrão, Melquisedeque deu toda a glória a Deus pela vitória.

Não temos indicação de que Abrão e Melquisedeque tenham se encontrado anteriormente ou se voltaram a se encontrar depois. Abrão não era cidadão de nenhuma localidade e certamente não precisava da proteção de nenhum rei. Nenhuma lei divina exigia que ele desse um presente a Melquisedeque; todavia, Abrão deu-lhe um décimo do espólio recolhido. Deu essa oferta não ao rei de Salém, como tal, mas a Deus por meio de Melquisedeque, em sua condição de sacerdote. Esse foi o ato de um homem modesto que deu todo o crédito pela vitória ao Senhor. Um homem menos valoroso teria dito: “Estou feliz por você ter ouvido sobre meu triunfo; onde está minha medalha pelo heroísmo na batalha? Onde está minha recompensa? Onde está a festa em minha honra?”.

Enquanto Melquisedeque trouxe um presente de pão e vinho para celebrar a vitória de Deus, o rei de Sodoma chegou com uma atitude diferente. Ele disse, com efeito: “Obrigado por resgatar meus súditos. A propósito, sinta-se livre para guardar para si tudo o que você recuperou”. Ao que eu digo “grande coisa!”. Antes de mais nada, por costume, era direito de Abrão ficar com tudo mesmo. Segundo, os homens de luta de Abrão tinham humilhado o exército que aviltara Sodoma. Se Abrão

tivesse decidido que guardaria para si o espólio de guerra, não havia nada que o rei de Sodoma pudesse ter feito em relação a isso! Ele não estava em posição de “deixar” que Abrão ficasse com alguma coisa.

Mesmo antes de ouvir a oferta do rei de Sodoma, Abrão já havia decidido o que fazer com o espólio da conquista. Atrás dele, uma caravana se estendia por quilômetros, levando todos os móveis, roupas, joias, vasos, utensílios, armas e metais preciosos despojados de uma dúzia de cidades. Devia ser uma riqueza incrível. Ainda assim, ele valorizou mais a própria integridade. Abrão disse ao rei de Sodoma: “De mãos levantadas ao SENHOR, o Deus Altíssimo, Criador dos céus e da terra, juro que não aceitarei nada do que lhe pertence, nem mesmo um cordão ou uma correia de sandália, para que você jamais venha a dizer: ‘Eu enriqueci Abrão’” (Gn 14.22-23).

Abrão podia muito bem ter aceitado legitimamente o despojo como um presente de Deus. Afinal de contas, ele tinha 318 testemunhas para validar a ajuda miraculosa do Senhor e para confirmar uma reivindicação justa. Mas Abrão não queria que ninguém duvidasse de que ele fora abençoado por Deus, e não por algum rei franzino de Sodoma. Para guardar sua própria honra e preservar a reputação de Deus, ele não aceitou nada para si, a não ser o reembolso das despesas. Que modelo magnífico de generosidade, ausência de ganância e integridade acima de qualquer suspeita!

Anos atrás, servi como pastor auxiliar de Ray Stedman, que por mais de quarenta anos pastoreou a Peninsula Bible Church, em Palo Alto, Califórnia. A honestidade e a integridade de Ray causaram uma impressão duradoura em mim, e pautei muitos dos meus hábitos de acordo com o que vi nele.

Durante um verão, enquanto eu servia em Palo Alto, Ray participou de uma conferência no estado de Vermont e ficou hospedado numa pousada simples e agradável. A cada manhã, ele tomava café sozinho e admirava a preferência do proprietário quanto à decoração, que incluía um jogo de mesa de estanho composto por saleiro e pimenteiro, uma tigela de açúcar e um pote para creme.

Quando voltou ao púlpito de sua igreja, Ray pregou sobre a tentação. Durante o sermão, ele disse: “Tive ótimos momentos enquanto estive fora, mas preciso confessar uma coisa. Estava sentado à mesa do café da manhã, sozinho, com mais ninguém por perto, e pensei: ‘Gostaria muito de ter este jogo de mesa de estanho. Há um em cada mesa, e os donos devem ter muitos mais. Se eu levar um, eles nunca saberão’. Mas estou aqui para lhes dizer que me contive; não cedi àquela tentação, e sou grato nesta manhã por não ter de confessar um roubo”.

Na semana seguinte, Ray encontrou sobre sua mesa um belo pacote de presente lindamente preparado. Ele removeu a fita brilhante, rasgou o papel de presente e abriu a caixa. Ali havia um jogo de mesa tal qual aquele de que gostara. Um membro da congregação que ouvira o sermão entrou em contato com os donos da pousada e pediu a eles que enviassem um conjunto para Ray. No domingo seguinte, ele levou a caixa ao púlpito. Agradeceu ao doador anônimo e disse: “O que eu realmente queria dizer é que também cobicei aquele aparelho de televisão de 36 polegadas que estava no meu quarto!”. Devo acrescentar que nenhum aparelho de televisão chegou uma semana depois.

Até mesmo grandes homens e mulheres lutam contra a tentação. Até mesmo pessoas ricas podem ser seduzidas pela perspectiva de obter mais riquezas. Não posso dizer com certeza, mas Abrão provavelmente pensou em todo o bem que ele poderia realizar com a vasta soma de riqueza sob seu poder. Ele poderia recompensar abundantemente os servos leais que o haviam seguido na batalha mesmo diante de probabilidades tão negativas. Com aquele enorme tesouro, poderia comprar uma cidade murada e se estabelecer, trocando seu vaguear nômade por um lar seguro e permanente. Ele tinha consciência do que estava abrindo mão, mas ainda assim não creio que a fortuna lhe virou a cabeça. Ele havia aprendido essa lição depois de falhar no teste da fome. Ele não aceitaria a bênção de qualquer outro que não fosse Deus, com quem tinha um relacionamento que priorizava sobre qualquer outra coisa.

Ao mesmo tempo que mantinha sua convicção pessoal, ele não forçou os outros a agirem do mesmo modo. Três líderes locais se juntaram à sua missão: Aner, Escol e Manre. Ele não se voltou para eles e perguntou: “Ora, vocês não vão ficar com nada, não é?”. Abrão restringiu seu poder e abriu mão do controle sobre o comportamento dos outros, mesmo quando os padrões deles entravam em conflito com os seus. Ele disse: “Que eles recebam a sua porção” (Gn 14.24).

A verdadeira grandeza

Contra um pano de fundo composto por uma sociedade caótica e por personagens desanimadores, Abrão surge como um grande homem. Mas como definimos grandeza? Quais são algumas das

qualidades que caracterizam as pessoas que chamamos de “grandes”? Quatro características me vêm à mente, especialmente tendo Abrão em vista.

Primeiro, *altruísmo genuíno*. Nunca conheci uma pessoa admirável que fosse egoísta. Comumente, pessoas altruístas não são apegadas a coisas. Elas não extraem a vida de suas posses ou de seus relacionamentos ao se agarrar a eles com intensidade obsessiva. Elas cultivam uma generosidade de coração, um desejo genuíno de compartilhar. Desenvolvem uma habilidade de discernir o que é necessário e, então, doam tudo o que puderem.

Segundo, *sacrifício pessoal*. Pessoas dignas estão dispostas a sacrificar os próprios desejos, necessidades e conforto em favor dos outros. Grandes indivíduos superam diferenças e não permitem que preconceitos pessoais ou julgamentos os impeçam de buscar o bem maior para os outros. Quando você encontrar uma pessoa verdadeiramente louvável, ela vai se sacrificar em seu favor a despeito das diferenças entre vocês e até mesmo de suas falhas pessoais.

Terceiro, *ausência de ganância*. Pessoas eminentes não encontram motivação no ganho pessoal. A ideia de colecionar mais bens ou obter mais riqueza para si não faz sentido para alguém verdadeiramente notável. Ele não pergunta “Quanto vão me pagar?” ou “Quais serão os meus benefícios?”. Pessoas notáveis não apresentam tendências narcisistas. Pelo contrário, buscam maneiras de beneficiar outros sem receber remuneração. Veem o dinheiro como meio para um fim mais elevado, uma ferramenta para realizar um bem maior para todos.

Quarto, *gentileza*. Refiro-me à contenção de poder. Pessoas notórias controlam-se em vez de tentar exercer controle sobre os outros. Costumam ocupar posições de autoridade e geram influência significativa, mas mantêm sob rédea curta seu potencial para prejudicar outros. Elas não brincam de “rei da montanha”. Não impõem sua autoridade nem esperam que os demais simplesmente se conformem. Concedem aos outros a liberdade de cometer erros e, então, transformam tais situações em oportunidades de ensino. No auge de seu poder, elas atraem seguidores inspirando-os e ajudando-os a alcançar seu pleno potencial.

Se fosse para resumir todas as características da grandeza em uma única palavra, ela seria humildade. E Abrão tinha essa característica em abundância. Embora fosse incrivelmente rico e poderoso como poucos — e apesar de até mesmo ser chamado por Deus de “meu amigo” (Is 41.8) —, ele nunca se impressionou demais consigo. Reconheceu os próprios erros e ajudou outros a superarem os deles. Além disso, Abrão lidou de maneira justa com pessoas injustas. Talvez todas essas extraordinárias qualidades de caráter expliquem por que a verdadeira grandeza é tão rara.

CAPÍTULO 5

Podemos conversar?

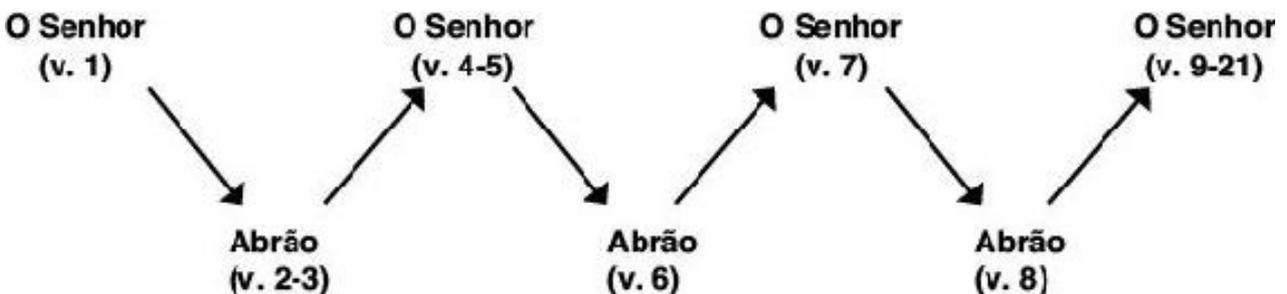
PELOS PRÓXIMOS MINUTOS, QUERO que você pense em um amigo que lhe seja muito íntimo. O que há em sua conexão com essa pessoa que a torna sua amiga? O que diferencia a amizade de vocês de um mero entendimento mútuo?

Não sei qual é, especificamente, a sua situação, mas arrisco-me a dizer que existem vários fatores. Vocês se conhecem bem — melhor do que você conhece a maioria das pessoas fora da família. Vocês se sentem confortáveis na presença um do outro; você se sente livre para ser quem é de verdade e conversar sobre assuntos pessoais. Vocês compartilham um vínculo de confiança. Vocês trocam confidências. Você valoriza a opinião dessa pessoa e busca seu conselho sobre assuntos importantes. Por estarem comprometidos um com o outro, você prioriza seu amigo em relação a outras pessoas. Quando ele tem uma necessidade, você está presente.

Encontrei poucos tesouros mais valiosos do que um amigo verdadeiro.

De todos os bilhões de pessoas que Deus criou, e dentre todos aqueles a quem ele chamou para servi-lo de alguma maneira especial, ele se referiu a Abrão — e somente a ele — como “meu amigo” (Is 41.8; cf. Tg 2.23). Todos os fatores que definem sua amizade com outra pessoa estavam presentes na amizade de Abrão com Deus. O conhecimento que Abrão tinha de Deus foi se tornando mais íntimo a cada encontro, e mais profundo a cada teste de fé. Ele ficava cada vez mais confortável na presença do Senhor e ganhava confiança sempre que o via ou ouvia. Eles conversavam com frequência e ouviam um ao outro. Com o passar do tempo, o vínculo de confiança de Abrão se fortaleceu, especialmente quando ele confidenciou seus medos.

Comparado aos eventos repletos de ação registrados em Gênesis 14, o capítulo 15 poderia parecer entediante. Nada de exércitos invasores, sequestros abomináveis ou resgates ousados. Sem fanfarrice, sem emboscadas na calada da noite. O texto registra a calma conversa entre dois amigos próximos. Seria uma leitura maçante se um dos amigos não fosse o onipotente Criador do universo e o outro um patriarca idoso e sem filhos. O capítulo 15 de Gênesis registra aquilo a que os estudiosos da Bíblia se referem como “intercâmbio”.



Intercâmbios diretos entre Deus e indivíduos não ocorrem com frequência nas Escrituras. Nesse caso, porém, o intercâmbio de Abrão assume a forma de um verdadeiro diálogo, uma conversação que flui entre amigos. Mas não se engane: embora os dois compartilhem dessa notável e livre troca de ideias, Deus não se tornou o “camarada” de Abrão. Abrão nunca perdeu a reverência pela impressionante e santa onipotência do Senhor; afinal de contas, construiu mais de um altar com o propósito de sacrificar ao Deus a quem ele adorava.

Uma troca de ideias com o Todo-poderoso

As primeiras três palavras do capítulo 15 — “Depois dessas coisas” — são como redutores de velocidade na narrativa. Não ousamos passar por cima de uma lombada em velocidade muito alta; o autor as colocou ali por uma razão. Essas palavras indicam que aquilo que acontece a seguir está ligado a eventos anteriores — existe uma conexão importante. Depois de quais coisas? A essa altura, Abrão havia deixado sua casa em Ur dos caldeus, falhado no “teste da fome”, sobrevivido a uma provação no Egito, aprendido com seus erros e, apreensivo, assistido à escolha desastrosa de Ló.

Muito provavelmente, porém, “essas coisas” é uma referência à recente vitória de Abrão sobre o exército de coalisão de Quedorlaomer.

Embora a violência e o derramamento de sangue sejam padrão no entretenimento — e os filmes fazem parecer fácil para os heróis de ação matar alguém e seguir em frente —, na vida real o cérebro humano não foi projetado para testemunhar a morte em larga escala. Os heróis militares realizam seu trabalho no campo de batalha e terminam pagando um terrível preço emocional quando voltam para casa. Não necessariamente estou me referindo ao distúrbio de estresse pós-traumático, embora muitos veteranos precisem se recuperar dessa ferida na alma. Mesmo aqueles que escapam desse distúrbio precisam, antes de seguir adiante, processar aquilo que suportaram. Isso costuma envolver uma reavaliação completa do propósito e das prioridades da vida.

Tendo enfrentado a possibilidade real de morrer no campo de batalha, Abrão viu quão repentinamente a vida pode cessar e, portanto, quão rapidamente as promessas de Deus podiam morrer com ele. Como qualquer pessoa normal, o patriarca voltou da guerra com grandes perguntas na mente. Ele era um homem com 85 anos e nenhum filho. Precisava ouvir algo de seu Pai celestial. Quando o Senhor viu seu amigo enfrentando dificuldades, veio graciosamente oferecer-lhe ajuda. A voz divina veio a Abrão numa visão, e o Senhor falou diretamente sobre o assunto que pesava tão intensamente sobre o coração de seu servo. “Não tenha medo, Abrão! Eu sou o seu escudo; grande será a sua recompensa!” (Gn 15.1). Que incentivo!

De nosso confortável ponto de observação, olhando de volta para a história, temos dificuldade para entender a frágil confiança de Abrão. Mas Abrão não tinha a vantagem de olhar em retrospectiva. Ele era um homem velho, com uma esposa que havia muito já entrara na menopausa, e os dois pensavam em como teriam um filho. Veja o que Abrão disse a Deus: “Ó Soberano SENHOR, que me darás, se continuo sem filhos e o herdeiro do que possuo é Eliézer de Damasco? [...] Tu não me deste filho algum! Um servo da minha casa será o meu herdeiro!” (Gn 15.2-3).

A expressão “Ó Soberano SENHOR” é incomum, uma vez que coloca juntos dois dos nomes de Deus: *Adonai* e *Yahweh*. Isso ajuda a suavizar a pergunta desafiadora, ainda que razoável. Ele diz a Deus exatamente o seguinte: “O Senhor continua prometendo bênçãos, mas estou mais perto da morte do que já estive, e não tenho herdeiro de sangue para receber as promessas de tua aliança. Sarai já não pode engravidar; então, qual é exatamente a recompensa a que o Senhor se refere?”. Tentando compreender a promessa do Senhor, Abrão teoriza que talvez seu mordomo, Eliézer, possa ser o herdeiro que Deus tinha em mente. Esse teria sido o costume daquela cultura.

Se você pudesse ler a resposta de Deus no idioma hebraico, a negação dele o deixaria de cabelo em pé. Em Gênesis 15.4 está registrado que o Senhor começou com um enfático *não*. Em seguida, ele ressalta que o herdeiro de Abrão viria do corpo do patriarca. Em termos atuais, ele poderia ter dito: “Seu herdeiro terá o seu DNA”. Então, para deixar as coisas bem claras, o Senhor *levou* Abrão para fora. O verbo é ativo, quase forçoso, como se Deus o tivesse pego fisicamente e o colocado numa clareira sob o céu noturno. “Olhe para o céu e conte as estrelas, se é que pode contá-las. [...] Assim será a sua descendência” (v. 5).

Quantas estrelas uma pessoa com visão perfeita pode enxergar em uma área rural? Impossível contar. Esse é o ponto. O Senhor usou o céu noturno para ilustrar a amplitude da nação que teria o DNA de Abrão. Deus poderia ter usado a areia como ilustração — poderia ter dito ao seu servo que contasse os grãos de areia na estrada. Ou as folhas de grama da planície, ou os grãos de trigo do vale. Mas ele fez Abrão dobrar seu pescoço para olhar direto para cima, para o vasto, misterioso e imenso universo. Se Abrão se sentiu pequeno ao analisar os milhares de bolas de fogo que cobriam os céus de horizonte a horizonte, então ele entendeu o que o Senhor quis dizer: “Eu sou Deus; você é apenas um pequeno cisco comparado ao meu universo. Confie em mim; estou com você”.

Como dizemos no Texas: “Falou e disse!”. Sem hesitação, Abrão “creu no SENHOR” (Gn 15.6). O termo hebraico significa “ter certeza, confiar”. Por que, na perspectiva de Abrão, as palavras de Deus colocaram um fim no assunto? Porque ninguém pode discutir com aquele que fez as estrelas. A onipotência de Deus torna qualquer coisa possível, incluindo o nascimento de um bebê de uma mulher na pós-menopausa. Abrão não afirmou saber exatamente *como* Deus cumpriria sua aliança; ele simplesmente aceitou a promessa como uma conclusão inevitável.

Nesse ponto da história, o narrador insere um comentário simples. Essa breve sentença é, de fato, um dos versículos mais significativos da Bíblia. Deus declarou Abrão justo (cf. Gn 15.6). A palavra hebraica significa “conformidade com um padrão ético ou moral”. É usada para descrever a natureza moralmente perfeita de Deus em Salmos 145.17: “O SENHOR é justo em todos os seus caminhos e é bondoso em tudo o que faz”.

Abrão não se tornou de imediato uma pessoa moralmente impecável. Longe disso! Mais adiante na história, Abrão pecou de maneira assombrosa. Seu comportamento também não se conformou imediatamente ao padrão divino. Nada inerente a Abrão mudou. Deus o *declarou* justo. Agindo como o supremo Juiz, Deus aplicou todos os direitos e privilégios de justiça a Abrão, a despeito da própria incapacidade de Abrão de ser justo. O Senhor fez isso por causa da fé que Abrão demonstrava. Deus disse a ele, com efeito: “Dê-me o seu talão de cheques espiritual”. E escreveu na coluna de crédito: “Depositada na conta moral de Abrão: minha justiça perfeita”.

Os autores do Novo Testamento usam essa passagem para provar que as pessoas recebem salvação pela graça de Deus por meio da fé (cf. Rm 4.3,20-22; Gl 3.6; Tg 2.23). É por isso que Paulo considerou Abraão o pai da nação hebreia, mas também “o pai espiritual de todos os que creem” (Rm 4.11, NBV). Assim como Abraão, todos aqueles que colocam sua confiança no Senhor Deus “são justificados por Deus por meio da fé” (idem). Paulo foi adiante e escreveu:

Não foi mediante a Lei que Abraão e a sua descendência receberam a promessa de que ele seria herdeiro do mundo, mas mediante a justiça que vem da fé. Pois se os que vivem pela Lei são herdeiros, a fé não tem valor, e a promessa é inútil; porque a Lei produz a ira. E onde não há Lei, não há transgressão. Portanto, a promessa vem pela fé, para que seja de acordo com a graça e seja assim garantida a toda a descendência de Abraão.

Romanos 4.13-16

Abrão expressou sua confiança no Senhor. Mas Deus ainda não havia terminado. Tendo afirmado sua promessa anterior, a de dar um filho a Abrão, Deus continuou a fornecer informação mais específica sobre a terra que prometera ao patriarca (cf. Gn 12.1,7; 13.15). Para ajudar esse homem numa ocasião de fé hesitante, Deus formalizou sua aliança. A expressão hebraica é literalmente “cortar uma aliança”. Veremos a razão disso conforme o desdobramento da cena.

Hoje, nossos acordos são preservados com tinta sobre papel, validados por assinaturas, com reconhecimento de firma, arquivados em um cartório e garantidos pelo governo. Não era assim nas culturas antigas. Embora no mundo antigo houvesse quem conseguia ler e escrever, a maioria das pessoas comuns não tinha essa habilidade. Além disso, o papel ainda não havia sido inventado, de modo que tábuas de barro eram o material onde se escreviam documentos. Portanto, pessoas comuns precisavam usar outros métodos para registrar um contrato.

No caso de alianças significativas, os envolvidos participavam de uma cerimônia elaborada — e um pouco sangrenta — que incluía sacrifício animal. Nessa situação, o Senhor instruiu Abrão: “Traga-me uma novilha, uma cabra e um carneiro, todos com três anos de vida, e também uma rolinha e um pombinho” (Gn 15.9). Abrão sabia exatamente o que fazer com os animais porque, sem dúvida, já havia participado de cerimônias similares no passado. Ele cortou os animais ao meio e colocou as metades separadas por uma pequena distância. Então, ele esperou.

Ao pôr do sol, Abrão foi tomado de sono profundo, e eis que vieram sobre ele trevas densas e apavorantes. Então o SENHOR lhe disse: “Saiba que os seus descendentes serão estrangeiros numa terra que não lhes pertencerá, onde também serão escravizados e oprimidos por quatrocentos anos. Mas eu castigarei a nação a quem servirão como escravos e, depois de tudo, sairão com muitos bens. Você, porém, irá em paz a seus antepassados e será sepultado em boa velhice. Na quarta geração, os seus descendentes voltarão para cá”.

Gênesis 15.12-16

Abrão precisava entender que a aliança de Deus com ele e com seus descendentes envolvia muito mais do que um acordo simples, embora amplo, envolvendo terras. A promessa de Deus sobre a terra por fim afetaria impérios e moldaria a História em escala planetária. Consequentemente, seu cumprimento abrangeria muitas gerações. Para ilustrar, o Senhor deu a Abrão um vislumbre de como seu herdeiro se tornaria uma nação e quando seus descendentes se estabeleceriam na terra. Ele até mesmo descreveu os quatrocentos anos do cativo hebreu no Egito e seu grande êxodo.

O Senhor dissipou a preocupação de Abrão reafirmando que ele morreria em paz depois de uma vida longa e frutífera. Lembre-se de que Abrão acabara de voltar de um exaustivo resgate de reféns, sentindo-se feliz por ter escapado com vida. Nesse momento, Abrão certamente estava pensando: “É assim que vou passar minha vida em Canaã? Terei de lutar para obter cada metro de terra que me foi prometido?”.

Ele fez essas perguntas na avançada idade de 85 anos, mas, com base em Gênesis 25.7, sabemos que ele viveu até os 175. Ou seja, o homem ainda tinha mais noventa anos para viver; pelos padrões do Antigo Testamento, ele não havia chegado nem à meia-idade! Ainda tinha muita vida pela frente para criar um filho e desfrutar de paz na terra. Tinha muito tempo para desfrutar da amizade com Deus antes do final da vida, momento em que iria “em paz a seus antepassados”, como diz a expressão em hebraico.

Depois que o sol se pôs e veio a escuridão, eis que um fogareiro fumacento, com uma tocha acesa, passou por entre os pedaços dos animais. Naquele dia o SENHOR fez a seguinte aliança com Abrão: “Aos seus descendentes dei esta terra, desde o ribeiro do Egito até o grande rio, o Eufrates: a terra dos queneus, dos quenezeus, dos cadmoneus, dos hititas, dos ferezeus, dos refains, dos amorreus, dos cananeus, dos girgaseus e dos jebuseus”.

Gênesis 15.17-21

O detalhado simbolismo dessa aliança se perdeu na História, mas a arqueologia ajuda a explicar um pouco do mistério. Usualmente, essa cerimônia teria sido testemunhada pela comunidade de cada envolvido no pacto. A aliança entre as duas partes e os termos de seu acordo viveriam na lembrança coletiva dos membros das famílias e dos amigos. Quem poderia esquecer a imagem de grandes animais cortados ao meio e colocados em cada lado de um caminho? (Esse costume deu origem à expressão hebraica “cortar uma aliança”.) No antigo Oriente Médio, as pessoas que faziam um juramento deveriam invocar maldições sobre si mesmas caso quebrassem um contrato tão significativo. Seguir por esse caminho sacrificial pode ter sido uma maneira simbólica de dizer: “Que o mesmo aconteça comigo se eu deixar de cumprir minha parte do acordo”.

Em um ato de pura graça, Deus trilhou o caminho sacrificial, obrigando a si mesmo a cumprir sua aliança incondicional com Abrão. O Senhor então revelou uma descrição precisa da terra da aliança, expressa em termos que Abrão teria entendido. Tal território compartilhava sua fronteira ocidental com o Egito, perto do mar Vermelho, e sua fronteira oriental era definida pelo rio Eufrates. O território era marcado ao norte e ao sul por dez nações que desde então foram dissolvidas, mas os restos históricos de algumas dessas localidades pode fornecer pistas muito úteis. Os hititas viveram no extremo norte, junto ao mar Negro, atual Turquia; os queneus muito provavelmente vagueavam pela vastidão da península do Sinai.

A terra demarcada por Deus cobria uma área muito maior do que estamos acostumados a ver nos mapas históricos. No pico de seu poderio, sob o governo do rei Salomão, Israel nunca requereu para si mais do que 1/3 da área prometida por Deus. Mas podemos ter certeza de que o Senhor sempre cumpre suas promessas. Portanto, podemos estar certos de que Israel um dia ocupará cada metro de terra que lhe foi prometido.

Amizade com Deus

No Oriente Médio de hoje, algumas pessoas se referem a Abraão como Khalil Allah, que significa “amigo de Deus”, ou simplesmente El Khalil, “o amigo”. Ele recebeu esse nome não porque escolheu favorecer Deus (a verdade é exatamente o oposto) ou porque sua bondade moral teria conquistado o coração divino. Afinal, ele era um politeísta ignorante e supersticioso — como seus pares — quando Deus o chamou em Ur. Abraão carrega esse título honroso porque Deus lhe deu todas as bênçãos que acompanham a amizade e, pela fé, ele as recebeu.

O apóstolo Paulo escreve: “Tendo sido, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo” (Rm 5.1). Em outras palavras, o fato de Jesus Cristo, o Filho de Deus, ter satisfeito todos os pré-requisitos de moralidade em nosso favor e ter sofrido as consequências de nossa falha moral, permite que, legitimamente, chamemos Deus de nosso Amigo. Além disso, desfrutamos dos mesmos benefícios da amizade divina recebidos por Abrão. O Senhor nos concede as mesmas bênçãos de amizade. Veja como cinco delas atuam nessa história.

Primeiro, *Deus, nosso Amigo, acalma nossos temores e entende nossos questionamentos*. Essa verdade remete ao primeiro versículo dessa passagem: “Não tenha medo, Abrão! Eu sou o seu escudo; grande será a sua recompensa!” (Gn 15.1). Abrão respondeu não com um “Obrigado”, mas com duas perguntas; contudo, o Senhor nunca o repreendeu, nunca perdeu a paciência. Deus nos criou e, por isso, nos conhece melhor do que nós mesmos. Ele não é ameaçado nem fica ofendido por nossos temores ou irritado com nossas perguntas. Portanto, não tenha medo de fazer perguntas a Deus. Não guarde o medo a ponto de ficar confuso. O Senhor nos diz: “Eu sou o seu Deus”.

Segundo, *Deus, nosso Amigo, sabe quando abençoar e quando adiá-la*. O tempo das bênçãos de Deus é perfeito... para o nosso bem e para a glória dele. Somos míopes e impacientes, de modo que queremos tudo imediatamente. Odiamos o desconforto, e a espera nos deixa ansiosos. Consequentemente, começamos a pensar se Deus se esqueceu de nós ou se nos deu as costas. Em geral, é nessa ocasião que tentamos obter nossa bênção mediante recursos ilegítimos e, como resultado, cometemos pecado. Portanto, não considere a demora um cancelamento.

Sendo nosso Amigo, Deus quer nos abençoar, mas ele sabe que coisas boas oferecidas no momento errado podem causar mais dano do que benefício. Abrão esperou praticamente 25 anos pelo primeiro sinal de gravidez em sua esposa. Enquanto isso, o casal continuou a envelhecer. Ele

começou a buscar alternativas, pensando que talvez tivesse entendido Deus errado ou que Deus tivesse abandonado sua promessa. Será que Eliézer, seu mordomo, se tornaria seu herdeiro? Com o desenrolar da história, porém, veremos que o tempo de Deus é perfeito.

Quais bênçãos você está esperando receber? Estamos todos esperando por algo que somente Deus pode fazer acontecer. Deixe-me encorajar você a esperar. Expresse sua ansiedade a ele em oração — desabafe livremente: ele aguenta —, mas aguarde. Ele não cancelou o plano; está apenas escolhendo o melhor momento.

Terceiro, *Deus, nosso Amigo, quer que confiemos nele*. Amizades têm a confiança como fundamento; Deus se alegra quando acreditamos nele. Por toda a Escritura, o Senhor estende os braços para o povo, dizendo: “Crea. Confie em mim!”. Tendo tomado incontáveis decisões desprovidas de fé e sofrido as consequências de não esperar em Deus, Salomão deu este conselho paternal a seu filho:

Confie no SENHOR de todo o seu coração e não se apoie em seu próprio entendimento; reconheça o SENHOR em todos os seus caminhos, e ele endireitará as suas veredas. Não seja sábio aos seus próprios olhos; tema o SENHOR e evite o mal. Isso lhe dará saúde ao corpo e vigor aos ossos.

Provérbios 3.5-8

A questão da confiança é tão importante para Deus que, quando Abrão creu, Deus reputou sua fé como justiça.

Quarto, *Deus, nosso Amigo, quer que vivamos sem medo*. Para nos apoiar em meio a circunstâncias confusas, ele nos dá garantias, fatos que podemos saber com certeza. Essas garantias representam algo em que podemos nos apegar quando as trevas nos cercarem. Deus instruiu Abrão: “Saiba que...” (Gn 15.13).

Quando as condições parecem horríveis, quando uma situação começa a nos abater com dúvida, medo, desilusão ou depressão, Deus quer que confiemos em seu caráter imutável. Embora as circunstâncias mudem continuamente, Deus não muda. O lugar onde Deus está nunca escurece. O Senhor é luz. Nosso Deus é eterno, atemporal, santo e puro. Ele é onisciente, onipotente e onipresente. E ele é *por nós*, não *contra nós*!

Quinto, *Deus, nosso Amigo, tem planos para o nosso bem, não para a nossa destruição*. Além do mais, nosso futuro é tão claro para Deus quanto nosso passado é para nós. Ele revelou a Abrão seu futuro até o ponto de contar-lhe sobre o êxodo, sobre as pessoas que viriam para a terra e sobre como o Senhor as levaria de volta, tirando-as da escravidão.

O Senhor tem todas as bênçãos futuras planejadas para você, prontas para serem entregues quando seu espírito estiver suficientemente maduro para recebê-las — e somente quando as circunstâncias forem corretas. Você pode ter de suportar algumas dores de crescimento à medida que completa a vida que ele preparou para você. Mas não pense que é preciso suportar a espera e a ansiedade sozinho. Como um bom amigo, Deus continua interessado e disponível, pronto para ouvir você expressar seus pensamentos mais particulares e pronto para oferecer ajuda para hoje. Assim como Abrão, você pode manter a reverência pelo Todo-poderoso ao mesmo tempo que o busca como amigo.

No livro de Peggy Noonan intitulado *When Character Was King* [Quando o caráter era rei], Patti Davis, uma das filhas de Ronald Reagan, reflete sobre o relacionamento de seu pai com Deus.

Muitas coisas que ele me ensinou quando eu era criança eu não rejeitei, mas não dei muita importância a várias delas até me tornar adulta. Ele realmente tinha algo especial com Deus; ele conversava com Deus o tempo todo. Isso não significava que ele era mais especial aos olhos divinos do que acreditava ser. Todos nós somos especiais para Deus. Não é que o Senhor fala mais com uma pessoa do que com as outras, mas sim que algumas pessoas escolhem ouvi-lo. E respondem. E meu pai conversava com Deus. Foi isso o que percebi quando criança, que ele conversava com Deus o tempo todo. Ele simplesmente tinha um bate-papo com Deus.

E era desse jeito que eu conversava com Deus quando era criança. Minha ideia de oração nunca foi a de sentar, limpar a sala ou arrumar-se antes de poder conversar com Deus. Nunca. Sempre acreditei que eu podia levar todas as minhas confusões a Deus; eu sabia que podia simplesmente me soltar e conversar com ele como meu pai fazia, o tempo todo.

Quando íamos andar a cavalo no rancho de Malibu, só nós dois, eu sabia como fazê-lo falar: era só conversar sobre Deus. E conversar sobre o céu, perguntar-lhe sobre o céu — “O que você acha que Deus pensa disso?”, “Como você acha que é o céu?”. Quando ia até aquele lugar, eu sabia que teríamos essas conversas maravilhosas. [...] Às vezes, ele me dizia: “Bem, eu perguntei a Deus sobre tal e tal coisa e foi isto o que ele me respondeu”.

Meu pai me disse isto a vida inteira: “Pergunte alguma coisa a Deus e ele responderá; ele vai responder de maneira bem específica. Talvez não seja a resposta que você queira ouvir, mas Deus lhe dará uma resposta”. É por isso que meu pai sentia confiança em relação às grandes decisões de sua vida.¹

O presidente Reagan entendia bem a ideia de um intercâmbio com Deus. Você tem esse tipo de interação com o Senhor? Interrompa essa leitura sobre Deus agora, por um instante. Fique sozinho

e passe algum tempo de qualidade com seu Pai celestial, seu Salvador, seu Amigo.

CAPÍTULO 6

Correndo na frente de Deus

A VIDA É UMA confusão. Ninguém gosta disso. Damos o melhor de nós para manter a vida estável e organizada, mas, assim que colocamos tudo em ordem, acontece alguma coisa para bagunçá-la novamente. Às vezes, essas confusões são o resultado de uma situação desagradável, um cenário em que não há vitória, no qual qualquer escolha que fizermos vai criar confusão. Nesses casos, a única coisa que podemos fazer é tentar discernir qual escolha resultará na menor confusão.

Veja, por exemplo, um dilema ocupacional. Você tem um emprego numa metrópole. Seu salário é muito bom. Sua família está bem estabelecida, contente. Então, você recebe a oferta de outro cargo que lhe renderá *muito* mais dinheiro. A vaga está à sua disposição, exceto pelo fato de que... o trabalho exige que você se mude para uma cidadezinha quase inexpressiva e muito distante dos grandes centros. Agora você tem de decidir entre dois extremos: o agito e as inúmeras oportunidades da metrópole ou a calma e os poucos recursos do pequeno município interiorano. O aumento da renda compensa a dificuldade de se mudar com sua família para começar do zero em uma nova comunidade? A nova situação vai ajudar ou atrapalhar seus filhos? Você acabou de se meter em uma enrascada.

Que tal um dilema acadêmico? Você, mãe, iniciou um programa de doutorado e está animada diante da possibilidade de aprender. Mas você tem filhos pequenos que precisam de sua atenção — muita atenção. Assim, o que você faz? Vai atrás do diploma, ciente de que, se postergar, a chance de ter outra oportunidade será menor ainda? Contudo, você realmente quer passar tempo com seus filhos e estar plenamente presente durante a primeira infância deles.

Ou talvez você tenha enfrentado um dilema romântico. Você é solteiro ou solteira e é certo que sua idade só aumentará. Você namora uma pessoa que adoraria casar-se com você, mas existem algumas coisas sobre essa pessoa que levam você a fazer uma pausa. Nada sério, mas fatores suficientemente significativos tiram sua tranquilidade em relação a dar o passo do casamento. Você deve continuar, a despeito de sua apreensão? Ou você adia o noivado e se arrisca a acabar com o relacionamento?

Em algum momento, praticamente todo mundo também enfrenta dilemas financeiros. Você tem um orçamento dentro do qual precisa se manter. Ele é apertado, mas funciona. Então você encontra uma casa perfeita, ou um carro, ou um presente, mas que custa muito mais do que seu planejamento financeiro permite. Você saca suas economias? Entra em dívida para comprar o tal bem? Ou se apegua ao seu magro orçamento e continua só olhando?

Todos nós enfrentamos dilemas na vida — e, como cristãos, também enfrentamos desafios espirituais. Você continua esperando e esperando e esperando o Senhor agir? Ou você abraça o questionável ditado “Deus ajuda quem se ajuda”? “Por que não me lançar nessa e assumir eu mesmo o controle das coisas?”, você pensa. Afinal, você é razoavelmente brilhante. Tem certa experiência. Sabe como resolver essa situação. Não demora muito e você está correndo na frente de Deus, esperando que ele dê aprovação àquilo que você está fazendo ou que pelo menos o ajude a limpar qualquer bagunça imprevista que vier a encontrar.

Em um mundo perfeito, nenhuma escolha cria confusão. Nenhuma decisão tem desvantagem. Nesse mundo, nunca experimentamos dilemas porque, como já disse alguém, “é possível guardar o bolo e ao mesmo tempo comê-lo”. E ainda não faz engordar! Gostaríamos de não ter de escolher entre o menor de dois males. Mas não vivemos em um mundo perfeito. Deus continua no controle de nosso mundo, mas a vida está muito longe de ser ideal neste planeta.

O dilema de Abrão

Os heróis da Bíblia não estavam isentos de dilemas. O fato é que muitos pareciam se mover de um apuro para outro. Um dos exemplos mais famosos de Abrão e Sarai foi a difícil escolha a que foram submetidos em relação ao fato de não terem filhos. Deus prometera a Abrão que seu herdeiro se originaria em seu corpo (cf. Gn 15.4); o menino carregaria seu DNA. O Senhor até mesmo selou sua promessa com uma cerimônia solene de aliança (cf. Gn 15). Mas Abrão estava agora com idade avançada e sua esposa em breve entraria na menopausa, se é que já não havia entrado.

Nesse ponto da jornada de fé trilhada por Abrão, o casal já estava esperando por muitos anos, mas ainda não havia gravidez. O apuro se tornava cada vez mais desconcertante para Abrão, pois ele certamente já tinha descrito seus encontros divinos para outros. Muito provavelmente, a comunidade deles já sabia sobre o herdeiro prometido. Assim, com o passar de cada dia, a pergunta “Alguma notícia?” causava tensão cada vez maior.

Então, Sarai se cansou de esperar. A pressão para gerar um filho havia se tornado grande demais, por isso ela imaginou uma maneira de sair daquela situação complicada. Anos antes, como você vai se lembrar, ela e Abrão haviam fugido para o Egito numa época de fome. A fim de salvar a própria pele, Abrão afirmou que Sarai era sua irmã, e o faraó propôs casar-se com ela. Para ganhar o favor de Abrão como suposto irmão e guardião de Sarai, o rei lhe deu “ovelhas e bois, jumentos e jumentas, servos e servas, e camelos” (Gn 12.16). Entre os servos egípcios estava uma jovem chamada Hagar. Ora, muitos anos depois, Sarai disse a Abrão: “Já que o SENHOR me impediu de ter filhos, possua a minha serva; talvez eu possa formar família por meio dela” (Gn 16.2).

Preste atenção no raciocínio de Sarai. Ela não podia gerar filhos, mas Abrão ainda assim poderia ser “pai de uma nação”, independentemente de sua idade. Afinal de contas, Deus dissera “um filho gerado por você mesmo será o seu herdeiro” (Gn 15.4). Ele não havia estipulado que Sarai seria necessariamente a mãe. Talvez esperar mais tempo não fosse uma decisão sábia. Se eles esperassem até que fossem velhos demais, não teriam a energia necessária para criar o menino. Talvez Deus esperasse que eles *perseguissem* a promessa dele em vez de *esperar* que as coisas acontecessem. E se isso fosse algum tipo de teste para ver quanto eles desejavam o cumprimento da promessa divina?

Abrão estava diante de um grande dilema.

Hoje, temos o benefício de saber como a história se desdobrou e podemos apreciar plenamente o apuro de Abrão. De nossa posição confortável e vantajosa, é fácil ver o que ele deveria ter feito. Mas, antes de cantarmos de galo ou ridicularizarmos Abrão por tentar realizar a promessa divina em lugar do próprio Deus, tente se lembrar do último grande erro que você cometeu. Por que uma escolha irracional parecia tão racional naquele momento? Pense sobre algumas das confusões que você criou por ter permitido que suas emoções determinassem seu modo de pensar, ou porque deixou que seus desejos colocassem seu corpo no piloto automático.

Penso que é bom que a esposa de Abrão tenha sentido a liberdade de sugerir uma solução criativa. Isso fala muita coisa sobre a proximidade que havia no casamento deles. O pensamento dela não foi assim tão “fora da caixa”; um costume legal daquela cultura permitia que o marido de uma mulher sem filhos tomasse a serva dela como uma segunda esposa. Um estudioso da Bíblia explica isso da seguinte maneira: “A criança nascida daquela união era considerada como filha da primeira esposa. Se o marido dissesse ao filho da escrava-esposa ‘você é meu filho’, então este se tornava seu filho adotivo e herdeiro”.¹

O principal problema é que, em toda a discussão, ninguém procurou saber o que o Senhor achava. Sarai não orou. Abrão não sacrificou em um dos altares que havia construído. Como as coisas teriam sido melhores se Abrão tivesse saído na noite estrelada e dito: “Senhor, estamos ficando velhos, e a espera fica mais difícil a cada ano que passa. Nosso desejo tem se tornado quase insuportável. Pensamos em uma maneira de ter um filho. Queremos saber se tu a aprovas”.

Embora o costume da época pudesse ser aceitável em termos sociais e legais, Deus costuma repudiar as tradições sociais. Além disso, aquele não deveria ser um nascimento comum. Esse nascimento, esse herdeiro, se tornaria o primeiro passo na revelação de um plano divino maravilhoso para o mundo! Não era hora de pisar fora da linha ou fazer algo “meio” certo.

Abrão poderia ter respondido gentilmente a Sarai dizendo algo como: “Sabe, meu amor, você ganha nota dez por criatividade, mas uma nota bem baixa em teologia. Sua ideia é interessante e, embora nossa comunidade nos encoraje a ter um filho dessa maneira, sei que isso não é certo. O Senhor sabe de todas as coisas, e ele me deu você antes de me dar uma promessa”.

Tragicamente, porém, “Abrão atendeu à proposta de Sarai” (Gn 16.2). “Quando isso aconteceu, já fazia dez anos que Abrão, seu marido, vivia em Canaã. Foi nessa ocasião que Sarai, sua mulher, lhe entregou sua serva egípcia Hagar. Ele possuiu Hagar, e ela engravidou” (v. 3-4).

O registro bíblico não preserva a conversa entre Abrão e Sarai durante o jantar depois que Hagar mostrou sinais de concepção. Mas sei como a racionalização acontece. Uma das acepções de racionalizar é “justificar com falsas razões”.² Imagine o casal de idosos dizendo: “Não é maravilhoso como o Senhor abençoou nossa decisão? Ele nunca permitiria que Hagar concebesse se não tivesse

aprovado nossa escolha”. É fácil encontrar sinais da aprovação de Deus em qualquer coisa quando estamos muito dispostos a encontrá-la.

Verdade e consequências

Os resultados da decisão de Sarai e de Abrão não demoraram a aparecer. A barriga de Hagar ainda nem havia começado a crescer quando a serva começou a tratar Sarai com desprezo (cf. Gn 16.4). A palavra hebraica para desprezo significa “pequeno, insignificante, sem valor, desonroso”. As pessoas no Oriente Médio consideravam as mulheres estéreis pessoas sem valor para a sociedade. A avaliação delas era que mulheres sem filhos consumiam recursos valiosos e não contribuíam com nada para justificar sua existência. Assim, de acordo com os padrões antigos, por ser capaz de dar um filho a Abrão, Hagar era digna de pertencer a uma casta social superior à de Sarai.

Quando as consequências do pecado começam a surgir, os relacionamentos sempre sofrem. E as coisas podem ficar bem feias rapidamente! O plano de fazer Hagar conceber um filho substituto teve um efeito contrário ao desejado e, em vez de finalmente trazer alegria para o lar, causou desentendimento entre todos.

Sarai disse a Abrão: “Caia sobre você a afronta que venho sofrendo. Coloquei minha serva em seus braços e, agora que ela sabe que engravidou, despreza-me. Que o SENHOR seja o juiz entre mim e você” (Gn 16.5). (Então, *agora* Sarai apela ao Senhor!)

Abrão respondeu: “Sua serva está em suas mãos. Faça com ela o que achar melhor” (Gn 16.6). Essa foi sua maneira sutil de afirmar: “Foi você quem inventou isso tudo. Você plantou, agora colha!”.

De repente, aquele lar um dia harmonioso se transformou numa zona de combate. Indivíduos que haviam confiado em Deus e almejavam sua bênção começaram a usar o nome dele para lançar maldições uns sobre os outros. Hagar, que costumava respeitar Sarai, começou a se sentir superior e tornou-se insolente. Então, com Abrão e Sarai se estranhando, Sarai viu-se inesperadamente dispensável. Hagar não conseguiu aguentar a crescente pressão e fugiu sozinha para o deserto. A vida estava definitivamente confusa naquela casa!

Cynthia e eu temos uma amiga muito querida cuja filha se casou contra o conselho de seus pais. O novo marido tornou-se abusivo, algo que não foi nenhuma surpresa para a família dela. Ela fugiu para escapar da violência e, quando ele demonstrou sinais de melhoria, ela retornou. Por fim, o abuso recomeçou, ainda pior do que antes. Ela saiu de novo e, agora, talvez tenha de continuar se escondendo. Ao refletir sobre essa situação, fui levado a pensar: “A que ponto uma situação precisa chegar para uma mulher correr o risco de morrer no deserto em vez de permanecer debaixo de seu teto?”.

Aparentemente, ninguém notou que Hagar havia desaparecido. Ou, se alguém notou, ninguém se importou que uma jovem assustada e grávida estivesse enfrentando os perigos do deserto sozinha, sujeita a predadores e exposta a perigos. Felizmente, porém, o Senhor cuidou dela. Em muitos aspectos, Hagar tinha se tornado a vítima inocente da desobediência de Abrão e Sarai. Ela não pedira nada daquilo. Estava simplesmente fazendo seu trabalho pela casa e então, de repente, se viu usando um véu matrimonial e marchando em direção à tenda da lua de mel com um noivo de 85 anos.

O Anjo do SENHOR encontrou Hagar perto de uma fonte no deserto, no caminho de Sur, e perguntou-lhe: “Hagar, serva de Sarai, de onde você vem? Para onde vai?”. Respondeu ela: “Estou fugindo de Sarai, a minha senhora”. Disse-lhe então o Anjo do SENHOR: “Volte à sua senhora e sujeite-se a ela”. Disse mais o Anjo: “Multiplicarei tanto os seus descendentes que ninguém os poderá contar”.

Gênesis 16.7-10

O caminho de Sur era uma rota de caravanas usada por mercadores que viajavam de Canaã para o Egito. O público original dessa história teria reconhecido a região desértica como um território controlado pelos descendentes de Ismael — a criança que Hagar carregava (cf. Gn 25.18). Isso ajuda a explicar a importância da mensagem do anjo de Deus. Ao encorajar Hagar a voltar para a casa de Abrão e Sarai, o anjo deixava uma coisa implícita: “Deus vai cuidar de você e abençoá-la”. E ele transmitiu a ela uma promessa similar à feita a Abrão: “Multiplicarei tanto os seus descendentes que ninguém os poderá contar” (Gn 16.10).

O anjo então expandiu essa bênção revelando detalhes específicos, dizendo: “Você está grávida e terá um filho, e lhe dará o nome de Ismael, porque o SENHOR a ouviu em seu sofrimento. Ele será como jumento selvagem; sua mão será contra todos” (Gn 16.11-12).

A imagem de um jumento selvagem é depreciativa em nosso idioma e em nossa cultura, mas não era esse o caso no antigo Oriente Médio. A expressão jumento selvagem em hebraico (*pere*) forma um inteligente jogo de palavras com outra área associada aos ismaelitas: o deserto de Parã. Além disso, a imagem descreve a vida livre de um nômade que habita em tendas. Infelizmente, o anjo predisse um conflito eterno para o filho de Hagar. Assim, a vida de Ismael refletiria suas origens: um homem agressivo nascido em um lar hostil.

Hagar bendisse a Deus, que a havia abençoado, dizendo: “Tu és o Deus que me vê” (Gn 16.13). Para marcar seu encontro com Deus, ela deu à fonte o nome de Beer-Laai-Roi, que significa “poço daquele que vive e me vê”. Ela então voltou ao acampamento de Abrão, onde deu à luz um filho. Tendo ouvido sobre a experiência de Hagar e a promessa que Deus a ela fizera, Abrão deu ao menino o nome de Ismael, conforme fora instruído.

Tomando a dianteira

Quando Ismael chegou, Abrão estava com 86 anos. Se pularmos adiante para ler sobre o nascimento de Isaque, o verdadeiro filho da aliança de Abrão com Deus, veremos que na ocasião o patriarca somava 100 anos (cf. Gn 21.5). Abrão e Sarai tentaram apressar Deus, numa tentativa de fazer o Senhor se adequar à agenda deles, mas se passaram mais catorze longos anos até que eles recebessem sua bênção. O fato de tomarmos a dianteira não pressiona Deus a apressar sua agenda. Quando tentamos coagir o Senhor para que ele nos dê aquilo que queremos, no instante em que queremos, ele com efeito responde: “Você não está pronto. Esta bênção não é boa para você neste momento. Você tem muito que aprender... Portanto, confie em mim. E não espere que eu lhe dê alguma explicação”.

Talvez hoje você se veja na mesma situação difícil de Abrão e esteja fazendo aquele famosa oração contemporânea: “Senhor, depressa!”. Você quer respostas agora; quer a bênção dele agora. Você está convencido de que já esperou demais. Esperar é difícil, e você quer progresso, de modo que sua grande tentação quando o Senhor parece não estar fazendo nada é fazer as coisas por conta própria. Sua situação difícil já se arrastou por tempo demais, e você está cansado dela.

Se isso descreve você (e, se não descreve, em breve descreverá!), tenho uma palavra para lhe dizer: *espere*. Essa atitude tem como base quatro imperativos que você talvez possa considerar úteis.

Ande um pouco mais devagar. Quando você sentir a necessidade de apressar Deus ou de fazer alguma coisa acontecer para agilizar a agenda divina para sua vida, pise no freio. É hora de diminuir o passo, afastar-se da situação e dedicar-se a um tempo de solidão e oração — e talvez até mesmo de jejum. Peça a alguns conselheiros de confiança que se juntem a você na busca pela mente de Deus, pessoas que tenham o amor e a coragem de dizer-lhe coisas que você não gosta de ouvir. Então, tome a decisão de não apressar as coisas. É mais comum que nos arrependamos das coisas que fizemos, não das coisas que não fizemos.

Peça a Deus que lhe dê mais paciência, mais sabedoria e mais autocontrole. Sem dúvida você já orou pedindo essas coisas, mas o próprio fato de estar agitado e ansioso para ver alguma ação diz que você precisa continuar a pedir. Suas melhores decisões ocorrem quando seu espírito está calmo, quando a confiança no controle soberano de Deus ocupa o lugar da preocupação, quando você está sintonizado com a gentil orientação do Espírito Santo. Use a oração como uma oportunidade para expressar-se plenamente ao Senhor. Descreva sua preocupação, seu medo, sua frustração. Ele já sabe de tudo, é claro, mas isso é um grande promotor de seu relacionamento com ele — sem mencionar que é algo maravilhosamente terapêutico.

Imagine o pior cenário que pode acontecer se você esperar. Em vez de correr na frente, pare e pense antecipadamente: “Qual é o pior resultado possível se eu não fizer nada?”. Quando uma situação de fato exige ação, essa pergunta pode trazer à tona boas ideias. Com maior frequência, porém, a resposta é tão banal que chega a desapontar. No caso de Abrão e Sarai, o pior resultado possível por esperar pela gravidez era receber mais daquilo que eles já estavam recebendo.

Pense nos outros que serão impactados por sua decisão. Correr na frente do tempo de Deus sempre causa um dano colateral. Você se machuca, o que já é suficientemente ruim. Você também causa danos aos que estão à sua volta, inocentes. No caso de Abrão e Sarai, sua corrida à frente mudou a vida de uma jovem para sempre, e uma criança nasceu em um lar tenso e dividido.

Se, *por motivos errados*, você estiver defendendo a mudança de sua família para outro local, seu cônjuge deverá fazer grandes transformações na própria vida para apoiar você, seus filhos perderão a estabilidade da comunidade em que vivem, vocês todos serão forçados a começar de novo. Sim, as

crianças são resilientes, mas arrancá-las de um lugar e replantá-las em outro não aumenta seu desenvolvimento; trata-se de algo traumático para elas. Sim, Deus pode usar e usará a provação para o bem delas, não obstante os distúrbios, mas isso deve acontecer de acordo com o plano de Deus, não segundo seus próprios desejos.

Se você escolher casar *por motivos errados* — por exemplo, porque seu relógio biológico está muito adiantado ou porque você tomou a decisão de sentir menos solidão —, sua consequente desilusão afetará a todos em sua família. No início, tudo pode ter parecido ótimo porque seu futuro parceiro quer uma linda cerimônia de casamento, mas existem poucas coisas na vida que causam mais dano colateral do que um casamento ruim.

Pense nos outros que serão injustamente afetados por sua escolha. Faça uma lista de nomes e escreva ao lado de cada um o impacto potencial que haverá se ou quando sua decisão implodir.

V. Raymond Edman, diretor do Wheaton College por décadas, escreveu um livro pequeno mas profundo intitulado *The Disciplines of Life* [As disciplinas da vida]. Nesse livro, ele descreve o que chama de “disciplina da demora”.

Ouvimos que os desapontamentos com Deus são seus ajustes, que os atrasos de Deus não implicam sua negação; mas será que acreditamos no que ouvimos? A demora, com a destruição que ela parece provocar em toda a esperança, pode ser uma disciplina profunda para a alma que serve ao Senhor Jesus. Vivemos em um tempo revoltoso e impaciente. Temos pouco tempo para os preparativos e menos ainda para a meditação e a adoração. Sentimos que devemos ser ativos, cheios de energia, entusiasmados e humanamente eficientes; e não entendemos por que a inatividade, a fraqueza e a aparente inutilidade devem se tornar nossa sina.

A disciplina da demora está escrita em grandes letras na vida do povo de Deus, como podemos observar na longa espera de Abraão pelo filho da promessa.³

Gostamos que as coisas sejam rápidas. Quando estamos em um restaurante, não queremos esperar por uma mesa. Quando compramos alguma coisa pela internet, queremos a entrega no mesmo dia ou o *download* imediato. Gostamos da via expressa. Gostamos da ideia do trem-bala. Gostamos do lanche rápido. Não gostamos nem mesmo de perder uma vaga na porta giratória. Por quê? Porque a vida é curta e não queremos desperdiçar tempo esperando. Mas, em geral, é na espera que Deus faz sua melhor obra em nós. Naquele cadinho dos anseios frustrados, o Espírito Santo confronta nossos desejos mais obscuros, nossas paixões mais egoístas, trazendo-as para fora das trevas e, então, libertando-nos da escravidão aos ídolos ocultos.

Quando somos forçados a esperar, o Senhor nos ajuda a adquirir apetite pela bênção que virá. Enquanto isso, ele constrói nossa maturidade a fim de que, quando o cumprimento finalmente chegar, estejamos preparados para desfrutar de sua bênção plenamente. Para Abrão, a bênção era finalmente ter um filho. Para outras pessoas retratadas em relatos históricos, a bênção era se envolver em um chamado. Edman explica como a disciplina da demora preparou Hudson Taylor para a obra que definiria sua vida, a China Inland Mission [Missão no Interior da China].

Hudson Taylor conhecia o teste que tempera o aço da alma. Em casa, aposentado depois de 29 anos de serviço intenso na China, ele se estabeleceu com sua pequena família na região leste de Londres. Os interesses externos diminuíram; os amigos começaram a se esquecer; e cinco longos anos foram passados na sombria rua de uma região pobre de Londres, onde a família Taylor ficava “trancada para oração e paciência”. Sobre aquele período foi escrito: “Contudo, sem aqueles anos ocultos, com todo o seu crescimento e provação, de que maneira a visão e o entusiasmo da juventude teriam amadurecido até a liderança pretendida?”. Fé, fidelidade, devoção, sacrifício pessoal, trabalho persistente, paciência e oração perseverante se tornaram sua porção e seu poder, mas, além disso, existe “o profundo e prolongado exercício de uma alma que está seguindo logo atrás de Deus [...] o fortalecimento gradual aqui, de um homem chamado para andar pela fé e não pelo que vê; a inexprimível confiança de um coração que se apegou a Deus e a Deus somente, que o agrada como nada mais pode fazê-lo”. Com o passar dos anos de obscuridade, “a oração era a única maneira pela qual o coração sobrecarregado poderia obter algum alívio”; e, quando a disciplina se completou, ali emergiu a China Inland Mission, no início apenas uma pequena raiz, mas destinada por Deus a encher o território chinês com o fruto do evangelho.⁴

Se você está no exato ponto de tomar uma decisão que preocupa sua família e seus amigos, pare. Espere. Considere a mão soberana de Deus. Ele não precisa de sua ajuda. O céu não está esperando você agir. Deus é capaz de mover você quando ele estiver pronto.

Em toda vida
Há uma pausa que é melhor do que a pressa progressiva,
Melhor do que derrubar ou realizar algo poderoso;
É a parada diante da vontade soberana.
Existe uma pressa que é melhor do que o discurso ardente,
Melhor do que suspirar ou chorar no deserto;
É acalmar-se diante da vontade soberana;
A pausa e a pressa entoam uma canção
Em uníssono, sempre em voz baixa.
Ó alma humana, o plano de Deus
Prossegue, não precisa da ajuda do homem!

Acalme-se e verá!
Tenha calma e saberá!⁵

CAPÍTULO 7

Aprofundando nossas raízes com Deus

ESTE MUNDO MENTIU PARA nós. Para piorar as coisas, acreditamos nas mentiras que ele nos contou. Embora nossa cultura esteja inundada por falsidades — muitas das quais engendradas pelas equipes de propaganda —, uma mentira particularmente insidiosa transformou nossa vida em uma máquina de moto-perpétuo. Ela diz o seguinte: “Qualquer coisa que valha a pena pode ser adquirida imediatamente”.

Pelo fato de odiarmos esperar, transformamos a gratificação instantânea no padrão ouro de valor. Hoje em dia, julgamos o valor de algo pela rapidez com que pode produzir resultados. Velocidade e eficiência estão no topo; qualidade está por baixo. Quando fazemos uma compra, não perguntamos “Quanto tempo isso vai durar?”, mas “Em quanto tempo posso ter isso em minhas mãos?”. A todo momento, optamos por ficar com o barato e descartável em vez de escolher o excelente e durável, especialmente se isso significar que posso ter aquilo *agora*.

A mentira que diz que qualquer coisa que valha a pena pode ser adquirida imediatamente não causa problemas de longo prazo quando estamos comprando mobília — e é um problema ainda menor em se tratando do último dispositivo eletrônico. Mas isso vai matar sua vida espiritual. A profundidade da vida espiritual madura não aparece rapidamente; ela deve ser construída com o tempo. Se a ganância é o demônio do dinheiro, se o desejo é o demônio do sexo, se o orgulho é o demônio do poder, então a rapidez é o demônio da intensidade.

Um autor bastante perspicaz descreve nossa cultura desta maneira: “*Mundo* é uma atmosfera, um clima. É quase tão difícil para um pecador reconhecer as tentações do mundo quanto é para um peixe descobrir as impurezas da água”.¹

Um aspecto do *mundo* que consegui identificar como danoso para os cristãos é a pressuposição de que qualquer coisa que valha a pena pode ser adquirida imediatamente. Presumimos que, se é certo que algo pode ser feito, então pode ser feito de maneira rápida e eficiente. Nosso tempo de atenção foi condicionado por comerciais de trinta segundos. Nosso senso de realidade foi achatado por resumos de trinta páginas.

Em um mundo assim, não é difícil fazer uma pessoa se interessar pela mensagem do evangelho; é absurdamente difícil manter o interesse. Milhões de pessoas em nossa cultura decidem seguir Cristo, mas existe uma impressionante taxa de abandono. Muitos afirmam que nasceram de novo, mas a evidência de discipulado cristão maduro é insuficiente. Em nosso tipo de cultura, tudo, até mesmo notícias sobre Deus, pode ser vendido se a embalagem der a aparência de se tratar de algo novo; mas, quando a novidade passa, vai para o monte de lixo. Existe um grande mercado para a experiência religiosa em nosso mundo; existe pouco entusiasmo para a aquisição paciente de virtude, pouca inclinação para o envolvimento em aprendizagem de longo prazo daquilo que as gerações anteriores de cristãos chamavam de santidade.²

A santidade não pode ser adquirida imediatamente; a santidade exige tempo. Tempo de parar e paciência para aceitar o silêncio de Deus.

Silêncio divino

Treze anos se passaram em silêncio entre os capítulos 16 e 17 de Gênesis. Não houve visão. Não houve voz. Não houve visita. Apenas silêncio. Tente imaginar um silêncio completo da parte de Deus por treze anos. “Abrão estava com oitenta e seis anos de idade quando Hagar lhe deu Ismael. [Silêncio] Quando Abrão estava com noventa e nove anos de idade...” (Gn 16.16—17.1). A maioria dos leitores passa apressadamente por esse intervalo de silêncio para retomar a ação na história do patriarca. Não farei pressuposições nem vou começar a pregar sobre aquilo que as Escrituras não dizem; simplesmente sugiro que deveríamos passar mais tempo refletindo sobre esses longos intervalos de silêncio. Sem fazer pressuposições infundadas, podemos recorrer à nossa imaginação e a algumas indicações da narrativa para ver o que aconteceu a Abrão.

Ele não havia lidado muito bem com o período de silêncio que o Senhor anteriormente lhe dera. Depois da primeira aparição de Deus em Ur, pode-se dizer que Abrão falava regularmente com ele. Em mais de uma ocasião, o Senhor lhe apareceu com reafirmações. Perto de seu 79º aniversário, o patriarca se encontrou com Deus depois de uma vitória miraculosa no campo de batalha; mas em seguida ficou sem ouvir nada por outros seis ou sete anos. Então, quando já estava com 85, ele e Sarai decidiram colocar em prática seu próprio plano.

No momento em que essa decisão de correr na frente do plano de Deus mostrou-se assombrosamente malsucedida, Abrão chegou a um tipo de fim. Como disse alguém, “Ele finalmente chegou ao fim de si mesmo”. Ainda que seu anseio pela promessa de Deus permanecesse num lugar de destaque em sua mente, ele finalmente rendeu-se à onisciência e ao cuidado soberano do Senhor. Nesse encontro com Deus, Abrão não perguntou nada nem fez nenhuma reclamação sobre sua longa espera; ele simplesmente “prostrou-se com o rosto em terra” (Gn 17.3) diante de seu Amigo divino.

Depois de treze anos, o Senhor rompeu o silêncio apresentando-se novamente. Quando apareceu a Abrão, ele disse “Eu sou El-Shaddai” (cf. nota de Gn 17.1, NVI). *El* é a palavra semítica genérica para “deus”, usada por todo o Oriente Médio em referência a divindades de muitas religiões diferentes. *Shaddai* significa “todo-poderoso” e aparece aqui como um substantivo. Uma boa paráfrase seria “Eu sou Deus; mais especificamente, o Todo-poderoso”. É a primeira vez que a Bíblia usa esse nome para Deus. A expressão aparece com frequência depois desse ponto, especialmente no livro de Jó (31 das 49 ocorrências no Antigo Testamento), que conta a história de outro homem que suportou o silêncio do céu. Esse nome divino carrega o conceito de um Deus “predominante, sempre presente, eterno, onipotente, onisciente, fiel, bom e soberano”. A mensagem direta que Deus comunicou por meio desse nome, depois de um longo silêncio, é esta: “Embora eu às vezes fique silencioso, continuo no controle das suas circunstâncias”. O Senhor disse, com todas as letras: “Não fui embora; estive aqui o tempo todo, Abrão. Olá de novo. Sou o Todo-poderoso, caso você tenha se esquecido. Visto que faz algum tempo que não conversamos, tenho algumas coisas a lhe dizer agora mesmo”.

“Eu sou o Deus Todo-Poderoso; anda na minha presença”, disse o Senhor a Abrão (Gn 17.1, RA). O Senhor poderia ter escolhido qualquer verbo de ação: rasteje, mova-se, corra. Ele poderia ter dito: “Apreste-se; vamos recuperar o tempo perdido”. Em vez disso, ele escolheu a imagem de colocar um pé na frente do outro, de maneira repetitiva e consistente. Andar é um ato que leva alguém de um lugar para outro — lembre-se de que a história de Abrão usa o tema da jornada — e (isto é importante) é uma ação sustentável no decorrer do longo percurso. Os chamados *sprints*, aquelas corridas curtas e rápidas, cobrem pequenas distâncias e deixam você exausto. Uma maratona exige tudo o que você tem para completar a corrida e, depois, cobra dias de recuperação. Mas a pessoa comum pode andar quilômetros por dia e, na verdade, se fortalecer. (Na verdade, meu médico recomenda isso de maneira enfática!)

Perceba a ideia incomum na ordem de Deus. Normalmente, pensamos em alguém andando *com* outra pessoa. A preposição hebraica, traduzida por “na”, transmite a ideia de “por, em consideração a”. Entendemos que a caminhada não é literal; é uma analogia, referindo-se ao relacionamento de Abrão com Deus. “Caminhe em consideração a mim, fazendo as coisas certas repetidamente e de maneira consistente, dia após dia, durante a longa jornada da sua vida. Faça isso à medida que vou ditando o ritmo”.

Qualquer um que tenha prestado serviço militar conhece muito bem o termo *cadência*. Meus primeiros dias em um quartel da Marinha começavam antes do nascer do sol, com treinamento puxado e marcha. Entre os *marines*, o “todo-poderoso” é o oficial de treinamento! O lugar onde você aprende a marchar é chamado de “moedor”, uma extensa área asfaltada dedicada à instrução dos exercícios de marcha e ordem-unida. Durante horas, os recrutas aprendem a reconhecer a voz de seu mestre e praticam como caminhar no passo. Uma única voz mantém dezenas de indivíduos numa companhia caminhando juntos na mesma direção. Sem a cadência, o que reina é o caos.

O moedor normalmente tem mais de uma companhia de recrutas marchando ao mesmo tempo. Cada companhia deve aprender a ouvir a voz singular de seu instrutor de exercícios. E, confie em mim: não demora muito até que você esteja sintonizado com aquele inimitável latido do instrutor. Em apenas algumas semanas, você é capaz de detectar a voz dele em qualquer multidão, a qualquer hora.

Em certo sentido, El-Shaddai ordenou a Abrão: “Caminhe comigo do jeito que eu ditar a cadência”.

Esse primeiro mandamento levou a outro: “seja íntegro” (Gn 17.1). O termo íntegro significa “completo, pleno, sadio, intacto”. Não é sem pecado — ninguém pode alcançar isso. A ordem significa permanecer moralmente firme, mesmo depois de cometer erros. A conjunção *e* implica que ser íntegro resulta da caminhada diante de Deus; uma é consequência da outra. Parafraseando, “Mantenha seus olhos fixos em mim, tendo os ouvidos sintonizados em minha voz e a mente alerta para minha orientação. Durante esse processo, Abrão, você descobrirá que deixou para trás a superficialidade rasa do mundo ao seu redor”.

Ao mesmo tempo que o Senhor ansiava que Abrão caminhasse com ele e fosse íntegro, deve ficar claro que Deus não estava pedindo que ele fizesse qualquer coisa nova ou diferente. Creio que, no decorrer dos treze anos anteriores, Abrão havia desenvolvido o hábito de caminhar com Deus, tornando-se cada vez mais “completo, pleno, sadio, intacto”. O Senhor apoiou sua caminhada fiel e o encorajou a continuar. Nos longos anos de silêncio, Abrão tornou-se um homem de fé profunda.

Em seu livro *Celebração da disciplina*, Richard Foster escreve: “A superficialidade é a maldição de nosso tempo. A doutrina da satisfação instantânea é, antes de tudo, um problema espiritual. A necessidade urgente hoje não é de um número maior de pessoas inteligentes, ou dotadas, mas de pessoas profundas”.³ Desafio você a estar atento a pessoas profundas. Procure com cuidado. Você não as encontrará aos montes. Nossas escolas despejam uma enorme quantidade de pessoas formadas. As principais empresas encontram as pessoas mais inteligentes. Pessoas dotadas viajam aos bandos para os grandes centros comerciais em Nova York, Londres, Paris, Berlim. Mas pessoas de profundidade são raras. Não há muita gente com a intenção ou a paciência de cultivar raízes espirituais profundas.

Caminhando com Deus

Cerca de 25 anos haviam se passado desde a primeira vez que o Senhor falara com Abrão em Ur. Desde então, as raízes espirituais desse homem haviam penetrado fundo no solo da fé em seu Deus. Depois de longa espera, ele confiou na promessa do Senhor e descansou em sua vontade soberana. Ele agora era capaz de receber as bênçãos da aliança.

O Senhor anunciou: “Estabelecerei a minha aliança entre mim e você” (Gn 17.2). O acordo, é claro, não era novo; Deus já havia “cortado” sua aliança anteriormente (cf. Gn 12.1-3; 15.18-21). Ele simplesmente confirmou a aliança como um prenúncio de que havia chegado o tempo para o cumprimento da primeira parte. Para que Abrão se tornasse pai de uma multidão de nações, ele precisaria ser pai de um filho com Sarai. Para marcar esse momento, Deus deu a Abrão um novo nome. Seu nome de nascimento, “pai exaltado”, honrava o deus-lua, adorado por seu pai. Seu novo nome, Abraão, significa “pai de uma multidão”. Quando as pessoas perguntassem sobre a importância de seu nome, ele poderia explicar: “Recebi esse nome porque El-Shaddai fez uma aliança comigo. Meus descendentes, tão incontáveis quanto as estrelas, vão se tornar uma nação, e eles herdarão a terra na qual você está agora”.

O Senhor então revelou mais detalhes ligados a seu plano para redimir o mundo por meio da nação de Israel. Suas previsões assumiram a forma de várias promessas incondicionais. Por cinco vezes, o Senhor fez declarações envolvendo o futuro (cf. Gn 17.5-8).

- “Eu o tornarei extremamente prolífero.”
- “De você farei nações e de você procederão reis.”
- “Estabelecerei a minha aliança como aliança eterna entre mim e você e os seus futuros descendentes.”
- “Toda a terra de Canaã, onde agora você é estrangeiro, darei como propriedade perpétua a você e a seus descendentes.”
- “Serei o Deus deles.”

Assim, Deus essencialmente disse: “Estas são as coisas com as quais você pode contar. Eu farei tudo isso. Elas são responsabilidade minha. E, Abraão, lembre-se de que é El-Shaddai quem está falando com você. Providenciarei tudo para que essas coisas aconteçam. Nunca duvide, mesmo quando você não ouvir nada de mim, ou quando a vida parecer estagnada. Nunca me esquecerei de cumprir aquilo que prometi”.

Em Gênesis 17.9, a expressão “de sua parte” sinaliza uma transição no discurso. O Senhor agora muda o assunto, tirando o foco de si para se concentrar em Abraão. Deus havia delineado sua parte na aliança e dera a Abraão o sinal de confirmação na forma de um novo nome. Agora, ele dava a Abraão um papel a desempenhar. Abraão deveria guardar a aliança e ensinar seus descendentes a fazerem o mesmo. A palavra hebraica traduzida por “guardar” significa “vigiar, preservar, encarregar-se de”. É o mesmo termo que Deus usou ao dar a Adão a responsabilidade de cuidar do jardim do Éden (cf. Gn 2.15).

A aliança era incondicional, portanto Abraão não precisava fazer nada para receber as bênçãos. O Senhor queria que Abraão guardasse a aliança caminhando com o próprio Deus, trazendo-lhe honra por meio de um comportamento impecável e tratando a aliança com dignidade, para que todas as

nações se inspirassem a adorar o único e verdadeiro Criador. Como sinal dessa aliança, Deus pretendia que cada homem, a começar por Abraão, carregasse um lembrete bastante pessoal. No oitavo dia de vida de um menino, seu pai deveria circuncidá-lo. Com isso, cada menino hebreu se tornaria um filho da aliança.

Deus não deu uma instrução como “raspar a cabeça” ou “fazer uma tatuagem” ou “cortar o dedo mínimo”. Não deu o sinal como uma declaração pública; serviria como um símbolo pessoal da participação do homem em uma aliança que este não merecia nem optara por receber. Era dada a ele em virtude de ter nascido como descendente de Abraão. O ato simbólico da circuncisão não garantia salvação ao menino; simplesmente o fazia lembrar que Deus dá graça a quem não é merecedor e que, tal como ocorria com o pai Abraão, era necessário recebê-la pela fé. Assim, desde os dias antigos de Abraão até agora, a circuncisão tem permanecido como a marca da aliança carregada por todo macho hebreu obediente.

Na época de Jesus, cerca de dois mil anos depois, muitos teólogos judeus acreditavam que a circuncisão fazia um menino tornar-se automaticamente justo aos olhos de Deus. O apóstolo Paulo esclareceu a questão: a circuncisão física é apenas um símbolo do desejo de um homem de manter a aliança. Ou pelo menos *deveria* ser. A circuncisão não pode substituir um relacionamento pessoal com Deus, assim como uma aliança de casamento não pode substituir o casamento em si. Em nossa cultura, uma pessoa usa um anel no dedo anelar da mão esquerda como sinal de estar fielmente casada com alguém. Se você é um cônjuge enganador, seu anel é uma mentira. Do mesmo modo, Paulo escreve que “judeu é quem o é interiormente, e circuncisão é a operada no coração, pelo Espírito” (Rm 2.29). Os autores judeus chamavam essa devoção interna a Deus de “circuncisão do coração” (cf. Dt 10.16; 30.6).

Depois de ter abordado seu próprio papel e a responsabilidade de Abraão na aliança, o Senhor voltou-se para o papel de Sarai na questão. Assim como seu marido, Sarai receberia um novo nome: Sara, que significa “princesa”, um nome adequado para uma mulher cujos descendentes governariam como reis. Esse anúncio levou a outro: “Eu a abençoarei e também por meio dela darei a você um filho. Sim, eu a abençoarei e dela procederão nações e reis de povos” (Gn 17.16).

A ideia de Sara engravidar aos 90 anos pegou Abraão de surpresa. Depois de um breve momento, ele caiu em si e viu que Deus estava falando sério. Um pai centenário seria incomum, mas não impossível sob o ponto de vista médico. Mas Sara ter um bebê aos 90 anos exigiria um milagre. Como resposta, Abraão prostrou-se com o rosto em terra e riu (cf. Gn 17.17).

Durante os treze anos de silêncio, Abraão aprendeu a confiar em Deus de maneira absoluta. Ele sabia que o Senhor o abençoaria com incontáveis descendentes, mas o mais provável é que, naquele ponto, ele tivesse presumido que isso se daria por meio da descendência de Ismael. Para esclarecer a questão com Deus, ele coloca a ideia diante do Senhor na forma de pedido de uma bênção sobre seu filho. Eu faria a seguinte paráfrase do comentário de Abraão: “Que Ismael possa ‘andar segundo a tua vontade’ como ordenaste a mim, e que ele ‘seja íntegro’ e, portanto, desfrute das bênçãos da aliança” (cf. Gn 17.18).

A resposta de Deus foi enfática: “Na verdade Sara, sua mulher, lhe dará um filho, e você lhe chamará Isaque. Com ele estaberecerei a minha aliança, que será aliança eterna para os seus futuros descendentes” (Gn 17.19).

Embora Ismael não viesse a se tornar o portador da bênção da aliança de Deus ao mundo, ele não seria esquecido. “E no caso de Ismael, levarei em conta o seu pedido. Também o abençoarei; eu o farei prolífero e multiplicarei muito a sua descendência. Ele será pai de doze príncipes e dele farei um grande povo” (Gn 17.20).

O Senhor ordenou que Abraão desse a seu filho o nome de Isaque, que significa “ele ri”. Assim, toda vez que Abraão contasse a história por trás do nome de Isaque, teria de admitir sua descrença. Naturalmente, ele também admitiria rir de alegria irrestrita diante do nascimento miraculoso de seu tão esperado herdeiro. Cerca de doze meses depois, Abraão e Sarai — agora com novos nomes, Abraão e Sara — deram as boas-vindas a “riso” em seu lar.

Crescendo em profundidade

Essa história de Abraão, preservada por Deus para nossa instrução, é um chamado urgente para diminuirmos o ritmo, fazermos um inventário do que é importante, conectarmo-nos com o único Criador verdadeiro e, então, determinar como devemos viver agora. Aprenda isso de um cara que está na vida há mais de 75 anos (ou, melhor ainda, aprenda com Abraão, que viveu 175!): você não vai se arrepender por diminuir o passo. De fato, diminuir o ritmo ajudará você a evitar uma vida

inteira pontilhada pelo lixo dos arrependimentos. Fique sozinho. Encontre uma maneira de cortar o ruído. *Crie* espaço para a meditação. O mundo mentiu para você. Você não consegue extrair mais coisas da vida indo mais rápido, fazendo mais. Pelo contrário, é ao diminuir o ritmo e aprofundar-se que você começa a receber tudo o que o Senhor tem lhe reservado.

Se você firmar o compromisso — e, não se engane, essa é uma escolha que exige sacrifício —, então logo receberá pelo menos três benefícios.

Seu discernimento crescerá. Discernimento é a “capacidade de compreender situações, de separar o certo do errado; capacidade de avaliar as coisas com bom senso e clareza”.⁴ Quando a vida é um borrão, perdemos todos os detalhes que a fazem valer a pena. Sem discernimento, vemos sem observar, ouvimos sem escutar e a vida se torna uma série de experiências sem significado. Caminhamos por cenas aleatórias que não contam história alguma. Sem discernimento, somos, nas palavras de William Irwin Thompson,

como moscas que se arrastam pelo teto da Capela Sistina: não conseguimos enxergar quais anjos e deuses estão por baixo do limiar de nossas percepções. Não vivemos na realidade; vivemos em nossos paradigmas, nossas percepções habituais, nossas ilusões; chamamos de realidade as ilusões que compartilhamos por meio da cultura, mas a verdadeira realidade histórica de nossa condição nos é invisível.⁵

Aprofunde seu relacionamento com Deus e você começará a discernir pessoas e, portanto, a desfrutar de profundidade em seus relacionamentos como nunca. Você entenderá a si mesmo, incluindo as próprias motivações e falhas, e, à medida que permitir que o Senhor trate delas, viverá de maneira mais sensata — experimentará mais alegria e menos drama. Você entenderá várias coisas que, neste momento, lhe são misteriosas.

Sua ansiedade diminuirá. Serei objetivo: quando diminuir o ritmo e se aprofundar, você experimentará menos preocupação. Não porque seus problemas vão desaparecer. E não simplesmente porque escolheu envolver-se em menos atividades. Aprofundar-se em seu relacionamento com o Senhor permite que você se importe muito menos com o que as outras pessoas pensam, o que é uma fonte comum de ansiedade. Você aprenderá a se importar com os outros sem permitir que a opinião deles lhe traga estresse.

O mais importante é que você experimentará menos ansiedade porque terá um Advogado divino cuidando de seus interesses. Impossibilidades se reduzirão a nada diante do seu Amigo todopoderoso. Quando nos aprofundamos nele, aprendemos a pensar como ele pensa e a fazer escolhas que ele tem prazer em apoiar. Largamos aquelas coisas que segurávamos tão apertado e que são temporais e passageiras, abraçando apenas aquilo que traz alegria verdadeira; aprendemos a não ter tanto apego às coisas.

Quando se está sintonizado com a orientação de Deus, a ansiedade desaparece mais rapidamente do que o nevoeiro matinal.

Você evitará tragédias desnecessárias. Ao diminuir o ritmo, ao seguir pela vida passo após passo, ao caminhar deliberadamente pela jornada, em sintonia com o Senhor, você não provocará consequências que lhe tragam vergonha ou que o dominem com arrependimento destruidor. Quase nunca falha: quando corro na frente, arrependo-me mais tarde. Mesmo quando o caminho é claro, ao correr na frente acabo deixando passar detalhes. Desprezo nuances importantes que teriam tornado minhas decisões ainda mais eficazes.

O falecido Billy Rose, colunista de outras épocas, escreveu uma breve história que, para mim, resume esse ponto muito bem. Essa narrativa me ajudou a mudar a maneira como eu via o tempo, as circunstâncias, o mundo e o meu lugar nele.

Havia certa vez um rapaz que, com seu pai, cultivava um pequeno pedaço de terra. Várias vezes por ano, eles carregavam seu velho carro de bois com legumes e verduras e iam para a cidade mais próxima para vender sua produção. Com exceção do sobrenome e daquele pequeno lote de terra, pai e filho tinham pouca coisa em comum. O velho acreditava em ir com calma. O rapaz normalmente se apressava... era do tipo que corria atrás.

Numa manhã clara, bem cedo, eles amarraram o boi na carroça e iniciaram a longa jornada. O filho imaginava que, se andassem mais rápido, prosseguissem pelo dia inteiro e por toda a noite, chegariam ao mercado no início da manhã seguinte. Assim, ele ficava cutucando o boi com uma vara, insistindo para que o animal se apressasse.

— Vá com calma, filho — disse o velho. — Isso o fará viver mais.

— Mas, se chegarmos ao mercado antes dos outros, teremos mais chances de conseguir preços melhores — argumentou o filho.

Nenhuma resposta. O pai simplesmente colocou o chapéu por cima dos olhos e adormeceu no assento. Sentindo comichão e irritado, o jovem continuava a instigar o boi para que andasse mais rápido. O rapaz recusava-se a mudar seu ritmo teimoso.

Quatro horas e quatro quilômetros depois, eles chegaram a uma pequena casa. O pai acordou, sorriu e disse:

— Aqui é a casa do seu tio. Vamos parar e dizer um oi.

— Mas já perdemos uma hora — reclamou o sabe-tudo.

— Então alguns minutos a mais não farão diferença. Meu irmão e eu vivíamos bem próximos, mas agora só nos vemos muito de vez em quando.

O rapaz se aborreceu e espumou enquanto os dois homens riram e conversaram por quase uma hora. De volta à estrada, era a vez do pai de conduzir o boi. Ao se aproximarem de uma bifurcação, o pai deixou que o boi seguisse pela direita.

— A esquerda é o caminho mais curto — disse o filho.

— Eu sei — respondeu o pai — mas este caminho é muito mais bonito.

— O senhor não tem respeito pelo tempo? — perguntou o jovem, com impaciência.

— Oh, eu o respeito muito! É por isso que gosto de usá-lo para olhar o belo e desfrutar cada momento ao máximo.

O caminho sinuoso seguia por campinas graciosas e flores silvestres e acompanhava um riacho borbulhante — tudo perdido pelo jovem enquanto ele fervia por dentro, preocupado e agitado com tanta ansiedade. Ele nem sequer notou quão belo fora o pôr do sol naquele dia.

O crepúsculo chegou quando eles estavam no que parecia um enorme e colorido jardim. O pai respirava e sentia o aroma do ar, ouvia o riacho borbulhando e, então, fez o boi parar.

— Vamos dormir aqui — suspirou ele.

— Esta é a última viagem que faço com você — repreendeu o filho. — Você está mais interessado em assistir ao pôr do sol e a cheirar flores do que em ganhar dinheiro!

— Ora, há tempos não ouço nada tão agradável vindo de você — sorriu o pai. Alguns minutos depois, ele estava roncando, enquanto seu filho observava as estrelas. A noite se arrastou lentamente, e o filho estava irrequieto.

Antes do amanhecer, o jovem apressadamente chacoalhou seu pai para que acordasse. Eles arrumaram a carroça e prosseguiram. Cerca de um quilômetro à frente, toparam com outro fazendeiro — um total estranho —, tentava tirar sua carroça de uma vala.

— Vamos dar uma mão a ele — sussurrou o velho.

— E perder mais tempo? — explodiu o filho.

— Relaxe, filho... Você mesmo pode cair em uma vala um dia. Precisamos ajudar quem está necessitado; não se esqueça disso.

O rapaz desviou o olhar para longe, com raiva.

Eram quase 8 horas da manhã quando a outra carroça voltou à estrada. De repente, um grande brilho cruzou o céu. Logo em seguida, ouviram o que parecia ser um trovão. Além das colinas, o céu estava escuro.

— Parece que está chovendo forte na cidade — disse o pai.

— Se tivéssemos nos apressado, já teríamos vendido quase tudo a esta hora — resmungou seu filho.

— Fique calmo... Isso o fará viver mais. E você vai desfrutar muito mais da vida — aconselhou o velho e bondoso senhor.

Já era final da tarde quando chegaram à colina da qual se via a cidade. Eles pararam. Olharam para baixo, na direção da cidade, por muito e muito tempo. Nenhum dos dois disse uma palavra. Finalmente, o rapaz colocou a mão no ombro de seu pai e disse:

— Agora entendo o que você quer dizer, pai.

Eles viraram sua carroça e começaram a se afastar lentamente daquilo que um dia fora a cidade de Hiroshima.⁶

Diminua o ritmo. Aprenda a esperar em Deus. Dedique-se deliberadamente a caminhar *com* ele em vez de tomar decisões e, então, esperar que ele ratifique as escolhas que você fez. Deixe que ele seja seu advogado. Permita que ele remova sua ansiedade à medida que você confia nele em todas as coisas. Entregue a ele o controle sobre todos os assuntos; afinal de contas, você tem de fato pouco controle sobre eles.

Vá mais devagar. Aprofunde-se.

CAPÍTULO 8

Um daqueles dias de altos e baixos

TODOS NÓS JÁ EXPERIMENTAMOS dias memoráveis e significativos que nos deixaram doces lembranças. Alguns deles são planejados, como um casamento, o primeiro dia de férias, um nascimento, uma comemoração de aniversário, ou ainda uma reunião com a família ou os amigos. Outros chegam como algo totalmente novo, trazendo prazeres completamente inesperados que nenhum planejamento poderia ter tornado possível. Chamo esses dias de “Dias de Salmos 16.11”: “Tu me farás conhecer a vereda da vida, a alegria plena da tua presença, eterno prazer à tua direita”.

Essas ocasiões são ótimas — os “dias para cima”. Quem não gostaria de ter mais deles?

Contudo, é claro, todos nós já tivemos dias ruins e tristes. Sabemos que eles acontecem com todo mundo, mas esperamos desesperadamente evitá-los. Eles roubam nossa alegria e nos deixam desiludidos. Eles infiltram no cérebro lembranças indesejadas, das quais não conseguimos nos desfazer. Deixam em seu rastro feridas que nunca se curam de fato. Chamo esses dias de “Dias de Jó 14.1”: “O homem nascido de mulher vive pouco tempo e passa por muitas dificuldades”.

Os dias mais estranhos são aqueles que nos colocam lá em cima e em seguida nos derrubam, tudo num intervalo de doze horas. Eu os chamo de “Dias de altos e baixos”. Estonteantes e surreais como são, podemos confundi-los com um sonho, exceto pelo fato de que deixam em seu rastro consequências que não podemos negar nem ignorar — por mais que queiramos fazê-lo. Ninguém está imune; todo mundo experimentará esses dias de altos e baixos em algum momento. Mesmo aquelas pessoas que caminham mais perto de Deus.

Charles Haddon Spurgeon, uma das grandes vozes cristãs da era vitoriana, descreveu esses dias em sua maravilhosa obra *Lectures to My Students* [Lições aos meus alunos]. Em um capítulo intitulado “Os desanimadores ataques do ministro”, ele escreve: “Excessos de alegria ou de entusiasmo são compensados com depressões subseqüentes”. Pouco antes dessa afirmação, o autor relata:

Os períodos mais favoráveis a ataques de depressão, até onde experimentei, podem ser apresentados em um catálogo breve. O primeiro entre aqueles que devo mencionar é *a hora de grande sucesso*. Quando finalmente um imenso desejo é realizado, quando Deus foi glorificado enormemente por meio de nós, e quando um grande triunfo foi alcançado, então estamos aptos a desabar.

Essa foi minha experiência assim que me tornei pastor em Londres. Meu sucesso me chocou; e a ideia da carreira que ele parecia abrir, em vez de me exaltar, lançou-me em enorme profundidade, de onde lancei meu *miserere* e não encontrei lugar para um *gloria in excelsis*. Quem era eu para continuar a liderar tão grande multidão?¹

Dias de altos e baixos. Ninguém está imune. Nem os pregadores. Nem mesmo os pais. Imagine que vocês são os pais que recebem esta carta de sua filha que está fora de casa, na faculdade.

Queridos mamãe e papai,

Achei que deveria escrever uma carta para que vocês ficassem sabendo dos meus planos. Apaixonei-me por um cara chamado Jim. Ele largou o ensino médio depois do segundo ano para se casar. Cerca de um ano atrás, ele se divorciou.

Estamos juntos há dois meses e planejamos nos casar no outono. Até lá, decidi me mudar para o apartamento dele (acho que estou grávida).

De qualquer modo, larguei a escola na semana passada, embora deseje terminar a faculdade em algum momento no futuro.

Na página seguinte, ela continua.

Mamãe e papai, só quero que vocês saibam que tudo o que escrevi até aqui é falso. NADA disso é verdade. Mas É VERDADE que tirei um C- em francês e fui reprovada em matemática. E É VERDADE que vou precisar de um pouco mais de dinheiro para pagar a mensalidade.

Seja qual for o tipo de dia que você estiver enfrentando, às vezes é muito bom colocar as coisas na perspectiva correta.

Levantando Abraão

O capítulo 18 de Gênesis descreve um dos mais intensos dias de altos e baixos já experimentados. E ele aconteceu, é claro, na vida de Abraão.

Alguns dias antes — ou talvez algumas semanas, no máximo — o Senhor havia aparecido a Abraão para finalmente anunciar o cumprimento de sua promessa. Sara daria à luz um filho. Junto com uma

série de promessas relacionadas a seus descendentes, o patriarca em espera havia recebido um novo nome, assim como a parceira que o acompanhava por toda a vida. No início, ele riu diante da ideia de sua esposa de 90 anos ficar com a barriga saliente e, depois, cuidar de um bebê. Quando retornou para sua tenda naquela noite, falou pouco — se é que falou — sobre seu encontro mais recente com Deus. Se a promessa fosse verdadeira, ela descobriria por si mesma em pouco tempo.

Abraão montou acampamento perto de Hebrom, na terra de Manre, seu amigo de longa data. Anos antes, ele havia construído um altar ali (cf. Gn 13.18), e foi naquele lugar que soube do sequestro de Ló (cf. Gn 14.12-13). O vale do Jordão, então uma vasta e bem irrigada pastagem ocupada por Sodoma e Gomorra, ficava a um dia de viagem das montanhas a leste. Enquanto Abraão estava sentado à sombra de sua tenda, três homens apareceram. Ou melhor, parecia que eles haviam surgido do nada.

Abraão respondeu saindo imediatamente para saudá-los, curvando-se até o chão. Ao mesmo tempo que fazer uma reverência ou curvar-se perante uma pessoa era — e ainda é — o equivalente antigo de um aperto de mão ocidental, tal ação indicou que ele reconheceu algo especial naqueles visitantes. Ele “curvou-se até o chão” (Gn 18.2), uma rara mostra de honra, poucas vezes concedida a estranhos. Ele dirigiu-se ao líder óbvio como “meu senhor”, com o mesmo respeito que teríamos por alguém muito importante. Abraão então ofereceu hospitalidade aos homens, dizendo:

Meu senhor, se mereço o seu favor, não passe pelo seu servo sem fazer uma parada. Mandarei buscar um pouco d'água para que lavem os pés e descansem debaixo desta árvore. Vou trazer-lhes também o que comer, para que recuperem as forças e prossigam pelo caminho, agora que já chegaram até este seu servo.

Gênesis 18.3-5

As pessoas do antigo Oriente Médio estendiam hospitalidade a estranhos tanto como uma tarefa sagrada quanto como uma honra pessoal. Na prática, Abraão estava dizendo: “Por favor, deem-me a honra de permitir que vocês se sintam confortáveis”. Assim que os visitantes aceitaram a oferta, ele e Sara saíram imediatamente para cuidar do preparo de uma refeição generosa: um novilho escolhido de seu rebanho e servido com leite e coalhada. Sara usou “três medidas” de farinha (um pouco menos de 20 litros) para fazer pão — o suficiente para alimentar o acampamento inteiro ou para que os homens partissem bem supridos.

Enquanto comiam, aqueles homens perguntaram a Abraão: “Onde está Sara, sua mulher?”.

Isso deve ter feito Abraão cair de costas. Primeiramente, como é que aqueles estranhos sabiam o nome de sua esposa? É possível que eles tivessem ouvido sobre o famoso resgatador de Sodoma e Gomorra, o lendário líder do esquadrão de resgate que humilhara o temido Quedorlaomer. E é possível que, nas histórias sobre Abraão, os vizinhos também tenham mencionado sua esposa. Mas os estranhos a chamaram de Sara, não de Sarai. Somente Deus e Abraão sabiam sobre a mudança de nome.

Talvez com um arrepio correndo por sua espinha, Abraão respondeu simplesmente: “Ali na tenda”. É interessante perceber que ele não disse mais nada. As pessoas que se aprofundaram espiritualmente sabem quando parar de falar e quando ouvir. Elas também aprenderam como reconhecer momentos marcantes e transformadores de vida quando eles acontecem, e não apenas quando as repercussões começam a surgir. Naquele instante, Abraão teve a certeza de que aqueles homens não eram viajantes comuns; os homens que comiam em seu acampamento deveriam ser mensageiros de Deus, embora o conceito de anjos ainda não tivesse entrado em sua mente.

Graças à arte renascentista e à cultura popular, fomos treinados a imaginar anjos como homens e mulheres de rosto pálido em vestes brancas, com halo e enormes asas. Às vezes, eles tocam harpas enquanto estão sentados em nuvens. Mas a Bíblia os apresenta como emissários misteriosos do reino espiritual, criados por Deus (não são entes queridos que faleceram e ganharam asas) para levar a cabo as instruções divinas — em geral, transmitir uma mensagem. A palavra hebraica é *malach*, que significa “mensageiro, enviado”. Embora os anjos sejam seres espirituais, tal como seu Criador, eles podem assumir forma física. No caso aqui descrito, aparecem como humanos. Não eram meras aparições — eles podiam ser tocados, conversavam, comiam e bebiam.

Abraão não sabia nada sobre anjos. Ele nunca os encontrara antes, embora Hagar tivesse visto um (cf. Gn 16.7). Ele só sabia que aqueles mensageiros representavam os interesses de Deus e tinham conhecimento divino.

Um dos homens disse: “Voltarei a você na primavera, e Sara, sua mulher, terá um filho” (Gn 18.10). As palavras dele lembraram aquelas faladas por Deus anteriormente: “Mas a minha aliança, eu a estabelecerei com Isaque, filho que Sara lhe dará no ano que vem, por esta época” (Gn 17.21).

Todavia, dessa vez Abraão não riu. Sara, porém, escutando por trás da aba da tenda, não conseguiu segurar uma risada.

Ela sabia sobre a aliança de Deus com Abraão. Seu marido sem dúvida lhe contara tudo quando eles se mudaram de Ur, e teria falado sobre seus muitos encontros com Deus no decorrer dos últimos anos. Ela até mesmo havia tentado avançar o plano de Deus com sua sugestão para que Abraão gerasse um herdeiro por intermédio de Hagar. Agora, contudo, pela primeira vez ela ouvia o plano de Deus com seus próprios ouvidos. E ela “riu consigo mesma”, pensando: “Depois de já estar velha e meu senhor já idoso, ainda terei esse prazer?” (Gn 18.12).

Colocando nos termos de hoje, ela pensou: “Não sou mais nenhuma gatinha; estou mais para uma tigresa de bengala. E ele não é mais um garanhão italiano. Tudo dói... E o que não dói não funciona mais!”.

Os hebreus usavam a palavra traduzida por “velha” para descrever roupas que estavam surradas. O deserto pode ser implacável com as roupas. Pense em um traje áspero e empoeirado, com cores desbotadas pelo sol, manchas onde o tecido se desgastou, buracos que foram remendados e bordas que agora estão esfiapadas. As pessoas não fazem roupas novas a partir de panos carcomidos; elas os usam como trapos para limpeza. Era assim que Sara via a si mesma. Velha demais, esfarrapada demais para ser digna de ter “esse prazer”. A vibrante palavra hebraica traduzida por “prazer” descreve algo que é um luxo raro e exclusivo, indisponível para a maioria das pessoas.

Aos 90 anos, Sara via a ideia de engravidar como algo impensável. Os prazeres da maternidade simplesmente não estão ao alcance de uma mulher dessa idade. É verdade que esses 90 anos representavam 3/4 de sua longa vida — ela viveu até os 127 —, mas seu corpo não estaria preparado para enjoos matinais, fadiga, tornozelos inchados e estrias. Sem mencionar que tudo isso culminaria na dolorosa maratona que chamamos de parto.

Por toda a história, o narrador revela de maneira sutil e gradual as pistas sobre os três visitantes de Abraão. Num primeiro momento, eles aparentam ser viajantes quaisquer que apareceram por acaso no acampamento (cf. Gn 18.2). O esforço extra de Abraão para oferecer-lhes hospitalidade sugere que ele reconheceu algo especial neles, mas não vemos nada significativo até o momento em que a refeição foi servida. Quando eles demonstraram conhecimento íntimo compartilhado apenas entre Abraão e Deus, ficamos sabendo que eram enviados do céu, mais do que simples humanos.

Depois de Sara ter rido *consigo mesma* e ter expressado uma *dúvida interior*, um dos homens falou. Nas palavras do narrador, “O SENHOR disse a Abraão...” (Gn 18.13). Agora sabemos que um daqueles homens era ninguém menos que o próprio Deus, aparecendo em forma humana. A maioria dos teólogos cristãos evangélicos considera isso uma aparição do Filho de Deus antes de seu nascimento na terra como o homem Jesus. O Antigo Testamento não diz isso diretamente, mas as indicações se somam. O Senhor (não os anjos) disse: “Por que Sara riu e disse: ‘Poderei realmente dar à luz, agora que sou idosa?’. Existe alguma coisa impossível para o SENHOR? Na primavera voltarei a você, e Sara terá um filho” (v. 13-14).

A propósito, no Novo Testamento, um mensageiro celestial apareceu a uma jovem solteira e virgem em Nazaré para anunciar que ela teria um filho que seria o Messias prometido. Ela disse: “Como acontecerá isso, se sou virgem?” (Lc 1.34). Depois de explicar que ela conceberia miraculosamente pelo poder do Espírito Santo, ele lhe deu um sinal para incentivá-la a crer: “Também Isabel, sua parenta, terá um filho na velhice; aquela que diziam ser estéril já está em seu sexto mês de gestação. Pois *nada é impossível para Deus*” (v. 36-37).

Sara não compreendeu o que havia acabado de acontecer. Diferentemente de seu esposo, ela não tivera encontros pessoais com Deus. Abraão reconheceu os homens como mensageiros divinos que dispunham de habilidades e conhecimento sobrenaturais. Diante disso, Sara negou que tivesse rido. Negou as dúvidas interiores que tinha. Mas o mensageiro — o Senhor — sabia a verdade. Contudo, ele não ficou por ali para discutir a questão. Havia um ponto mais sério a ser tratado.

A derrubada de Sodoma

Os homens partiram rumo ao oriente. Viajariam de Hebron por cerca de 30 quilômetros pelas colinas até o exuberante vale do rio Jordão, onde ficavam as cidades gêmeas de Sodoma e Gomorra. Num ato de cortesia, Abraão seguiu junto com eles por uma parte do caminho.

Ao contar essa história, o narrador usa um artifício literário chamado de solilóquio. Atores conhecem esse termo muito bem. É o momento em que um personagem no palco compartilha com a audiência seus pensamentos ou motivações internas. Às vezes um personagem se destaca em meio à multidão e se põe a expressar seu diálogo interior em voz alta. A audiência aceita a ilusão de que os

outros personagens não conseguem ouvir aquele personagem. O homem que agora revelou-se Deus oferece seu solilóquio para nosso benefício.

Esconderei de Abraão o que estou para fazer? Abraão será o pai de uma nação grande e poderosa, e por meio dele todas as nações da terra serão abençoadas. Pois eu o escolhi, para que ordene aos seus filhos e aos seus descendentes que se conservem no caminho do SENHOR, fazendo o que é justo e direito, para que o SENHOR faça vir a Abraão o que lhe prometeu.

Gênesis 18.17-19

Naturalmente, Deus não tem diálogos interiores como fazemos. Apresentar o Todo-poderoso por meio dessa forma humana é outra técnica literária, chamada antropomorfismo. Ela retrata Deus, um Ser infinito e indescritível, em termos humanos que nos ajudam a entendê-lo melhor. Nesse caso, o narrador nos permite ver a motivação de Deus para incluir Abraão em seus planos de tratar o mal de Sodoma e Gomorra. O Senhor disse, com efeito: “Escolhi Abraão e seus descendentes para serem meus representantes humanos diante dos outros povos do mundo. A fim de equipá-lo para o trabalho, preciso dar a ele informações privilegiadas sobre o que estou fazendo e por quê. Minha maneira de lidar com Sodoma e Gomorra será sua primeira lição oficial como meu assistente humano”.

Com base na decisão de incluir Abraão em seus planos, o Senhor envolveu o patriarca em um diálogo. Deus sabia desde o início o que faria. Ele é onisciente; ele conhece os eventos futuros antes que eles ocorram. O narrador da história deixa isso claro durante o diálogo anterior de Abraão com os homens. Eles veem eventos futuros com detalhes claros. Ouvem os pensamentos interiores dos outros com clareza total. E, além de ser onisciente, Deus é soberano. Ele não precisava da permissão de Abraão para pronunciar um julgamento sobre aquelas cidades dominadas pelo mal. Ele dialogou com Abraão para que seu escolhido entendesse a racionalidade de suas ações. “Disse mais o SENHOR: Com efeito, o clamor de Sodoma e Gomorra tem-se multiplicado, e o seu pecado se tem agravado muito. Descerei e verei se, de fato, o que têm praticado corresponde a esse clamor que é vindo até mim; e, se assim não é, sabê-lo-ei” (Gn 18.20-21, RA).

Perceba mais uma vez o antropomorfismo e tenha em mente o propósito de Deus em dialogar com Abraão. E jamais suponha que as palavras estão colocadas na Bíblia para encher espaço ou simplesmente para concluir uma frase. Cada palavra tem um propósito. Cada advérbio. Cada preposição. Cada verbo. Cada substantivo.

O primeiro termo que atrai minha atenção é *clamor* (cf. v. 20, RA). O termo hebraico descreve um

grito pedindo ajuda em momento de dificuldade. [...] A palavra é usada quase exclusivamente em referência a um grito vindo de um coração perturbado, que precisa de algum tipo de ajuda. Esse clamor não é uma convocação, mas uma expressão da necessidade sentida. Com mais frequência, o clamor é direcionado a Deus.²

Essa é a mesma palavra usada pelo Senhor quando ele confrontou Caim depois de este ter assassinado Abel: “O que foi que você fez? Escute! Da terra o sangue do seu irmão está clamando” (Gn 4.10). Mais tarde, seria usado para descrever o sofrimento dos israelitas durante a escravidão no Egito (cf. Êx 2.24; 3.7).

O contexto aqui sugere que o clamor ouvido por Deus vem *contra* as cidades malignas, não delas próprias. Pelo fato de o pecado e o mal sempre terem vítimas, é razoável presumir que o clamor vem daqueles que estão sendo prejudicados por Sodoma e Gomorra. Os clamores não precisam ser expressos diretamente a Deus. De uma forma ou de outra, os gemidos de tristeza profunda e os guinchos de terror alcançam os ouvidos divinos. Os clamores do ferido podem ser bloqueados de nossa audição ou permanecer trancados na alma das vítimas do pecado, mas eles nunca são afastados dos ouvidos de Deus.

Deus é onipresente, o que significa que ele está presente em todo lugar do universo, a todo momento. Ele é onisciente: conhece tudo. Ele nunca aprende nada. Não precisa ir a lugar nenhum para reunir informações. Contudo, escolheu descer à terra vindo do céu e optou por usar a pele da humanidade para confrontar o pecado de Sodoma e Gomorra. Ele fez isso para nosso benefício, e não em favor de si mesmo. Ao vir na forma de um homem, Deus enviou uma mensagem a Abraão... e a nós também. Sua mensagem pode soar mais ou menos assim: “Fiz o mundo perfeito, mas os humanos transformaram minha criação em algo grotesco. Eu poderia abandonar todos vocês à imundícia de seus pecados e deixá-los se consumirem em sua própria depravação, mas amo vocês. Eu escuto seus clamores angustiados. Saibam que estou com vocês, entre vocês, e estou trabalhando para redimi-los desse mal”.

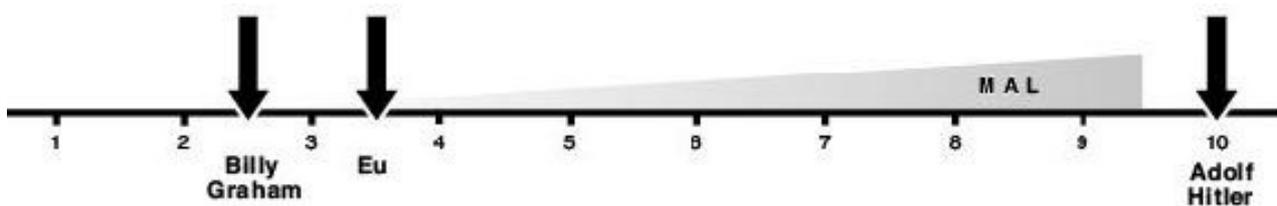
Os homens partiram dali e foram para Sodoma, mas Abraão permaneceu diante do SENHOR. Abraão aproximou-se dele e disse: “Exterminarás o justo com o ímpio? E se houver cinquenta justos na cidade? Ainda a destruirás e não pouparás o lugar por amor aos cinquenta justos que nele estão? Longe de ti fazer tal coisa: matar o justo com o ímpio, tratando o justo e o ímpio da mesma maneira. Longe de ti! Não agirás com justiça o Juiz de toda a terra?”

Gênesis 18.22-25

A depravação total de Sodoma e Gomorra havia se tornado vergonhosa; qualquer pessoa de Canaã e de lugares mais distantes sabia o que acontecia ali. Para colocar a imoralidade local em perspectiva, considere isto: as culturas politeístas e supersticiosas daqueles dias — muitas das quais praticavam prostituição nos templos e sacrifício de crianças como parte de seus rituais de fertilidade — olhavam para aquelas cidades e as consideravam imorais! Uma vez que todo o trecho sul do vale do Jordão havia sido corrompido pelas capitais gêmeas do pecado, Abraão escolheu viver nas colinas áridas do interior do país em vez de levar seus rebanhos para quaisquer pastagens próximas delas.

Abraão não estava preocupado com as pessoas malignas que viviam em Sodoma e Gomorra; elas mereciam seu destino. Ele estava preocupado, porém, com o que poderia acontecer às pessoas inocentes que viviam ali. O que dizer dos que não participavam dos pecados das cidades mas eram tolos demais para partir ou estavam presos por circunstâncias fora de seu controle? Entre essas pessoas estava Ló e sua família. O que dizer sobre o inocente que vivia entre criminosos?

A alegação do patriarca ilustra a diferença entre a maneira como nós, seres humanos, definimos o problema do mal e como Deus vê a questão. Medimos o pecado numa tabela variável. “Ora, eu cometo ‘erros’ de vez em quando, mas não sou tão mau quanto fulano; ele trapaceia na declaração do imposto de renda e engana a esposa. E eu nunca matei ninguém, portanto...”



Se você é como a maioria das pessoas, então consegue chegar à conclusão de que ninguém é perfeito, mas que alguns indivíduos são melhores exemplos de moralidade do que você. Muitos veem Billy Graham como exemplo de alguém bastante moral, enquanto Hitler é a própria personificação do mal. Você se vê como menos do que perfeito, mas também não completamente “maligno”. Assim, quando diz “creio que Deus deveria eliminar todos os maus”, o que você está realmente querendo dizer é “Deus deveria eliminar todos os maus *que são piores do que eu*”.

Deus, no entanto, não define *retidão* da mesma maneira que nós. Justo ou reto significa moralmente perfeito, sem pecado — sem nem sequer o desejo de fazer algo ruim. Aos olhos de Deus, *ninguém* é justo (cf. Sl 14.1-3). Portanto, quando Abraão perguntou “E se houver cinquenta justos na cidade? Ainda a destruirás e não pouparás o lugar por amor aos cinquenta justos que nele estão?” (Gn 18.24), o Senhor devolveu: “Se eu encontrar cinquenta justos em Sodoma, pouparei a cidade toda por amor a eles” (v. 26). Mas, de acordo com a definição de Deus sobre o que é ser justo, ninguém viveria em Sodoma, em Gomorra, no vale ou em qualquer outro lugar da terra!

Abraão provavelmente pensou: “O Senhor concordou muito rapidamente; talvez eu tenha colocado a exigência em um nível baixo demais”. Então, prosseguiu: “Sei que já fui muito ousado a ponto de falar ao Senhor, eu que não passo de pó e cinza. Ainda assim, pergunto: E se faltarem cinco para completar os cinquenta justos? Destruirás a cidade por causa dos cinco?”, ao que o Senhor respondeu: “Se encontrar ali quarenta e cinco, não a destruirei” (Gn 18.27-28).

A diferença entre o conceito de justiça de Abraão e o de Deus se torna mais clara à medida que o primeiro continuou a barganhar a misericórdia divina. A conversa seria engraçada se o que estava em jogo não fosse tão sério. Abraão reduziu gradualmente o número até chegar a meras dez pessoas, mas não ousou ir mais adiante. E o Senhor concordou: “Por amor aos dez não a destruirei” (Gn 18.32).

Tão logo Abraão se virou para voltar para casa, ele deve ter feito uma conta rápida mentalmente: “Ló e sua esposa são dois. Suas duas filhas e seus noivos totalizam seis. Ló é um homem bastante rico; ficou ainda mais rico ao comprar uma casa em Sodoma. Certamente ele tem pelo menos quatro servos corretos. Senão, é preciso haver ali pelo menos uma outra família justa. O que são dez

peessoas entre tantas nas duas cidades e nas áreas vizinhas? Ora, certamente Deus poupará o vale. Talvez? Será?”.

Enquanto isso, Deus se voltava para dar total atenção a Sodoma e Gomorra.

Princípios para hoje

Há momentos em que, ao estudar as Escrituras e reprisar suas cenas na mente, sinto um arrepio nas costas. É o que acontece quando imagino a cena registrada em Gênesis 18. É assustador. As pessoas daquelas cidades continuavam pecando como se nada mais importasse, sem se dar conta de que a paciência divina para com elas cessara. O amor de Deus é infinito e sua graça é gratuita, mas sua misericórdia tem prazo de validade. Ele é um Deus de compaixão e justiça. Não perca essa realidade de vista, ou você considerará apenas uma e excluirá a outra. Alguns cristãos, talvez desiludidos pelo mal presente no mundo, veem apenas o julgamento de Deus. Outros veem apenas o amor de Deus.

Por favor, não interprete mal o Deus vivo. Os cínicos lhe dirão que ele tem prazer em punir o pecado e jogar as pessoas no inferno. O fato é que ele não quer a morte de ninguém; ele deseja que todos se arrependam do pecado, peçam-lhe perdão e recebam sua graça. Ele quer que todas as pessoas confiem nele e, tal como aconteceu com Abraão, sua fé lhes seja creditada como justiça (cf. Gn 15.6; Rm 4.3). Isso inclui você.

Se você ainda não o fez, reserve um tempo para ler “Como iniciar um relacionamento com Deus”, no apêndice deste livro. Se você já recebeu o dom divino da vida eterna, se já lhe foi dada a graça de Deus por meio da fé, quero oferecer-lhe quatro princípios extraídos diretamente da experiência de Abraão nesse dia cheio de altos e baixos.

Primeiro, *esteja ciente de que algumas pessoas que você encontrar podem ser anjos*. Não ria. Se acredita em Deus e naquilo que está escrito no Livro dele, você tem de levar isso a sério. O Novo Testamento afirma claramente: “Seja constante o amor fraternal. Não se esqueçam da hospitalidade; foi praticando-a que, sem o saber, alguns acolheram anjos” (Hb 13.1-2).

Não vou acrescentar detalhes excessivos, com provas testemunhais, nem presenteá-lo com histórias estranhas para convencê-lo. E não saia por aí procurando anjos; esse não é o objetivo desse primeiro princípio. O objetivo aqui é: tratar todos como se fossem representantes do céu.

Segundo, *tenha confiança de que nada é difícil demais para o Senhor*. A vida ameaça distrair você com limitações, enquanto Deus quer que pense em termos de possibilidades. Abraão e Sara chegaram a cogitar que a promessa de Deus nunca seria cumprida porque as leis da física e da medicina assim diziam. Aquele que fez coisas maravilhosas para Abraão e Sara é aquele que ama você como seu próprio filho. E esta verdade ainda é vigente: nada é difícil demais para ele! Manter isso em mente fará mudar sua atitude em relação à vida e, então, as dificuldades que você vier a enfrentar parecerão menos assustadoras.

Terceiro, *continue sensível a Deus*. Isso fortalecerá sua caminhada e lhe dará discernimento. Continuar sensível à orientação do Senhor lhe permitirá confiar nele quando ele fizer coisas que você não entende.

Quarto, *ore de maneira apaixonada*. Quando você conversa com Deus, a oração amolece seu coração. Sempre que encontro alguém que tem um coração duro, sei que não se trata de uma pessoa de oração. Existe alguma coisa na oração que amolece o solo de nossa alma, mantendo-nos em sintonia com a perspectiva de Deus, que é sempre compassiva, realista, sábia, cheia de esperança e graça.

CAPÍTULO 9

O que acontece quando oramos?

NUNCA ME ESQUECEREI DA primeira oração que ouvi. Ela veio de minha mãe. Embora consistisse em apenas nove palavras, ela deixou uma impressão duradoura em mim, quando criança: “Deus o ajude se você fizer isso de novo”. Essa foi a oração. Nove palavras simples, mas bastante significativas.

Felizmente, mais tarde aprendi uma maneira melhor de orar. Quando fui para o Seminário Teológico de Dallas, durante um semestre inteiro estudei sobre a oração e desenvolvi uma apreciação por essa disciplina espiritual tão importante, ainda que misteriosa. Tal como ocorre com muitas pessoas, minha primeira abordagem à oração foi simplista: “Peça a Deus o que você quer. Se você pedir corretamente ou se impressioná-lo o suficiente, ele pode conceder seu pedido. Ou não. Quem realmente sabe?”. Mas, à medida que aprendi mais sobre a oração, descobri que muito do meu pensamento estava obscurecido pelas interpretações equivocadas que prevaleciam na cultura popular.

Quando você começa do zero e observa as Escrituras atentamente, a oração não é, de modo algum, confusa. É profunda, mas não complicada. Para simplificar as coisas, deixe-me começar substituindo as nove palavras de minha mãe por outras cinco palavras da Bíblia — palavras de acusação: “Não têm, porque não pedem” (Tg 4.2). Isso se torna ainda mais acusatório quando mudamos os pronomes e os verbos para a primeira pessoa. Leia isto em voz alta:

Não tenho, porque não peço.

Abrace essa verdade. Deixe que ela entre em sua cabeça. Temos mais a aprender, mas aceitar essa declaração é nosso primeiro passo rumo à compreensão do mistério da oração. Aqui está uma segunda verdade que é tão acusatória quanto a primeira: “Quando pedem, não recebem, pois pedem por motivos errados, para gastar em seus prazeres” (Tg 4.3).

A verdade costuma doer. Não tenho, porque não peço. E é comum que, quando de fato peço, eu o faça pelos motivos errados. Deus quer conceder nossos pedidos, mas o impossibilitamos de fazer isso quando pedimos coisas que contradizem seu caráter justo e amoroso. O que você faria se seu filho pedisse algo que lhe pudesse causar dano? O amor por seu filho exigiria que você negasse tal pedido. Infelizmente, você e eu fazemos pedidos desse tipo a Deus com bastante regularidade.

A anatomia de uma petição

Orações de petição — ou seja, orações que contêm um pedido a Deus — apresentam duas partes básicas: a petição propriamente dita e seu motivo. Elas formam o *quê* e o *porquê* da oração, que geram quatro possíveis respostas da parte de Deus.

1. Ele pode dizer “sim” à nossa petição mas “não” à nossa motivação

Em Números 11, aqueles que um dia foram escravos hebreus e haviam deixado o Egito estavam se preparando para seguir para a Terra Prometida, sob a liderança de Moisés. Já tendo se passado alguns anos desde aquele grande êxodo, o entusiasmo da liberdade diminuía. Eles estavam com calor, cansados, entediados e desgastados da viagem, e não aguentavam mais comer maná várias vezes ao dia. Deus lhes dera um suprimento miraculoso de alimento para impedir que morressem de fome no deserto, mas comer a mesma comida a cada refeição se tornara algo tedioso. Maná no café da manhã, no almoço e no jantar. Torrado, tostado, cozido, grelhado, escaldado, assado e frito. Fatiado, em cubos, picado, misturado, enrolado e cru. Por mais que inventassem preparações diferentes, toda refeição tinha o mesmo gosto. Assim, mandaram Moisés levar a Deus sua reclamação.

Um bando de estrangeiros que havia no meio deles encheu-se de gula, e até os próprios israelitas tornaram a queixar-se, e diziam: “Ah, se tivéssemos carne para comer! Nós nos lembramos dos peixes que comíamos de graça no Egito, e também dos pepinos, das melancias, dos alhos-porós, das cebolas e dos alhos. Mas agora perdemos o apetite; nunca vemos nada, a não ser este maná!”.

Números 11.4-6

O Senhor respondeu à petição daquele povo. Prometeu dar a eles carne na forma de codornizes. A resposta verbal divina, porém, condenou tal reclamação ingrata. Moisés, falando por Deus, disse:

“Vocês não comerão carne apenas um dia, ou dois, ou cinco, ou dez ou vinte, mas um mês inteiro, até que lhes saia carne pelo nariz e vocês tenham nojo dela, porque rejeitaram o SENHOR, que está no meio de vocês, e se queixaram a ele, dizendo: ‘Por que saímos do Egito?’” (Nm 11.19-20).

O Senhor arranjou que houvesse ondas intermináveis de codornizes voando por quilômetros perto do acampamento, em todas as direções. Os pássaros voavam apenas alguns centímetros acima do chão, de modo que as pessoas conseguiam pegá-los às centenas. Passavam o dia e a noite inteiros guardando codornizes para as refeições. Entretanto, esse não foi o fim da história: “Mas, enquanto a carne ainda estava entre os seus dentes e antes que a ingerissem, a ira do SENHOR acendeu-se contra o povo, e ele o feriu com uma praga terrível” (Nm 11.33). Por quê? Por causa de sua atitude reprovável. Ingratidão. Eram pessoas egoístas, míopes, gluttonas e com mentalidade de escravos, que valorizavam seu estômago cheio mais do que o doce gosto da liberdade. Um de meus mentores, o dr. J. Dwight Pentecost, disse certa vez: “É preciso haver um apetite celestial para apreciar uma comida celestial”.

Deus atendeu à petição do povo, mas o castigou por sua motivação. Deu-lhe em superabundância o *quê* de sua oração para corrigir seu *porquê* errado. Se ele considerar que essa também é a melhor maneira de nos ensinar, podemos esperar o mesmo tratamento.

Talvez você seja solteiro e queira se casar. Talvez seja casado mas, por qualquer razão, não está mais com seu cônjuge. Depois de passar outra noite de sexta-feira sozinho, você se sente solitário. Vai para casa e arruma a mesa para uma pessoa. Na cama onde você dorme, há ao seu lado um travesseiro frio. Se a solidão se tornar grande demais para suportar, você pode pensar: “Senhor, tudo bem, qualquer pessoa serve. Basta haver alguém”. De repente, a próxima pessoa que você encontra é o sr. ou a sra. Maravilha e, depois de muito pouco tempo, vocês estão casados.

Você recebe o que pediu, apesar de a motivação ter sido ruim. Pessoas sábias escolhem um par cuidadosamente e, então, planejam um casamento quando fica claro que sua caminhada com Deus seria mais eficiente casado do que solteiro. Pessoas sábias veem a solteirice como a situação padrão e, assim, exigem que o cenário de um possível casamento justifique uma mudança tão radical. Pessoas que não abordam o casamento dessa maneira invariavelmente experimentam o arrependimento — e costumam terminar solteiras novamente.

Talvez você esteja cansado de viver de salário em salário, mal conseguindo se manter, e está determinado a ganhar seu primeiro milhão. Assim, esta se torna a sua oração: “Deus, oro para que tu me dê um caminhão de dinheiro”. Não muito tempo depois de ter recebido sua petição, você descobre que aquilo lhe trouxe mais estresse e menos felicidade. Percebe que nunca recuperará o tempo, a energia e os recursos que investiu e que poderiam ter sido gastos de maneira melhor. Você recebeu um “sim” ao seu pedido, mas foi castigado por sua motivação egoísta.

2. Ele pode dizer “não” à nossa petição mas “sim” à nossa motivação

Em Gênesis 18, Abraão implorou ao Senhor que não destruísse o justo com o injusto. Por quê? O que motivou Abraão a orar assim? Ele pensava em Ló, na esposa de Ló e nas duas filhas do casal. O interessante é que ele os considerava justos. Abraão queria deter a justiça devida a Sodoma e Gomorra — a despeito do clamor de suas vítimas —, tudo por causa de seus entes queridos.

Observe a resposta do Senhor:

Ao raiar do dia, os anjos insistiam com Ló, dizendo: “Depressa! Leve daqui sua mulher e suas duas filhas, ou vocês também serão mortos quando a cidade for castigada”. Tendo ele hesitado, os homens o agarraram pela mão, como também a mulher e as duas filhas, e os tiraram dali à força e os deixaram fora da cidade, porque o SENHOR teve misericórdia deles.

Gênesis 19.15-16

Deus honrou a motivação de Abraão sem conceder o pedido propriamente dito. E isso pode acontecer conosco também. Alguns anos atrás, deparei com o testemunho poético de um desconhecido soldado confederado cujos pedidos foram barrados com “nãos” e cujas motivações alcançaram “sins”.

Pedi força a Deus para que pudesse empreender.
Fui enfraquecido para que pudesse aprender a humildemente obedecer.

Pedi saúde a Deus para que pudesse fazer coisas maiores.
Recebi uma enfermidade para que pudesse fazer coisas melhores.

Pedi riquezas a Deus para que pudesse ser afortunado.
Recebi pobreza para que pudesse ser sábio.

Pedi poder para que pudesse receber o elogio dos homens.
Recebi fraqueza para que pudesse sentir a necessidade de Deus.

Pedi todas as coisas que pudesse desfrutar na vida.
Recebi vida para que pudesse desfrutar todas as coisas.

Não recebi nada do que pedi,
Mas tudo pelo que esperava...

Quase a despeito de mim mesmo,
Minhas orações não pronunciadas foram respondidas.

Sou, entre os homens, o mais ricamente abençoado.¹

Às vezes nós também veremos que Deus honra a motivação de nossas preces, mas nega a petição propriamente dita, e o faz com o propósito de nos dar algo melhor.

3. *Ele pode dizer “sim” à nossa petição e “sim” à nossa motivação*

É claro que *amamos* quando Deus diz “sim” às duas coisas. Quando nossas orações e nossos desejos coincidem com a vontade de Deus, a alegria é indescritível.

O profeta Elias, do Antigo Testamento, viveu durante um período obscuro da história de Israel. O rei e a rainha adoravam Baal, o deus da tempestade, e proibiam a adoração do único e verdadeiro Criador. Os sacerdotes de Baal disseminaram informação falsa pelo interior do país e levaram o povo de Deus à idolatria, o que entristeceu o coração de Elias. Para expô-los como profetas falsos e supersticiosos, ele lançou um desafio. Propôs um teste que os cientistas de hoje chamariam de um experimento com um controle e uma variável. Elias disse:

Até quando vocês vão oscilar para um lado e para o outro? Se o SENHOR é Deus, sigam-no; mas, se Baal é Deus, sigam-no. [...] Tragam dois novilhos. Escolham eles um, cortem-no em pedaços e o ponham sobre a lenha, mas não acendam fogo. Eu prepararei o outro novilho e o colocarei sobre a lenha, e também não acenderei fogo nela. Então vocês invocarão o nome do seu deus, e eu invocarei o nome do SENHOR. O deus que responder por meio do fogo, esse é Deus.

1Reis 18.21-24

Os sacerdotes de Baal não tinham outra escolha senão aceitar o desafio, por isso as duas partes construíram altares e prepararam sacrifícios idênticos. Elias se ofereceu para ir em segundo lugar, de modo que os sacerdotes de Baal iniciaram sua petição.

E clamaram pelo nome de Baal desde a manhã até o meio-dia. “Ó Baal, responde-nos!”, gritavam. E dançavam em volta do altar que haviam feito. Mas não houve nenhuma resposta; ninguém respondeu. Ao meio-dia Elias começou a zombar deles. “Gritem mais alto!”, dizia, “já que ele é um deus. Quem sabe está meditando, ou ocupado, ou viajando. Talvez esteja dormindo e precise ser despertado”.

1Reis 18.26-27

Os sacerdotes se esforçaram ainda mais. Gritaram mais alto e dançaram com mais desinibição. Começaram até mesmo a se mutilar, de acordo com seus costumes pagãos, mas nada aconteceu. Você consegue imaginar quão trágica foi aquela cena, com todos aqueles adoradores de Baal sangrando e implorando por uma resposta? Quão sinceramente eles acreditavam em algo que existia apenas no reino da superstição! Finalmente, conforme o sol baixava no oeste, Elias chamou-os para que observassem seu altar.

Com as pedras construiu um altar em honra ao nome do SENHOR e cavou ao redor do altar uma valeta na qual poderiam ser semeadas duas medidas de sementes. Depois arrumou a lenha, cortou o novilho em pedaços e o pôs sobre a lenha. Então lhes disse: “Encham de água quatro jarras grandes e derramem-na sobre o holocausto e sobre a lenha”. “Façam-no novamente”, disse, e eles o fizeram de novo. “Façam-no pela terceira vez”, ordenou, e eles o fizeram pela terceira vez. A água escorria do altar, chegando a encher a valeta.

1Reis 18.32-35

Então, na hora em que os sacerdotes de Deus usualmente faziam o sacrifício da tarde no templo, Elias orou: “Ó SENHOR, Deus de Abraão, de Isaque e de Israel, que hoje fique conhecido que tu és Deus em Israel e que sou o teu servo e que fiz todas estas coisas por ordem tua. Responde-me, ó SENHOR, responde-me, para que este povo saiba que tu, ó SENHOR, és Deus, e que fazes o coração deles voltar para ti” (1Rs 18.36-37).

Nenhum grito. Nenhuma dança selvagem ou gesticulação. Nenhuma repetição monótona. Nenhum encantamento. Nenhum delírio e nenhum corte. Elias apelou a Deus pedindo uma resposta específica em razão de uma motivação honrada. E, antes que ele pudesse pronunciar o “Amém”

final, “o fogo do SENHOR caiu e queimou completamente o holocausto, a lenha, as pedras e o chão, e também secou totalmente a água na valeta” (1Rs 18.38).

Elias recebeu exatamente aquilo que pedira a Deus. Sim para a petição; sim para a motivação. O fato de suas orações estarem sincronizadas com a vontade divina evidencia que você está conectado com o Senhor. Não garanto milagres; de fato, aconselho a não esperar por eles. Deixe Deus surpreender você. Não obstante, quão maravilhoso é clamar pelo nome do Senhor para a glória dele, fazer conhecido seu pedido e, então, aguardar ansiosamente em Deus!

4. Ele pode dizer “não” à nossa petição e “não” à nossa motivação

Ninguém quer receber um duplo “não”. “Não” para o *quê* e “não” para o *porquê*. Isso normalmente ocorre quando não nos arrependemos e não confessamos o pecado em nossa vida. É o que aprendemos com base no testemunho de um compositor hebreu: “A ele clamei com os lábios; com a língua o exaltei. Se eu acalentasse o pecado no coração, o Senhor não me ouviria; mas Deus me ouviu, deu atenção à oração que lhe dirigi” (Sl 66.17-19).

Isso não significa que o Senhor nunca lhe concederá um pedido enquanto você tiver pecado não resolvido em sua vida. Às vezes, ele o fará. Mas não conte com isso. O primeiro desejo de Deus é fazer sua vida voltar aos trilhos. Deus não pode derramar bênçãos sobre você ou atender a seus pedidos se estiver em rebelião; isso não é bom para você. Ele certamente não dirá “sim” aos seus motivos enquanto estiver em desacordo com a vontade dele!

Na ausência de pecado não resolvido, o Senhor também negará sua petição se seus motivos estiverem manchados de hipocrisia ou orgulho. Ele também ignorará a repetição sem sentido, porque orações repetitivas presumem que Deus é como uma máquina de venda automática em vez de um Ser pessoal com quem podemos nos relacionar. O Senhor também quer que confiemos em seu poder e bondade, cientes de que ele sempre agirá visando aos nossos melhores interesses. Orações feitas com dúvida são como elogios envoltos em sarcasmo; são insultantes e repulsivas.

A Bíblia também nos adverte em relação a outra causa para as respostas “não-não” à oração: conflito não resolvido. A passagem de 1Pedro 3.7 nos adverte de que maridos que desonram a esposa podem ter suas orações interrompidas. O termo grego traduzido por “interrompidas” retrata um atleta que, ao correr em uma trilha, entra na frente de outro. Mantenha seus relacionamentos desimpedidos dos conflitos, a fim de que nada atrapalhe a marcha de suas orações a caminho do céu.

Três respostas à oração

Quanto ao tempo, as respostas de Deus podem apresentar três aspectos adicionais.

1. Às vezes, Deus responde com um “sim” imediato

Às vezes, recebemos a resposta que desejamos dentro de um período relativamente breve, e essas respostas trazem momentos exultantes de alegria e grande alívio.

Quando minha esposa e eu nos mudamos para o Seminário de Dallas, no verão de 1959, para que eu pudesse iniciar meus estudos universitários, vivíamos em um pequeno apartamento no *campus*, sem ar-condicionado. Aquele foi o nosso lar durante todo o meu curso de quatro anos. Isso incluía os escaldantes meses de verão em Dallas, que fazem a pessoa perder peso de tanto transpirar. Alguns de nossos vizinhos tinham pequenos aparelhos de ar-condicionado de janela, e eu disse a Cynthia: “Sem falar para ninguém, vamos simplesmente pedir ao Senhor que nos dê um ar-condicionado”.

Na primavera seguinte, em um fim de semana prolongado, voltamos para Houston a fim de visitar nossos pais. Enquanto estávamos ali, recebi um telefonema de um amigo de longa data chamado Richard Parks. “Ei, Chuck, estou ligando apenas para saber se um aparelho de ar-condicionado lhe seria útil. Estamos instalando um sistema central aqui e tenho um aparelho novinho que poderia ficar para você. Se for o caso, posso levá-lo até aí e colocá-lo em seu porta-malas. Tudo bem para você?”.

Tendo experimentado um verão em Dallas sem ar-condicionado, oramos pedindo alívio. E o “sim” de Deus veio no momento perfeito.

2. Às vezes, Deus diz: “Não”

Em outros momentos, recebemos um segundo tipo de resposta: “não”. Essa é difícil de ouvir, especialmente quando pensamos que temos uma boa razão para nosso pedido. A resposta negativa

de Deus talvez não tenha nada a ver com nossa motivação ou com a presença de pecado em nossa vida. O Senhor pode estar se recusando a atender ao nosso pedido com base em seu julgamento onisciente e compassivo. De fato, o apóstolo Paulo, um dos maiores cristãos que já viveram, experimentou ele mesmo o “não” de Deus.

Para impedir que eu me exaltasse por causa da grandeza dessas revelações, foi-me dado um espinho na carne, um mensageiro de Satanás, para me atormentar. Três vezes roguei ao Senhor que o tirasse de mim. Mas ele me disse: “Minha graça é suficiente para você, pois o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza”. Portanto, eu me gloriarei ainda mais alegremente em minhas fraquezas, para que o poder de Cristo repouse em mim.

2Coríntios 12.7-9

A palavra traduzida por “espinho” significa “uma estaca, um objeto afiado”. Paulo usa esse termo como metáfora para algum tipo de aflição. Pode ter sido algo físico, como uma enxaqueca, ou uma condição ocular resultante de algum ferimento, doença ou complicações decorrentes dos espancamentos que ele recebera por seguir Cristo. O espinho pode ter sido psicológico ou um ataque emocional decorrente de todos os eventos traumáticos que Paulo suportou. Ou poderia ter sido a dor penetrante da contínua perseguição por parte de seus inimigos.

Paulo não incluiu esses detalhes em sua carta por pelo menos duas razões. Primeiro, porque não queria que sua dificuldade desviasse a atenção de leitores passíveis de identificação com seu problema. Todos nós sofremos a aflição de um “espinho” que é único para nós, e devemos aceitar esse exemplo e acatar o “não” de Deus com graça e atitude positiva. Segundo, Paulo não queria que seus leitores racionalizassem o motivo de Deus não atender a seu pedido. A questão é que, quando Deus diz “não”, devemos confiar em seu julgamento.

Se você ainda não descobriu isso por si mesmo, ainda não sofreu o suficiente. O sofrimento nos ensina muitas coisas sobre o caráter de Deus e nos ajuda a navegar por um mundo no qual não há respostas simples. O “não” de Deus pode se tornar uma oportunidade de nos aprofundarmos em nosso relacionamento com ele.

3. Às vezes, Deus diz: “Espere”

Um terceiro tipo de resposta inclui a palavra que analisamos em profundidade no final do capítulo 6: *espere*. Não é um “não” imediato — mas às vezes dói quando Deus diz um “sim” atrasado. Durante o período em que serviu na Universidade Biola, o dr. Bingham Hunter escreveu:

A demora de Deus em dar respostas parece ser uma das principais maneiras que ele usa para incentivar a fé. Depois de orar por uma semana e ver que ele é fiel, você verá que é mais fácil confiar nele durante dez dias. Ver depois de um mês a resposta à persistência me dá forças para a esperar na fé um período ainda mais. [...] Paciência e fé, portanto, se desenvolvem juntas, em oração.²

Você apresenta sua petição diante de Deus e fica claro que nada acontecerá em curto prazo. Assim, você espera, sem ter certeza se se trata de um “não” ou se é simplesmente uma questão de tempo. Se é isso o que você está experimentando neste instante, sente-se na sala de espera com uma multidão de irmãos e irmãs. Estamos todos esperando por algo. Mas não desperdice seu tempo nutrindo uma atitude negativa. Aceite a espera como uma oportunidade de se aprofundar.

Ao sair deste capítulo e ir para o próximo, insisto que você reflita sobre essas verdades difíceis relacionadas à oração, e ofereço esta petição em seu favor:

Senhor, em meio a esta jornada da terra para o céu, ensina-nos a honrar o privilégio de orar com grande respeito. Que possamos examinar nossa motivação e nos dedicar a mantê-la pura. Ajuda-nos a reconhecer o egoísmo quando ele surgir e dá-nos a coragem de nos arrependermos desse pecado. Então, por meio do teu Santo Espírito, alinha nossa vontade para que ela reflita teus caminhos bons e perfeitos. Dá-nos paciência de esperar pelo teu tempo e concede-nos a graça de aceitar tua resposta negativa.

Senhor, eu te louvo e te agradeço pelas muitas vezes em que recebemos um “sim” como resposta. Uma vez que não merecemos nada, aceitamos esses presentes com gratidão. Oro para que cada “sim” se torne nossa oportunidade de reconhecer publicamente teu poder e tua misericórdia.

Com firme confiança, peço isso em favor de todos aqueles que leem estas páginas. Em nome do teu Filho Jesus. Amém.

CAPÍTULO 10

Quando a fossa transborda

OS PRIMEIROS CATORZE VERSÍCULOS de Gênesis 19 pintam um quadro amargo do que poderia ser chamado de contaminação relacional. Contaminar significa “tornar impuro pela introdução de elementos nocivos ou infecciosos; poluir”.¹ Uma fossa séptica que transborda contamina o solo. Vapores tóxicos contaminam o ar. Alimentos não higienizados contaminam o corpo. Associações com o mal contaminam nossa vida. Contato com pessoas do mal podem envenenar nossa mente e erodir nosso padrão moral.

Evidências dessa verdade aparecem por toda a Bíblia. O líder Josué dirigiu-se a seus compatriotas hebreus, que haviam entrado em Canaã por meio de luta. Tendo o povo experimentado outrora a caminhada no deserto e estando agora na expectativa da ocupação da Terra Prometida, Josué advertiu:

Por isso dediquem-se com zelo a amar o SENHOR, o seu Deus. Se, todavia, vocês se afastarem e se aliarem aos sobreviventes dessas nações que restam no meio de vocês, e se casarem com eles e se associarem com eles, estejam certos de que o SENHOR, o seu Deus, já não expulsará essas nações de diante de vocês. Ao contrário, elas se tornarão armadilhas e laços para vocês, chicote em suas costas e espinhos em seus olhos, até que vocês desapareçam desta boa terra que o SENHOR, o seu Deus, deu a vocês.

Josué 23.11-13

Muitas gerações adiante, em 1Reis 11, vemos que o rei Salomão havia adquirido tudo o que uma pessoa poderia querer na vida. Apesar de toda a sua sabedoria, ele escolheu encher o palácio com mulheres de nações rivais — setecentas esposas e trezentas concubinas, acredite se quiser! “À medida que Salomão foi envelhecendo, suas mulheres o induziram a voltar-se para outros deuses, e o seu coração já não era totalmente dedicado ao SENHOR, o seu Deus, como fora o coração do seu pai Davi” (v. 4). Salomão foi contaminado pelo relacionamento com as mulheres idólatras que ele tomou para si; a influência delas o afastou do único Deus verdadeiro.

O livro de Provérbios adverte: “Quem vive contando casos não guarda segredo; por isso, evite quem fala demais” (20.19). Ele também diz: “Não se associe com quem vive de mau humor, nem ande em companhia de quem facilmente se ira; do contrário você acabará imitando essa conduta e cairá em armadilha mortal” (22.24-25).

Do mesmo modo, o Novo Testamento ensina essa mensagem, como se pode ver na admoestação de Paulo aos cristãos de Corinto, cidade que ficava à sombra do mais famoso templo da fertilidade do Império Romano. Conhecido por suas prostitutas oficiais, esse lugar atraía peregrinos vindos de todos os lados do Mediterrâneo. O apóstolo escreveu:

Já lhes disse por carta que vocês não devem associar-se com pessoas imorais. Com isso não me refiro aos imorais deste mundo, nem aos avaros, aos ladrões ou aos idólatras. Se assim fosse, vocês precisariam sair deste mundo. Mas agora estou lhes escrevendo que não devem associar-se com qualquer que, dizendo-se irmão, seja imoral, avaro, idólatra, caluniador, alcoólatra ou ladrão. Com tais pessoas vocês nem devem comer.

1Coríntios 5.9-11

Não podemos evitar a associação casual com pessoas malignas; devemos ter amizade com todos, mas cultivar relacionamentos profundos com pessoas imorais é perigoso para nossa saúde espiritual. Especialmente se elas afirmam ser seguidoras de Jesus Cristo. Paulo reiterou essa advertência em carta posterior:

Não se ponham em jugo desigual com descrentes. Pois o que têm em comum a justiça e a maldade? Ou que comunhão pode ter a luz com as trevas? Que harmonia entre Cristo e Belial? Que há de comum entre o crente e o descrente? Que acordo há entre o templo de Deus e os ídolos?

2Coríntios 6.14-16

Mais uma vez, isso não significa que os crentes devem evitar contato com pessoas de outras religiões ou filosofias. De fato, Paulo incentiva de todo o coração que existam associações próximas com outras pessoas, como meio de demonstração do amor de Deus. Se, porém, essas pessoas tiverem um estilo de vida maligno, é apenas questão de tempo até que os problemas delas se tornem nossos problemas. Para ilustrar esse ponto, Paulo cita em 1Coríntios 15.33 um autor teatral pagão: “As más companhias corrompem os bons costumes” (Menandro, *Thais* 218).

A imoralidade é venenosa. Você nunca se torna imune à sua potência mortal. É como o esgoto que vaza de uma fossa: contamina tudo o que há por perto.

A fossa no vale

Quando Deus fez uma visita a Sodoma e Gomorra, essas duas cidades gêmeas controlavam um vale exuberante e fértil pelo qual corria o rio Jordão (cf. Gn 13.10). Esses dois centros populacionais eram o núcleo de atividade econômica de todos que viviam na parte sul do vale, e a riqueza que ali havia provavelmente contribuiu para a beleza de sua arquitetura e de sua arte. Apesar disso, a imoralidade dessas cidades se tornara notória, mesmo entre as comunidades pagãs e adoradoras de ídolos localizadas fora do vale. Um fino verniz de beleza protegia os olhos desinformados da verdadeira natureza das duas cidades.

Anteriormente, quando Deus havia parado para falar com Abraão, os dois anjos que o acompanhavam continuaram a descer as colinas na direção das duas cidades. Ao chegar, eles encontraram Ló, o sobrinho de Abraão, sentado junto ao portão (cf. Gn 19.1). Sodoma e Gomorra provavelmente não tinham altos muros de pedra para protegê-las. Quando a invasão dessas cidades é descrita em Gênesis 14, vemos que seus exércitos encontraram o inimigo no campo em vez de lutarem pela segurança de suas defesas (cf. v. 8). (Era muito comum que uma comunidade sem muros construísse um arco para servir como portão, a entrada oficial da cidade.)

No antigo Oriente Médio, o portão sediava a prefeitura local. Os anciãos se reuniam ali para debater questões, conduzir acordos comerciais, resolver disputas e até mesmo aconselhar o governante da cidade sobre assuntos civis. Os leitores antigos desse texto teriam levantado as sobrancelhas ao descobrir que Ló estava sentado junto ao portão. Esse detalhe revelava que ele não era um residente comum, pois havia se tornado um participante ativo na política e no comércio de Sodoma.

Ora, por que Ló se alinhara tão intimamente com uma cidade cheia de mal? Ele provavelmente se convencera de que seria capaz de evitar cair em algum pecado grosseiro, ao mesmo tempo que mantinha um testemunho positivo do Deus de Abraão. Talvez ele tivesse achado que sua boa influência faria a pecaminosa Sodoma arrepender-se de seus pecados e a levaria a seguir a Deus.

Seja como for, ele estava sentado junto ao portão da cidade quando os anjos se aproximaram. Eles não tinham halo brilhante nem asas enormes; tinham a aparência de homens comuns que viajavam pela região e procuravam um lugar para passar a noite. De fato, Ló não os reconheceu como anjos. Porém, tal como Abraão, ele de fato viu alguma coisa naqueles homens que o levou a fazer um cumprimento reverente — uma saudação que demonstrava humildade incomum. Dirigindo-se a eles com um termo hebraico que denotava grande respeito, disse: “Meus senhores, por favor, acompanhem-me à casa do seu servo. Lá poderão lavar os pés, passar a noite e, pela manhã, seguir caminho” (Gn 19.2).

A oferta de hospitalidade a viajantes estrangeiros era considerada uma tarefa sagrada e um grande privilégio na cultura de Ló. E isso ainda é verdade hoje no Oriente Médio. Ló pode ter iniciado essa interação motivado pela generosidade. O mais provável, porém, é que ele tenha se antecipado com o intuito de impedir que um de seus vizinhos convidasse os homens para ficar em sua casa, temendo o que eles poderiam fazer aos viajantes. Mas os homens recusaram. “Não”, responderam eles. “Passaremos a noite na praça” (Gn 19.2).

A praça se refere a uma rua larga e a um complexo de compras próximo da entrada da cidade. Aparentemente, os enviados do céu passariam a noite no chão, enrolados sob uma das barracas do mercado. Mas os anjos não precisam de acomodações nem de sono. Estava claro que a intenção era testar Ló. Ao oferecer hospitalidade, o anfitrião aceita a responsabilidade pela segurança de seus convidados. Quão insistente ele seria quanto a recebê-los? Mas Ló conhecia a cidade; ele entendia o que aconteceria àqueles peregrinos enquanto dormissem; sem dúvida, ele havia testemunhado o que ocorrera a outras desafortunadas vítimas.

Deve-se notar, nesse ponto, que as Escrituras nunca citam um tipo particular de pecado como razão para o julgamento divino. Sodoma e Gomorra haviam se entregado completamente à imoralidade de *todo* tipo — a tais extremos que Deus decidiu fazer delas um exemplo. Embora o nome de Sodoma tenha ficado associado ao ato homossexual e essa história seja mais conhecida na cultura popular por retratar o desejo homossexual, tais pecados não atraem por si sós a punição divina. Sodoma não era culpada só por causa disso. Contudo, não é por coincidência que o narrador opta por ilustrar a profundidade de sua depravação ao destacar o desejo daquela gente de estuprar os estrangeiros inocentes (cf. Gn 19.5). Eles deveriam ter oferecido hospitalidade. Sua falha em

fazê-lo foi um pecado em si. E eles não deveriam ter se envolvido em ato homossexual. Isso foi pecado sobre pecado. E não deveriam ter estuprado. Essa foi mais uma camada de pecado. Estremeço ao pensar que essa era apenas uma amostra representativa do mal em Sodoma.

De qualquer modo, Ló temia pela segurança dos homens e convenceu-os a aceitar sua oferta. Diferentemente de Abraão, que preparara uma festa para os visitantes, Ló serviu-lhes *matzá*, isto é, pão sem fermento e de rápido preparo. Mas, antes de eles se retirarem para dormir, “todos os homens de toda parte da cidade de Sodoma, dos mais jovens aos mais velhos, cercaram a casa” (Gn 19.4). Perceba que o pecado havia contaminado a cidade inteira, jovens e velhos. A descrição de quem presenciava a cena nos convence de que todos compartilhavam da culpa: “todos os homens”, “de toda parte da cidade”, “dos mais jovens aos mais velhos”. A última parte poderia ser escrita como “todas as pessoas, sem exceção”.

Eles gritaram para Ló: “Onde estão os homens que vieram à sua casa esta noite? Traga-os para nós aqui fora para que tenhamos relações com eles” (Gn 19.5). O termo hebraico traduzido por “ter relações” é usado em outras passagens como “conhecer”, um eufemismo comum similar ao nosso “dormir com”. O texto de Gênesis 4.1, por exemplo, diz: “E conheceu Adão a Eva, sua mulher, e ela concebeu” (Gn 4.1, RC). Já a Nova Versão Internacional usa a expressão “Adão teve relações com Eva”. A versão Almeida Revista e Atualizada refere-se ao ato usando a frase “coabitou o homem com Eva, sua mulher”. Nesse contexto, o significado é claro. Sem nenhuma vergonha, eles declararam abertamente o que queriam, não fazendo nenhum esforço para minimizar suas intenções.

As pessoas de Sodoma havia muito tinham perdido a capacidade de se envergonhar.

Ló sabia que precisava agir. Ele “saiu da casa, fechou a porta atrás de si” (Gn 19.6). Dali, implorou à multidão voraz. Ele sabia que suas palavras não teriam efeito e que seria impossível segurar os homens se eles ficassem violentos. Como uma alternativa ao estupro dos estrangeiros, Ló propôs um acordo: “Não, meus amigos! Não façam essa perversidade! Olhem, tenho duas filhas que ainda são virgens. Vou trazê-las para que vocês façam com elas o que bem entenderem. Mas não façam nada a estes homens, porque se acham debaixo da proteção do meu teto” (v. 7-8).

O termo hebraico traduzido por “perversidade” é uma recordação da impiedade que levou ao grande dilúvio. Além disso, o narrador usa o verbo de maneira incomum, encontrada apenas em Juízes 19.23, em que os homens de Gibeá exigiram que seu compatriota entregasse seu hóspede, um sacerdote, para que pudessem estuprá-lo. Aquele anfitrião usou a mesma forma verbal quando tentou proteger o visitante levita da morte praticamente certa.

A oferta de Ló faz meu estômago embrulhar. Como pai, eu usaria qualquer violência necessária para proteger minhas filhas do horror ao qual Ló acabara de condenar as suas. Nenhum costume ou lei me convenceria a sacrificar minhas meninas por ninguém, ainda mais por dois estranhos. Sua proposta bizarra e insana ilustra simplesmente quanto sua mente se corrompera depois de viver por tantos anos naquele poço de esgoto moral. Não consigo decidir o que mais me enoja: a vilania dos cidadãos de Sodoma ou a hipocrisia depravada de Ló.

Para os propósitos da narrativa, a oferta de Ló ilustra quão predatórias e pervertidas as pessoas de Sodoma haviam se tornado. Nas culturas antigas, nada excedia o valor de uma virgem quando o assunto era sexo. Contudo, os sodomitas desejaram ainda mais os homens desconhecidos. Empurraram Ló para trás e atacaram a porta. Os anjos reagiram rapidamente puxando seu anfitrião para dentro da casa, bloqueando a porta. Na melhor das hipóteses, porém, isso só lhes daria alguns minutos mais.

Até esse momento, os anjos haviam mantido sua identidade oculta. Não precisavam de proteção, é claro. Eles simplesmente cumpriam seu papel em um drama planejado para revelar a verdadeira natureza da cidade e o homem que Abraão presumia ser “justo”. Nesse ponto, a história muda. Os anjos deixam de desempenhar o papel de vítimas em potencial e se tornam os agressores. Com poder sobrenatural, eles “feriram de cegueira os homens que estavam à porta da casa, dos mais jovens aos mais velhos, de maneira que não conseguiam encontrar a porta” (Gn 19.11).

A urgência e o senso de perigo agora mudam. Não sentimos mais a tensão de dois homens em risco de serem estuprados; sentimos agora a pressão do tempo. Ló e sua família escapariam antes que a ira de Deus destruísse a cidade? A urgência na voz dos anjos deve ter sido chocante. Ló não sabia nada sobre a destruição que estava prestes a cair sobre a cidade que ele adotara para viver. Os anjos sabiam qual era seu objetivo, mas não eram oniscientes. Eles não sabiam quantas pessoas deveriam ajudar a fugir.

Os dois homens perguntaram a Ló: “Você tem mais alguém na cidade — genros, filhos ou filhas, ou qualquer outro parente? Tire-os daqui, porque estamos para destruir este lugar. As acusações feitas ao SENHOR contra este povo são

Ló não ofereceu resistência e não demonstrou dúvida. Sua reação parece indicar que a resposta de Deus ao pecado de Sodoma e Gomorra não foi nenhuma surpresa. Ele respondeu à pergunta dos anjos com uma rápida contagem de pessoas. Além dele próprio, havia sua esposa, duas filhas e os homens comprometidos com elas.

Lendo isso como pai de duas jovens, tenho de pensar quem Ló considerava ser um marido adequado para cada uma delas. Naqueles dias, os casamentos eram arranjados pelos pais. Quais famílias de Sodoma ele havia abordado? Quais pecados e evidentes falhas de caráter Ló se forçou a desprezar como justificativa para colocar a vida de suas filhas preciosas nas mãos daqueles homens? Está bastante óbvio que sua negligência moral era profunda e que ele já não se lembrava mais de todos os valores que vira em seu tio piedoso.

Ló se importou o suficiente com seus futuros genros para ajudá-los a fugir. Ele os advertiu sobre o julgamento iminente de Deus e insistiu que também saíssem da cidade. “Saíam imediatamente deste lugar, porque o SENHOR está para destruir a cidade!”(Gn 19.14). Mas, em vez de segui-lo, esses dois homens desprezaram o aviso, achando que se tratava de uma espécie de pegadinha. Estava claro que eles não viam nada no caráter de Ló que sugerisse que ele tivesse esse tipo de relacionamento com Deus. E ele de fato não tinha! O Senhor o poupou em favor de seu tio. Assim, quando Ló e sua família se levantaram no amanhecer do dia seguinte e fugiram pelo vale, deixaram os dois homens para trás.

Esse último encontro com os cidadãos de Sodoma indica o tipo de vida que Ló levava e a reputação que construía para si mesmo. Sodoma nunca o abraçou como um dos seus. Fora de sua casa, seus vizinhos diziam: “Este homem chegou aqui como estrangeiro, e agora quer ser o juiz!” (Gn 19.9). Ele nunca tomou parte no pecado deles, mas nunca lhes havia oferecido oposição. Vivia no meio deles com valores que lhe foram ensinados por seu tio, mas em vez de se conduzir de maneira autêntica e de se apresentar abertamente como modelo de melhor conduta, ele optou por minimizar sua diferença étnica, deu de ombros para a iniquidade deles e misturou-se à paisagem. Em vez de representar a bondade de Deus, contentou-se em ser menos maligno que seus pares.

Escolha Deus

O teólogo Alexander Whyte oferece uma sóbria reflexão sobre a negligência de Ló:

Por que um homem com um início como o de Ló, com experiências como as de Ló, não se decidiu por deixar para trás uma vida, uma vizinhança, uma ocupação e uma companhia das quais continuamente brotavam tanto perigo e tanta aflição de alma? A razão é que ele havia investido em Sodoma, como diriam nossos comerciantes. Ele investira dinheiro e embarcara, com a família, para habitar em terras próximas a Sodoma, para desfrutar dos bens locais e de seus esplêndidos lucros. E, com toda a indecência que assolara seu coração, Ló jamais se convenceria a abrir mão de Sodoma e Gomorra.²

Ló gostou do desafio de viver em Sodoma. Ele não pensou no impacto que isso teria sobre sua família. Contudo, de uma coisa podemos estar certos: quando flertamos com a imoralidade, nosso coração será corrompido e, por fim, violado.

Permita-me apresentar uma ilustração bem-humorada da qual você não se esquecerá. Se você colocar luvas brancas numa criança e mandá-la brincar na lama, ela retornará com luvas enlameadas. A lama nunca fica “enluvada”. Você nunca verá lama enluvada. Tal como um par de luvas, suas convicções só podem ser contaminadas quando você tolera imoralidade em sua presença. Você não pode tornar a imoralidade menos suja ao fazer concessões morais. Isso não significa que não devemos nos associar a pessoas imorais; simplesmente quer dizer que precisamos rejeitar o comportamento imoral e nos afastar de qualquer ambiente no qual a imoralidade seja permitida ou encorajada como um estilo de vida.

Ló foi manchado pelo pecado de Sodoma porque não tinha convicções. Convicções são princípios interiores enraizados de maneira profunda e firme em relação a integridade, moralidade, ética e fé. Um conjunto de convicções nos ajuda a reconhecer o bem e o mal e, então, nos leva a confrontar o segundo e a escolher o primeiro.

Porque nascemos com uma natureza pecaminosa e egoísta, não podemos olhar para dentro de nós mesmos e discernir a diferença entre certo e errado. Nossas convicções devem vir de um lugar que é mais elevado e melhor do que nossos desejos. Essa é uma das principais razões pelas quais Deus

nos deu sua Palavra, a Bíblia. A mente de Deus define o bem e o mal, e ele escreveu o padrão com tinta preta em páginas brancas. Portanto, derivamos nossas convicções do Livro dos livros.

Felizmente, não somos obrigados a seguir sozinhos; temos uma comunidade de pessoas que olham para o mesmo ideal de padrão moral. Espero que você tenha pais, família e amigos que encorajam um estilo de vida reto. Espero que você tenha uma igreja forte com líderes fiéis e corajosos. Espero que professores e mentores tenham derramado as convicções deles sobre as suas. Espero que, neste momento, você já tenha cultivado um conjunto firme de convicções próprias baseadas nas verdades das Escrituras.

Precisamos de crenças. As crenças abastecem nosso conhecimento doutrinário e nos ajudam a nos estabelecer na fé. Elas formam uma parte importante da consciência cristã e fornecem direção para nossas jornadas de fé. Nossas crenças afiam a lâmina do discernimento. Mas as convicções... O que você sabe é uma coisa, mas o que você *faz* com seu conhecimento define seu caráter e constrói sua reputação. É preciso coragem para desenvolver princípios interiores profundos e firmemente enraizados com relação a integridade, moralidade, ética e fé. É *disso* que precisamos nos governos e que tão raramente encontramos. É *disso* que precisamos nas igrejas e nas escolas. Mas até mesmo essas instituições podem carecer de tais convicções. Você pode fazer uma diferença importante no lugar onde vive ao estabelecer um conjunto de convicções extraídas da Palavra de Deus e então apegar-se a elas.

Foi nesse ponto que Ló falhou. Ele permaneceu justo no sentido de que não cometeu os pecados de Sodoma. Sem convicções fortes, porém, ele permitiu que o pecado daquele povo o diminuísse como homem e como pai. Diante disso, como podemos ser melhores? Começamos a melhorar quando abraçamos três verdades relacionadas às convicções.

As convicções devem ser claramente estabelecidas diante de Deus; do contrário, elas serão torcidas e enfraquecidas diante dos outros. Posso falar sobre isso por experiência, com base no período em que atuei como militar. Assim que entrei numa base militar em Okinawa e coloquei minha mochila no chão, vi-me cercado por pessoas e atividades que ameaçavam enfraquecer minha disposição e distorcer minhas convicções. Aquela base era literalmente coberta de prostituição, pornografia, drogas e bebidas. Isso é que é uma fossa moral! Eu sabia que, para sobreviver ao ataque, teria de determinar e definir minhas convicções de maneira explícita e então me comprometer com elas. Não ousei fazer o que me desse na “telha” ou confiar que, de alguma maneira, os valores de minha família entrariam em cena nos momentos certos. Embora eu fosse casado, o simples fato de ser um marido não me capacitava a ser puro. Eu precisava de minhas convicções claramente definidas. Esse tinha de ser um exercício consciente.

As convicções devem ser afirmadas e modeladas em casa; senão, farão concessões na rua. Quando sentei para definir minhas convicções, baseei-me em mais de vinte anos de vida familiar e vida na igreja, ambas (felizmente!) conformadas aos padrões bíblicos. Meus pais não me deram essas convicções na forma de lições bíblicas ou de palestras em sala de aula. Eu as obtive em torno da mesa de jantar, enquanto fazia minhas tarefas de casa, quando nos reuníamos em volta do piano para cantar, em viagens de compras, nas férias e em eventos sociais. Ouvi meus pais articularem seu sistema de valores, e depois os via vivendo o que diziam. Não consigo contar as tantas vezes em que ouvi minha mãe ou meu pai alertarem: “Agora, escute o que vamos lhe dizer, filho. Preste atenção”. Então, eles declaravam uma verdade importante. Esse treinamento em meu lar tornou-se crucial quando eu estava a 12 mil quilômetros de casa.

As convicções devem significar tudo para nós em termos pessoais; se não for assim, elas não significarão nada quando estivermos sob pressão. Em geral, sabemos a diferença entre certo e errado; sabemos o que *devemos* fazer. Em alguns casos, porém, não estamos totalmente convencidos de que o esforço vale a pena. Duvidamos de que podemos vir a ser pegos, ou minimizamos a severidade das consequências. Assim, é quase certo que vamos nos render à pressão do pecado quando a tentação se abater sobre nós de maneira inesperada e implacável.

A pressão, a propósito, normalmente vem da opinião majoritária. Não haviam se passado nem vinte minutos desde a minha chegada ao alojamento quando meus colegas começaram a me dizer onde era possível transar à noite. Não foi nenhuma surpresa descobrir que a maioria dos 48 marinheiros da minha barraca havia contraído doença sexualmente transmissível. Enquanto isso, eu tinha uma esposa me esperando em casa. Embora eu conhecesse a tentação, sabia ainda mais fortemente que um dia eu teria de olhar nos olhos dela e escolher entre dizer-lhe a verdade ou contar-lhe um monte de mentiras. E eu sabia que o que eu dissesse a ela se tornaria parte da fundação sobre a qual construiríamos nosso casamento, nossa vida juntos, o lar no qual criaríamos

nossos filhos e, por fim (embora eu não soubesse disso naquela época), o ministério que compartilharíamos.

Minhas convicções se tornaram indiscutíveis para mim, e isso me ajudou a retornar com a consciência limpa para os braços de minha esposa.

Como incansável admirador do presidente Abraham Lincoln, devorei mais de uma biografia dele. Saboreei o livro *Team of Rivals* [Time de rivais] e assisti ao filme *Lincoln* duas vezes. A força das convicções daquele homem me inspira a agir com ousadia. Cercado por um gabinete que não acreditava na viabilidade da décima terceira emenda e pressionado por homens de seu partido a fazer acordos com o Sul para terminar a guerra mais cedo, Lincoln recusou dobrar-se. Ele desafiou seus pares a se colocarem acima das dúvidas, a agirem de acordo com o objetivo comum de dar cabo da escravidão nos Estados Unidos e a pressionarem a oposição. No fim, suas convicções triunfaram. Contra todas as probabilidades, apegando-se à esperança mesmo quando ela era muito pequena, ele liderou a derrota da escravidão.

Quem dera tivéssemos mais líderes como Lincoln. Quem dera tivéssemos mais homens e mulheres de fé como Abraão. Ó Deus, que eu termine meus dias na terra como um homem igual a eles. Que o Senhor possa fazer de nós pessoas de convicção inflexível!

CAPÍTULO 11

O lamento de duas cidades

AMO A BÍBLIA, MAS temo pregar, ensinar ou escrever sobre algumas de suas passagens. O capítulo 19 de Gênesis é uma delas. Ele trata de pecados tão repulsivos que a narrativa bíblica omite a imensa maioria dos detalhes. Até onde podemos determinar, ele descreve a completa destruição de cinco cidades e milhares de pessoas. Esse trecho explica por que Deus reduziu um vale outrora idílico a um poço salgado de pedras e poeira, e a um mar que até hoje não é capaz de sustentar vida.

Em meu esboço da biografia de Abraão, eu preferiria omitir esse capítulo obscuro, mas, pela sabedoria de um Deus onisciente, sou compelido a incluí-lo. Ele sabe o que faz. Embora Abraão não seja citado no capítulo 19 de Gênesis, os eventos ocorridos cerca de 30 quilômetros a leste de seu acampamento ajudaram a definir seu caráter. Aprendemos mais sobre esse grande homem de fé ao examinar o mundo no qual ele vivia. Igualmente importante, porém, é que aprendemos mais sobre o Deus que ele adorava e em quem confiava — aquele ao qual ele resolveu seguir, abrindo mão de tudo.

Conforme retomamos a história do sobrinho de Abraão e da cidade condenada na qual ele vivia, insisto que você leve Deus a sério. Ló e sua família não levavam Deus a sério até que foram quase consumidos pela ira divina contra os vizinhos deles. Os futuros genros de Ló nunca levaram o Deus dele a sério e morreram — física e espiritualmente. A. W. Tozer escreve: “A coisa mais importante a nosso respeito é aquilo que nos vem à mente quando pensamos em Deus”.¹ Isso era certamente verdade em relação a Abraão e Ló, e permanece sendo verdadeiro para nós hoje. Portanto, reserve alguns momentos para perguntar a si mesmo: “O que me vem à mente quando penso em Deus?”.

Um bom lugar para começar seria examinar os atributos dele, suas características definidoras. Como Deus é? O que suas ações e respostas revelam sobre suas habilidades, seus valores, seu caráter?

As Escrituras repetidamente o descrevem como um Deus de amor. Ele é eterno, infinito, imensurável, onisciente e onipotente. Ele é bom, misericordioso, bondoso, sábio, compassivo e paciente. Ele é imutável, o que significa que sua personalidade nunca muda. Ele é soberano, ou seja, tem autoridade moral para tomar qualquer decisão que queira e o poder de colocá-la em prática. Em outras palavras, ele tem controle total. Ele é santo, não está contaminado pelo mal que tomou sua criação. Ele é justo, completamente puro em todas as suas ações e motivações.

Todas essas coisas são verdadeiras, mas a lista está incompleta. A maioria das pessoas concordaria com essas características, e para muitos isso seria o bastante. Como é fácil desprezar a qualidade da justiça divina! Preferimos evitar o princípio teológico de que a tolerância e a paciência de Deus têm limites. Sua misericórdia vem com data de validade. Há ocasiões em que Deus afirma: “Basta. É isto. Chega”.

Deus disse “Chega” em Gênesis 6, quando expressou tristeza por ter criado a humanidade, pelo que trouxe, mais tarde, o grande dilúvio. Em sua graça, porém, ele salvou Noé e sua família.

Deus disse “Chega” em Gênesis 11, quando os seres humanos, em seu orgulho, ficaram obcecados pela construção de um monumento a si mesmos. Então, o Senhor frustrou a construção da torre de Babel.

Deus disse “Chega” em Daniel 5, quando Belsazar aviltou Deus em um banquete imoral em celebração a deuses falsos. E o Senhor causou a queda da Babilônia.

A misericórdia de Deus tem limites porque sua justiça exige satisfação. Se o mal nunca fosse confrontado, se o pecado nunca fosse punido, Deus não seria justo. Se o Senhor estabelecesse regras e nunca exigisse seu cumprimento, para que serviriam as regras? Ele estabeleceu um código moral — um padrão objetivo de certo e errado — que é sempre para o nosso bem. Suas leis, quando obedecidas, tornam a vida melhor para todos. Quando as pessoas não cumprem essas leis, outros sofrem.

Em Gênesis 19, Deus disse “Chega”. Abraão implorou a Deus que retivesse sua ira caso encontrasse dez pessoas justas entre todas as imorais. Ele esperava que isso poupasse Ló e sua família. Deus escolheu não atender ao pedido específico de Abraão, mas honrou a motivação dele ao enviar anjos para ajudar Ló e seus familiares a fugir. Os anjos abriram a oportunidade para qualquer outra pessoa que Ló soubesse ser justa, mas ninguém apareceu.

Dia de julgamento

As horas que antecederam o amanhecer trouxeram consigo uma oportunidade para que Ló escapasse com vida e salvasse sua família. Estimulados por um senso de urgência, os anjos não deixaram ninguém dormir. “Depressa! Leve daqui sua mulher e suas duas filhas, ou vocês também serão mortos quando a cidade for castigada” (Gn 19.15). Mas Ló hesitou. O termo hebraico aqui significa “demorar, atrasar, esperar”.

O narrador não nos conta a razão para a demora de Ló. Não há indicação de um desejo de morrer, e tudo o que podemos dizer com certeza é que Ló não levou a ameaça de destruição assim tão a sério. Imagine alguém chegando à sua casa e dizendo: “Um terremoto vai acontecer daqui a três minutos, e toda esta área será destruída. Sei do que estou falando; por isso, você deve ir para o local mais longe que puder”. Você não hesitaria se tivesse confiança no mensageiro e acreditasse na mensagem.

Como Ló persistia na demora, os anjos tiveram de arrastá-lo e a sua família para fora da cidade. Quando os anjos insistiram que ele fugisse para as montanhas, Ló expressou um medo curioso: “Não, meu senhor! Seu servo foi favorecido por sua benevolência, pois o senhor foi bondoso comigo, poupando-me a vida. Não posso fugir para as montanhas, senão esta calamidade cairá sobre mim, e morrerei” (Gn 19.18-19).

Tenho dificuldade para entender esse homem. A mensagem é clara: “Breve — muito breve — este lugar será reduzido a poças de enxofre borbulhante. Saia daqui”. Se Deus me der uma rota de fuga com um plano específico para correr, vou correr para onde ele me mandar! Qual é o propósito de se discutir com a onisciência?

Além do mais, a lógica de Ló é confusa. Sua objeção (“Não posso fugir para as montanhas, senão esta calamidade cairá sobre mim, e morrerei”) pode ser interpretada de duas maneiras. Primeiro, ele parece argumentar que não poderia ficar fisicamente adiante da destruição. A expressão “cairá sobre mim” vem de um verbo hebraico que significa “grudar, juntar, unir”. De acordo com essa interpretação, ele temia que o desastre o envolvesse antes que pudesse escapar. Ló então pediu permissão para correr para uma pequena cidade das redondezas. Pouco antes, ele demorava a agir, de modo que esse interesse repentino em uma saída rápida não faz sentido. Igualmente, se ele estava preocupado em não conseguir chegar longe o suficiente, então não teria escolhido uma cidade nas redondezas.

Uma segunda e mais provável explicação é que Ló estava relutante em deixar o conforto da vida na cidade em favor de uma existência menos refinada no campo. Ele estava tão bem estabelecido na afluência e no conforto de sua casa em Sodoma que hesitou em deixá-la, mesmo com a temível ira de Deus espregueando sobre sua cabeça. Ao ser forçado a deixar sua casa e arrastado até os limites da cidade, ele implorou por permissão para se refugiar não nas colinas, mas num vilarejo próximo, no extremo sul do vale. Contanto que esteja salvando sua vida, a cama de um hotel barato é melhor do que o chão duro e frio, certo?

Perceba o exagero de Ló: “Esta calamidade cairá sobre mim, e morrerei” (Gn 19.19). Isso é prova adicional de quão insano se tornara seu pensamento. Anos de racionalização e concessões lhe haviam roubado a habilidade de usar a razão; ele não dispunha mais da capacidade de distinguir entre perder o conforto e perder a vida. Ele se mudou para Sodoma a fim de melhorar sua condição social e tornou-se parte da sociedade local para preservar sua riqueza e seu *status*; isso o fez mental e emocionalmente dependente da cidade... a despeito da óbvia depravação ali presente. A riqueza e o conforto de Sodoma haviam se tornado uma armadilha mental.

O acadêmico alemão H. C. Leupold ajuda a pintar o quadro: “É exigido um excesso de paciência da parte do leitor para tolerar esse apelo tão prolongado em um momento de perigo tão extremo. Ló demonstrava pouco apreço pelo que estava sendo feito por ele”.²

Em defesa de Ló, porém, fazemos algo muito semelhante hoje. Não levamos o Senhor a sério. Preferimos a imagem de Deus como um vovô idoso e bom, de barba branca e macia e um sorriso animador. A ira da justiça divina é por demais perturbadora para pensarmos nela. Contudo, as advertências do Novo Testamento me dão um arrepio na espinha. O tempo em que Deus pronunciará o derradeiro “Chega” pode surgir num instante. Seu Filho aparecerá nas nuvens e dará a esta era pautada na graça uma conclusão terrível e imediata. No que diz respeito a esse assunto, qualquer um de nós poderia morrer hoje à noite e colocar-se diante dele para prestar contas por sua vida.

Jesus insistiu que todos mantivéssemos em ordem as prioridades e não nos prendêssemos aos confortos temporais. Em razão de todos nós querermos nos apegar às nossas conveniências terrenas, até mesmo sob a ameaça de julgamento divino iminente, Jesus contou esta parábola:

A terra de certo homem rico produziu muito. Ele pensou consigo mesmo: “O que vou fazer? Não tenho onde armazenar minha colheita”. Então disse: “Já sei o que vou fazer. Vou derrubar os meus celeiros e construir outros maiores, e ali guardarei toda a minha safra e todos os meus bens. E direi a mim mesmo: Você tem grande quantidade de bens, armazenados para muitos anos. Descanse, coma, beba e alegre-se”. Contudo, Deus lhe disse: “Insensato! Esta mesma noite a sua vida lhe será exigida. Então, quem ficará com o que você preparou?”

Lucas 12.16-20

Repito, para fins de ênfase: Ló não levou Deus a sério. Ele ponderou sobre a ira de Deus contra suas comodidades e encontrou nelas motivações basicamente iguais. Felizmente, a misericórdia de Deus vai além da minha, do contrário Ló teria encontrado seu fim! Mas os anjos aquiesceram e graciosamente alteraram o plano, e um deles informou: “Também lhe atenderei esse pedido; não destruirei a cidade da qual você fala” (Gn 19.21).

Finalmente, Ló e sua família começaram a cruzar o vale, para nunca mais ver sua casa confortável na cidade. Não podemos sequer imaginar o que eles estavam pensando ao enfrentar a dura realidade. Todos os anos que haviam investido, todos os bens que haviam acumulado, todo o trabalho que haviam realizado para fazer de seu pedaço de chão um exemplo admirável, toda a energia que haviam colocado em seus relacionamentos e na ascensão social... tudo foi abandonado. Acabou. Antes do pôr do sol daquele dia, tudo seria transformado em cinzas e eles teriam de começar de novo do zero, sem nada além daquilo que pudessem carregar.

Enquanto apressavam Ló e sua família para fugir, os anjos disseram: “Fuja por amor à vida! *Não olhe para trás e não pare em lugar nenhum da planície!* Fuja para as montanhas, ou você será morto!” (Gn 19.17). Em essência, eles disseram: “Agora, não há mais nada para você aqui. Sua vida em Sodoma acabou; olhe apenas para o futuro que está à sua frente. O que acontece aqui, agora, é entre Deus e esse povo depravado. Não há nada da sua conta aqui”.

Algumas horas depois, Ló, sua esposa e suas filhas se aproximaram de Zoar, uma pequena cidade na região sul do vale do Jordão. Foram retirados às pressas de Sodoma antes do nascer do sol; agora, o topo das montanhas a leste começava a ficar alaranjado com o amanhecer. Por trás deles, a ira de Deus caía dos céus em forma de fogo e enxofre. “Assim ele destruiu aquelas cidades e toda a planície, com todos os habitantes das cidades e a vegetação” (Gn 19.25).

Conforme se aproximavam de Zoar, sua esposa não resistiu a dar um último e saudosos olhar por cima do ombro na direção de Sodoma. Por quê? Mais uma vez, ela não levou Deus a sério. Os anjos já a haviam arrastado fisicamente para os limites da cidade e insistido com ela para que fugisse pela planície, mas seu coração permaneceu na cidade condenada, ligado a seus vizinhos depravados e mantido cativo por seu estilo de vida confortável. Ela condenou a si mesma com aquela olhada para trás: “Mas a mulher de Ló olhou para trás e se transformou numa coluna de sal” (Gn 19.26).

Mais tarde, Jesus usou a morte dela para ilustrar um princípio espiritual: o mundo é temporário; o reino de Deus é eterno. Predizendo uma conflagração futura que afetaria o planeta inteiro, Jesus disse:

Aconteceu a mesma coisa nos dias de Ló. O povo estava comendo e bebendo, comprando e vendendo, plantando e construindo. Mas no dia em que Ló saiu de Sodoma, choveu fogo e enxofre do céu e os destruiu a todos. Acontecerá exatamente assim no dia em que o Filho do homem for revelado. Naquele dia, quem estiver no telhado de sua casa, não deve descer para apanhar os seus bens dentro de casa. Semelhantemente, quem estiver no campo, não deve voltar atrás por coisa alguma. Lembrem-se da mulher de Ló! Quem tentar conservar a sua vida a perderá, e quem perder a sua vida a preservará.

Lucas 17.28-33

Adeus, Sodoma

Depois de reunir as evidências bíblicas e ter observado aquela área com meus próprios olhos, sou da opinião de que toda a região do exuberante vale do Jordão afundou no enorme buraco que hoje é a parte sul do mar Morto. Agora, aquele é literalmente o lugar mais baixo da terra. A superfície desse lago salgado está a mais de 400 metros abaixo do nível do mar, tendo mais de 300 metros de profundidade. Um hábil escritor o descreve da seguinte maneira:

Diz-se que o que causa a destruição é “o fogo e o enxofre” que Yahweh lançou tão abundantemente sobre aqueles lugares a ponto de se dizer que ele os fez “chover” sobre Sodoma e Gomorra. Sobre esse ponto, o relato é bastante conciso. Qualquer tentativa que se faça para descobrir mais proximamente os detalhes daquilo que transpirou deve permanecer estritamente dentro dos limites das declarações textuais. Nada aponta diretamente para uma erupção vulcânica; também não são encontrados restos de lava nas proximidades. A expressão “destruiu” [ou “derribou” (RC) ou “subverteu” (RA)] não necessariamente aponta para um terremoto. O “fogo” que choveu do céu pode ter sido de relâmpagos. O “enxofre” pode ter sido miraculosamente criado e assim ter caído junto com os relâmpagos, embora exista a outra possibilidade de que uma enorme explosão de materiais altamente inflamáveis, incluindo enxofre, depositados no solo (cf. os “poços de betume” de Gn 14.10) tenham lançado esses materiais, especialmente o enxofre, a grandes alturas no ar, de modo que eles pudessem ter caído sobre aquelas cidades, causando um enorme incêndio. Além disso, parece bem provável que,

depois de aqueles materiais combustíveis terem pegado fogo, o próprio local das cidades tenha literalmente carbonizado até uma profundidade razoável e, assim, as águas da parte norte do mar Morto tenham preenchido a área queimada.³

O evento foi tão dramático que Abraão testemunhou colunas de fumaça brilhantes de seu acampamento nas montanhas, a cerca de 30 quilômetros de distância (cf. Gn 19.27-28). As filhas de Ló achavam que toda aquela região havia chegado ao fim, restando apenas sua família como sobreviventes (cf. v. 31).

Há alguns anos, durante uma viagem ao Japão, minha esposa e eu tivemos o privilégio de visitar o Museu Memorial da Paz de Hiroshima, que recorda uma das mais horríveis perturbações provocadas pelo homem na História. É incrível o que uma bomba enorme pode fazer. Fotos e filmes realizados antes, durante e depois da explosão mostram árvores gigantes que foram transformadas em caules negros e queimados, inclinados na direção oposta à da explosão. Prédios foram arrasados. Nada foi deixado senão tufo de vegetação que por alguma razão sobreviveram, queimados e sem folhas. As pessoas que visitavam o museu detinham-se para observar, em silêncio.

O desastre dos dias de Abraão, que engoliu um vale inteiro, várias cidades e milhares de pessoas, foi ainda mais severo. Hoje, Hiroshima e Nagasaki são cidades modernas e vibrantes... mas nada será construído onde um dia estiveram as cidades de Sodoma e Gomorra. É o marco zero definitivo. A porção de terra que restou não sustenta a vida humana em nenhuma escala prática; é estéril, desolada e silenciosa. O mar Morto e a terra devastada ao seu redor continuam a advertir cada nova geração de levar Deus a sério e respeitar sua justiça. A região inteira relembra o dia em que Deus disse: “Basta. Chega”.

A destruição do vale do Jordão continuou por toda a noite. No início da manhã seguinte, Abraão correu na direção da gigantesca e revolta nuvem que bloqueava o sol da manhã. Ele parou no lugar onde havia falado pela última vez com a manifestação humana de Deus (cf. Gn 18.22). Ali, “olhou para Sodoma e Gomorra, para toda a planície, e viu uma densa fumaça subindo da terra, como fumaça de uma fornalha” (Gn 19.28). Ele estava ali, sozinho — não vemos nenhuma menção a Sara ou a servos —, pensando se aquela fumaça que se elevava continha os restos mortais de seu sobrinho. Pelo que lhe constava, Deus havia encontrado menos de dez pessoas justas e, então, destruíra o justo com o injusto. Isso porque Abraão levava Deus a sério.

Sodoma hoje

Para o observador objetivo, Ló e sua esposa foram completamente tolos. Construíram seu lar numa ilha dentro de uma fossa e, quando a morte espreitou por sobre sua cabeça, não quiseram sair. Quem faria algo tão irracional, tão estranho, tão... estúpido? A história do sr. e da sra. Ló e a das cidades de Sodoma e Gomorra se tornaram icônicas. A experiência deles, conforme descrita e preservada na Bíblia, é tão extrema que assumiu qualidades míticas. Conseqüentemente, temos dificuldade para enxergar essas figuras históricas como pessoas reais, exatamente como nós. Se não tivermos cuidado, vamos nos inclinar para trás, no conforto do sofá de nossa sala de estar, e julgar Ló e sua esposa com severidade excessiva. O fato é que, em muitos aspectos, não somos diferentes. Embora estejamos separados por 3.500 anos, milhares de quilômetros e um idioma, lutamos com as mesmas fragilidades e os mesmos desejos da natureza humana.

Ló, que no Novo Testamento é considerado um homem justo (cf. 2Pe 2.7), pôde viver confortavelmente em Sodoma porque, com o passar do tempo, sua percepção da realidade foi se tornando gradualmente distorcida. Ele justificou suas escolhas insensatas com pequenas desculpas e racionalizações menores. Se você já lidou com um vício severo ou com um penoso estado de intervenção, não é tão difícil imaginar como Ló terminou se sentindo confortável em seu ambiente contaminado. Você sabe qual é a influência que um vício pode ter sobre uma pessoa, e já viu a progressiva distorção mental de um viciado. Seu ente querido viciado vai racionalizar, negar, justificar, barganhar, lutar, mentir e usar todos os meios disponíveis para permanecer em sua dor enganosa. O viciado teme a libertação do vício como se ela fosse a morte certa.

Talvez você não esteja tão iludido quanto Ló e sua esposa, e pode ser que não esteja sob as garras de um vício. Ainda assim, reflita sobre sua situação atual. Tente ver sua vida de maneira objetiva, da mesma forma como observou a vida de Ló. O que você está tolerando? Onde está fazendo concessões? Pode ser que esteja permitindo que a pornografia polua seu lar ou sua mente. Pode ser que esteja guardando os segredos de um parceiro abusivo, que lhe causa ou a outros um dano contínuo. Pode ser que esteja fraudando registros financeiros onde trabalha, algo que você

racionalizou porque isso o ajuda a sustentar a família. Antes de olhar de cima para baixo para o sr. e a sra. Ló e questionar: “Como é que eles fizeram isso?”, apenas pense.

De acordo com o apóstolo Pedro, Ló lutou com sua consciência o tempo todo em que viveu com os sodomitas. “[Deus] livrou Ló, homem justo, que se afligia com o procedimento libertino dos que não tinham princípios morais (pois, vivendo entre eles, todos os dias aquele justo se atormentava em sua alma justa por causa das maldades que via e ouvia)” (2Pe 2.7-8). E ele sem dúvida lamentou o efeito que aquilo teve sobre suas filhas.

Ló provavelmente viu suas filhas adolescentes ficarem cada vez mais parecidas com suas colegas, usando o que as outras moças de Sodoma usavam. Ele sem dúvida escutou a conversa delas em outra sala e sentiu tristeza diante da corrupção de seus valores. Ele via os rapazes que elas consideravam desejáveis e se preocupava com o futuro delas. Ele pode ter dito à sua esposa algo como: “Sabe, querida, acho que esta cidade não é boa para nossos filhos; talvez devêssemos nos mudar”.

Posso ouvir a resposta da sra. Ló. Já a ouvi de muitos pais condescendentes: “Ora, Ló! Não seja tão exigente. A vida é assim na cidade grande. Elas são apenas adolescentes passando por uma fase. Vai dar tudo certo. Apenas espere. Você verá”.

Ló lutou com sua consciência e, por fim, conseguiu silenciá-la. Na época da destruição de Sodoma, ele não estava mais preocupado com suas filhas. De fato, estava disposto a entregá-las para serem estupradas em grupo por seus vizinhos e, assim, salvar seus convidados. Depois de tantos anos de transigência e racionalização, sua consciência havia se tornado um sussurro distante.

Não se engane. Se é errado, é importante. Se é um erro habitual, é ainda mais importante. Chegou a hora de todos nós abirmos os olhos e examinarmos nosso lar, nossa vizinhança e nosso país de maneira objetiva. Que pecados toleramos? Que males racionalizamos? Talvez com certa ironia, Ruth, a esposa de Billy Graham, disse: “Se Deus não punir os Estados Unidos, terá de pedir desculpas por Sodoma e Gomorra”.⁴ O mesmo poderia ser dito em relação ao mundo inteiro, pois não somos menos culpados que Ló em sua cegueira.

Não coloco datas. Apenas sei que haverá um dia quando Deus dirá: “Basta. Chega”. À espera desse dia futuro, tenho três coisas a dizer a todos que se importam em ouvir e dar atenção.

Deus ainda é um Deus de santidade; leve-o a sério. Ele é santo! Moralmente puro. Inocente de qualquer delito. Livre de motivações impuras. Ele quer que o lugar onde você vive seja santo. Ele quer que suas decisões sejam santas. Ele quer que a maneira como você cria seus filhos seja santa. Ele quer que seus bens sejam santos. Ele quer que seus pensamentos sejam puros. Ele quer que *você* seja santo.

Tendo dito isso, também adiciono este lembrete:

Ainda somos criaturas imorais; leve Deus a sério. Todos nós somos pessoas ímpias, pecaminosas. Tenho essa percepção. Ainda temos dificuldade com nossa depravação. Mais uma razão para levarmos Deus a sério. Como Salomão aconselhou seu filho,

Confie no Senhor de todo o seu coração e não se apoie em seu próprio entendimento; reconheça o Senhor em todos os seus caminhos, e ele endireitará as suas veredas. Não seja sábio aos seus próprios olhos; tema o Senhor e evite o mal. Isso lhe dará saúde ao corpo e vigor aos ossos.

Provérbios 3.5-8

Em resposta à nossa depravação e a despeito de nossos fracassos, devemos ouvir atentamente a Deus antes de tomar decisões. Isso é especialmente verdadeiro quando nossa motivação for desfrutar um pouco mais de conforto ou ganhar um pouco mais de dinheiro. Examine sua nova vizinhança em potencial e considere a influência das pessoas que você chamará de amigos, colegas de trabalho ou vizinhos. De que maneira essa decisão afetará outras pessoas em sua vida, como seu cônjuge ou seus filhos?

Ainda estamos sob a misericórdia da graça de Deus; leve Deus a sério. A razão pela qual ainda temos ar em nosso pulmão é a misericórdia de um Deus gracioso. Ele não nos eliminou a todos porque criou um plano para nos redimir de nossa imoralidade. Tal como o tolo e iludido Ló, não merecemos a misericórdia e somos lentos em responder quando Deus envia mensageiros para nos livrar do perigo.

Felizmente, alguns de nós foram resgatados. Outros, porém, ainda não levam Deus a sério. Se você está fazendo concessões, se está se concentrando apenas no amor de Deus em detrimento de sua justiça, se você está se demorando depois de ele ter insistido para que se afaste das influências contaminadoras, você está correndo grave perigo.

O dia do julgamento pode chegar a qualquer instante. Lembre-se de Ló... e não resista à oferta de resgate que Deus lhe fez. Lembre-se da mulher de Ló... e não olhe para trás.

CAPÍTULO 12

A superação da perigosa contracorrente da depravação

HÁ ALGUM TEMPO, o evangelista Billy Graham escreveu: “A obsessão pelo sexo sempre foi uma marca das civilizações decadentes”.¹ Embora ninguém consiga dizer com precisão quando tal obsessão teve início nesta geração, podemos afirmar que nossa cultura ocidental é viciada em sexo.

Baseando-se na arte e na literatura de todas as eras, alguém pode defender que a humanidade sempre foi obcecada pelo sexo, mas nunca na História o conteúdo sexual foi tão onipresente e ousado. O que aparece na televisão e nos *outdoors* costumava ser considerado pornografia. Para ver pornografia, era preciso ir a uma parte não recomendável da cidade e comprá-la impressa ou em filmes em uma loja escondida e mal iluminada; hoje, ela está disponível *on-line* e de graça. De acordo com um estudo abrangente, 51% dos meninos e 32% das meninas viram pornografia antes dos 13 anos de idade.² Como sociedade, estamos corrompendo a imaginação de toda uma geração de crianças antes que elas alcancem a puberdade. A expressão “inocência juvenil” está rapidamente se convertendo em um oxímoro.

Billy Graham continua:

A imutável lei de plantar e colher continua firme e forte. Somos agora infelizes depravados morais, e buscamos em vão uma cura. As ervas daninhas da indulgência cresceram mais do que o trigo do comedimento moral. Nossos lares sofreram. O divórcio cresceu a ponto de alcançar proporções epidêmicas. Quando os padrões de conduta estão desajustados, a família é a primeira a sofrer. O lar é a unidade básica de nossa sociedade, e uma nação é tão forte quanto seus lares. A ruptura de um lar não costuma aparecer nas manchetes, mas ela corrói como cupim a estrutura da nação.³

O dr. Carle Zimmerman, sociólogo de Harvard que examinou a ascensão e a queda de impérios no decorrer dos séculos, deu grande atenção à correlação entre a vida familiar e a vida nacional. Seu livro *Family and Civilization* [Família e civilização] conclui que civilizações em deterioração seguem um padrão razoavelmente definível e que “famílias atomísticas” dominam a paisagem social das culturas decadentes. Quando começaram a se desfazer, as civilizações apresentavam cinco características em comum:

1. O casamento perdera sua sacralidade, o divórcio se tornara lugar comum e formas alternativas de casamento foram aceitas.
2. Os movimentos feministas tinham minado os papéis complementares e cooperativos, uma vez que as mulheres haviam perdido o interesse na maternidade e buscado poder pessoal.
3. Criar os filhos tornara-se cada vez mais difícil, o desrespeito público pelos pais e pela autoridade aumentara e a delinquência e a promiscuidade haviam se tornado mais comuns.
4. O adultério passara a ser celebrado, não punido; pessoas que tinham rompido seus votos matrimoniais eram admiradas.
5. Havia tolerância crescente em relação a sexo incestuoso e homossexual, com um aumento nos crimes relacionados ao sexo.⁴

As conclusões de Zimmerman são tão atuais que chegam a ser assustadoras. Tem-se a impressão de que ele observou o mundo ocidental no século 21 e, então, resumiu suas descobertas. Na verdade, ele as escreveu em 1947, no amanhecer daquela que muitos considerariam a era de ouro da família nuclear. Seu estudo da história e da sociologia foi puramente acadêmico, não uma reação àquilo que ele viu como o declínio ocidental. Embora a descrição que ele faz de uma civilização condenada retrate bem demais a nossa cultura, devemos ter em mente que a depravação tem feito parte de nossa condição humana desde Adão e Eva.

Depois de o primeiro casal ter optado por violar a única regra de Deus, não levou muito tempo até que o pecado alcançasse sua profundidade mais escura. Logo na geração seguinte, um homem matou outro. Do paraíso ao assassinato em uma única geração. O apóstolo Paulo explica a razão disso: “Portanto, da mesma forma como o pecado entrou no mundo por um homem, e pelo pecado a morte, assim também a morte veio a todos os homens, porque todos pecaram; [...] por meio da desobediência de um só homem muitos foram feitos pecadores” (Rm 5.12,19). Isso significa que a depravação é um problema universal; todos nós lutamos contra a natureza pecaminosa que nos puxa

para baixo. Se não fosse reprimido, o mal inerente à humanidade nos levaria à autodestruição em uma geração apenas, talvez menos.

Destaco isso para nos ajudar a manter uma perspectiva adequada de Gênesis 19. Os eventos descritos nesse capítulo obscuro representam algumas das piores qualidades da humanidade. Sodoma e Gomorra tornaram-se icônicas, quase míticas, em sua condição de cidades de pecado. Se não formos cuidadosos, poderemos nos esquecer de que compartilhamos da mesma natureza depravada das pessoas daquelas cidades condenadas. Apesar dos muitos milhares de anos que nos separam, nosso pecado social se parece muito com o delas. Deus preservou aqueles relatos de Abraão, Ló, suas filhas e sua cultura para nos ajudar a examinarmos a nós mesmos e então determinarmos como devemos viver. “Tudo o que foi escrito no passado, foi escrito para nos ensinar” (Rm 15.4).

Desdobramentos

Depois de ter sido arrastado de sua cama confortável e empurrado para a divisa de sua cidade preferida, Ló foi instruído a fugir para as montanhas. Temendo que pudesse morrer de desconforto, ele implorou: “Não posso fugir para as montanhas, senão esta calamidade cairá sobre mim, e morrerei. Aqui perto há uma cidade pequena. Está tão próxima que dá para correr até lá. Deixe-me ir para lá! Mesmo sendo tão pequena, lá estarei a salvo” (Gn 19.19-20). Infelizmente, porém, a esposa de Ló nunca conseguiu chegar a Zoar; ela morreu no meio do caminho. Em consequência, apenas três pessoas sobreviveram à destruição do vale do Jordão: Ló e suas duas filhas.

Eles se refugiaram naquela cidade pequena próxima da parte sudeste do que é hoje o mar Morto, mas as coisas não deram certo. “Ló partiu de Zoar com suas duas filhas e passou a viver nas montanhas, porque tinha medo de permanecer em Zoar. Ele e suas duas filhas ficaram morando numa caverna” (Gn 19.30). Evidentemente, foi isso mesmo o que os anjos disseram logo no início, exceto pelo fato de que eles poderiam ter recomendado que Ló se refugiasse com seu tio em vez de seguir sozinho.

Parece que viver em Sodoma fazia algo terrível para o cérebro. Por toda a narrativa, os residentes de Sodoma carecem da habilidade de raciocinar adequadamente. A esposa de Ló resistiu a sair da cidade que Deus considerava uma fossa de esgoto moral. Ló tomou decisões bizarras, como oferecer as próprias filhas para proteger seus convidados, apegando-se a uma cidade marcada para a destruição, barganhando com anjos sobre o lugar para onde correr e escolhendo viver em uma caverna em vez de buscar refúgio e ajuda em Abraão. Esse pensamento errôneo, caracterizado por uma perspectiva distorcida da realidade, afetou igualmente suas filhas.

Nesse incidente que envolve Ló e suas filhas, encontro quatro características de raciocínio falho. E, tal como revelam as observações de Zimmerman sobre uma civilização, esses traços identificam uma família à beira de um colapso total. Preste bastante atenção. Se tais características descrevem o seu lar, é hora de tomar ações drásticas.

Traço número 1: Ausência de uma perspectiva divina

Não sabemos por quanto tempo Ló e suas filhas viveram em sua caverna. Tempo suficiente, pelo menos, para que as filhas perdessem a esperança de um dia se casarem. A irmã mais velha virou-se para a mais nova e disse: “Nosso pai já está velho, e não há homens nas redondezas que nos possuam, segundo o costume de toda a terra” (Gn 19.31). A expressão “que nos possuam, segundo o costume de toda a terra” é um eufemismo para fazer sexo. As mulheres podem ter pensado que a destruição de Sodoma e das outras cidades tivesse sido um evento de amplo alcance, deixando apenas alguns sobreviventes isolados como aqueles em Zoar. Ou, tendo simplesmente perdido tudo, elas duvidavam de suas chances de um dia encontrar casamentos arranjados com homens convenientes. Seja como for, a perspectiva delas omite qualquer consideração por Deus.

Não vemos nenhum pensamento sobre oração ou sobre esperar que Deus cuidasse delas. Nunca lhes ocorreu que o Senhor havia acabado de salvá-las da destruição e que, portanto, as protegeria de perigos e supriria suas necessidades. Em vez de perguntar a Deus o que deveriam fazer, elas imaginavam como seus vizinhos de Sodoma teriam resolvido o problema. As meninas cresceram lado a lado com as pessoas de comunidade — parecendo-se com eles, conversando como eles, agindo como eles. Na época em que foram resgatadas da fossa, elas já estavam com a mente contaminada.

Traço número 2: Distorção do discernimento moral

Fazendo uso de uma expressão antiga, você pode tirar uma moça de Sodoma, mas é difícil tirar Sodoma dessa moça. A filha mais velha de Ló sugeriu uma solução que ela considerava natural e razoável: “Nosso pai já está velho, e não há homens nas redondezas que nos possuam, segundo o costume de toda a terra. Vamos dar vinho a nosso pai e então nos deitaremos com ele para preservar a sua linhagem” (Gn 19.31-32). Quem sabe quantos dos amigos daquelas moças viviam em lares incestuosos? Com que regularidade elas ouviram colegas falando sobre experiências sexuais com membros da família? Ao que parece, com regularidade suficiente para considerarem tal comportamento normal.

A filha mais nova não colocou objeção. Não vemos hesitação. As duas moças parecem bem adestradas no uso do álcool e da sedução para conseguir o que queriam de um homem. De maneira tranquila, elas formularam e colocaram em prática seu esquema, como se estivessem planejando um passeio à cidade.

Traço número 3: Colapso da autoridade paterna

Acho perturbador que nenhuma das moças tenha se visto cruzando uma fronteira importante ao dormir com o pai. Elas queriam se tornar mães. Uma mãe precisa de um homem para engravidá-la, e Ló estava convenientemente disponível. Sendo assim, por que não? Elas claramente não o viam como um homem a ser honrado ou respeitado. Ele não fora um líder espiritual durante os anos de seu crescimento, e ele não era nem de perto um exemplo de homem reto. Ele havia feito de tudo para ganhar a aceitação de seus vizinhos em Sodoma. Assim, na mente daquelas filhas, nada diferenciava seu pai de nenhum outro homem.

Desse ponto em diante na narrativa, Ló é passivo; ele não desempenha mais um papel caracterizado pela ação. A julgar pela maneira como suas filhas o influenciaram e manipularam, ele poderia muito bem passar apenas por uma peça da mobília. “Naquela noite deram vinho ao pai, e a filha mais velha entrou e se deitou com ele. E ele não percebeu quando ela se deitou nem quando se levantou” (Gn 19.33).

Traço número 4: Aumento da insensibilidade imoral

Filhos que são expostos repetidamente à imoralidade durante longos períodos de tempo perdem a sensibilidade. Tornam-se emocionalmente insensíveis e espiritualmente indiferentes. Se a exposição começar no início de sua formação, eles nunca desenvolvem a consciência. Se, de algum modo, obtiverem um senso de quem são e desenvolverem um código pessoal de ética, ainda assim não terão problemas em se comportar de maneira imoral, porque isso é tudo o que eles conhecem. Dificilmente hesitam em cometer atos que chocariam as pessoas que possuem uma bússola moral.

Observe quão despreocupadamente as duas jovens colocam em prática seu plano:

No dia seguinte a filha mais velha disse à mais nova: “Ontem à noite deitei-me com meu pai. Vamos dar-lhe vinho também esta noite, e você se deitará com ele, para que preservemos a linhagem de nosso pai”. Então, outra vez deram vinho ao pai naquela noite, e a mais nova foi e se deitou com ele. E ele não percebeu quando ela se deitou nem quando se levantou.

Gênesis 19.34-35

Na Sodoma de outrora, muitos diriam que Ló tinha tudo: conforto, riqueza, bens, estabilidade, poder. Ele estava entre os líderes prósperos e influentes da comunidade e possuía uma casa na cidade. Havia arranjado casamento para suas filhas e estava ansioso para ter netos. Mas, verdade seja dita, seu sucesso era completamente superficial. Sem significado. Além do mais, ele havia apostado em Sodoma e perdera tudo.

Não são raras as pessoas que, depois de perderem tudo, alegam: “Não perdemos nada que não possa ser substituído. Saímos todos vivos, e temos uns aos outros”. Mas Ló não podia dizer o mesmo. Depois de ter perdido todos os seus bens materiais, sua família estava desintegrada, e tudo aquilo que ele passara a vida inteira adquirindo transformou-se rapidamente em nada.

Resultados

Algumas semanas depois, os sinais físicos eram claros. “Assim, as duas filhas de Ló engravidaram do próprio pai” (Gn 19.36). De acordo com os dois versículos seguintes, ambas deram à luz meninos.

Nove meses separam os versículos 36 e 37, e não vemos nem ouvimos nada sobre Ló. Nenhum ultraje. Nenhuma confrontação. Nenhuma tristeza, nenhum arrependimento, nenhuma confissão ou nenhum reconhecimento que seja. Como que para refletir a falta de vergonha da família com toda

aquela situação, a narrativa anuncia esses nascimentos como se eles não se diferenciavam de nenhum outro.

Até mesmo o nome dado a cada um dos meninos mostra a atitude insolente daquelas moças.

Em muitas culturas do Oriente Médio, o nome de uma pessoa carrega significado. É um iniciador de conversa que costuma levar a um relato pessoal. O nome de Isaque significa “ele ri”. Um convidado para um jantar seria levado a perguntar: “Por que seus pais lhe deram o nome de ‘sorriso’?”, o que o levaria a contar a história. Um nome era um tipo de legado. A filha mais velha de Ló colocou em seu filho o nome de Moabe, que significa “do pai”. A filha mais nova chamou seu filho de Ben-Ami, “filho do meu parente”. Que tal *isso* como conversas para quebrar o gelo?

Depois disso, a história se encerra, a narrativa da vida de Abraão continua e não ouvimos mais nada sobre Ló. Não sabemos qual foi sua reação imediata ao pecado das filhas ou como ele considerou o nascimento de seus filhos/netos. Não sabemos como, onde nem quando ele morreu. Não sabemos se ele voltou a se encontrar com Abraão ou por quanto tempo seu tio presumiu que ele havia se perdido junto com Sodoma. Ele simplesmente desaparece.

Sua vida seria irrelevante não fosse por Moabe e Ben-Ami, que se tornaram os patriarcas de duas nações: os moabitas e os amonitas. Aqueles que estão familiarizados com a história hebraica conhecem essas nações como inimigas implacáveis e incansáveis de Israel durante o êxodo e a conquista da Terra Prometida. Essas nações opositoras continuaram a perturbar Israel por todo o período dos juízes. Israel silenciou brevemente Moabe e Amom durante os reinados de Davi e Salomão, mas, quando a guerra civil dividiu a nação da aliança, seus inimigos ressurgiram.

Diante disso, o que aprendemos com a desintegração da família de Ló, os desdobramentos e os resultados subsequentes? Se fosse para lançar um alerta em termos modernos, seria este: “Cuidado com a contracorrente”.

Qualquer pessoa que entende sobre nadar ou surfar no oceano tem histórias sobre o puxão silencioso com que as correntes sugam os banhistas para baixo. Os salva-vidas às vezes sinalizam as praias com grandes placas com letras vermelhas nas quais se lê “Contracorrente perigosa”, porque essas correntes não podem ser vistas. Os nadadores não sabem delas até que são carregados para longe da costa, sob o risco de se afogarem.

Nossa cultura envolve uma perigosa contracorrente moral. Se não nos dermos conta dela e deixarmos de responder adequadamente, a imoralidade nos derrubará. A pergunta é: “Como estou ajudando a proteger minha família e a mim mesmo dessa perigosa contracorrente?”. Deixe-me apresentar quatro sugestões bastante práticas.

Reconheça que ninguém está imune aos perigos. Ló mudou-se para Sodoma, talvez por estar completamente alheio aos perigos dali ou por pensar que poderia suportar a pressão para que se conformasse ao ambiente. De acordo com o apóstolo Pedro, ele de fato conseguiu evitar cometer pessoalmente os pecados de Sodoma (cf. 2Pe 2.7) e (surpresa!) suas filhas permaneceram virgens naquela cidade imoral (cf. Gn 19.8). Mesmo assim, a influência de sua cultura puxou incansavelmente sua família para baixo à medida que se distanciavam de Deus. Por fim, os anos de exposição ao mal cobraram de todos um preço terrível.

Você não está imune. Você, que possui formação avançada. Você, que frequenta a igreja regularmente. Você, que tem uma forte herança cristã. Até mesmo você, que está envolvido no ministério. Você não está imune. Sua família não está imune. O mortal puxão para baixo exercido pela imoralidade pode dominar qualquer um, assim como uma onda forte pode subjugar um excelente nadador. Repita para si mesmo: “Eu sou vulnerável. Isso poderia ter acontecido comigo e com a minha família”.

Preste atenção aos sinais sutis. Permaneça alerta. Não ignore indicações de que alguma coisa está errada quando você passa tempo com a família ou com os amigos. Cuidado com qualquer tolerância em relação ao profano e ao vulgar. Escolha seu entretenimento com sabedoria e fique de olho no que diverte seus filhos. Crie o hábito de perguntar a si mesmo: “Serei uma pessoa melhor por causa disto? Este é o tipo de coisa que vai me tornar mais saudável? Meus filhos vão se beneficiar disto? Isto é espiritualmente benéfico e sadio?”. Evite pessoas que fazem pouco das coisas sagradas. Não passe tempo com pessoas que profanam o que é bom ou que zombam do que é correto. Não negligencie comentários com duplo sentido nem ignore as palavras que seus filhos escolhem usar.

Na década de 1970, uma de nossas filhas havia acabado de entrar na segunda série e estava frequentando a escola havia apenas alguns dias quando me perguntou certa noite: “Papai, o que é sexo oral?”. Esse foi um indício nada sutil de que era preciso descobrir mais sobre seu pequeno

mundo e sobre o que poderia tê-la exposto àquele conceito. Depois de conversar um pouco mais sobre isso, descobri que ela ouvira a frase na escola, dita por uma de suas colegas de classe. Hoje, existem ainda mais oportunidades para que as crianças ouçam tal linguagem, uma vez que expressões como essa podem ser ouvidas em incontáveis programas de televisão. Minha esposa e eu vimos isso como um sinal para nos envolvermos mais e fazermos algumas mudanças necessárias.

Declare seu padrão repetidamente e sirva sempre de exemplo. Ló nunca fez isso; ele não tinha padrão. Ele pode ter evitado envolver-se no estilo de vida pecaminoso de Sodoma, mas, de maneira impensada, plantou sua família bem no meio dele. Declare seu padrão e então viva coerentemente de acordo com ele. Você pode considerar a ideia de imitar uma família que conheço, a qual possui uma lista de virtudes fixada em sua cozinha. Eles a leem regularmente. Trabalham nela como família. Eles a recitam. Os filhos são incentivados a memorizá-la. Eles conversam sobre aquelas virtudes à mesa de jantar e discutem como podem colocar aquilo em prática.

Isso pode parecer extremo, mas considere com que frequência e por quanto tempo as crianças são expostas a influências imorais. Porque elas amam e admiram você — creia nisso! —, seu exemplo carrega um peso enorme. Discuta seus valores, exemplifique-os e encoraje seus filhos a fazerem o mesmo. Ser proativo é essencial no mundo de hoje!

Previna-se contra a passividade. Nossa cultura é suja. É fácil virar os olhos, dar de ombros e pensar: “Ah, isso não é nada. Esse tipo de coisa acontece. Já fui criança também e fiquei bem”. Pare e pense. Sua geração era parecida em algum aspecto com a geração atual?

Escute o que seus filhos trazem da escola para casa. Preste atenção nos amigos que eles escolhem. Seja assertivo e claro sobre o estabelecimento de padrões e cobre de seus filhos a responsabilidade de mantê-los. Interesse-se pelos filmes a que eles assistem, pelas músicas de que gostam, pelo tipo de jogo eletrônico com que brincam. Participe com eles. Não espere que a igreja ou a escola cristã crie seus filhos por você. Tenho dito isto há anos: *a igreja não pode ressuscitar aquilo que o lar matou*. Os ministérios não realizam milagres em uma ou duas horas.

As palavras de Billy Graham, mais uma vez, são úteis em relação a este assunto.

Uma das características de uma cultura em declínio é que as pessoas comuns não têm consciência do que está acontecendo. Apenas aqueles que conhecem e são capazes de ler os sinais de decadência estão fazendo as perguntas que até agora não têm respostas. O sr. Homem Comum está confortável em sua complacência e indiferente aos temas mundiais, como uma traça escondida numa caixa de papelão de revistas descartadas. Não faz nenhum questionamento, porque os benefícios sociais concedidos pelo governo lhe dão uma falsa segurança. Essa é a sua preocupação e a sua tragédia. O homem moderno tornou-se espectador dos eventos mundiais, assistindo em sua tela de televisão sem se envolver. Ele vê os eventos abomináveis de nosso tempo passarem diante de seus olhos enquanto beberica sua cerveja numa cadeira confortável. Parece não perceber o que lhe está acontecendo. Não entende que seu mundo está em chamas e que ele próprio está prestes a ser queimado.⁵

Lembre-se sempre: a passividade é um inimigo. Nunca vi um tempo em que ela tenha se revelado algo saudável ou levado a bons resultados. Esteja alerta! Preste atenção! Levante-se! Cuide de seus filhos! A próxima geração *precisa* de você! Você foi preparado e colocado por Deus em um lugar onde deve ser proativo. Não prometo milagres domésticos, mas posso afirmar o valor de “uma longa obediência na mesma direção”.⁶ Esta é uma cultura depravada, e alguns continuarão sendo pegos pela contracorrente. Não ignore os perigos nem se prive de dar seu melhor; do contrário, isso derrubará você.

CAPÍTULO 13

Reprise da desobediência

NÃO SERIA ÓTIMO SE pudéssemos, de uma hora para outra, nos tornar instantaneamente maduros e completamente perfeitos? Imagine como este mundo e nossas igrejas seriam se a confiança em Jesus Cristo nos fizesse intelectualmente astutos, moralmente impecáveis e espiritualmente sábios. Pecadores de nascimento e pecadores por natureza: todos imediatamente transformados. Nada de lutas com a impaciência, com a ganância, com o desejo ou quaisquer outras motivações egoístas e puramente particulares. Nada de reclamações. Nada de fofocas. Nada de política agressivo-passiva. Ninguém tentando controlar a vida das pessoas. No instante em que confiássemos em Cristo, nos tornaríamos um modelo de integridade perfeita. Não seria ótimo?

Chega de fantasia; vamos voltar à realidade. Se você está esperando pela perfeição, boa sorte. Isso não vai acontecer. Embora você tenha confiado no Senhor Jesus Cristo de todo o seu coração, ainda que tenha crido nele e somente nele e que seja salvo apenas pela graça e somente por meio da fé, ainda carrega dentro de si uma natureza que ama a si mesma e, conseqüentemente, ama o pecado. E isso leva todos nós à distração, especialmente os que não creem, que observam os cristãos e não conseguem entender essa realidade espiritual.

Apesar de não termos escapado da influência de nossa velha natureza pecaminosa, aqueles que confiaram em Jesus Cristo receberam uma nova natureza. Temos dentro de nós o Espírito do Deus todo-poderoso, que tem como missão e propósito nos transformar. Portanto, temos um poder que nos livra do domínio do pecado. Com Jesus Cristo em nosso coração e o Espírito Santo residindo em nossa vida, nós não *temos* de nos submeter àquele antigo mestre. À medida que o Espírito de Deus vai nos modificando ao longo da vida, vamos nos tornando mais semelhantes a Cristo... mas ainda somos 100% humanos!

Nas palavras do falecido pastor e evangelista britânico Alan Red-path, “a conversão da alma é um milagre de um momento, mas a construção de um santo é tarefa de uma vida inteira”.¹ O nascimento de um bebê é um evento momentâneo, que acontece em uma questão de horas, mas, naquele momento, a vida apenas se inicia. O crescimento e a maturidade ocorrem de maneira firme e gradual à medida que a criança se desenvolve da infância para a vida adulta. Ela deve aprender a ser bondosa e a compartilhar. A criança deve descobrir como ser autêntica, honesta, correta, assertiva, compassiva, empática e bondosa. Deve aprender com os erros e valorizar a ideia de que compromisso é compromisso: quando a palavra for dada, ela também deve ser cumprida. Os bebês levam anos para crescer.

Depois de termos confiado em Jesus Cristo e começado a crescer após o novo nascimento, ainda assim jamais alcançaremos um estado de perfeição completa. Não nesta vida. O pecado continua a nos espreitar. Lutamos contra velhas tentações. Às vezes, voltamos a cair em padrões egoístas familiares. Retornamos aos pecados de nosso passado. E nisso reside uma das mais lamentáveis verdades sobre a vida de fé: pessoas fiéis às vezes abandonam sua fé apenas para serem temporariamente infiéis.

Conforme lê a Bíblia, você descobre que, se Moisés vivesse hoje, teria de tomar aulas de como lidar com a ira. Antes dos 40 anos, Moisés matou um egípcio que cometia abuso contra um hebreu e, então, tentou esconder esse crime (cf. Êx 2.11-12). Mais de quatro décadas depois, durante os anos de peregrinação no deserto, sua irritação aflorou várias vezes. Os israelitas estavam no deserto reclamando por não ter água e foram até Moisés, seu líder, em busca de uma resposta. Deus quis usar a situação para dar uma lição aos hebreus sobre sua fidelidade em cuidar deles, mas Moisés arruinou a aula com sua explosão de ira (cf. Nm 20.10-13).

Deus escolheu Sansão para libertar Israel de seus opressores filisteus, mas durante toda a sua vida Sansão lutou contra a compulsão por seguir seus desejos sexuais. O fato é que suas primeiras palavras registradas na Bíblia foram: “Vi uma mulher filisteia em Timna; consigam essa mulher para ser minha esposa” (Jz 14.2). Mais tarde, Sansão adormeceu no colo de outra mulher, que o entregou aos seus inimigos. Sua luxúria o levou ao fim. Ele adorava o único e verdadeiro Criador, mas nunca conseguiu vencer sua velha atitude “caçadora”, sua excessiva compulsão por sexo.

Davi ficou conhecido como um homem segundo o coração de Deus (cf. At 13.22), mas ele colecionava mulheres como se fossem borboletas, e sua carreira foi manchada por um escândalo

sexual (cf. 2Sm 11). Para piorar as coisas, Davi passou esse traço para seu filho Salomão, cujas inúmeras esposas e concubinas levaram tanto o rei quanto o reino à idolatria (cf. 1Rs 11.9-10).

Cada um de nós poderia contar uma história de fé enfraquecida e lutas recorrentes contra velhos pecados. Reflita sobre as últimas semanas. Lá está você de novo — ali estou eu de novo — voltando para o Senhor e dizendo: “Aqui estou, Senhor, trazendo outra vez diante de ti aquilo que fiz”.

Tentação 2.0

Abraão é um precursor da fé para o restante de nós. Sua jornada de fé abriu uma trilha que todos seguimos, e Gênesis nos conta sua história para nosso benefício. Cada uma de nossas jornadas é singular, mas encontraremos na história de Abraão alguns episódios que se parecem com os que vivemos. E isso inclui a luta contínua para nos colocarmos acima de antigas tentações e vencer pecados recorrentes. No caso de Abraão, isso significou lutar contra a compulsão por mentir nos momentos em que a verdade poderia colocar sua vida em risco.

Você deve se lembrar de que, 25 anos antes, enquanto viajava pelo Egito, Abraão disseminou a meia verdade de que Sara era sua irmã, levando todos a crer que ela não era sua esposa. Assim, o faraó levou Sara para seu harém, simplesmente para sofrer por causa dessa decisão. Quando o faraó percebeu a verdade sobre o que acontecia, Abraão teve de ouvir um discurso humilhante sobre moralidade vindo de um rei supersticioso e politeísta que não conhecia o único e verdadeiro Criador. Certamente Abraão havia aprendido a lição.

Depois de ver os rolos de fumaça subindo do vale outrora ocupado por Sodoma e Gomorra, e tendo ouvido sobre a grande destruição, Abraão arrumou a mudança e foi para o sul, para a região chamada Neguebe, que significa “seco, árido” — um sinônimo de deserto. No primeiro momento, viveu numa região inóspita do extremo sul, antes de rumar para o norte novamente, para uma área guardada pela cidade de Gerar. Essa planície fértil entre as montanhas e o mar Mediterrâneo fora ocupada pelos filisteus, embora eles ainda não tivessem se espalhado em grande número pelo interior. Gerar, uma cidade-estado, seguia a liderança de seu rei, a quem chamavam de Abimeleque. Muito provavelmente esse nome era um título, similar a “faraó”.

Abraão sabia que havia se mudado para uma terra potencialmente hostil. Vendo-se cercado por indivíduos que poderiam matá-lo apenas para levar sua esposa para seu harém, ele “dizia que Sara, sua mulher, era sua irmã” (Gn 20.2). Como a grande lenda do beisebol Yogi Berra supostamente afirmava, “é a repetição da reprise”. E, tal como antes, o plano de Abraão falhou. “Abimeleque, rei de Gerar, mandou buscar Sara e tomou-a para si” (v. 2).

Devo destacar que Sara estava com 90 anos nessa ocasião. Quando o faraó levou-a para seu palácio para que se tornasse uma de suas esposas, ela, então com 65 anos, era considerada uma gata. Aparentemente, sua beleza não havia desvanecido muito em 25 anos. O rei ouviu falar daquela mulher linda — a desejável esposa de um nômade — e enviou um esquadrão de soldados para trazê-la ao palácio. De acordo com o antigo costume, ela seria mantida longe de todos os homens, inclusive do próprio rei, e seria preparada para uma futura cerimônia de casamento. Depois de aguardar meses para confirmar se ela não estava grávida, o rei consumaria o casamento e a tornaria parte oficial de sua família.

Assim que o rei adormeceu naquela primeira noite, porém, o Senhor invadiu seus sonhos. “Certa noite Deus veio a Abimeleque num sonho e lhe disse: ‘Você morrerá! A mulher que você tomou é casada’” (Gn 20.3).

Tal como o faraó, Abimeleque não acreditava no único Deus verdadeiro nem o adorava. Mas ele teve suficiente integridade para honrar o casamento de outro homem. Nunca pense que uma pessoa que não adora a Deus é incapaz de ter integridade ou se comportar moralmente. Sinceramente, alguns não cristãos têm mais integridade do que cristãos. Nesse caso, Abimeleque comportou-se de maneira mais correta do que Abraão. Assim, Abimeleque defendeu-se em resposta à advertência divina. “Senhor, destruirias um povo inocente? Não foi ele que me disse: ‘Ela é minha irmã’? E ela também não disse: ‘Ele é meu irmão’? O que fiz foi de coração puro e de mãos limpas” (Gn 20.4-5).

Embora Abraão não tenha honrado a Deus com suas ações, o Senhor usou a ocasião como uma oportunidade para capturar o coração daquele rei pagão. Deus disse a Abimeleque em um sonho: “Sim, eu sei que você fez isso de coração puro. Eu mesmo impedi que você pecasse contra mim e por isso não lhe permiti tocá-la. Agora devolva a mulher ao marido dela. Ele é profeta, e orará em seu favor, para que você não morra. Mas se não a devolver, esteja certo de que você e todos os seus morrerão” (Gn 20.6-7).

Essa é a primeira vez que o termo *profeta* é usado nas Escrituras e, surpreendentemente, ele se aplica a Abraão, que acabara de voltar ao seu velho pecado. Somos imperfeitos, puxados com muita frequência pelas velhas tentações e também muito comumente culpados de infidelidade, mas servimos a um Deus fiel. Não obstante nossas fraquezas e falhas, Deus realizará seus propósitos. Ele usará até mesmo nossos fracassos como oportunidade para nos envolver em seus planos. O Senhor reconheceu o pecado de Abraão, mas ainda assim chamou-o de profeta — um porta-voz divino, um intermediário designado entre as pessoas e seu Criador.

Nós, cristãos, às vezes deixamos de confiar em nossa nova natureza. Em vez disso, retrocedemos à velha condição, e foi exatamente assim que Abraão agiu. Contudo, seu fracasso não fez dele menos homem de Deus nem menos profeta. Mas isso deve ter soado muito estranho para Abimeleque, que sem dúvida pensou: “Ele, um profeta? Esse homem que acabou de me dizer ‘Ela é minha irmã?’”.

O Senhor não apenas atestou que Abraão era seu profeta, como também defendeu o papel de Abraão como um intermediário divino. “Ele é profeta, e orará em seu favor, para que você não morra” (Gn 20.7).

Fico intrigado diante da ironia dessa história. Abraão contou essa mentira para salvar a própria pele, preocupado com o fato de que as pessoas poderiam matá-lo ou que o rei pudesse roubar-lhe sua esposa. Contudo, suas mentiras o colocaram exatamente no problema que tentara evitar. Enquanto isso, o Deus que prometera proteger Abraão e satisfazer suas necessidades trabalhou de maneira sobrenatural nos bastidores para salvar sua vida e resgatar sua esposa. Ao tentar proteger a si mesmo, Abraão deu a Deus mais trabalho do que se tivesse simplesmente confiado no Senhor desde o início.

Depois Abimeleque chamou Abraão e disse: “O que fizeste conosco? Em que foi que pequei contra ti para que trouxesses tamanha culpa sobre mim e sobre o meu reino? O que me fizeste não se faz a ninguém!”. E perguntou Abimeleque a Abraão: “O que te levou a fazer isso?”.

Gênesis 20.9-10

A resposta de Abraão foi patética, mas pelo menos ele falou honestamente:

Abraão respondeu: “Eu disse a mim mesmo: Certamente ninguém teme a Deus neste lugar, e irão matar-me por causa da minha mulher. Além disso, na verdade ela é minha irmã por parte de pai, mas não por parte de mãe; e veio a ser minha mulher. E quando Deus me fez sair errante da casa de meu pai, eu disse a ela: Assim você me provará sua lealdade: em qualquer lugar aonde formos, diga que sou seu irmão”.

Gênesis 20.11-13

A frase “ninguém teme a Deus” obviamente é uma referência ao único e verdadeiro Criador. Na verdade, os filisteus tinham muitos deuses. Abraão usou a expressão “temer a Deus” para deixar implícito que aqueles que adoram ao Senhor também têm nele seu padrão ético. Abraão reconheceu que pessoas que adoram um deus feito por mãos humanas têm padrões morais que sancionam o pecado. Portanto, sua justificativa soou mais ou menos assim: “Vocês são pessoas imorais; assim, eu pequei para me proteger de vocês. Na realidade foi apenas um meio-pecado, porque Sara é minha meia-irmã. Desse modo, ao seguir o único Deus verdadeiro, fiz minha esposa mentir por mim”.

Abraão fez uma pressuposição enganosa sobre Abimeleque e seus súditos e, então, deixou sua imaginação correr para o pior cenário possível. Quando confrontado, justificou suas ações — insultando as pessoas de Gerar ao fazer isso —, minimizou seu pecado e explicou como a mentira havia se tornado parte de seu procedimento operacional padrão. Além do mais, ele aparentemente não via como a mentira minava seu testemunho de fé. “Eu sigo a Deus, mas não confio que ele vai me proteger. Portanto, eu minto”.

Não é engraçado ver como nossas racionalizações crescem a ponto de se tornarem tão familiares que não percebemos quão absurdas elas soam?

Coloque-se no trono de Gerar por um momento. Imagine que você é Abimeleque e Abraão está em pé no seu tribunal, apresentando essa defesa bizarra. O que você faria? Uma resposta razoável seria esta: “Tirem esse tolo da minha frente! Homem, pegue sua mulher e suma daqui. E tire seu acampamento da minha terra”. Mas não foi essa a resposta do rei. “Então Abimeleque trouxe ovelhas e bois, servos e servas, deu-os a Abraão e devolveu-lhe Sara, sua mulher. E disse Abimeleque: ‘Minha terra está diante de ti; podes ficar onde quiseres’” (Gn 20.14-15).

Nas forças armadas, um homem indigno pode subir de patente até alcançar uma posição elevada. Consequentemente, seus subordinados podem não ter muito respeito por seu caráter ou sua habilidade de liderar, o que dificulta que seus comandados lhe batam continência. Esta citação, extraída do livro *Band of Brothers*, de Stephen Ambrose, oferece um *insight* para resolver o dilema:

“Batemos continência à patente, não ao homem”. Abraão comportou-se de maneira indigna de seu Deus, mas Abimeleque o ignorou como homem para honrar sua patente como profeta de Deus. O rei honrou a Deus ao tratar o representante dele com honra. E, em resposta, Deus favoreceu Abimeleque e sua casa.

Quando nós, como povo de Deus, deixamos de confiar nele e então pecamos para nos proteger ou para satisfazer nossas necessidades, aparentamos ser exatamente como os incrédulos. Como resultado, o “fiel” apresenta um modelo confuso de fé para o mundo que o observa.

Embora tenha tratado Abraão com dignidade imerecida, Abimeleque não resistiu a fazer uso do sarcasmo. Com outro gesto, ele foi muito além do decoro. Ele disse a Sara: “Estou dando a seu irmão mil peças de prata, para reparar a ofensa feita a você diante de todos os seus; assim todos saberão que você é inocente” (Gn 20.16). Além de chamar Abraão de irmão dela, ele exibiu sua riqueza e nobreza como que para dizer: “Que pena que você se casou com o cara errado; eu sou o homem mais honrado aqui”.

Sentindo-se apropriadamente envergonhado (pelo menos é o que se espera!), Abraão respondeu intercedendo pelo rei. “A seguir Abraão orou a Deus, e Deus curou Abimeleque, sua mulher e suas servas, de forma que puderam novamente ter filhos, porque o SENHOR havia tornado estéreis todas as mulheres da casa de Abimeleque por causa de Sara, mulher de Abraão” (Gn 20.17-18).

Essa história de Abraão me faz lembrar uma música dissonante, cheia de ritmos confusos, acordes divergentes e letra ininteligível... Mais ou menos como aqueles *shows* exibidos no intervalo da final do campeonato de futebol americano. O adorador de Deus se comporta de maneira imoral, enquanto o ídólatra age com integridade. O adorador de Deus justifica sua escolha pecaminosa, enquanto o homem ídólatra perdoa a ofensa e retribui o mal com bem. Tudo é ruído teológico e confusão até que Deus entra em cena. Então, a música de Abraão finalmente gira em torno de um hino harmonioso, melodioso e sereno ao Deus da graça.

Como foi gracioso da parte do Senhor afirmar o papel de Abraão como seu profeta e atender à oração dele! Como foi gracioso da parte do Senhor restaurar a saúde da casa de Abimeleque e conceder mais filhos ao rei! A graça de Deus até mesmo transformou o repetido erro de Abraão em uma oportunidade de aumentar sua riqueza pessoal. Sou grato e fico aliviado por saber que, nós, o povo de Deus, não precisamos ser perfeitos para receber seu favor, sua proteção, sua provisão e — acima de tudo — sua promessa de nos redimir de nosso pecado. Não é surpresa que nos referimos à graça de Deus como “maravilhosa”.

Nunca

Declarei anteriormente que Abraão é um precursor da fé. Sua história é a nossa história. Abraão retornou ao seu pecado habitual porque estava tentando fazer as coisas acontecerem e buscava resolver os problemas por si só, dependendo de sua própria engenhosidade em vez de confiar plenamente no cuidado de Deus. Fazemos o mesmo: damos nosso jeito. Cada um de nós tende a sair fazendo as coisas quando estamos estressados, e isso normalmente cria problemas. Depois de observar as lutas de Abraão, ofereço estes três “nuncas” que ajudam a nos mantermos longe de nossos pecados reincidentes.

Primeiro, *nunca subestime suas fraquezas*. Lá no fundo, Abraão tinha um fraco por usar a mentira como meio de sair de enrascadas. Ao que parece, esse era um traço familiar, pois ele o passou para seu filho Isaque (cf. Gn 26.7-11), que o passou para seu filho Jacó (cf. Gn 27.36). Abraão sabia dessa fraqueza quando se estabeleceu perto de Gerar; ele devia reconhecer que acabaria voltando a usar aquela velha mentira quando fosse colocado sob pressão. Ele poderia ter ido para qualquer lugar, como as vastas pastagens ao norte, mas flertou com seu ponto fraco.

Se você é alcoólico, não aluga um apartamento em cima de um bar. Você fica longe até mesmo do cheiro do álcool, e passa tempo com pessoas sóbrias e às quais terá de prestar contas. O medo das suas fraquezas o ajuda a tomar decisões melhores. Se é dado à luxúria, você coloca proteção em seu computador e evita a internet quando está irritado, faminto, entediado, sozinho ou deprimido. Se come para sentir-se melhor, não deixa guloseimas tentadoras pela casa. Seja qual for a sua vulnerabilidade, você descobre uma maneira de se distanciar do fracasso... independentemente do custo.

Tenho amigos que viajam a negócios com frequência e eles me dizem que, quando estão sozinhos, longe de alguém a quem prestar contas, suas fraquezas surgem do nada. Assim, eles fazem um planejamento antecipado. Colocam uma instrução permanente na reserva do hotel para que os canais adultos sejam bloqueados em seu quarto. Instalam em seus computadores programas que

registram todas as operações ali realizadas. Planejam ligações para casa a fim de verificar as coisas e se conectar com pessoas que dependem deles.

Nunca subestime suas fraquezas. Aceite suas vulnerabilidades e planeje antecipadamente.

Segundo, *nunca conte com suas próprias muletas*. Pouco depois de sair de Ur, Abraão forjou essa história falsa sobre Sara para proteger-se. Sua mentira formou uma muleta que o impedia de se apoiar em Deus. Consequentemente, ele se dispôs a uma falha moral atrás da outra. Além disso, Sara nunca deveria ter cooperado com a falcatura. Uma resposta muito melhor teria sido: “Abraão, eu o amo demais para mentir por você. Não vamos fazer isso como casal. Em vez disso, vamos concordar em confiar em Deus”.

Livre-se de qualquer muleta muito usada. Jogue-a para o lado e pare de confiar nas desculpas falsas para se livrar de problemas. Para tanto, admita sua fraqueza. Dê nomes aos bois, arrependa-se do seu pecado, clame pelo perdão de Deus, peça força para seguir adiante e busque ajuda de outras pessoas. Que amigos podem se tornar úteis como parceiros na prestação de contas? Quais profissionais são especializados na área em que você é particularmente vulnerável? Como sua família pode ajudá-lo? Não ande sozinho; permita que outros apoiem sua decisão para que você possa parar de se apoiar naquela velha muleta.

Terceiro, *nunca confie em seu próprio entendimento*. Abraão tinha uma mente sagaz, mas permitiu que ela trabalhasse contra ele. Se você é uma pessoa brilhante, então pode imaginar um sem-número de maneiras criativas de resolver seus problemas ou atender a suas necessidades ao mesmo tempo que evita depender de Deus. Em vez de enfrentar a possibilidade de ser decepcionado por Deus ou de não receber dele aquilo que deseja, você cuida de satisfazer a si mesmo. Aquelas estratégias se tornaram um hábito. Você desenvolveu uma rotina... quase um ritual. E provavelmente não consegue imaginar como vai continuar a não ser que cuide dos assuntos do seu próprio jeito, por meio do seu entendimento.

Abraão confiou em sua razão e (ironia!) criou justamente o problema que buscava evitar. E ele o fez duas vezes! Enquanto isso, Deus trabalhava por trás das cortinas, agindo de maneira sobrenatural para protegê-lo. Nas duas ocasiões, Abraão saiu ileso. De fato, pela graça de Deus, no fim das contas ele obteve ainda mais riqueza. A que custo, porém, nunca saberemos. Quão melhor poderia ter sido o resultado se ele tivesse confiado em Deus?

Essa dependência crônica de si mesmo, em oposição a viver pela fé, é chamada por muitos teólogos de carnalidade. A palavra se baseia no termo “carne”, relativa ao corpo físico. É a ideia de tocar a vida com base na habilidade humana em vez de voltar-se para Deus e confiar nele e em suas promessas. Invariavelmente, quando escolhemos a carnalidade, encontramos satisfação temporária seguida por uma necessidade mais profunda... e a conseqüente morte. Paul Harvey escreveu uma parábola que ilustra de que forma a escolha pelo pecado para encontrar satisfação pessoal leva à morte.

Descriverei agora como um esquimó mata um lobo.

O esquimó cobre a lâmina de sua faca com sangue e deixa que ela congele ali. Depois, o esquimó adiciona outra camada de sangue, e mais outra. À medida que cada camada de sangue congela sobre a lâmina da faca, o esquimó adiciona nova cobertura até que a lâmina esteja escondida por uma enorme quantidade de sangue congelado. Então, o cabo da faca é enterrado no chão, com a lâmina virada para cima.

O lobo saqueador segue seu nariz sensível e prova o sangue recém-congelado [...]. E o lambe [...]. Cada vez com mais força, o lobo lambe a isca até que o gume afiado esteja exposto. Ele a lambe cada vez mais intensamente [...].

Na noite ártica, tão grande se torna seu desejo pelo sangue que ele não percebe o aguilhoar afiado da lâmina que penetra em sua língua. Ele também não reconhece o instante no qual sua sede insaciável passa a ser satisfeita por seu sangue quente...

“Mais!”, clama seu apetite carnívoro. “Mais!”, até que o amanhecer o encontra morto na neve.²

Se você encontra satisfação em seu pecado, está lambendo a lâmina. Por fim, chegará ao gume afiado e deixará de reconhecer o perigo. O pecado sempre cria maior desejo por si mesmo, e sempre leva ao sofrimento. Pode até mesmo levar à morte.

CAPÍTULO 14

É um menino!

VOCÊ JÁ VIU ALGUÉM deixar de cumprir uma promessa? É claro que sim; todos nós já vimos. Isso acontece o tempo todo.

Você empresta dinheiro a um amigo, que promete que certamente vai quitar a dívida. Você está esperando pelo dinheiro até hoje. Uma promessa não cumprida.

Seu pai disse que estaria na partida de futebol, bem ali nas arquibancadas, para ver você jogar. Ele nunca apareceu. Uma promessa não cumprida.

Você compartilha um assunto particular com uma amiga próxima mediante a promessa de que ela manterá a confidencialidade. Não se passa nem uma semana até que você ouça o assunto sendo comentado por outra pessoa. Em poucos dias, a notícia está circulando por todo o escritório ou pela igreja inteira. Uma promessa não cumprida.

Os pais de adolescentes podem gostar desta. Seu filho ou sua filha lhe diz: “Obrigado por me desobrigar das minhas tarefas de casa hoje; prometo que meu quarto estará limpo até sábado pela manhã”. O lugar ainda se parece com uma zona de guerra. Outra promessa não cumprida.

Eu poderia encher outra página com exemplos que você e eu experimentamos. Promessas não cumpridas são tão comuns que ficamos surpresos quando alguém de fato cumpre o que prometeu. A lista de sentenças do tribunal está repleta de processos relacionados a quebras de contratos. Por quê? É rara a alma que mantém sua palavra, especialmente quando não há um acordo por escrito para garantir que todos cumpram o que disseram. Quando preciso que algo seja feito ou procuro contratar alguém para ajudar, não tenho problema em encontrar pessoas competentes. Mas pessoas consistentemente honestas? Pessoas que cumprem suas promessas? São realmente tesouros raros!

Embora não possamos contar com a maioria das pessoas, sou grato porque sempre podemos depender de Deus. Uma coisa podemos dizer com certeza: *Deus cumpre suas promessas*.

Sabemos que podemos confiar nele porque ele tem *veracidade*. A palavra significa “capacidade de só dizer a verdade”. Ele não pode mentir. Pelo fato de a verdade ser central em sua identidade e por ele não poder violar sua própria natureza, é impossível para o Senhor falar uma inverdade. Portanto, quando Deus faz uma promessa, você pode apostar a vida que ele cumprirá o que foi prometido.

É muito bom saber que Deus cumpre suas promessas, pois a Bíblia está repleta delas. Anos atrás, alguém contou 7.474 promessas encontradas na Bíblia. Não posso atestar esse número, mas realmente sei que, de Gênesis a Apocalipse, deve haver milhares. Presumindo que esse dado seja verdadeiro, com 66 livros na Bíblia, isso dá uma média de 113 promessas por livro.

Promessas, promessas

Algumas das promessas presentes na Bíblia ainda não foram cumpridas. Contudo, uma vez que Deus cumpre seus compromissos, temos a certeza de que serão realizadas. Isso inclui as promessas feitas à nação de Israel. O cumprimento pode não ocorrer durante nossa vida ou nem sequer nesta geração, mas ele acontecerá. Como podemos saber? Eu repito: Deus tem veracidade.

Ao retornarmos à história da jornada de fé que Abraão realizou com o Senhor, devemos considerar três verdades em relação às promessas divinas.

1. Deus não tem pressa

Enxergamos todos os eventos a partir da limitada perspectiva do tempo. É como tentar dirigir um carro olhando através de um canudo. Estamos aqui embaixo, no nível da rua, e nossa visão mal consegue ver a paisagem. Deus, porém, não está restrito pelo tempo ou pela perspectiva humana. Ele vê os eventos na terra do alto, absorvendo o panorama completo do tempo, desde Gênesis 1.1 até o final das coisas; e ele enxerga todos os fatos de uma vez. Enquanto corremos porque podemos estar atrasados para alguma coisa, o Senhor não precisa correr porque ele mantém controle completo sobre o tempo. Ele arranhou previamente o desenrolar de seu plano em detalhes que levam menos de um nanossegundo.

Para nós, que estamos dentro do fluxo do tempo, a espera muitas vezes parece a eternidade. Quando estou com pessoas que não conheço muito bem, costumo perguntar: “Você está esperando

alguma coisa?”. Invariavelmente, elas têm uma resposta. Todo mundo que conheço está esperando por algo. Esperando por alívio. Esperando por uma resposta à oração. Esperando pela realização de um sonho. Aqueles que se aprofundaram em seu relacionamento com Deus aprenderam a esperar com expectativa em vez de se preocupar. Eles sabem que Deus cumpre suas promessas, por isso não ficam preocupados se o cumprimento acontecerá, mas apenas com relação a *quando* ele se dará.

2. Deus nunca se esquece de suas promessas

Deus é sempre digno de confiança. As pessoas às vezes se esquecem do que disseram e a quem disseram, mas a memória do Senhor não diminui com o passar do tempo. Mesmo antes de Deus pronunciar as palavras, suas promessas já foram entremeadas no tecido da história futura e aguardam sua realização no momento certo.

Aqui está um exemplo:

Pois, dada a ordem, com a voz do arcanjo e o ressoar da trombeta de Deus, o próprio Senhor descera dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que estivermos vivos, seremos arrebatados com eles nas nuvens, para o encontro com o Senhor nos ares. E assim estaremos com o Senhor para sempre. Consolem-se uns aos outros com essas palavras.

1 Tessalonicenses 4.16-18

Deus não arranja os eventos do mundo de maneira frenética, na esperança de colocar tudo no lugar antes que o tempo acabe ou antes que Satanás saia na frente. Já foi estabelecido o tempo para o cumprimento da promessa de sua volta.

3. As promessas de Deus estão ligadas ao contexto em que foram firmadas

As promessas do Senhor não são todas universais. Nem toda promessa é para todo mundo. Ao ler uma promessa, precisamos fazer algumas perguntas: A quem Deus está falando? Em qual circunstância ele fez a promessa? Quem será afetado pela promessa? A promessa é universal, afetando qualquer pessoa que já tenha vivido? Ou Deus direcionou a promessa a uma pessoa ou a um grupo específico?

Veja a seguir algumas promessas universais:

- “Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso” (Mt 11.28).
- “Quem crê no Filho tem a vida eterna” (Jo 3.36).
- “Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna e não será condenado, mas já passou da morte para a vida” (Jo 5.24).

Você pode reivindicar essas promessas. Qualquer um pode fazê-lo. Elas se aplicam a todas as pessoas, em todo lugar, através dos tempos.

Promessas pessoais, por outro lado, têm um público específico e limitado. Aqui estão algumas promessas que se aplicam apenas a uma pessoa ou a determinado grupo:

- “Prometi tirá-los da opressão do Egito para a terra [...] onde há leite e mel com fartura” (Êx 3.17).
- “Sua dinastia e seu reino permanecerão para sempre diante de mim; o seu trono será estabelecido para sempre” (2Sm 7.16).
- “Olhe para o céu e conte as estrelas, se é que pode contá-las. [...] Assim será a sua descendência” (Gn 15.5).

Essas palavras não se aplicam a você nem a mim. Deus fez a primeira promessa aos descendentes de Abraão que viviam sob o governo opressivo do Egito. A segunda é a promessa do Senhor a Davi, garantindo-lhe que nenhuma outra dinastia teria a bênção divina para conduzir Israel e que o Messias por fim governaria como rei.

Reconhecemos a terceira promessa — Deus a direcionou para Abraão e mais ninguém. Caso viesse a se casar extremamente tarde na vida, você não poderia dizer à sua esposa idosa algo assim: “Querida, o simples fato de você estar com 64 e eu com 68 não é problema, de modo nenhum. Veja o que está dito na Bíblia. ‘Você terá um filho em idade avançada’”. Essa é uma declaração tirada completamente do contexto. Seria tolice reivindicá-la para você.

Outro problema relacionado ao contexto é a questão da condição. A promessa é condicional ou incondicional? Contém uma estrutura do tipo *se/então*? Aqui vai um exemplo: “Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna” (Jo 5.24). Perceba a condição. A promessa poderia ser reescrita desta maneira: “*Se* você ouve a minha mensagem e crê no Deus que me enviou, *então* tem a vida eterna”. Isso é condicional. Se você cumprir sua parte, Deus cumprirá a dele.

Liberdade verdadeira

Uma vez que Deus não tem pressa, ele não teve nenhuma dificuldade em esperar um quarto de século antes de permitir que Abraão e Sara concebessem. Quem pode saber por que ele esperou tanto tempo? O chamado era dele, e o tempo dele é perfeito. Pessoalmente, creio que Abraão não estava pronto antes disso. Afinal, havia mais coisas em jogo nessa promessa do que apenas um menino. Deus estabeleceu uma aliança com Abraão como o primeiro passo em um plano de proporções cósmicas — uma estratégia ampla e predeterminada por meio da qual ele redimiria o mundo do pecado e do mal. Isso envolveu multiplicar os descendentes de Abraão a ponto de se tornarem uma nação, abençoando-os com provisão e proteção e, então, estabelecendo-os na Terra da Promessa.

Abraão precisava de maturidade espiritual, então o Senhor esperou.

Pelo fato de Deus não se esquecer de suas promessas, Abraão e Sara não tinham razão para duvidar. Infelizmente, porém, eles realmente duvidaram de Deus com bastante frequência. Abraão duvidou da provisão do Senhor e correu para o Egito. Ele e sua esposa duvidaram dos detalhes da promessa divina, o que os levou a correr na frente e conceber um filho por intermédio de Hagar. Mais de uma vez, Abraão duvidou da proteção de Deus e mentiu para salvar sua pele dos reis pagãos. Cada um desses momentos de dúvida resultou em problemas, alguns dos quais nos afetam até hoje.

Uma vez que Deus fez a promessa a Abraão e a Sara de maneira específica, eles podiam contar com seu cumprimento. “O SENHOR foi bondoso com Sara, como lhe dissera, e fez por ela o que prometera. Sara engravidou e deu um filho a Abraão em sua velhice” (Gn 21.1-2). Cerca de um ano antes, o Senhor prometera que Sara conceberia e daria à luz um filho. Isso aconteceu “na época fixada por Deus em sua promessa” (v. 2). Você está pronto? Então, lá vai: Sara estava com 90 anos, e Abraão, com 100!

A expressão “na época fixada” vem de uma única palavra hebraica que pode ser usada para descrever um tempo ou um lugar designado para um propósito específico. Cerca de 25 anos antes, o casal escolhido de Deus havia deixado sua cidade, Ur dos caldeus, carregando todas as suas coisas em carroças, além de seus servos e rebanhos. Não hesitaram ao crer no que Deus lhes dissera. Depois de crises de fome, confrontos com inimigos, brigas de família, mais de um fracasso e muito aprendizado pelo caminho, Abraão e Sara finalmente receberam o cumprimento da promessa divina.

O conceito de “época fixada” guarda enorme importância para os hebreus. Em *Eclesiastes*, livro escrito por Salomão, esse sábio rei reflete sobre eventos mundiais e como eles estão relacionados ao cuidado soberano de Deus:

Para tudo há uma ocasião certa;
há um tempo certo para cada propósito debaixo do céu:
Tempo de nascer e tempo de morrer,
tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou,
tempo de matar e tempo de curar,
tempo de derrubar e tempo de construir,
tempo de chorar e tempo de rir,
tempo de prantear e tempo de dançar.

Eclesiastes 3.1-4

O poema prossegue usando 28 vezes a palavra hebraica traduzida por “tempo”, em referência a praticamente todas as atividades humanas que pudermos citar. Nada acontece fora do plano de Deus, e tudo acontece exatamente no tempo que ele planejou. Porque cada evento ocorre em uma época fixada, nada surpreende o Senhor. É isso o que os teólogos querem dizer quando aplicam a Deus o termo *soberania*. Ele tem um plano, e ele tem o poder e o desejo de levá-lo adiante.

Algumas pessoas não gostam do conceito de soberania e da existência de um plano divino predeterminado. Isso as faz sentirem-se desimportantes, como se não tivessem nada a dizer em relação ao próprio destino. A maioria das pessoas não gosta da ideia de abrir mão de sua autonomia

em favor de um plano que não foi criado por elas. Essa é uma questão importante que merece esclarecimento.

Primeiro, o controle soberano de Deus não necessariamente invalida ou cancela nossa habilidade de escolher ou de determinar nosso futuro. Dentro do plano divino há um amplo espaço para o livre-arbítrio humano. O plano predeterminado de Deus não nos reduz a robôs que devem seguir um programa. Para ilustrar isso, A. W. Tozer oferece a seguinte analogia. Não é uma explicação hermética, mas uma imagem bastante útil:

Suponha que um navio saia da cidade de Nova York em direção a Liverpool, Inglaterra, com mil passageiros a bordo. Eles terão uma viagem tranquila e agradável e desfrutarão do passeio. Alguém a bordo — normalmente o capitão — é uma autoridade que carrega papéis que dizem: “Você deve conduzir este navio até o porto de Liverpool”.

Depois de deixarem Nova York e acenarem para as pessoas no litoral, a próxima parada é Liverpool. É isso! Eles estão no meio do oceano. Em breve perderão de vista a Estátua da Liberdade, mas ainda não conseguem ver a costa da Inglaterra. Estão lá fora, flutuando no oceano. O que eles fazem? Estariam todos presos com correntes, com o capitão andando por perto com uma vara para mantê-los em fila? Não. Ali atrás existe uma quadra de bocha, do outro lado uma quadra de tênis e uma piscina. Mais perto, as pessoas podem ver fotografias; do outro lado, podem ouvir música.

Os passageiros são completamente livres para passear pelo convés do navio. Mas eles não são livres para mudar o curso da embarcação. O navio vai para Liverpool, não importa o que eles façam. Podem pular para fora, se desejarem, mas, se permanecerem a bordo, irão para Liverpool — ninguém pode mudar isso. Contudo, eles são perfeitamente livres dentro dos limites daquele navio.¹

Segundo, a autonomia humana é valorizada em excesso. Pensamos que nossa capacidade de autodeterminação nos torna claramente humanos. De fato, esse é um dos dons concedidos por Deus a Adão e Eva lá no início. Ele lhes deu a opção de obedecer ou desobedecer, sem coibi-los. Mas autonomia não é o que nos torna especiais. A humanidade é extraordinária porque carregamos a imagem de Deus. Quando Adão e Eva exerceram sua autonomia e desobedeceram a seu Criador, eles se tornaram menos como ele e, portanto, menos humanos. Em muitos aspectos, eles perderam seu livre-arbítrio ao se tornarem escravos do pecado. A rebelião deles criou uma confusão no mundo, com repercussões que continuamos a sofrer até hoje. Desde aquela época, as pessoas têm feito o que é certo aos próprios olhos, pensando que estão exercendo o livre-arbítrio quando, na verdade, estão seguindo um programa que lhes foi estabelecido por sua natureza decaída.

O fato é que temos muito mais liberdade no plano predeterminado de Deus do que jamais teremos como escravos do pecado! Portanto, sinto-me confortado em saber que Deus planejou tão cuidadosamente o meu futuro e cobriu cada detalhe do que está por vir.

Terceiro, nosso anseio por autonomia é puro egoísmo. Vivemos numa era de ênfase no merecimento. Há pessoas demais pensando que o universo inteiro gira em torno delas. “E os meus direitos?” “Eu mereço a felicidade.” “Trabalhei duro para ter o que tenho.” “O que dizer do meu direito de escolha?”

É revigorante encontrar alguém que não é egoísta. Indivíduos desse tipo cresceram em maturidade a ponto de se tornarem *abnegados*. A maturidade chega com a percepção de que o universo não gira em torno de mim nem de você. Nada mais somos senão ciscos, vivendo em um cisco ligeiramente maior, flutuando em um universo grande demais para ser concebido pela mente humana.

Acerca do grande plano de Deus para redimir o mundo do mal, o estudioso do Antigo Testamento Walter Kaiser Jr. escreve:

É um plano belo, mas que homens e mulheres não compreendem — e, a propósito, não conseguem compreender — por causa da preponderância de seu materialismo. Tão vasto, tão eterno e tão amplo em suas inclusões é esse plano que o homem se sente tanto ameaçado quanto exasperado em suas tentativas de descobri-lo por si próprio. Todavia, tendo sido criado por Deus e feito à imagem dele, o homem carrega em seu coração uma fome por conhecer a vastidão e a eternidade desse plano.²

Por “materialismo” ele quer dizer a mentalidade por meio da qual nós nos orientamos pela educação e pelas instituições humanas em vez de seguirmos a verdade de Deus. Crescemos quando olhamos para o plano divino não como algo que diminui a humanidade ao tirar de nós o livre-arbítrio, mas como um meio pelo qual ele restaurará a verdadeira liberdade.

Alegria verdadeira

Finalmente, na época fixada, Abraão e Sara receberam o cumprimento de sua promessa. Aos 90 anos, Sara deu à luz um filho e, em obediência a Deus, deu-lhe o nome de Isaque, que significa “ele ri”. Anos antes, Abraão caíra na risada ao ouvir o Senhor afirmar: “Sara, sua mulher, lhe dará um filho” (Gn 17.19). Quando Deus veio outra vez para anunciar: “Voltarei a você na primavera, e Sara,

sua mulher, terá um filho” (Gn 18.10), Sara também riu em descrença. Ela já estava com a idade da maioria das bisavós daquele tempo. Nem ela nem Abraão conseguiram imaginá-la dando à luz e amamentando seu próprio filho.

Quando Deus realizou o impossível por meio desse casal idoso, a risada de descrença deles transformou-se em sorriso de alegria, de prazer, de louvor. Eles agora viam significado ainda maior no nome Isaque.

Quando seu filho Isaque tinha oito dias de vida, Abraão o circuncidou, conforme Deus lhe havia ordenado. Estava ele com cem anos de idade quando lhe nasceu Isaque, seu filho. E Sara disse: “Deus me encheu de riso, e todos os que souberem disso rirão comigo”. E acrescentou: “Quem diria a Abraão que Sara amamentaria filhos? Contudo eu lhe dei um filho em sua velhice!”.

Gênesis 21.4-7

Sara, na verdade, disse: “Dei um filho a este velho!”. (Interessante notar que ela via seu marido como um velho.) Hoje, veríamos os queridos e velhos Abraão e Sara no *shopping center* com andadores, num passo bem lento. Trata-se de uma cena engraçada, não importa a época, mas é uma imagem importante a ser observada. Estamos certos de que Abraão ficara famoso depois de afugentar Quedorlaomer e, uma vez que o próprio Abraão era uma presença nômade em expansão em Canaã, as notícias desse nascimento incomum devem ter se espalhado pela região. E, com elas, a história da promessa de Deus e os detalhes de sua aliança com os descendentes de Abraão também se disseminaram.

Em obediência à ordem de Deus, Abraão circuncidou seu filho aos 8 dias de vida. Ao estabelecer sua aliança com Abraão e formalizá-la com uma cerimônia de corte de aliança, Deus ordenou a circuncisão como um sinal da participação do menino em seu plano. A prática não era nova. Pinturas em templos egípcios mostram que a circuncisão fazia parte da cultura humana desde 4000 a.C. Normalmente, porém, os meninos eram circuncidados quando alcançavam a puberdade, como parte de ritos de fertilidade. Deus mudou isso começando com Abraão. “Os hebreus foram os únicos praticantes antigos da circuncisão a observar o rito na infância, evitando, assim, associá-la a rituais de fertilidade”.³

Pare e pense. Você consegue imaginar como Abraão e Sara amavam aquela criança? Observe avós que tenham nos braços um recém-nascido vindo de sua filha ou nora. É algo maravilhoso de observar! Mas não estamos falando de um casal de avós afetuosos — Abraão e Sara eram papai e mamãe. Muito tempo depois de terem desistido de qualquer esperança de desfrutar dessa alegria, eles tinham em seus braços seu próprio filho. E, como veremos mais adiante, eles seriam tentados a se agarrar firmemente àquela criança.

Anos atrás, quando nossos netos eram bem pequenos, eu servia na Primeira Igreja Evangélica Livre em Fullerton, Califórnia, igreja que a escritora e militante antinazista Corrie ten Boom havia escolhido frequentar até o final de sua vida. Certo dia, depois de um culto de adoração, fiquei à porta cumprimentando as pessoas à medida que elas saíam e, por fim, restaram apenas Corrie, eu e minha família. Nunca me esquecerei daquele momento. Meus filhos estavam brincando por ali e ela perguntou se eu era o pai.

— Sim — respondi. — Dois meninos e duas meninas.

— Me dá suas mãos, pastor Svindoll — disse ela com seu sotaque holandês, à medida que estendia suas pequenas mãos. Coloquei minhas mãos nas dela enquanto as crianças corriam à nossa volta.

— Escuta, pastor Svindoll. Segura tudo com pouca força. Segura tudo com pouca força. Porque, se segurar forte, vai doer quando o Pai esticar os dedos e tirar esses meninos de você. Eles são dele, você sabe. Não são seus. Você sabe disso?

— Sim, senhora, eu sei.

Então, ela apertou suas mãos contra as minhas e deu um suspiro profundo. Quando olhei em seus olhos, pude ver sua irmã, Betsie, a quem Corrie havia perdido em um campo de concentração nazista. Ela sabia do que estava falando. Sua mensagem foi clara. Ela não precisou dizer mais nada. Não agarre. Não aperte. Nossos filhos não são realmente nossos. Eles chegaram na época fixada por Deus e viverão seus dias de acordo com o plano dele... E, então, partirão na época fixada por ele. Enquanto isso, devemos nos tornar administradores das vidas preciosas que Deus colocou em nossas mãos. É nosso trabalho como pais e mães devolvê-los ao Senhor como adultos saudáveis, fortes, sábios e piedosos.

Cynthia e eu tivemos de lembrar a nós mesmos essa verdade em diversas ocasiões. Quando nos mudamos de volta para Dallas, em 1994, nossos quatro filhos adultos viviam em outros lugares. Eles tinham a própria vida, cada qual com sua família, de modo que nenhum deles nos acompanhou. Com

o passar dos anos, porém, eles se mudaram, um a um, para perto de nós. No tempo de Deus, na época que ele fixou, todos os quatro estavam vivendo em um raio de cerca de 20 quilômetros de nossa casa. Todavia, pouco a pouco, em seu tempo, o Senhor tem um jeito de abrir nossos dedos e afrouxá-los. Agora, um de nossos filhos se mudou para outro estado, e os outros podem seguir a orientação de Deus para outro lugar. Nunca me esquecerei do conselho de Corrie: Cynthia e eu devemos segurar “tudo com pouca força” e, nesse meio-tempo, desfrutar dessa proximidade.

Perspectiva verdadeira

E quanto a você? Pelo que está aguardando? A que está se apegando? O que espera?

Todo mundo tem respostas para essas perguntas; portanto, quero dar-lhe algumas poucas palavras simples para ajudá-lo a ganhar perspectiva sobre o assunto.

- *Lembre-se* de que Deus nunca está acidentalmente atrasado. Seu plano se revela no tempo certo, ainda que, de acordo com nossa agenda, o passo seguinte tenha sido retardado por tempo demais. De nossa perspectiva, as ações de Deus chegam depois daquilo que queremos ou esperamos. Mas o tempo dele é perfeito; ele nunca está atrasado. Quando finalmente recebermos aquilo que mais desejamos, veremos que nenhum momento antes e nenhum momento depois teria sido a ocasião correta.

- *Esqueça* sua agenda e seus planos. Sua agenda não pode levar em conta todos os detalhes que afetam outras pessoas, e você não pode ver como os eventos futuros se desenrolarão. Felizmente, Deus tem a perspectiva de que carecemos, e ele nos ama mais do que amamos a nós mesmos. Assim, seu plano nos dará maior alegria do que qualquer coisa que possamos imaginar. Pode-se dizer, portanto, que Deus responde às orações que faríamos se pudéssemos ver o que ele vê.

Anos atrás, o cantor de música *country* Garth Brooks compôs em parceria uma música na qual se ouviam as seguintes palavras:

Às vezes, agradeço a Deus pelas orações não respondidas.
Lembre que, quando estiver conversando com o homem lá de cima,
O fato de ele não responder não significa que ele não se importa.
Alguns dos maiores presentes de Deus são as orações não respondidas.⁴

Qualquer um que já tenha vivido tempo suficiente pode apreciar a verdade dessa letra. Ao olhar para trás, lembro-me de orações que Deus optou por deixar de lado, e justamente por isso é que sou grato. Em vez de atender a elas, Deus me deu aquilo de que eu precisava. E o que ele me deu trouxe-me ainda maior felicidade ainda mais duradoura e alegria mais profunda.

- *Peça* ao Senhor força sustentadora e sabedoria divina. Sei que isso soa elementar, mas costumamos nos esquecer de que não podemos levar a vida do nosso próprio jeito. Precisamos de ajuda divina diariamente. Além disso, necessitamos de força sobrenatural e sabedoria divina para esperar o desdobramento do plano do Senhor. Coisas boas vêm para aqueles que esperam.

- *Perdoe* a si mesmo por ser míope e por deixar de ver o quadro mais amplo. Perdoe a si mesmo por apegar-se quando deveria ter soltado. Perdoe a si mesmo por não se alegrar por aquilo que está adiante quando o plano de Deus não incluir seus próprios planos. Arrependa-se de suas falhas, receba o perdão de Deus e então perdoe a si mesmo.

Aprendi isto na minha vida: a última pessoa a quem perdoamos é a nós mesmos. Deus perdoa você; por que não copiar o que ele faz?

No tempo devido, você perceberá, como Abraão percebeu, que, no plano fixado por Deus, o melhor ainda está por vir. O poema “Vida”, de Henry van Dyke, capta a essência dessa atitude:

Deixe-me apenas viver minha vida ano a ano
Com o rosto à frente e a alma submissa;
Sem me apressar nem me afastar do objetivo;
Sem murmurar pelas coisas que desaparecem
No passado nebuloso, sem hesitar por causa do medo
Daquilo que o futuro esconde; mas com um coração
Íntegro e feliz, que paga o preço
À Juventude e à Velhice, e segue viajando com alegria.

Portanto, quer o caminho suba quer desça a colina,
Numa rota acidentada ou plana, a jornada será de alegria:

Ainda buscando aquilo que buscava quando menino,
Nova amizade, grande aventura e uma coroa,
Meu coração manterá a coragem da busca,
E a esperança de que a última curva será a melhor.⁵

CAPÍTULO 15

Pecado perdoado e consequências prolongadas

UMA DAS FRASES MAIS reconfortantes que existem é “Deus perdoa nossos pecados”.

Talvez você escute essas palavras desde que nasceu. Talvez as tenha ouvido na escola dominical, em casa ou mesmo no colégio. Ou, quem sabe, para você, tais palavras se pareçam com água fresca sobre chão árido? Você talvez nunca tenha escapado da culpa ou da vergonha pelas coisas que fez, porque alguém nunca o deixou esquecer. Quando o antigo compositor Davi ouviu essa verdade maravilhosa sobre o perdão de Deus, ele proclamou sua alegria por meio de uma música inspirada.

Bendiga ao SENHOR a minha alma!
Não esqueça nenhuma de suas bênçãos!
É ele que perdoa todos os seus pecados
e cura todas as suas doenças,
que resgata a sua vida da sepultura
e o coroa de bondade e compaixão [...].
Pois como os céus se elevam acima da terra,
assim é grande o seu amor para com os que o temem;
E como o Oriente está longe do Ocidente,
assim ele afasta para longe de nós as nossas transgressões.

Salmos 103.2-4,11-12

Quero pintar uma imagem mental para ajudar você a se lembrar dessa verdade. Pense numa cruz. A maior das duas vigas é a vertical. Pense na viga vertical como seu relacionamento com Deus. Por toda a vida, nós nos rastejamos por essa viga carregando o peso do pecado. Não somos perfeitos, e ainda estamos crescendo em maturidade, o que significa que ainda pecamos. Assim, escalamos aquela viga e dizemos: “Senhor, eu me meti nesta confusão e confesso isso a ti. Eu estava errado e me arrependo. Falhei de novo, e trago isso diante de ti”.

O Senhor nunca responde: “Que vergonha! Arraste-se de volta para baixo e saia de diante dos meus olhos! Pague uma penitência pelas próximas três semanas”. Nunca! Ele diz: “Ao descer, saia limpo, purificado e perdoado”. Assim, nós descemos, felizes por sermos perdoados... e voltamos a pecar. Então, tornamos a subir aquela viga. Como resultado, a vida cristã pode se parecer com um ioiô: para cima e para baixo, para cima e para baixo. À medida que ficamos mais velhos e aprendemos melhor nossas lições, escalamos aquela viga com muito menos frequência, mas jamais alcançamos o ponto de nunca precisar buscar o perdão de Deus. Felizmente, o perdão divino nunca se acaba.

A parte mais difícil daquela cruz é a viga horizontal. Ela representa nosso relacionamento com o mundo. Embora Deus perdoe nosso pecado e apague tudo o que prejudicou nosso relacionamento com ele, nosso delito pode ter consequências duradouras no que se refere a outras pessoas. Deus perdoou o pecado, mas não mudou os fatos a fim de reverter o efeito de nosso pecado no mundo. Se, por exemplo, em um ato de pura desatenção, você atropelasse o querido animal de estimação de seu vizinho, Deus perdoaria você, e seu amigo *poderia* perdoar você, mas o animal continuaria morto. As consequências de sua desatenção permanecem.

Dizendo em tom mais sério, suponhamos que alguém abusou de drogas ou de álcool por metade da vida. Esse indivíduo foi orientado a não se entregar, mas começou a cultivar o hábito e, pouco tempo depois, tornou-se adicto. O vício só foi piorando, até que ele começou a perder tudo o que lhe era importante: carreira, família, amigos, saúde... tudo. Depois de anos abusando de seu corpo e destruindo seus relacionamentos, ele levou sua condição a Deus e deu início ao longo processo de recuperação. Recebeu o perdão divino e talvez o perdão da família e dos amigos. O problema é que as feridas de longo tempo permanecem. Os anos perdidos para o vício se foram. Sua saúde está comprometida para sempre. As consequências de seu pecado perduram.

Algumas pessoas têm problemas com a ira. Elas carregam um reservatório de ódio que transborda por meio de palavras duras e às vezes profanas. Uma mãe alcança seu ponto de ebulição e grita sua frustração diante de seus filhos por meio de palavrões e insultos. À medida que esfria a cabeça e tem um pequeno tempo de reflexão, ela se arrepende de seu comportamento. Ela se ajoelha diante de Deus, dizendo: “Senhor, pequei outra vez. Preciso de ajuda com este problema. Por favor, perdoe-me”.

Deus perdoa. Ele sempre perdoa quando pedimos. Mas as palavras duras que foram pronunciadas não podem ser desdidas. Como projéteis, os insultos penetraram a mente dos filhos e ficaram embutidos ali. Serão necessários anos para reverter o prejuízo, se é que será revertido. As consequências do pecado dessa mãe permanecem.

Tudo isso aponta para uma dura, mas útil, verdade:

Embora todo ato de pecado seja perdoável, os efeitos de alguns pecados não são apagáveis.

Haveria um senso de justiça satisfatório se apenas o culpado experimentasse o resultado de seu erro, mas a verdade é que o pecado fere também o inocente. O pecado é como uma bomba terrorista em um mercado lotado. Ela provoca o caos e lança fragmentos para todo lado, ferindo qualquer pessoa — de qualquer idade — que esteja próxima à explosão. A onda de choque do pecado pode até mesmo reverberar por outras gerações, causando dano a pessoas que ainda nem nasceram. Tragicamente, o inocente sofre junto com o culpado, e às vezes sofre até mais.

Dano colateral

O capítulo 21 de Gênesis nos apresenta um homem cujo pecado anterior o assombra e prejudica as pessoas que ele ama.

O nascimento de seu tão esperado herdeiro, Isaque, deu a Abraão e a Sara grande alegria, mas a felicidade do casal ficou manchada pelo arrependimento. Cerca de quinze anos antes, eles haviam tentado apressar o plano de Deus. Em sua pressa de receber o cumprimento da promessa divina, planejaram ter um filho de acordo com seus próprios termos e no tempo que consideravam mais adequado. Sara sugeriu: “Possua a minha serva; talvez eu possa formar família por meio dela” (Gn 16.2). Assim, Abraão teve relação sexual com Hagar, a serva egípcia de Sara, e Hagar concebeu um menino. Nove meses depois, a escrava deu à luz um menino e colocou-lhe o nome de Ismael — um filho de Abraão, mas não o tão esperado filho da promessa.

Agora, Sara deu à luz um filho seu — o filho da aliança de Deus com Abraão. Eles lhe deram o nome de Isaque, “ele ri”, porque os dois riram de descrença no início e, depois, diante de seu nascimento, riram de alegria. Esse menino juntou-se a um meio-irmão que acabara de completar 14 anos, um rapaz cuja descrição afirma: “Ele será como jumento selvagem; sua mão será contra todos, e a mão de todos contra ele, e ele viverá em hostilidade contra todos os seus irmãos” (Gn 16.12).

O nascimento de um bebê sempre ameaça uma criança mais velha, especialmente se esta tiver desfrutado de atenção exclusiva até então. Pela primeira vez na vida, Ismael teve de compartilhar seu lar com um rival. Para piorar as coisas, ele entendia sua posição na hierarquia familiar. Ele representava a transigência; Isaque era o verdadeiro filho da promessa. E, por três anos, o conflito fermentou. Por fim, chegou ao ápice em uma festa de família. (O drama sempre aparece nas festas de família, não é?)

“O menino cresceu e foi desmamado. No dia em que Isaque foi desmamado, Abraão deu uma grande festa” (Gn 21.8). Nas culturas do antigo Oriente Médio, as crianças normalmente eram amamentadas até perto dos 3 anos, portanto Ismael estaria comemorando o décimo sétimo aniversário naquela época. Com essa idade, ele teria sido considerado um homem pronto para tomar uma esposa e iniciar a própria família. Durante a festa, “Sara, porém, viu que o filho que Hagar, a egípcia, dera a Abraão estava rindo de Isaque” (v. 9).

A expressão “rindo de” compartilha da mesma raiz “rir” do nome de Isaque, mas aqui há uma sutileza. No hebraico, esse termo significa “fazer gracejo, zombar, brincar com”, não simplesmente “rir”.¹ Ismael ridicularizava o pequenino, o que é suficiente para fazer ferver o sangue de qualquer mãe. Se você acha que uma urso-parda protege seus filhotes, imagine a ira de uma mãe de 90 anos em defesa de seu filho pequeno! Assim, tomada por proteção materna mesclada em igual proporção com ciúme mesquinho, Sara exigiu de Abraão: “Livre-se daquela escrava e do seu filho, porque ele jamais será herdeiro com o meu filho Isaque” (Gn 21.10).

Os pais que tentam manter a paz em uma situação de família reconstituída podem se identificar com isso. O pobre Abraão se viu sem saída. Ele amava sua esposa e estava profundamente feliz diante da visão do garotinho que andava em torno da tenda; mas ele também amava seu outro filho, Ismael, a quem criara desde que este era bebê até a juventude. Abraão provavelmente estava ansioso para arrumar um casamento para o filho mais velho, torná-lo estabelecido dentro do acampamento e, então, comemorar a chegada dos netos. Contudo, o patriarca entendeu o que Sara desejava. A discórdia entre Ismael e Isaque terminaria por tornar a vida intolerável para todos. Talvez Abraão tenha se lembrado de sua separação de Ló — quão necessário fora aquilo, mas também quão ruim fora o resultado.

Embora Abraão não estivesse sujeito a nenhuma lei — quem o forçaria? —, ele certamente procurou orientação nos costumes de sua cultura. A cidade de Nuzi preservou suas leis e seu legado em tábuas de cerâmica. A Babilônia entalhou suas leis em pilares de pedra, assim como em tábuas de cerâmica. As duas culturas proibiam uma família de desonrar o filho de uma concubina assim que a esposa desse à luz um herdeiro legítimo. Assim, o pedido de Sara violava costumes sociais. Em contrapartida, outra lei comum “estipulava que o pai podia conceder liberdade para a mulher escrava e para os filhos que ela desse a ele, caso em que eles perderiam sua parte na propriedade paterna”.² Abraão não pertencia a nenhuma dessas civilizações, de modo que poderia tomar qualquer decisão que acreditasse ser a correta. Ainda assim, teria se sentido obrigado a honrar o costume. Seu dilema era palpável.

Ele decidiu aplicar o Código de Lipit-Ishtar, que concedia liberdade a Hagar em troca de ela abrir mão de qualquer exigência sobre uma herança.³ Ainda assim, Abraão agonizou diante da decisão. A narrativa afirma que ele se “perturbou” (Gn 21.11-12). Não é difícil imaginar um homem se punindo pelo pecado que cometeu. “Que confusão eu criei com isso tudo! Onde eu estava com a cabeça dezoito anos atrás? Agora estou aqui, preso entre um filho crescido, a quem amo, e uma esposa de 90 anos. Não há opção satisfatória.” Por fim, Deus interveio e disse a Abraão: “Não se perturbe por causa do menino e da escrava. Atenda a tudo o que Sara lhe pedir, porque será por meio de Isaque que a sua descendência há de ser considerada. Mas também do filho da escrava farei um povo; pois ele é seu descendente” (v. 12-13).

Abraão não conseguia chegar a outra conclusão: Ismael tinha de partir. O Senhor prometera cuidar dele e multiplicar seus descendentes. Isso resolveu a questão. “Na manhã seguinte, Abraão pegou alguns pães e uma vasilha de couro cheia d’água, entregou-os a Hagar e, tendo-os colocado nos ombros dela, despediu-a com o menino” (Gn 21.14).

Ainda que eu possa compreender a decisão de mandar Ismael embora, tenho dificuldades para entender a pressa em despedi-lo. Abraão certamente poderia ter agido com mais classe ao enviar o rapaz e sua mãe. Ele tinha tendas, provisão, rebanhos e servos de sobra; por que não ajudar aquele rapaz a estabelecer sua nova vida? Abraão muito provavelmente não encontrou apoio para essa ideia junto a Sara. Qualquer coisa dada a Ismael teria saído da herança de Isaque, e ela já havia levantado objeções quanto a isso anteriormente (cf. Gn 21.10).

Depois de deixar o acampamento de Abraão, Hagar “se pôs a caminho e ficou vagando pelo deserto de Berseba” (Gn 21.14), uma região a quase 50 quilômetros a sudoeste de Hebrom. A região certamente não era mais hospitaleira do que é hoje. É possível viver ali, mas não sem trabalho duro e muito planejamento. Tendo visto a paisagem pessoalmente, não consigo pensar em uma metáfora melhor para descrever o que é criar filhos como mãe solteira. Como a maioria dos pais ou mães que acabam sozinhos no cuidado dos filhos, Hagar enfrentou o desafio de sobreviver por si só, inicialmente vagando sem rumo, tendo de cuidar para que aquela pequena provisão cobrisse suas muitas necessidades, sendo esquecida pelos entes queridos e duvidando que Deus ainda se importasse com ela. Seu desespero não tinha limite.

“Quando acabou a água da vasilha, [Hagar] deixou o menino debaixo de um arbusto e foi sentar-se perto dali, à distância de um tiro de flecha, porque pensou: ‘Não posso ver o menino morrer’. Sentada ali perto, começou a chorar” (Gn 21.15-16). Que lugar horrível era Berseba!

Se você é um pai ou mãe que não tem com quem dividir a criação de filhos, entende o desespero de Hagar. Qualquer que tenha sido a razão pela qual perdeu seu par, você agora está sozinho. Seja qual for a situação, você se vê na sua própria Berseba, sem um cônjuge com o qual possa contar. A sobrevivência pode ser uma luta constante. Talvez seu carro lhe seja tirado; talvez você não tenha mais um lar. E a igreja raramente trata de você, sem contar que ela é falha em dar-lhe a dignidade que você merece. A quem você se volta quando é pai solteiro ou mãe solteira e as pessoas da igreja o tratam como um exilado? Quem você procura quando outros o olham por cima dos óculos e pensam: “Imagino o que ele(a) fez”. Ou: “Como é que ele(a) chegou a essa situação?”.

Nesse momento, você está absolutamente só. Você precisa se preocupar consigo e com seus filhos, sem contar com alguém que o ajude a levar a carga. Sua cama é fria e silenciosa. Os feriados trazem a lembrança de dias melhores, por isso você os teme. Suas memórias são tristes, seu futuro é gélido e você não consegue se lembrar da última vez em que deu boas risadas. Sua alma está árida, e você não sabe para onde ir.

Sob o risco de soar como um pregador, posso lhe oferecer algumas palavras de esperança? Por favor, leia devagar e com atenção. Esteja ciente de que elas vêm de um lugar de profunda compaixão. Se for útil, talvez você até mesmo queira lê-las em voz alta.

Você precisa saber que, embora se sinta completamente só, não está só. Deus o vê. Ele ouve seu choro. Ele se importa com você e transformará seu pranto em dança (cf. Sl 30.11). As noites são longas, mas Deus vai sustentá-lo e restaurá-lo. Ele vai se preocupar com você em meio à sequeidão de Berseba. Você ficará são novamente — e mais cedo do que pensa.

Ouçã as palavras de um profeta antigo, que as escreveu tendo em mente pessoas como você. Note a relevância em cada afirmação que saiu de sua pena, prometendo-lhe um futuro e grande esperança. Por favor, acredite nestas palavras!

“Não tenha medo; você não sofrerá vergonha. Não tema o constrangimento; você não será humilhada. Você esquecerá a vergonha de sua juventude e não se lembrará mais da humilhação de sua viuvez. Pois o seu Criador é o seu marido, o SENHOR dos Exércitos é o seu nome, o Santo de Israel é seu Redentor; ele é chamado o Deus de toda a terra. O Senhor chamará você de volta como se você fosse uma mulher abandonada e aflita de espírito, uma mulher que se casou nova apenas para ser rejeitada”, diz o seu Deus.

Isaías 54.4-6

Se você se identifica com Hagar, tenha esperança. Quando sua vida se recuperar desse tempo de escuridão, a força que terá ganhado compensará os dias desesperadamente difíceis. Nesse meio-tempo, eu repito: por favor, saiba que Deus não abandonou você. Enquanto Hagar chorava desesperadamente e o rapaz estava prostrado de sede, Deus ouviu o pranto deles. Ele ouve seu filho à noite. Ele ouve sua filha. Deus sabe que eles estão confusos. Sabe que você está preso entre arrependimento profundo e amargura corrosiva. Ele o entende. Afinal de contas, você provavelmente não pediu para passar por isso que agora precisa superar.

Essa história já seria suficientemente perturbadora se Hagar e Ismael merecessem o tratamento que tiveram. Mas Hagar não pediu para conceber. Ninguém perguntou como ela se sentia em relação a tudo aquilo. Ela simplesmente recebeu ordem para se deitar e, nove meses depois, deu à luz um bebê que não fora concebido em amor. Agora, ela e seu filho, juntos, haviam sido descartados. E as próprias pessoas que haviam arquitetado o plano a lançaram fora. Embora Hagar pudesse ter sido mais simpática com Sara — e ela provavelmente o foi depois de sua primeira viagem solitária ao deserto (cf. Gn 16.6-7) — e Ismael pudesse ter se comportado melhor, nenhum dos dois merecia vagar pelo deserto de Berseba, sozinho.

Felizmente, o Senhor viu a injustiça. O Senhor ouviu o clamor deles.

Deus ouviu o choro do menino, e o anjo de Deus, do céu, chamou Hagar e lhe disse: “O que a aflige, Hagar? Não tenha medo; Deus ouviu o menino chorar, lá onde você o deixou. Levante o menino e tome-o pela mão, porque dele farei um grande povo”. Então Deus lhe abriu os olhos, e ela viu uma fonte. Foi até lá, encheu de água a vasilha e deu de beber ao menino.

Gênesis 21.17-19

A fonte estava ali o tempo todo, mas, quando se está no meio de uma confusão, não é possível ver alívio — há muitas coisas que não se pode ver nessa condição. Você não vê a água. Não consegue deixar de olhar para sua miséria. Diante disso, o Senhor abriu os olhos de Hagar. Ele aguçou a percepção dela para que visse o que estava perdendo e as coisas das quais precisava tanto. O incidente transformou tudo o que havia em volta dela e de Ismael. Ao mostrar-lhe a fonte, Deus estava dizendo: “Hagar, estou bem aqui. Você não tem nada a temer”.

À medida que eu refletia sobre Hagar, a mãe solteira, e Ismael, o filho sem pai, minha mente voltou-se para um salmo escrito por Davi. Suas palavras oferecem consolo às pessoas que se veem repentinamente solteiras e filhos que de repente passam a contar com apenas um dos pais.

Pai para os órfãos e defensor das viúvas
é Deus em sua santa habitação.
Deus dá um lar aos solitários,
liberta os presos para a prosperidade.

Salmos 68.5-6

Anteriormente neste capítulo, ofereci palavras de compaixão. Agora, permita-me apresentar algumas palavras de advertência. Se você continuar em amargura, morrerá de sede. Você nunca verá a fonte que está por perto. Você se tornará seu pior inimigo. Não siga nessa direção! Em vez disso, busque a provisão de Deus e aceite a proteção dele. Troque a amargura pela misericórdia. Diga ao Senhor: “Eu não preciso de um cônjuge para sobreviver; busco minha provisão somente em ti”. Ele lhe mostrará uma fonte de água fresca. Ele não apenas verá que você sobrevive, como também ajudará você a vicejar. Veja quão bem Deus cuidou de Hagar e de seu filho.

“Deus estava com o menino. Ele cresceu, viveu no deserto e tornou-se flecheiro. Viviu no deserto de Parã, e sua mãe conseguiu-lhe uma mulher da terra do Egito” (Gn 21.20-21). E, assim, Ismael

prosperou na região desértica a leste da península do Sinai. Casou-se e tornou-se pai de doze filhos (cf. 25.13-17) e de um número desconhecido de filhas. Hoje, os árabes ligam sua ancestralidade a Abraão por meio de Ismael.

Se a afirmação deles for verdadeira, podemos ter certeza de que nunca haverá paz ampla ou duradoura entre os árabes e seus meios-irmãos, os hebreus. Por séculos, eles se confrontam como nações e raças. Dessa força, podemos dizer que o pecado de Abraão continua a reverberar pelas eras a ponto de afetar todos, tanto inocentes quanto culpados.

Três lições

A breve história de Hagar e Ismael contém muitas lições, mas as condensei em apenas três. Baseio cada uma delas nos personagens de maior destaque: primeiro, Sara; depois, Abraão; e, por fim, Hagar.

Para aqueles que se identificam com Sara: consequências pecaminosas podem persegui-lo, mas elas só terão êxito se você assim permitir.

Sara termina como a vilã da história, e não sem razão. Afinal de contas, foi ideia dela entregar sua criada para que fizesse um filho com Abraão. Depois, quando se ressentiu de como as coisas haviam saído, culpou o marido, maltratou Hagar e deserdou Ismael dos bens da família. Seu comportamento de víbora não a torna agradável nem simpática. A verdade é que Sara revela aquelas partes de nós mesmos das quais não gostamos muito.

Sara descobriu — como nós descobriremos, debaixo das circunstâncias corretas — que consequências duradouras de nosso pecado podem nos transformar em pessoas amargas e defensivas se não fizermos as pazes com nosso passado. Consequências duradouras podem se tornar uma fonte contínua de vergonha, dificultando o encerramento do capítulo e a virada da página. Mas devemos fazer isso. O passado é passado; não podemos apagá-lo. Nossa responsabilidade hoje é fazer o melhor uso de nossas circunstâncias atuais.

Incentivo você a levar seu pecado do passado à cruz e deixá-lo ali... e que o faça com a regularidade necessária. Ao perceber que a vergonha tenta se apegar a você novamente, resista ao desejo de dar desculpas, minimizar, defender ou transferir sua responsabilidade para outra pessoa. Tome esse momento como um sinal de que é preciso fazer outra viagem à cruz de Cristo, onde você mais uma vez deixará seu fardo. Continue voltando até que seu pecado não mais se apegue a você.

Para aqueles que se identificam com Abraão: desacordos conjugais vão perturbá-lo, mas eles podem ser ótimos professores, se você estiver disposto a aprender.

Nunca proclamei meu casamento com Cynthia como ideal. Quando as pessoas me perguntam: “Como está seu casamento?”, eu digo: “Em breve completaremos 60 anos, e ele está razoavelmente bem”. Aprendi a não dizer “Está ótimo!” porque ele não está. Afinal, veja com quem ela se casou! Não chego nem perto de ser perfeito em nada, e ela também não. Ainda temos desacordos, que às vezes nos deixam loucos. Felizmente aprendemos como resolver desavenças e lidar com as dificuldades.

Com o passar dos anos, depois de incontáveis conflitos resolvidos e de momentos difíceis, finalmente aprendi a ouvir. Minha esposa tem muita sabedoria. Ela me conhece melhor do que qualquer outra pessoa e pode dizer melhor do que qualquer um aquilo que preciso ouvir. Mesmo quando acontece de ela estar errada em relação a alguma coisa, sua perspectiva tem valor para mim. Aprendo como ser um homem melhor por meio de nossos desentendimentos e também aprendo a amá-la melhor.

Em geral, as lições que precisamos aprender surgem por intermédio da pessoa com quem nos casamos, se não formos estúpidos demais para ouvir o que ela está dizendo.

Para aqueles que se identificam com Hagar: arrependimentos pessoais podem desanimá-lo, mas não podem incapacitá-lo se você optar por seguir em frente.

Por meio dessa história, Deus diz ao proscrito e ao marginalizado, e não apenas aos pais solteiros: “Olhe para cima. Existe água. Beba daquela fonte. Tenho um plano para você que está além do que pode imaginar. Confie em mim. Talvez você não encontre conforto junto daqueles que estão ao seu redor ou de outros que vivem no deserto. Talvez não receba incentivo daqueles que vivem nas tendas de Abraão, mas você o receberá de mim”.

Tire os olhos das outras pessoas e pare de procurar nelas aquilo de que você precisa. Ainda que Deus possa optar por trabalhar mediante algumas pessoas, ninguém tem aquilo que você por fim deseja receber. Somente o Senhor poderá prover isso. Além do mais, pare de esperar que as circunstâncias do pecado desapareçam. Quer você tenha provocado a confusão quer não, terá de

viver com as condições que existem agora. Você pode optar por fazê-lo com uma atitude amarga ou com uma atitude triunfante. Essa escolha é sua.

A todos eu digo isto: encerre o capítulo; vire a página. Seja qual for seu pecado, seja qual for sua luta, Deus é maior. E ele o conduzirá por qualquer circunstância difícil que você enfrentar.

CAPÍTULO 16

Quando Deus diz: “Largue!”

AGARRAR E SEGURAR SÃO dois hábitos ruins. Infelizmente, todos nós os temos. Amamos possuir; adoramos controlar. Gostamos muito de manter os tesouros próximos. Quanto mais valioso o tesouro, mais forte o seguramos, e mais difícil é soltá-lo. Você sabe, não é da nossa natureza largar. Nossa natureza gosta de possuir, de agarrar, de segurar.

Em seu livro *À procura de Deus*, A. W. Tozer descreve da seguinte maneira nosso desejo de segurar tesouros:

Dentro do homem há um coração empedernido cuja natureza e intento é sempre possuir, possuir. Ele ambiciona as “coisas” com um desejo arraigado e feroz. Os pronomes “meu” e “minha” parecem perfeitamente inocentes quando impressos no papel, mas o seu emprego constante e universal é muito significativo. Expressam a natureza real do velho homem adâmico melhor do que mil volumes de teologia. São sintomas verbais de nossa alma enferma. As raízes do nosso coração penetraram fundo nas *coisas*, e não ousamos arrancar nenhuma delas, com receio de morrer.¹

Meu. Aprendemos a palavra enquanto brincamos na caixa de areia do jardim de infância. “Isto é *meu*, não é seu.” Nós agarramos. Nós seguramos. As coisas que retemos são chamadas de “tesouros”. O que as caracteriza como tais é o nosso desejo de nos apegarmos a elas. O valor do tesouro sobe quanto mais apertado seguramos e, se agarramos com força suficiente, por tempo bastante, um tesouro pode se tornar um talismã.

As coisas que chamei de “tesouros” se encaixam naturalmente em quatro categorias.

A primeira, é claro, seriam *nossas posses* — coisas tangíveis e valiosas. Podem ser tão grandes quanto uma propriedade, uma casa, um carro ou um barco, ou podem ser tão pequenas quanto um anel de diamante, uma moeda rara ou um relógio de bolso recebido como herança de família. O tesouro pode ser caro, como uma pintura original ou um raro tapete persa, ou pode ser tão barato quanto um par de tênis velhos, um carrinho da infância ou uma lembrança especial. Esse tipo de tesouro é uma coisa que pode ser possuída.

A segunda categoria seria *nossa vocação* — nosso trabalho ou nossa carreira. Para alguns, isso seria um chamado. Não leva muito tempo para que o pânico se instale quando o emprego está ameaçado — e não simplesmente porque tememos a perda da provisão. Se for apenas um emprego, procuramos outro. Para muitos, porém, aquilo que fazem está intimamente ligado a como a pessoa se vê. Para essas pessoas, vocação é identidade. Para os que respondem àquilo que acreditam ser um chamado, vocação é propósito. Ter um chamado comprometido é perder a razão para viver.

Todo ministro que vive uma vida longa deve enfrentar o dia em que, por fim, deverá olhar no espelho e dizer: “Chegou a hora”. Isso pode ser especialmente difícil não apenas porque amamos aquilo que fazemos, mas também porque nossa vocação é fundamental para nosso relacionamento com Deus. Seguimos um destino, de modo que pendurar as chuteiras se torna algo particularmente difícil. Muitos ministros transformaram sua vocação em um tesouro inestimável.

A terceira categoria abrange *nossos sonhos*. Na juventude, nossas esperanças nos mantêm caminhando em meio a tempos difíceis. Podemos lutar contra reveses e decepções porque esperamos dias melhores. Podemos suportar duras temporadas de privação e sacrifício na busca por um objetivo. Atletas olímpicos que ganham a medalha de ouro e sobem no lugar mais alto do pódio começaram com um sonho anos antes. Os vencedores tratam seus sonhos com carinho.

Muitos, porém, ficam por demais preocupados com o sucesso ou alguma grande realização pela qual se sacrificaram tanto. Quando chegam ao sucesso, percebem quanto lhes escapou e quão pouco foi ganho. Ou pior, precisam aceitar que todo o seu esforço não lhes rendeu nada.

A quarta categoria de tesouro envolve *nossos relacionamentos*. Podemos valorizar pessoas: um pai de quem dependemos, um filho ou uma filha com quem nos preocupamos constantemente, uma pessoa amada que temos medo de perder, um amigo que significa o mundo para nós. Qualquer relacionamento pode se tornar um tesouro pelo qual sacrificamos muita coisa.

Em 20 de fevereiro de 2013, chegou a mim a notícia de que meu mentor e amigo de longa data, Howard George Hendricks, havia morrido naquela manhã. Para mim, foi quase insuportável ouvir aquelas palavras. Eu amava aquele homem havia mais de cinquenta anos. Assim como outros treze mil alunos, ouvi seus ensinamentos enquanto estive no seminário, ainda jovem, e, mais tarde, a Providência o levou à Stonebriar Community Church, onde ele serviu como diácono. Durante seus

últimos anos, tive o prazer de ser seu pastor. Quando recebi a notícia de sua morte, pensei: “Que homem maravilhoso!”. Queria que ele vivesse para sempre. *Nunca* quis ver seu caixão descer à sepultura. Eu valorizava nosso relacionamento. Assim, quando se trata de encontrar um tesouro em um relacionamento, falo por experiência própria.

O capítulo 22 de Gênesis revela um homem com um tesouro muito valioso, muito querido, que ameaçava comprometer seu relacionamento com Deus. Ele não valorizava dinheiro ou posses. Não valorizava seu chamado. Nem mesmo valorizava um sonho. Seu filho tão esperado, Isaque, era seu tesouro, e aquele homem teria sacrificado qualquer coisa pelo rapaz. Não tenha dúvidas: Abraão adorava seu filho!

A prova final de Abraão

Desde a partida de Ur dos caldeus, Abraão havia viajado muito. Não simplesmente em termos de quilometragem, mas também em razão de quão grande sua fé havia se tornado. Aquele nômade espiritual havia passado por muitas e grandes provações — algumas das quais o levaram a ter um comportamento inadequado. Ele pecou ao fugir para o Egito e mentir para o faraó, e repetiu esse pecado com Abimeleque. Depois, correu na frente do plano divino ao dormir com Hagar. A despeito de tudo isso, Abraão estabeleceu sua reputação como um devoto homem de Deus e cuja jornada de fé conquistara o respeito de seus pares. Deixou para trás sua vida confortável com o propósito de seguir a Deus aonde quer que ele o conduzisse. Demonstrou maturidade incomum ao lidar com as incômodas deficiências de Ló. Mostrou extraordinária bravura ao resgatar sua família de um exército poderoso. Representou fielmente o único e verdadeiro Criador em todas as situações, até mesmo nas falhas que cometeu.

Alguns anos depois de receber Isaque, conforme prometido por Deus, chegou o tempo de desafiar com uma prova suprema a fé que caracterizava Abraão. Deus, é claro, é onisciente. Ele conhece o futuro tão precisamente quanto conhece o passado. Ele não coloca pessoas à prova para ver quão bem sua fé reage sob fogo; ele prepara provas de fé para mostrar *a nós* o que fez conosco. Quer passemos quer falhemos, aprendemos sobre nós mesmos. Aprendemos onde precisamos melhorar ou descobrimos quão espiritualmente maduros nos tornamos.

Nesse ponto da jornada de fé empreendida por Abraão, Isaque já havia se tornado um jovem adulto. O termo hebraico *na'ar* pode se referir desde a um menino recém-nascido (cf. Êx 2.6) até a um homem no início da fase adulta (cf. 2Sm 14.21; 18.5). Isaque tinha idade suficiente para viajar sem a mãe, envolver-se com o pai em conversa racional e subir uma montanha carregando um feixe de lenha. Tendo desfrutado de muitos anos com seu filho — talvez algo em torno de quinze anos —, Abraão teve sua fé colocada sob prova por meio de uma ordem incomum e inesperada. Deus disse: “Tome seu filho, seu único filho, Isaque, a quem você ama, e vá para a região de Moriá. Sacrifique-o ali como holocausto num dos montes que lhe indicarei” (Gn 22.2).

Como pai, posso facilmente imaginar as perguntas angustiadas que devem ter passado pela mente de Abraão. “Por que devo abrir mão do meu único filho? Se Isaque morrer, de que forma produzirá descendentes, como Deus prometeu? Como é que Deus pode exigir um sacrifício humano, prática comum entre os detestáveis pagãos de Canaã?” Mas não vemos nenhuma indicação de hesitação, nenhuma relutância, nenhuma resistência, nenhuma discussão, nenhuma barganha, nenhum apelo, nenhum atraso que fosse. “Levantou-se, pois, Abraão de madrugada” (Gn 22.3, RA), tirou Isaque da cama e o conduziu pela escuridão até encontrar um jumento carregado com lenha e dois servos que os esperavam para sair em viagem. Viajaram três dias até um lugar chamado Moriá, cuja localização precisa é tema de debate. É muito provável que seja uma referência ao lugar do antigo templo de Herodes, onde a mesquita do Domo da Rocha está hoje (cf. 2Cr 3.1).

A narrativa bíblica omite qualquer conversa durante a jornada. Penso que os quatro homens viajaram em silêncio, a não ser por alguma ordem ou pergunta ocasional. Duvido que Abraão tenha puxado alguma conversa banal. Enquanto isso, Isaque deve ter pensado algo como “Mas o que é que está acontecendo aqui?”. Contudo, ele fora instruído a confiar em seu pai. Assim, quando o pai lhe disse “Vamos”, o jovem obedeceu sem questionar. Quando se aproximaram de seu destino, Abraão viu o lugar do sacrifício agigantando-se sobre eles. “Disse ele a seus servos: ‘Fiquem aqui com o jumento enquanto eu e o rapaz vamos até lá. Depois de adorarmos, voltaremos’” (Gn 22.5).

Preste atenção nos pronomes ocultos usados nas instruções de Abraão. *Nós* (primeira pessoa do plural) vamos adorar. *Nós* (primeira pessoa do plural) voltaremos. Alguns já sugeriram que Abraão estava encobrendo a realidade. A declaração “*nós* vamos adorar” seguida de “*eu* voltarei” poderia gerar perguntas estranhas, por isso ele mentiu. Afinal, Abraão ficou conhecido por usar meias

verdades em benefício próprio no passado. Nesse caso, porém, penso que os pronomes que usou refletiam uma expectativa genuína. Ele não entendia a situação, mas sabia do caráter justo de seu Deus, e creu na promessa que o Senhor lhe fizera.

Um autor do Novo Testamento resume da seguinte forma o estado mental de Abraão:

Pela fé Abraão, quando Deus o pôs à prova, ofereceu Isaque como sacrifício. Aquele que havia recebido as promessas estava a ponto de sacrificar o seu único filho, embora Deus lhe tivesse dito: "Por meio de Isaque a sua descendência será considerada". Abraão levou em conta que Deus pode ressuscitar os mortos e, figuradamente, recebeu Isaque de volta dentre os mortos.

Hebreus 11.17-19

À medida que a história se revelar, não perca de vista o drama tão tipicamente humano. Coloque-se no lugar do velho homem. Sinta a ternura de seu filho andando ao seu lado. Sinta o cheiro da lenha que ele está carregando. Sinta a faca batendo contra sua coxa a cada passo. Imagine o topo da montanha, local onde você vai enterrar a faca afiadíssima no pescoço de seu único filho. Agora pare exatamente aqui e examine suas emoções. Quais perguntas você tem para Deus?

Abraão não havia lido Gênesis 22. Ele não podia saber o que aconteceria em seguida, o que torna sua conversa com Isaque ainda mais significativa. Permita-me descrever a cena em termos atuais.

— Ei, pai.

— Sim, filho. O que é?

— O que está acontecendo? Você está com uma tocha e uma faca. Eu estou com a madeira. Onde está o animal para o sacrifício?

Durante a maior parte de sua vida, até onde ele conseguia se lembrar, Isaque havia ajudado seu pai a preparar ofertas queimadas. Ele conhecia a rotina.

— Normalmente existe um animal. Não estou entendendo.

John Sailhamer, professor de Antigo Testamento, descreve a resposta de Abraão com grande eloquência:

O autor não dá nenhuma indicação da natureza dos pensamentos de Abraão, mas isso acontece certamente porque nenhuma indicação é de fato necessária. Quem não consegue imaginar o que Abraão sentiu? Quando finalmente alguém fala na narrativa, é Isaque, não Deus, quem quebra o silêncio; e a pergunta que ele levanta — "Onde está o cordeiro para o holocausto?" — serve apenas para aumentar a angústia que o pedido do Senhor traz a Abraão e, por ora, ao leitor. [...]

Conforme Abraão começa a falar, suas palavras lançam luz sobre seu silêncio anterior. Em meio à angústia que o leitor percebe no silêncio de Abraão, existe agora uma confiança silenciosa no Senhor, que proverá.²

É impressionante notar como as crianças, sobretudo conforme vão ficando mais velhas, ganham uma misteriosa e especial habilidade de colocar o dedo exatamente sobre a questão que se quer evitar. Isaque chamou a atenção para o óbvio: "Onde está o cordeiro?".

Seu pai respondeu: "Deus mesmo há de prover o cordeiro para o holocausto, meu filho" (Gn 22.8). Traduzida literalmente, a frase tem o sentido de "Deus cuidará do cordeiro para si mesmo".

A declaração de Abraão fez mais do que tranquilizar Isaque; ela refletiu a total confiança de Abraão de que Deus faria o que era certo. Também prenunciava o fim da história. O mais importante é que, sem querer, Abraão profetizou um evento que aconteceria quase dois mil anos depois dele. Deus de fato providenciaria um Cordeiro para si mesmo. Seu próprio Filho se tornaria o sacrifício expiatório para nos livrar da morte que merecemos como consequência de nosso pecado.

"Quando chegaram ao lugar que Deus lhe havia indicado, Abraão construiu um altar e sobre ele arrumou a lenha" (Gn 22.9). Talvez tenha se sentido como que arrumando os lençóis de um leito de morte. O pai fiel então olha para seu filho e diz calmamente: "Deite-se sobre o altar, Isaque".

A narrativa não descreve uma briga. Embora fosse forte o suficiente para carregar um fardo de lenha montanha acima, Isaque arrastou-se de maneira obediente sobre o altar e deitou-se por cima das toras. Não nos é dito como ele se sentiu naquele momento, mas podemos ter certeza de uma coisa: ele sabia exatamente o que aquilo significava. Suas mãos atadas lhe diziam o que aconteceria em seguida. Como ele foi capaz de fazer isso? Seu pai o havia instruído bem na disciplina da obediência humilde. Além disso, estava implícito que Isaque confiava em Abraão. O moço nunca duvidou do amor de seu pai e claramente não temia a morte.

A cena me faz lembrar outra história verdadeira de um pai que corajosamente enfrentou a morte. Tente imaginar esta tragédia à medida que ela se revela.

Quando George Jaeger levou seus três filhos e um avô idoso para uma viagem de pesca no oceano Atlântico, não teve nenhuma premonição quanto ao horror que enfrentaria em uma questão de horas. Antes que pudesse pisar na praia novamente, Jaeger veria a morte de cada um de seus filhos e de seu pai, vítimas da exaustão e de pulmões cheios d'água.

O motor do barco quebrou no final da tarde. Enquanto ventos cada vez mais fortes varriam o mar e criavam grandes ondas, o barco girou indefeso na água e, então, começou a adernar perigosamente. Quando ficou claro que eles estavam afundando, os cinco homens da família Jaeger colocaram o colete salva-vidas, amarraram-se uns aos outros com uma corda e deslizaram para a água. Eram 18h30 quando a embarcação desapareceu sob o mar e os nadadores começaram a se encaminhar para a costa.

Ondas de 2 metros de altura e correntes fortes praticamente impossibilitavam o nado. Primeiro um menino, depois outro, e mais outro [...] engoliram água demais. Impotente, George Jaeger viu seus filhos morrerem e, por fim, seu pai. Oito horas depois, ele se arrastava pela praia, ainda puxando a corda que prendia o corpo dos outros quatro.

“Percebi que estavam todos mortos — meus três filhos e meu pai —, mas acho que eu não queria aceitar isso, por isso continuei nadando a noite inteira”, disse ele aos repórteres. “Meu filho mais novo, Clifford, foi o primeiro a ir. *Sempre ensinei meus filhos a não temerem a morte* porque estavam com Jesus Cristo. Antes de ele morrer, pude ouvi-lo dizer: ‘Prefiro estar com Jesus a continuar lutando’”.

O desempenho sob estresse é um dos testes da liderança eficiente. Também pode ser a prova de fogo quando se trata de avaliar a qualidade de um pai. Naquela noite horrível no Atlântico, George Jaeger teve uma chance de ver seus três filhos usarem cada grama de coragem e autocontrole que ele havia tentado inculcar neles. A bela maneira como morreram disse algo sobre o tipo de pai que George Jaeger havia sido por quinze anos.³

O jovem Isaque subiu silenciosamente sobre o altar. Sem mais palavras, Abraão tomou a faca na mão, tirou-a de sua bainha e preparou-se para cortar a garganta de seu filho da mesma maneira que havia matado muitos cordeiros sacrificiais antes daquele dia.

Contudo, antes que a lâmina tocasse o pescoço do menino, uma voz quebrou o silêncio.

— Abraão! Abraão!

— Eis-me aqui — respondeu ele.

— Não toque no rapaz — disse o Anjo. — Não lhe faça nada. Agora sei que você teme a Deus, porque não me negou seu filho, o seu único filho (cf. Gn 22.11-12).

Abraão passou na última prova. O Senhor permitiu que esse drama se desenvolvesse até o último instante para demonstrar a integridade da fé daquele patriarca, tanto para o próprio Abraão quanto para o mundo em geral. Esse deve ter sido o maior momento de toda a sua vida.

Como Abraão havia declarado a Isaque anteriormente, Deus proveu para si mesmo um cordeiro. “Abraão ergueu os olhos e viu um carneiro preso pelos chifres num arbusto. Foi lá pegá-lo, e o sacrificou como holocausto em lugar de seu filho. Abraão deu àquele lugar o nome de ‘O SENHOR proverá’ [Jeová-Jiré]. Por isso até hoje se diz: ‘No monte do SENHOR se proverá’” (Gn 22.13-14).

Uma tradição mais literal da expressão *Jeová-Jiré* seria “o Senhor cuidará disso”.

A prova final

O Senhor cuidou da prova de Abraão, e cuidou ao suprir tudo o que ele precisava. O Senhor cuidará *para sempre*. Nunca se esqueça desse nome! Quando você se vir em uma situação que parece impossível, chame-a de Jeová-Jiré — “o Senhor cuidará disso”. O risco é um fator necessário em toda provação; o Senhor tomará conta de sua provisão e sua proteção à medida que você obedecer.

Seu filho está prestes a ser mandado para a linha de frente da batalha. O Senhor cuidará daquele rapaz.

Sua filha opta por se casar mais cedo do que você esperava. O Senhor cuidará dela.

Sua médica liga para você e pede que venha ao consultório para uma consulta frente a frente depois de você ter feito alguns exames. Ela pede que você leve seu cônjuge com você. Jeová-Jiré — “O Senhor cuidará disso”. Procure por um cordeiro nas proximidades. Lembre-se de que o Senhor está com você e que está cuidando de você.

Neste exato momento, pense em alguma provisão da qual você precisa e que somente Deus pode lhe conceder. Não estou falando sobre luxo ou simples desejo; refiro-me a uma provisão essencial. Do que você realmente precisa do Senhor? Siga o exemplo de Abraão. Não ouse dizer ao Senhor o que fazer e não desperdice seu tempo imaginando como ele poderia realizar isso. Simplesmente confie nele. Espere o envolvimento sobrenatural dele. Aceite qualquer coisa que ele escolher prover, por mais improvável ou incomum que seja. Descanse no amor leal do Senhor e no justo caráter divino.

Contudo, não pare aqui. A história da prova de Abraão oferece ideias muito mais profundas. Veja a seguir três verdades atemporais que podemos extrair da experiência de Abraão.

1. Em geral, aquilo a que você se apegar é o que Deus pede que você solte

Deus sabe exatamente qual é o tesouro que capturou nosso coração. Ele quer nos dar a oportunidade de admitir para nós mesmos e para aqueles que nos cercam o que valorizamos mais. Ele o faz pedindo que soltemos aquilo que mais consideramos. Portanto, o que isso significa para você? É um bem, algo que você pode comprar, negociar ou trocar? Está associado à sua vocação,

aquilo que você espera que vai lhe fornecer uma identidade, além de sustento? Pode ser um sonho de toda uma vida que exige sua atenção e todos os seus recursos? Ou você fez de um relacionamento o seu principal tesouro?

Como seria abrir mão desse tesouro? E agora, a pergunta difícil: quando você vai fazer isso?

2. Deus costuma substituir aquilo do que você abre mão por algo muito mais valioso

Não gostamos do fator de risco associado à fé. Gostamos das coisas definidas. Gostamos de ver todos os detalhes perfeitamente explicados com antecedência, antes mesmo de tomarmos qualquer decisão. Mas o Senhor nos chama a confiar *nele*, e não simplesmente em seus métodos. Como nas palavras de Eileen Guder em seu livro *God, but I'm Bored!* [Mas, Deus, estou entediada!]:

Você pode viver de comida sem tempero para evitar uma úlcera; deixar de beber chá, café ou outros estimulantes em favor da saúde; ir para a cama cedo e ficar longe da vida noturna; evitar todos os assuntos controversos de modo a nunca ofender; você pode cuidar da sua própria vida e evitar qualquer envolvimento nos problemas de outras pessoas; gastar dinheiro apenas com as necessidades e poupar tudo o que puder.

Ainda assim, você pode quebrar o pescoço na banheira, e será merecido.⁴

Somos *muito* cuidadosos. Temos *tanto* medo do risco! Somos *bastante* tensos! Por quê?

Confie em seu Deus. Isso não é sugerir que você assuma riscos tolos ou viva de maneira irresponsável. Mas entregue de fato seus tesouros ao Senhor. Ele honrará esse risco ao dar-lhe algo ou alguém muito mais valioso do que aquilo de que você abriu mão.

3. Quando Deus substitui, ele também recompensa

Logo depois de Abraão ter desatado Isaque, colocado o cordeiro do Senhor sobre o altar e visto o fogo consumi-lo, o anjo de Deus falou novamente:

“Juro por mim mesmo”, declara o SENHOR, “que por ter feito o que fez, não me negando seu filho, o seu único filho, esteja certo de que o abençoarei e farei seus descendentes tão numerosos como as estrelas do céu e como a areia das praias do mar. Sua descendência conquistará as cidades dos que lhe forem inimigos e, por meio dela, todos os povos da terra serão abençoados, porque você me obedeceu”.

Gênesis 22.16-18

O Senhor espera muito daqueles que afirmam confiar nele. Os rigores e o risco da fé precisam ser assombrosos; caso contrário, não se trata realmente de fé. Mas Deus não é apenas justo; ele se deleita em nos surpreender ao exceder nossas expectativas. Para recompensar a fé que assume riscos ele oferece bênçãos inimagináveis.

Quanto aos descendentes de Abraão, eles são de fato inumeráveis. E até hoje o Senhor preserva seu povo, Israel, e lhe reserva grandes planos. Por quê? Porque Deus cumpre o que promete e, ao fazê-lo, excede nossas expectativas.

No final de cada capítulo de seu livro *À procura de Deus*, A. W. Tozer inclui uma oração. O capítulo intitulado “A bênção de não possuir nada” se encerra com uma prece que se aplica a nós à medida que abrimos mão de nossos tesouros em favor de confiar em Deus:

Pai, desejo conhecer-te, mas meu coração covarde teme desistir de seus brinquedos. Não posso abrir mão deles sem sangrar por dentro, e não procuro esconder de ti o terror da separação. Venho tremendo, mas venho. Por favor, extirpa do meu coração todas aquelas coisas que estou amando há tanto tempo e que se têm tornado parte integrante deste “viver para mim mesmo”, a fim de que tu possas entrar e habitar ali sem nenhum rival. Então tornarás glorioso o estrado dos teus pés. Meu coração não terá mais necessidade da luz do sol, porquanto tu mesmo serás o seu sol iluminador, e ali não haverá mais noite. Em nome de Jesus. Amém.⁵

CAPÍTULO 17

Um lar sadio e fiel

EM FEVEREIRO DE 2011, o casamento mais duradouro do mundo chegou ao fim com a morte de Herbert Fisher. Nada menos que 86 anos se passaram depois de ele ter dito “Sim”. Em 1924, quando Calvin Coolidge era presidente dos Estados Unidos, Herbert casou-se com Zelmyra, que zombava da ideia de haver um “segredo” para o casamento e afirmava: “Não existe nenhum segredo. Foi apenas Deus que nos manteve juntos”. Mesmo assim, no Dia dos Namorados de 2010, o casal respondeu, via Twitter, a perguntas sobre relacionamentos.

Herbert, mecânico da Companhia de Engarrafamento da Coca-Cola, construiu a casa da família em 1942 e ali o casal criou cinco filhos. Todos os cinco foram para a faculdade, graças às economias diligentes de seus pais. O casamento deles sobreviveu à Grande Depressão, durante a qual Herbert ganhava um níquel por dia. Criaram seus filhos por toda a Segunda Guerra Mundial com suprimentos racionados e, depois disso, testemunharam a Guerra da Coreia, a Guerra do Vietnã, a passagem de quinze presidentes e a invenção de incontáveis maravilhas modernas. Eles também testemunharam o movimento pelos direitos civis com grande interesse pessoal, na condição de um casal de negros que vivia em James City, na Carolina do Norte.

Na época da morte de Herbert, o casal estava casado havia mais tempo do que a maioria das pessoas vivas.

Abraão e Sara também desfrutaram de um longo casamento antes de ela finalmente falecer, aos 127 anos (cf. Gn 23.1). Se Sara se casou na idade em que as moças das culturas antigas do Oriente Médio tipicamente se casavam, estava provavelmente com 15 anos. Imagine 112 anos de casamento, e que jornada maravilhosa ela e Abraão realizaram juntos por mais de um século!

Pelos primeiros 75 anos de sua vida, Abraão viveu em Ur dos caldeus, em algum lugar perto da Babilônia, no atual território do Iraque. Sua família e sua cultura adoravam muitos deuses, sendo o deus-lua o favorito de seu pai. Não há dúvida de que ele cultuou junto de seu pai, cujos passos ansiava seguir. De repente, Abraão recebeu uma visita do único e verdadeiro Deus Criador, que disse, com efeito: “Escolhi você para tornar-se meu modelo de homem de fé. Chega de ídolos; quero que você caminhe comigo. Mediante meu relacionamento com você e com seus descendentes, redimirei o mundo do pecado e do mal”. O Senhor então arrancou o casal de sua vida confortável e previsível. Dali em diante, eles aprenderam a depender inteiramente de Deus no que se referia a proteção e provisão. Abraão estava com 75 anos naquela época; Sara tinha 65. Casaram-se cerca de cinquenta anos antes de sua jornada de fé se iniciar.

Uma jornada para compartilhar

O casal saiu junto para um destino que ainda seria revelado por Deus. Nas palavras do escritor do Novo Testamento, Abraão saiu, “embora não soubesse para onde estava indo” (Hb 11.8). Você e eu raramente fazemos viagens assim; sempre sabemos onde começamos e para onde vamos, e temos um mapa ou um GPS (geralmente os dois) para mostrar o caminho. Aquele homem e sua esposa viajaram estritamente pela fé. “Pela fé, peregrinou na terra da promessa como em terra alheia, habitando em tendas” (v. 9, RA). Depois de cinquenta anos de casamento, todo o seu estilo de vida mudou completamente. Deus os chamou para uma vida nômade, tanto em termos físicos quanto espirituais. Eles deveriam viver em uma terra que ainda não era deles, de modo que deveriam estabelecer seu lar permanente no fiel cuidado divino.

A história se torna ainda mais notável quando se tem em mente que Abraão e Sara não eram recém-casados ao se tornarem nômades. Quando Cynthia e eu nos casamos, éramos jovens e cheios de ideais. Quase não tínhamos dinheiro para bancar uma lua de mel; o fato é que voltamos mais cedo daquela viagem! Mas amávamos um ao outro e tínhamos energia para enfrentar o desconhecido juntos. Esse não era o caso de Abraão e Sara. Eles se aventuraram pelo desconhecido durante aquilo que, para eles, era a meia-idade.

Embora fosse um grande homem de fé, Abraão não era um marido perfeito. Colocou sua esposa em perigo pelo menos duas vezes quando mentiu sobre o relacionamento deles. No Egito, insistiu que fingissem ser irmão e irmã, o que, por si só, deve ter provocado tensão no relacionamento. Mal posso imaginar a perda de respeito de Sara por seu marido. Depois, para piorar as coisas, ela se viu

isolada no palácio do faraó, submetendo-se a preparativos para juntar-se ao harém do líder egípcio (cf. Gn 12.10-20). E, conquanto tenha sido resgatada por Deus desse desastre, teve de suportar provação semelhante no palácio de Abimeleque alguns anos depois (cf. Gn 20).

Obviamente, Sara também tinha suas falhas. Tendo chegado à menopausa, ela havia perdido qualquer esperança de dar à luz um filho, e sugeriu que Abraão se deitasse com a criada a fim de “ajudar” o plano de Deus. Depois, quando Hagar deu um filho a Abraão, Sara culpou o marido pela confusão que se seguiu. Sara tornou a vida no acampamento tão infeliz que a jovem serva optou por enfrentar o deserto sozinha. Quando Ismael, o menino, cresceu e se tornou um rapaz, Sara insistiu que Abraão o deserdesse e imediatamente o expulsou, junto com a mãe (cf. Gn 21.8-14).

Juntos, Abraão e Sara enfrentaram conflitos com a família estendida. Que casal nunca passou por isso? O voluntarioso sobrinho de Abraão, Ló, entrava e saía de confusões, tramando constantemente em busca de mais riqueza e maior *status*. Ele era egoísta, ganancioso e tinha pouca perspectiva, além de viver nos limites extremos da moralidade. Sua vida transigente levou-o a ser sequestrado, sendo depois disso resgatado por Abraão. Então, tendo falhado em aprender a lição, Ló escapou por um triz da destruição de Sodoma. Abraão intercedeu em seu favor, e ele foi salvo da ira de Deus, mas ainda tinha dificuldades de se desligar. Finalmente, quase sem tempo, Ló correu apressado pela planície para buscar segurança, com o calor da destruição de Sodoma tostando suas costas; no meio do caminho, sua desobediente esposa morreu. Enquanto isso, Abraão e Sara assistiam ao vale inteiro se consumir em fumaça, pensando se seu sobrinho impertinente havia escapado.

Anos depois, chegou finalmente o tempo de Abraão e Sara receberem o filho prometido por Deus. Na época, Abraão já havia passado da marca de 1 século de idade; Sara estava com 90 anos. Eles riram diante da ideia de Sara ter um filho e amamentá-lo àquela altura do campeonato, mas essa risada sarcástica transformou-se em sorriso de alegria quando o menino chegou. Eles lhe deram o nome de Isaque, “ele ri”, para celebrar a fidelidade do Senhor apesar de não terem acreditado.

Havendo recebido Isaque em idade tão avançada, muito depois de terem perdido todas as esperanças, Abraão e Sara estimaram seu filho ainda mais. Todas as experiências de criação de filhos que haviam testemunhado em outras famílias saboreavam agora como nenhum outro pai ou mãe. Mas seu amor por Isaque beirava a idolatria. Por causa de nossa natureza caída, temos a tendência de depender dos presentes de Deus para experimentar a felicidade, e nos esquecemos de confiar no Doador. O amor de Abraão por Isaque superava sua fé em Deus? Um teste derradeiro revelou a verdade.

O Senhor levou Abraão a um tempo e a um lugar de enorme sacrifício, dizendo-lhe: “Quero que você leve Isaque até o alto da montanha e o ofereça em sacrifício ali”. A Bíblia não relata a conversa entre o pai e a mãe de Isaque naquela noite. Gosto de pensar que isso se justifica pelo fato de haver pouco a dizer. Certamente angustiados e confusos, sua fé especial em Deus prevaleceu, e Abraão obedeceu sem hesitação. Assim, quando o patriarca fez o que o Senhor havia ordenado e então voltou com Isaque são e salvo, aquela foi uma conquista compartilhada. Tanto marido quanto esposa se regozijaram em vitória triunfante naquele dia, e o Senhor os recompensou juntos. Como bênção adicional, seu jovem filho Isaque recebeu a maior e mais inesquecível lição sobre fé que se pode imaginar.

Finalmente, depois de 112 anos de vida conjugal, a jornada de fé empreendida por Sara chegou ao fim. Ela morreu e sua fé tornou-se conhecida. Abraão era dez anos mais velho que sua esposa; Isaque estava com 37 anos.

Um lugar para recordar

Durante sua longa e arriscada jornada de fé juntos, Abraão e Sara acumularam grande riqueza. Na época da morte de Sara, seu acampamento contava múltiplas centenas de servos e respectivas famílias. Tal comunidade tinha quase o mesmo número de habitantes de cidades pequenas de Canaã. E, por causa de sua vitória sobre Quedorlaomer, Abraão era um chefe tribal muito respeitado, honrado e temido por seu poder militar. Histórias de suas interações no decorrer dos anos também se somavam à sua fama.

Não obstante sua riqueza, sua reputação e seu poderio militar, Abraão não tinha uma casa para ele. A terra prometida a seus descendentes não se tornou sua terra pessoal. Ainda um nômade, ele acampava em campo aberto e controlava o entorno, mas não possuía nada daquilo. Assim, quando chegou a hora de sepultar a esposa, ele repentinamente teve necessidade de um jazigo familiar, um pedaço de terra particular grande o suficiente para conter os restos de sua esposa e, no devido tempo, também os dele. As civilizações antigas faziam grandes esforços para sepultar seus mortos

na terra natal, mas Abraão não mais considerava Ur ou qualquer outro lugar da Mesopotâmia como seu lar. Canaã se tornara o solo legítimo do patriarca e de sua esposa. Assim, ele se aproximou dos líderes de uma civilização que havia se tornado proeminente nos últimos anos, os “filhos de Hete” (Gn 23.3, RA).

Algumas traduções consideram que os filhos de Hete são os chamados hititas, referindo-se a uma nação de tamanho considerável cujo povo vivia no que hoje é o extremo norte do território da Turquia. Mas os hititas eram indo-europeus, ao passo que os apresentados nesse relato refletem a cultura semítica. Muito provavelmente os filhos de Hete eram tribos locais que viviam em Canaã desde centenas de anos antes da chegada de Abraão e Sara.

De forma notável, eles respeitavam Abraão, e o patriarca não se permitiu ter problemas com eles. Abraão poderia ter se vangloriado das cidades em que habitavam, anunciando: “Deus me deu toda esta terra, portanto vou simplesmente requerer qualquer parte dela como eu bem quiser!”. Mas ele não fez isso. Até que o Senhor transferisse a propriedade para o nome dele ou para seus descendentes, ele se dirigia a seus vizinhos como proprietários honrados. Perceba o respeito mútuo deles quando Abraão procurava comprar um pedaço de terra para ser usado como jazigo familiar:

Depois Abraão deixou ali o corpo de sua mulher e foi falar com os [filhos de Hete]: “Sou apenas um estrangeiro entre vocês. Cedam-me alguma propriedade para sepultura, para que eu tenha onde enterrar a minha mulher”. Responderam os [filhos de Hete] a Abraão: “Ouça-nos, senhor; o senhor é um príncipe de Deus em nosso meio. Enterre a sua mulher numa de nossas sepulturas, na que lhe parecer melhor. Nenhum de nós recusará ceder-lhe sua sepultura para que enterre a sua mulher”.

Gênesis 23.3-6

Eles se propuseram a permitir que Abraão sepultasse sua esposa em uma de suas sepulturas familiares, uma oferta que, à primeira vista, parecia generosa e graciosa. Os povos antigos levavam seus rituais de sepultamento bastante a sério, e acreditavam que o tipo do sepultamento afetava a maneira como aquela pessoa passaria sua vida após a morte. Sepultar Sara junto dos falecidos deles sugeria que ela se juntaria a eles onde quer que estivessem. Fica claro que essa não era uma opção para Abraão, que havia deixado para trás sua vida politeísta e supersticiosa. Sara passaria a eternidade na presença do único e verdadeiro Deus. Apenas um novo terreno particular de sepultamento serviria. Assim, Abraão se opôs à oferta generosa deles.

Abraão levantou-se, curvou-se perante o povo daquela terra, os [filhos de Hete], e disse-lhes: “Já que vocês me dão permissão para sepultar minha mulher, peço que intercedam por mim junto a Efrom, filho de Zoar, a fim de que ele me ceda a caverna de Macpela, que lhe pertence e se encontra na divisa do seu campo. Peçam-lhe que a ceda a mim pelo preço justo, para que eu tenha uma propriedade para sepultura entre vocês”.

Gênesis 23.7-9

Abraão queria mais do que um lugar para sepultar sua esposa; ele queria estabelecer uma sepultura da família. Nos tempos antigos, quando alguém falecia, dizia-se que tinha ido “para junto de seus pais”. Era um retrato do costume funerário do antigo Oriente Médio, de acordo com o qual o corpo de uma pessoa era depositado sobre uma prateleira na caverna da família. Muito tempo depois, após a decomposição completa, os ossos do falecido eram reunidos e colocados em um ossuário, junto com as ossadas de seus ancestrais. Desse modo, o processo de ir para junto de um ancestral — literalmente — tornou-se um eufemismo para a morte, assim como uma imagem poética de alguém que se une a seus entes queridos que já partiram. Sara seria a primeira ancestral de uma nova nação a ser sepultada em uma tumba hebreia.

A caverna que Abraão esperava comprar ficava perto dos carvalhos de Manre — o lugar onde ele havia se estabelecido em Hebrom —, e o proprietário da terra, Efrom, por acaso estava presente quando o patriarca falou com os líderes da região.

[Efrom] estava sentado no meio do seu povo e respondeu a Abraão, sendo ouvido por todos os [filhos de Hete] que tinham vindo à porta da cidade: “Não, meu senhor. Ouça-me, eu lhe cedo o campo e também a caverna que nele está. Cedo-os na presença do meu povo. Sepulte a sua mulher”. Novamente Abraão curvou-se perante o povo daquela terra e disse a Efrom, sendo ouvido por todos: “Ouça-me, por favor. Paguei o preço do campo. Aceite-o, para que eu possa sepultar a minha mulher”.

Gênesis 23.10-13

A oferta de Efrom parece generosa, mas, por vários motivos, Abraão objetou. Primeiro, ele queria possuir a caverna, o que lhe dava controle sobre o que se faria do local no futuro. Segundo, ele não queria um relacionamento de longo prazo com o proprietário da caverna, que, mais tarde, poderia decidir rescindir o acordo. Terceiro, sua esposa merecia um local de sepultamento que tivesse sido

comprado, não emprestado ou obtido de graça. Assim, Abraão expandiu a oferta para comprar não apenas a caverna, mas também a terra à qual ela pertencia.

Embora Efrom e sua comunidade provavelmente não fossem hititas, seus costumes pareciam similares aos daquele povo. De acordo com a lei hitita, um proprietário de terras que vendesse apenas parte de sua propriedade ainda tinha de pagar as taxas relativas à terra toda. Se, porém, ele vendesse o lote inteiro, o novo proprietário assumiria todos os impostos. Assim, Efrom educadamente insistiu em vender toda a propriedade para Abraão, que não teria pago nenhum imposto sobre a terra.¹ Abraão não tinha nenhum rei, a não ser Deus.

O proprietário sugeriu um preço de 400 peças de prata, uma quantia bem elevada em comparação a outros negócios descritos na Bíblia que envolviam terras (cf. 1Rs 16.24; 1Cr 21.25; 2Sm 24.24). Ele viu em Abraão um homem rico com uma necessidade urgente de terras, de modo que estava sendo sarcástico quando disse: “Mas o que significa isso entre mim e você? Sepulte a sua mulher” (Gn 23.15).

Abraão tinha mais dinheiro do que a maioria dos reis locais daquele tempo, por isso concordou com o preço pedido. Afinal de contas, que marido regateia o preço da compra de uma sepultura? “Assim o campo de Efrom em Macpela, perto de Manre, o próprio campo com a caverna que nele há e todas as árvores dentro das divisas do campo, foi transferido a Abraão como propriedade particular, diante de todos os [filhos de Hete] que tinham vindo à porta da cidade” (Gn 23.17-18). Abraão pesou um pouco mais de 4 quilos de prata na presença da comunidade de Efrom, para que ninguém pudesse mais tarde contestar tal posse.

Tendo garantido a terra, Abraão colocou o corpo de Sara no novo jazigo familiar e o selou. Posteriormente, gerações da família de Abraão seriam colocadas ali, incluindo o próprio Abraão (Gn 25.9); Isaque e sua esposa, Rebeca; o filho deles Jacó e sua esposa Lia (cf. Gn 49.31; 50.13); e, sem dúvida, muitos de seus descendentes.

Uma tarefa a cumprir

Abraão amava Sara. Eles viveram juntos por 112 anos. Mas Deus não havia concluído o trabalho com Abraão, que tinha mais vida para viver e uma grande responsabilidade para completar. Para começar, Isaque havia se tornado um homem de 37 anos, mas ainda sem esposa. Na hipótese de a aliança não se cumprir na primeira geração após Abraão, seu filho precisava ter pelo menos um herdeiro. Abraão em seguida concentraria sua atenção nessa tarefa.

Como Salomão escreveria mais tarde, “para tudo há uma ocasião certa; há um tempo certo para cada propósito debaixo do céu: Tempo de nascer e tempo de morrer [...], tempo de chorar e tempo de rir, tempo de prantear e tempo de dançar” (Ec 3.1-2,4). Abraão viveria mais 38 anos após a morte de sua primeira esposa. Algum tempo depois, o fim do luto deu-lhe permissão para continuar a viver, e ele encontrou o amor novamente nos braços de uma mulher chamada Quetura. Ela lhe deu seis filhos: Zinrã, Jocsã, Medã, Midiã, Isbaque e Suá (cf. Gn 25.2).

Embora tivessem se casado e Abraão amasse a nova esposa, o estado civil de Quetura continuou sendo de concubina, a fim de proteger o direito exclusivo de Isaque sobre as posses da família (cf. Gn 25.5-6). Quando os filhos de Quetura chegaram à maturidade, Abraão fez por eles o que deveria ter feito por Ismael. Deu-lhes presentes para que comessem a vida e saíssem para estabelecer clãs familiares por si só.

Acrescento esse relato para destacar algo importante: a morte de um dos cônjuges não põe fim à vida do outro. Isso pode soar óbvio, mas parece que nos esquecemos dessa verdade quando duas pessoas passam uma vida inteira juntas e, por fim, uma vai embora sem chance de retorno. Os filhos esperam que o parceiro sobrevivente viva como um monge, celibatário e em silêncio pelo resto de seus dias. Se alguém se casa “cedo demais” depois do luto, as pessoas tendem a imaginar quanto o cônjuge enviuvado amava o que faleceu.

A maioria de nós ainda não sofreu a perda de um parceiro de longa data. Enquanto estou casado com Cynthia (prestes a completarmos sessenta anos de união), não consigo me imaginar casado com ninguém mais. E nem mesmo quero pensar sobre a dor de perdê-la. Mas eu sou assim, e sou assim agora. Eu estaria errado em esperar que outra pessoa vivesse de acordo com a minha opinião em casos nos quais o pecado não está envolvido. A morte rompe o vínculo conjugal e libera o parceiro sobrevivente para se casar novamente, se ele assim escolher.

Quanto ao casamento de Abraão e Sara, sua longa, movimentada e frutífera vida juntos destaca dois princípios.

Primeiro, Deus estabeleceu o casamento como o compartilhar de uma jornada de fé. É claro que a procriação é importante para levar a raça humana adiante, mas Deus poderia ter estabelecido isso sem que houvesse casamento vitalício envolvido. A companhia é outro grande benefício do casamento, mas uma considerável quantidade de adultos solteiros pode nos dizer que eles encontram contentamento em seu círculo de amigos. Deus deseja que o casamento seja uma jornada na qual os cônjuges cresçam juntos na fé. O vínculo do matrimônio cria oportunidades para crescimento espiritual mútuo como nenhum outro relacionamento.

Algumas pessoas não precisam de um parceiro para fazê-las crescer em maturidade. Minha irmã, Luci, é um ótimo exemplo, e ela tem escrito intensamente sobre o assunto. O apóstolo Paulo foi outro exemplo de uma pessoa para quem uma parceira conjugal teria sido uma distração para seu crescimento espiritual. A maioria de nós, porém, precisa do tipo de parceiro íntimo na fé que somente o casamento pode fornecer. E eu sou um homem assim.

Olho para trás, para todos os anos que tenho vivido com Cynthia, e vejo incontáveis maneiras pelas quais nosso casamento me fez ser uma pessoa melhor, um ministro melhor e um cristão melhor. Não posso dizer de forma nenhuma que teria crescido em maturidade sem uma parceira piedosa que estivesse por perto para me desafiar, encorajar e desenvolver, para orar por mim e, ocasionalmente, me dar um tranco para eu entrar na linha.

Segundo, Deus estabeleceu o casamento para formar novas gerações de homens e mulheres fiéis. Se Abraão e Sara tivessem morrido logo depois do nascimento de Isaque, quem sabe o que teria acontecido à aliança de Deus? A fidelidade ao único Criador verdadeiro teria morrido antes que uma geração tivesse passado. Mas o Senhor usou o casamento e o lar de Abraão e Sara para servir de modelo para seu filho. Isaque testemunhou a prova final de seu pai. Viu a resposta de sua mãe ao pedido do Senhor. Aprendeu com eles o que significa amar e servir a Deus ao mesmo tempo que se rejeita a idolatria e a superstição. Ainda que ele tivesse de fazer sua própria jornada com Deus, seus pais lhe proporcionaram um excelente início.

Nenhuma outra criatura na terra produz filhos e os nutre por dezoito anos ou mais antes de mandá-los embora para viverem de modo independente. Deus deseja mais do que aumentar o número de pessoas; ele quer mais pessoas com quem possa desfrutar de um relacionamento. Ele criou a instituição do casamento para que um homem e uma mulher, juntos, possam criar meninos e meninas formados em um lar saudável e fiel, para que estes se tornem, de igual modo, fiéis ao Senhor. Esse ainda é o desejo de Deus. Triste saber que um lar sadio e fiel ainda é a exceção, e não a regra. Mas, felizmente, alguns lares são exceções notáveis.

O seu é um deles?

CAPÍTULO 18

Como encontrar a companhia para a vida toda

EM NOSSA CULTURA OCIDENTAL do século 21, nós mesmos iniciamos o processo de busca por um par mediante um encontro. Não demora muito e o encontro se torna uma progressiva e agradável corte, que leva a um envolvimento formal e, mais tarde, a um casamento. Em nossa sociedade, a responsabilidade por definir quem será o cônjuge e quando se dará o casamento é daqueles que se casam. Não é assim em outras partes do mundo. Em muitas culturas orientais, os pais tomam a maior parte das decisões. É comum o rapaz ou a moça participarem do arranjo, e algumas sociedades permitem que eles declinem de uma proposta da qual não gostem. Mas são os pais que conduzem a busca pelo futuro cônjuge. Esse costume, seguido há muito tempo, ajudou a estabilizar civilizações inteiras. As estatísticas mostram que casamentos arranjados costumam dar melhores resultados do que nossa abordagem espontânea aqui do Ocidente.

Nos tempos bíblicos, o acerto de casamento feito pelos pais era a norma. Assim, quando chegou a hora de Isaque se casar, era função de Abraão encontrar a mulher certa.

Na época em que sepultou Sara, sua esposa por mais de cem anos, Abraão já havia ajuntado uma riqueza enorme. Grandes rebanhos de gado pastavam em seus campos, fornecendo carne e couro em abundância para as cidades da região. Rebanhos de ovelhas andavam pelas pastagens, alimentando e vestindo os povos de Canaã. As vendas garantiam que a família e os servos de Abraão vivessem com fartura e em segurança à medida que ouro e prata entravam em seus cofres. Depois de perder Sara, por três anos o patriarca deu prosseguimento aos negócios como de costume, certamente ensinando Isaque sobre como manter o sucesso de todos os negócios familiares.

Por fim, porém, Abraão percebeu que os anos haviam passado por ele muito rapidamente. Talvez a morte de Sara não apenas o tenha lembrado de que os dias dele estavam contados, mas também de que seu filho Isaque estava com quase 40 anos... e ainda era solteiro. Já havia passado o tempo de o herdeiro ter uma noiva, mas não poderia ser qualquer uma. Abraão sabia por experiência própria qual era a importância de ter uma mulher íntegra como parceira. Ela precisava ser alguém capaz de apreciar a importância da aliança de Deus, alguém que ajudaria Isaque a ser um bom administrador dessa grande honra. Abraão queria que Isaque se casasse com uma mulher que tivesse o mesmo tipo de força e dignidade que ele havia apreciado em Sara por mais de um século.

Existia apenas um problema: embora Abraão fosse rico e estabilizado, ele vivia em uma vizinhança ruim.

Uma mulher digna

Por motivos que podemos apenas conjecturar, Abraão não queria que Isaque se casasse com nenhuma mulher de Canaã. O motivo não pode ter sido o fato de as mulheres cananeias serem idólatras; em tese, isso excluiria toda mulher do mundo (o que, provavelmente, seria a razão pela qual Isaque não havia se casado antes). Na maior parte da história do mundo, as sociedades consideraram o casamento não apenas uma junção de duas pessoas, mas também a mescla de duas famílias. Tratados entre tribos rivais ou nações em guerra costumavam ser selados pelo casamento entre a prole dos líderes.

Abraão não queria que sua nova nação fosse misturada ao cadinho cananeu. Ele mantinha boas relações com os habitantes locais, tratando-os com justiça, fornecendo-lhes bens, mantendo sua integridade e ficando de fora das rixas que tinham uns com os outros. Tomar uma das filhas deles em casamento teria apagado essa fronteira delicada. Além disso, a nação que se inaugurava — que consistia em Abraão, Isaque e uma futura esposa — teria de cultivar sua própria cultura, completamente distinta do restante do mundo. Trazer uma mulher de longe ajudaria a reduzir a interferência externa.

Para realizar a importantíssima tarefa de encontrar a mulher certa para Isaque, Abraão chamou seu empregado de maior confiança. Em sua jornada de Ur a Canaã, Abraão passou por Damasco, onde Eliézer juntou-se à caravana (cf. Gn 15.2) na condição de servo. Não demorou muito e Eliézer se tornou o servo principal, algo que poderia ser chamado hoje de “capataz”. As Escrituras o descrevem como o “servo mais velho de sua casa, que era o responsável por tudo quanto tinha” (Gn 24.2). Ele seria para Abraão o consultor financeiro, o chefe de operações e muito provavelmente seu

amigo mais próximo. Eliézer estava envolvido na vida de Abraão havia décadas, de modo que conhecia o idoso patriarca como ninguém.

Abraão chamou seu encarregado de lado e deu-lhe uma tarefa muito importante, a qual não daria a nenhum outro homem. “Jure pelo SENHOR, o Deus dos céus e o Deus da terra, que não buscará mulher para meu filho entre as filhas dos cananeus, no meio dos quais estou vivendo, mas irá à minha terra e buscará entre os meus parentes uma mulher para meu filho Isaque” (Gn 24.3-4).

A “minha terra” a que Abraão se refere ficava a cerca de 800 quilômetros ao norte de onde ele vivia. Naturalmente, o servo levantou uma questão cabível. “E se a mulher não quiser vir comigo a esta terra? Devo então levar teu filho de volta à terra de onde vieste?” (Gn 24.5). Essa sugestão tocou em um nervo exposto de Abraão. A resposta em hebraico (“Cuidado!”) foi dada de maneira abertamente ríspida, adicionando força à sua advertência: “Não deixe o meu filho voltar para lá” (v. 6). Por alguma razão, Abraão viu perigo naquele plano.

Abraão garantiu a seu servo que aquela missão contribuía para um plano divino e que, portanto, Deus o instruiria: “O SENHOR, o Deus dos céus, que me tirou da casa de meu pai e de minha terra natal e que me prometeu sob juramento que à minha descendência daria esta terra, enviará o seu anjo adiante de você para que de lá traga uma mulher para meu filho” (Gn 24.7).

A busca de Abraão por uma companhia adequada para Isaque começou e terminou com a orientação de Deus. Os casamentos dos tempos antigos eram motivados por recursos financeiros e *status*. Moças que se casavam com homens da aristocracia ajudavam a elevar a posição de sua família na comunidade. Por isso a beleza era tão importante. Uma família pobre com filhas bonitas tinha boas possibilidades de alcançar uma posição mais elevada na escala social. Hoje, as motivações podem assumir formas diferentes, mas não são menos vãs. A pergunta mais difícil que os solteiros devem fazer é: “Qual é a escolha do Senhor para mim?”. Abraão dependia da liderança sobrenatural de Deus, e isso garantia que motivações erradas ficariam de fora.

Nessa ocasião, Abraão não sentiu sua fé estremecer, mas ele reconheceu que Eliézer se sentiu sobrecarregado diante da tarefa. Assim, o patriarca apresentou uma saída para o servo: “Se a mulher não quiser vir, você estará livre do juramento. Mas não leve o meu filho de volta para lá” (Gn 24.8). Isso resolveu o assunto para o servo, que fez um voto como Abraão havia pedido.

Conforme seguirmos essa história, extrairei da narrativa cinco orientações para as pessoas que estão em busca de um parceiro.

Aqui está a primeira: *Ouçá e preste atenção nos conselhos de pais piedosos.*

Nem todos os pais são piedosos, e pais piedosos nem sempre estão certos. Todavia, suas chances de escolher a pessoa certa aumentam quando seus pais caminham com o Senhor e buscam o conselho dele. Além do mais, eles costumam conhecer você melhor do que você conhece a si mesmo, e podem ajudá-lo a examinar sua motivação. Seus pais também manterão uma objetividade sadia que ajudará a equilibrar sua subjetividade “apaixonada”. Preste atenção naquele sexto sentido que os pais costumam ter em relação às pessoas.

Mais uma vez, os pais nem sempre estão certos, mas será sábio de sua parte ouvir o conselho deles e levá-lo a sério. Em meus anos de experiência aconselhando casais noivos e depois vendo-os se casar, raramente vi pais piedosos e com motivação pura errarem.

O servo de Abraão não perdeu tempo depois de receber as instruções de seu mestre; ele saiu imediatamente. “O servo partiu, com dez camelos do seu senhor, levando também do que o seu senhor tinha de melhor. Partiu para a Mesopotâmia, em direção à cidade onde Naor tinha morado” (Gn 24.10).

Hoje associamos os camelos ao Oriente Médio, mas camelos domesticados não eram comuns nos tempos de Abraão. Uma vez que eles eram raros e se constituíam em animais de carga ideais para longas jornadas, cada um deles representava uma pequena fortuna. Na época de Abraão, dez camelos se pareceriam com uma comitiva de dez limusines nos dias atuais. Depois de uma jornada de quase um mês, o servo chegou à região norte da Mesopotâmia, conhecida como Arã Naaraim, que significa Arã de Dois Rios, cercada pelos grandes rios Tigre e Eufrates.

Quando localizou a cidade habitada por Naor, irmão de Abraão, Eliézer se posicionou estrategicamente em um ponto onde pudesse observar mulheres elegíveis. “Ao cair da tarde, quando as mulheres costumam sair para buscar água, ele fez os camelos se ajoelharem junto ao poço que ficava fora da cidade” (Gn 24.11). Como amigo íntimo de Abraão, o servo desfrutava de seu próprio relacionamento pessoal com o único e verdadeiro Criador. E, assim como vira Abraão fazer milhares de vezes no decorrer das últimas décadas, ele pediu a infalível orientação de Deus.

SENHOR, Deus do meu senhor Abraão, dá-me neste dia bom êxito e seja bondoso com o meu senhor Abraão. Como vês, estou aqui ao lado desta fonte, e as jovens do povo desta cidade estão vindo para tirar água. Concede que a jovem a quem eu disser: Por favor, incline o seu cântaro e dê-me de beber, e ela me responder: “Bebe. Também darei água aos teus camelos”, seja essa a que escolheste para teu servo Isaque. Saberei assim que foste bondoso com o meu senhor.

Gênesis 24.12-14

Aqui vai uma segunda orientação: *Assegure-se de que tudo seja imerso em muita oração.*

Tendo dito isso, não recomendo fazer testes específicos ou estabelecer parâmetros para o Senhor. Não diga: “Se ela aparecer usando uma blusa com algum detalhe vermelho, receberei isso como sinal divino de que se trata da moça com quem tenho de me casar”. Não é assim que Deus trabalha hoje. Eliézer não dispunha das Escrituras nem da orientação interna do Espírito Santo. Contudo, ele de fato tinha a promessa de Abraão, segundo a qual Deus providenciaria uma direção sobrenatural.

Perceba também que os parâmetros do servo não foram aleatórios ou arbitrários. Ele procurava uma mulher que demonstrasse hospitalidade incomum. Tirar e carregar água exigia trabalho duro. No final da tarde, as mulheres vinham até a fonte com jarros de barro que seriam encheidos e levados para casa — uma tarefa por si só cansativa. Eliézer pensou em aumentar o trabalho delas, pedindo água para si próprio.

Praticamente todo mundo ofereceria um gole a um estrangeiro sedento. Servir água a dez camelos, por outro lado, exigia muito esforço adicional, especialmente considerando que cada camelo poderia beber quase 180 litros de água em três minutos. E ele tinha dez animais sedentos! Um jarro de 20 litros pesava em torno de 25 quilos. Para uma mulher que se voluntariasse a dar água aos camelos de alguém, isso significaria oferecer-se para carregar quase 2.000 litros, 20 litros por vez. (Não se preocupe, eu vou fazer as contas.) Em outras palavras, eram cem viagens de ida e volta até a fonte. (Tenha um pouco mais de paciência comigo.) Se cada viagem levasse apenas um minuto, ela havia acabado de adicionar duas horas de trabalho exaustivo ao seu dia já bastante ocupado.

Essa seria uma mulher extraordinária!

Antes que ele terminasse de orar, surgiu Rebeca, filha de Betuel, filho de Milca, mulher de Naor, irmão de Abraão, trazendo no ombro o seu cântaro. A jovem era muito bonita e virgem; nenhum homem tivera relações com ela. Rebeca desceu à fonte, encheu seu cântaro e voltou. O servo apressou-se ao encontro dela e disse: “Por favor, dê-me um pouco de água do seu cântaro”.

Gênesis 24.15-17

Um rápido estudo da árvore genealógica de Abraão mostra que Rebeca era sua sobrinha-neta, prima em segundo grau de Isaque.¹ O servo rapidamente percebeu que Rebeca era uma mulher bonita, mas isso não foi suficiente. Suas roupas a teriam identificado como uma mulher solteira e, portanto, virgem. Todavia, o mais importante de tudo: era ela a escolhida de Deus? A resposta de Rebeca à necessidade do servo revelaria o caráter dessa moça.

“Beba, meu senhor”, disse ela, e tirou rapidamente dos ombros o cântaro e o serviu. Depois que lhe deu de beber, disse: “Tirarei água também para os seus camelos até saciá-los”. Assim ela esvaziou depressa seu cântaro no bebedouro e correu de volta ao poço para tirar mais água para todos os camelos. Sem dizer nada, o homem a observava atentamente para saber se o SENHOR tinha ou não coroado de êxito a sua missão.

Gênesis 24.18-21

Ela *disse* que tiraria água para os camelos. Mas ela percorreria a distância? Ele a observou ir e voltar da fonte até o bebedouro, levando aquele jarro de 20 litros durante duas horas inteiras. Quanto mais ela trabalhava, mais confiante ele ficava de que havia encontrado em Rebeca uma joia rara.

A resposta de Rebeca nos leva a uma terceira orientação: *Procure qualidades que revelem caráter verdadeiro.*

Ao dizer “caráter verdadeiro”, refiro-me àquelas qualidades interiores que colocam alguém à parte das pessoas comuns. Alguns exemplos: ele não é apenas educado com as pessoas que admira ou que espera impressionar; ele também é atencioso com o garçom com quem nunca mais tornará a se encontrar. Ela não é apenas bondosa com suas amigas; ela também é generosa com pessoas que não podem retribuir sua bondade.

Quando Rebeca terminou o trabalho, o servo de Abraão aproximou-se dela (sem dúvida um tanto surpreso) para saber mais. Ele deu a ela três peças de joia de ouro que pesavam cerca de 10 siclos. Isso era significativo, considerando-se o contexto histórico: “Documentos legais da primeira metade do segundo milênio sugerem que um trabalhador poderia esperar ganhar no máximo 10 siclos [de

prata] por ano, em geral menos que isso”.² O gesto dele mais do que a compensou por seu favor; ele comunicou gratidão extraordinária, algo como dar um relógio Rolex de gorjeta a um porteiro.

Talvez ainda sem acreditar em seu impressionante êxito, o servo fez uma pergunta que lhe falaria sobre o caráter da família de Rebeca.

“De quem você é filha? Diga-me, por favor, se há lugar na casa de seu pai para eu e meus companheiros passarmos a noite”. “Sou filha de Betuel, o filho que Milca deu a Naor”, respondeu ela; e acrescentou: “Temos bastante palha e forragem, e também temos lugar para vocês passarem a noite”.

Gênesis 24.23-25

Rebeca vinha de uma família hospitaleira. Ela não precisava correr até sua casa para pedir permissão; ela já sabia que eles receberiam um estranho, ainda que estivesse acompanhado de dez camelos famintos. Sua beleza física simplesmente refletia seu caráter ainda mais belo. Ela era sexualmente pura e moralmente forte. Era altruísta, atenciosa, cortês, diligente e laboriosa. Que descoberta Eliézer havia feito!

Isso nos leva à quarta orientação: *Prossiga com cautela; reflita profundamente.*

Esse é o passo que costumamos omitir. As primeiras impressões podem ser enganosas. Qualquer um pode ser admirável em um encontro — que dura apenas algumas horas. Depois de muitos anos de casados, como aquela pessoa reagirá se você contrair uma doença séria? E se a situação financeira for para o buraco?

O servo aprendeu tudo sobre Rebeca ao analisá-la atentamente. Ele aguçou sua percepção a fim de observar detalhes, porque não é fácil as pessoas fingirem sutilezas. Quando estiver buscando a escolha do Senhor, você precisa ser sensível aos detalhes e, então, ter a coragem de questionar coisas que não lhe parecem corretas. Confie em seus instintos e não despreze sinais preocupantes. Reserve tempo para observar como a outra pessoa se comporta sob pressão. Como ela lida com conflitos? Que tipo de relacionamento essa pessoa tem com a família e os amigos?

Enquanto o servo agradecia a Deus por ter lhe dado êxito, Rebeca correu para casa a fim de falar sobre o encontro com tal homem.

Rebeca tinha um irmão chamado Labão. Ele saiu apressado à fonte para conhecer o homem, pois tinha visto o pendente e as pulseiras no braço de sua irmã, e ouvira Rebeca contar o que o homem lhe dissera. Saiu, pois, e foi encontrá-lo parado junto à fonte, ao lado dos camelos. E disse: “Venha, bendito do SENHOR! Por que ficar aí fora? Já arrumei a casa e um lugar para os camelos”. Assim o homem dirigiu-se à casa, e os camelos foram descarregados. Deram palha e forragem aos camelos, e água ao homem e aos que estavam com ele para lavarem os pés. Depois lhe trouxeram comida.

Gênesis 24.29-33

Com um procedimento cauteloso, o servo observou a família de Rebeca. Isso é algo importante a se notar, até mesmo hoje. Ao se casar com uma pessoa, você se casa com a família. Ainda que você não viva próximo dos familiares nem os visite com regularidade, seu cônjuge leva sua família de origem consigo. E nunca pense isto: “Meu Deus, esta família é uma bagunça, mas meu cônjuge em potencial é a exceção”. Já vi pessoas maravilhosamente saudáveis emergirem de famílias terríveis, mas elas são raras. Não estou aconselhando você a desistir imediatamente; estou simplesmente sugerindo que esse é um alerta para que se tenha cautela no caminho para o altar. Preste atenção.

Antes de continuarmos, vamos considerar uma última orientação: *Verifique se existe interesse mútuo nas coisas espirituais.*

Vou dizer abertamente: isso foi o que mais me atraiu à minha noiva. Quase sessenta anos atrás, percebi que aquela jovem tinha um coração voltado para Deus, uma entrega até maior que a minha. Eu não apenas admirei isso, como também quis ficar próximo. Queria ter esse tipo de pessoa perto de mim e em minha vida.

Pelo fato de o servo saber que a família de origem de Rebeca era um fator crucial, ele explicou sua missão e então mediu a temperatura espiritual do lar. Ignorou a comida que tinha diante dele e disse (vou parafrasear aqui): “Deixe-me abrir o jogo e dizer por que estou aqui”. Ele então lhes contou toda a história do chamado de Abraão, sua jornada de fé com Deus, sua riqueza e seu propósito em enviar um mensageiro de volta à Mesopotâmia. Em todo esse relato, o único Deus verdadeiro desempenha um papel central na orquestração dos eventos. Tendo explicado a importância da reação de Rebeca junto à fonte, o servo perguntou: “Agora, se quiserem mostrar fidelidade e bondade a meu senhor, digam-me; e, se não quiserem, digam-me também, para que eu decida o que fazer” (Gn 24.49). Maravilhoso! Que pergunta excelente!

A reação da família dela é fundamental, pois reflete o conhecimento que tinham do mesmo Deus adorado por Abraão. “Isso vem do SENHOR; nada lhe podemos dizer, nem a favor, nem contra. Aqui

está Rebeca; leve-a com você e que ela se torne a mulher do filho do seu senhor, como disse o SENHOR” (Gn 24.50-51).

Tudo parecia se encaixar. O Senhor parecia ter direcionado Eliézer à mulher do clã familiar de Abraão — uma mulher de caráter incomum que adorava o único e verdadeiro Criador. E, em acréscimo a tudo isso, ela era linda! Quase todos os semáforos já exibiam a luz verde, mas ainda faltava um... Rebeca estaria disposta a ficar 800 quilômetros de distância de tudo o que lhe era familiar para casar-se com um completo estranho? Era uma grande decisão, de modo que a família propôs reservar dez dias para discutir o assunto. Mas o servo insistiu em retornar logo em seguida, certo de que a mão do Senhor o estava guiando. “Então lhe disseram: ‘Vamos chamar a jovem e ver o que ela diz’. Chamaram Rebeca e lhe perguntaram: ‘Você quer ir com este homem?’. ‘Sim, quero’, respondeu ela” (Gn 24.57-58).

Ela nunca havia colocado os olhos em Isaque. Conhecera Eliézer apenas algumas horas antes. Mas ouvira o suficiente para saber que o Senhor havia soberanamente arranjado seu casamento. Não demorou muito e Rebeca, acompanhada de algumas servas, iniciou a viagem rumo ao sul para se encontrar com o futuro marido.

Em muitos aspectos, Rebeca demonstrou o mesmo tipo de fé que sua falecida sogra exerceu quando saiu de Ur com Abraão. Tal como Sara, essa jovem deixou sua existência estável entre os seus para tornar-se nômade com o esposo. Rebeca se dedicou a uma vida de fé, sem saber para onde isso a levaria ou o que ela poderia encontrar pelo caminho.

Quando a caravana se aproximou do acampamento de Abraão, aconteceu de Isaque estar no campo meditando (cf. Gn 24.63). A palavra hebraica traduzida por “meditar” significa “vaguear; ir para a frente e para trás”. Imagino o homem passando os dias andando, pensando e orando — talvez imaginando se o servo havia encontrado uma esposa e como ela seria. “Rebeca também ergueu os olhos e viu Isaque. Ela desceu do camelo e perguntou ao servo: ‘Quem é aquele homem que vem pelo campo ao nosso encontro?’ ‘É meu senhor’, respondeu o servo. Então ela se cobriu com o véu” (Gn 24.64-65).

De acordo com o costume, as noivas usavam um véu. Ao cobrir o rosto com o véu, Rebeca sinalizou que era a noiva. Como um macho cheio de energia, Isaque queria saber para que tipo de rosto ele estaria olhando nas próximas décadas. Por causa de seus rituais de casamento, porém, era comum o noivo não ter ideia da aparência de sua noiva até a noite da festa.

Os versículos finais do capítulo condensam os eventos em um resumo bem curto. Provavelmente, não demorou muito para que o casal se conhecesse. Nesse meio-tempo, Abraão e o restante da comunidade preparavam uma enorme festa. Naquela cultura, não se realizavam cerimônias de casamento com um ministro ou um sacerdote; os votos não precisavam ser expressos em voz alta porque as promessas estavam implícitas no acordo nupcial. No dia da festa, o casal participaria da celebração até a hora de deitar e então, discretamente, iriam para sua tenda. “Isaque levou Rebeca para a tenda de sua mãe Sara; fez dela sua mulher, e a amou; assim Isaque foi consolado após a morte de sua mãe” (Gn 24.67).

A tenda uma vez usada por Sara era mais espaçosa e ornamentada do que as outras, e teria permanecido vazia desde seu falecimento. Ao levar Rebeca para a tenda de sua mãe, Isaque comunica à sua nova esposa e ao restante da comunidade que “ela é agora a senhora do lar”.³ Devo admitir que fico meio bobo diante de grandes histórias de amor, e essa é uma delas. Gosto do fato de que certos detalhes da história não possam ser explicados; todo grande romance tem algum mistério em si. Uma canção de amor da década de 1940 chamava isso de “velha magia”, mas sabemos que a verdade é outra. Do início ao fim, o Senhor guiou cada passo para colocar essas duas pessoas juntas.

Isso não quer dizer que todo casamento é divinamente arranjado. Algumas pessoas se casam quando não deveriam fazê-lo. Ainda assim, o Senhor dará a elas tudo de que precisam para prosperar como casal se elas se voltarem para ele e lhe entregarem o controle de sua vida.

Ah, mas para aqueles que dão atenção ao conselho de seus pais, envolvem a busca em oração, concentram-se no verdadeiro caráter, reservam tempo para observar com atenção e procuram interesse mútuo nos assuntos espirituais... há uma história de amor que durará por toda a vida.

CAPÍTULO 19

Que jornada!

VOCÊ JÁ PENSOU EM como deseja morrer? Um homem com um senso de humor peculiar escreveu: “Quando eu morrer, quero ir como meu avô se foi, pacificamente, durante o sono — sem gritar nem chorar como as outras pessoas que estavam no carro”.

Eu sei, eu sei: a morte não é engraçada. Em contrapartida, será que ela tem de ser sempre pesadosa, amarga e depressiva? Quando pergunto como você deseja morrer, estou na verdade perguntando como você deseja viver até o dia em que morrer. Qual será a condição de sua mente e de seu coração quando a morte chegar a você? Como você passará seus dias antes de dar o último suspiro?

Infelizmente, a lápide de muita gente poderia trazer a seguinte inscrição: “Morto aos 45 anos. Sepultado aos 75”. Muitas pessoas morrem bem antes de dar seu último suspiro. Elas simplesmente param de viver; não buscam mais toda a alegria, todo o propósito e todo o prazer que a vida lhes tem reservado. Depois de certa idade, elas imaginam: “Bem, acabou. Agora tudo é passado. Não tenho mais nada para oferecer nem para conquistar”.

A palavra grega para esse tipo de pensamento equivale a *bobagem*!

Todos os anos, vou à Clínica Cooper, em Dallas, para que o dr. Kenneth Cooper me examine da cabeça aos pés. Francamente, não conheço outra pessoa que eu admire mais. O fundador daquela clínica ficou popularmente conhecido em 1968, quando cunhou a palavra *aeróbica*. No início, as pessoas achavam tratar-se de um culto religioso. Ele abriu sua clínica com a visão de popularizar a medicina preventiva. Em vez de se concentrar em tratar as pessoas depois que elas ficam doentes, ele propôs um novo tipo de cuidado médico para ajudá-las a primeiramente evitar a doença.

Enquanto escrevo este livro, Cooper está na casa dos 80 anos, e ainda é ativo, envolvido, animado em propagar sua mensagem. Em vez de planejar sua aposentadoria, ele tem o coração voltado para a expansão de seu trabalho na China. Foi convidado a montar clínicas por todo aquele país para ajudar mais de um bilhão de pessoas a viverem de maneira mais inteligente e por mais tempo.

Na data de lançamento deste livro nos Estados Unidos, terei 80 anos. As pessoas me perguntam com regularidade: “Quando o senhor vai se aposentar?”. Minha resposta é sempre a mesma: “Nunca!”. Elas perguntam isso porque vivemos em uma cultura na qual homens de certa idade são forçados a sair do campo de atuação e seguir para o campo de golfe. Espera-se que paremos de produzir e comecemos a correr atrás de uma pequena bola branca no meio de um parque, esperando colocá-la em um buraco que é *muito* pequeno. (Se é para eu jogar, então eles precisam aumentar o tamanho daqueles buracos.)

Não vou me aposentar, pois amo o que faço. Quem precisa do golfe quando existem pessoas a serem ajudadas, livros a serem lidos, ideias a serem exploradas e visões a serem cumpridas? Continuarei fazendo o que faço até que meu corpo não me permita mais, e então farei os ajustes necessários. Enquanto isso, planejo permanecer envolvido e continuar *vivendo* ao máximo até que morra.

Uma das maneiras como planejo continuar vivendo é evitar passar tempo com pessoas “velhas”. Não digo isso no sentido cronológico; refiro-me àquelas pessoas que se tornaram velhas em atitude. Conheci pessoas na casa dos 40 que são *velhas*. Velhas com um pé na cova. Pessoas desse tipo compartilham pelo menos três características.

A primeira delas é o *narcisismo*. “Tudo gira em torno de mim.” Essa é uma mentalidade excessivamente egoísta, que, de fato, afirma: “Deixe-me sozinho. Conquistei meu direito de ser infeliz”. Velhos narcisistas acreditam que já pagaram tudo o que devem (seja lá o que *isso* queira dizer), portanto têm o direito de ser o primeiro da fila e o último a quem se nega qualquer coisa. O fato é que não há nenhuma dívida a ser paga; a vida é um presente. Que privilégio é viver! Que alegria é perseguir o chamado de Deus!

O narcisismo leva, então, ao *pessimismo*. É praticamente desnecessário descrever um pessimista. Trata-se de uma pessoa que lamenta e reclama, dizendo coisas como: “Não tenho nada a contribuir. Já estou na meia-idade. Fui chutado para fora da vida, por isso decidi simplesmente desistir. Meu passado não tem sentido e meu futuro é desanimador”. Que jeito terrível de pensar!

O pessimismo, por sua vez, leva ao *fatalismo*. O indivíduo vive sob a perspectiva da morte. “A única coisa que está diante de mim é a sepultura ou uma urna”. Não há esperança nem energia. O pessimista não vê nada interessante ou importante no horizonte e não tem senso de propósito. É melancólico e desanimado, carece de senso de humor e já planejou seu funeral. Não, obrigado!

Ao enfrentar o terço final de sua vida, Abraão não mostrou nenhuma dessas características.

A nova vida de Abraão

Abraão tinha inúmeras razões para se recolher e se isolar nos dias em que esperava para rever sua amada Sara. Depois de cerca de 112 anos de casamento — muito mais tempo do que a maioria das pessoas vive —, ele a sepultou em um jazigo familiar recém-adquirido e retornou para sua tenda, perto de Hebrom. Nas primeiras semanas ou até meses, a dor de Abraão provavelmente o fez sentir vontade de morrer. Isso não é incomum para um parceiro enviuvado depois que a morte põe fim a um casamento longo e bem-sucedido. Mas Deus é quem decide as questões de vida e morte, não nós. Assim, o patriarca envelhecido aguardou.

O tempo passou, e as feridas emocionais de Abraão se curaram lentamente. Não sabemos quanto tempo demorou — meses, talvez, ou mais provavelmente alguns anos. Muitos conselheiros dizem que são necessários pelo menos três anos para que o cônjuge enviuvado reencontre a normalidade, isso sem contar a plena recuperação. Suspeito que Abraão tenha dado a si mesmo cerca de cinco anos, mas isso é apenas um palpite. Sara morreu depois de ele completar 137 anos, o que o deixaria com 142 antes que a antiga alegria de viver retornasse. Isaque e Rebeca, agora casados e felizes, assumiram as tarefas diárias do negócio da família. O golfe ainda não fora inventado; sendo assim, pelo que Abraão viveria agora? O que o aguardava no futuro?

Bem, para começar, um casamento.

“Abraão casou-se com outra mulher, chamada Quetura” (Gn 25.1). Essa mulher praticamente não é mencionada na Bíblia, a não ser em uma genealogia (cf. 1Cr 1.32-33). Seja como for, Abraão apaixonou-se por ela, e ela se tornou sua noiva. Para alguns, essa informação é um pouco perturbadora. A decisão dele de se casar de novo, depois de toda uma vida com Sara, deixa uma aparência de traição — quase como se o fato de ele se apaixonar novamente invalidasse o amor que ele tivera por sua primeira esposa. Em geral, é isso que os filhos pensam quando, depois do luto pelo antigo cônjuge, o pai ou a mãe se interessa por um novo relacionamento.

Abraão desfrutou de um longo, produtivo e agradável relacionamento com Sara. Foi um marido leal e dedicado por todo o tempo que viveram juntos. Compartilharam a criação de Isaque por 37 anos, até que o filho prometido alcançasse a vida adulta piedosa. Depois de um século de casamento, Abraão havia se acostumado a tomar café com pão pela manhã com sua parceira, e o perfume dela havia se tornado tão natural para ele quanto o respirar. Mas a morte entrou em cena, sem ser convidada, e os separou.

Os românticos gostam de dizer que o amor é para sempre e, com isso, querem dizer que um marido e uma esposa separados pela morte retomarão seu romance no céu. No Novo Testamento, alguns líderes religiosos, querendo testar a teologia de Jesus, escolheram esse tema romântico e tramaram uma situação hipotética na qual uma mulher ficara viúva sete vezes. Então, a própria mulher morreu. Sem levar em conta que ela tivera uma série de experiências incrivelmente ruins, eles queriam saber: “Na ressurreição, de qual dos sete ela será esposa, visto que todos foram casados com ela?” (Mt 22.28).

Jesus desapontou tal sentimentalismo com uma dose de verdade teológica: “Na ressurreição, as pessoas não se casam nem são dadas em casamento; mas são como os anjos no céu” (Mt 22.30). Em outras palavras, nós, assim como os anjos, adoraremos e serviremos a Deus para sempre como indivíduos. E somente no céu deixaremos de nos sentir sozinhos ou solitários.

Enquanto os românticos queriam que Abraão sentisse as dores pela perda de Sara por outros trinta anos, Deus lhe concedeu graça para experimentar um novo romance com uma mulher piedosa. (Sei que ela era piedosa porque Abraão não teria escolhido ninguém que não o fosse.) E existe algo de prazeroso em um novo amor que traz a alegria de volta à vida. Falei recentemente com um amigo de longa data que havia perdido a esposa alguns anos atrás. Ele está agora com 90 anos. “Você soube que me casei de novo cinco semanas atrás?”, perguntou ele com um sorriso no rosto. Rimos juntos — que alegria!

A segunda família de Abraão

Deus tinha guardado algumas experiências novas para Abraão, e algumas surpresas também. É possível que Abraão imaginasse que ele e a nova esposa se sentariam na varanda da frente de sua casa e ficariam vendo o mundo passar. Mas então, um dia, ela disse: “Adivinhe só! Vamos ter um bebê!”. Nove meses depois, eles receberam alegremente um filho chamado Zinrã, palavra que provavelmente significa “músico”.

Alguns meses mais tarde, Quetura disse: “Querido, temos outro bebê a caminho”. Nove meses depois, foi a vez de Jocsã unir-se à família. Seu nome provavelmente significa “caçador” ou “aquele que faz armadilhas”.

Abraão nunca havia experimentado isso. Ele e Sara enfrentaram dificuldades com a fertilidade durante décadas, período em que ele ansiava ouvir as palavras “Abraão, temos um bebê a caminho”. Em seu segundo casamento, ele ouviu esse anúncio pelo menos seis vezes! A Bíblia cita o nome dos seis filhos com Quetura (cf. Gn 25.2), mas o casal pode ter gerado filhas também.

Isso me faz lembrar uma história que minha mãe nos contou certa vez. Meus pais se casaram em outubro de 1930 e, no agosto seguinte, ela deu à luz meu irmão. (Pare de contar; a conta está certa.) Ela obviamente ficou grávida pouco depois de se casar. Cerca de treze meses depois, deu à luz minha irmã. Então, não muito tempo depois disso, enquanto minha irmã ainda usava fraldas, eu me desenvolvia no ventre de minha mãe. Durante sua terceira gravidez, meus pais visitaram minha avó. A mãe de meu pai tinha um pouco mais de 1,60 metro de altura e não chegava a pesar 50 quilos, mas tinha a reputação de ser uma fera. Quando viu minha mãe se balançando por causa da barriga e com dois pequenos ainda de fraldas, chamou meu pai de lado. Ele inclinou seu corpanzil para poder escutá-la.

— Sim, mãe?

— A Bíblia diz: “Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra”. Mas, Earl, Deus nunca disse que uma única mulher deveria fazer todo esse serviço.

Abraão e Quetura não rejeitaram essa ordem. Durante seu casamento, eles enfrentaram pelo menos 54 meses de gravidez. Presumindo que tiveram pelo menos seis meses entre cada período de gravidez, podem ter dado as boas-vindas a todos os seis meninos em menos de uma década. O mais provável é que os filhos tenham chegado com maior intervalo, o que deixou Abraão ocupado brincando com crianças pequenas, brincando de luta com meninos maiores e andando pelas colinas com adolescentes. Como foi que Abraão se manteve jovem até chegar aos 150 anos de idade? Posso oferecer algumas sugestões extraídas da minha imaginação? Ensinando seis meninos a conduzir uma carroça sem cair na vala. Brincando de guerra e fazendo um jogo de caça no meio do mato. Apartando brigas e ensinando sobre o sexo oposto. Ele certamente deve ter lhes ensinado como tocar gado, tosquiá-los, negociar com os habitantes da cidade, fazer acordos justos, gerir funcionários e defender a reputação deles. E, o mais importante de tudo, ele os ensinou a construir um altar adequado e a adorar o único e verdadeiro Deus.

A Bíblia não descreve tudo isso, é claro; essas coisas estão implícitas nos espaços que há entre os nomes listados em Gênesis 25.1-4. Quando você estiver em um cemitério, observe o traço que separa as datas de nascimento e morte. Nossa imaginação viaja ao ler o curto epitáfio e pensar como a vida dessa pessoa se desenvolveu. É o que acontece quando lemos sobre a vida de Abraão e Quetura depois de Gênesis 25.1.

Independentemente das particularidades, Abraão continuou a experimentar uma vida plena, observando uma segunda família completa brotar, crescer, vicejar e então dar frutos. Talvez não seja isso o que você queira em seus anos mais tardios, mas Abraão aceitou isso... e é isso o que torna essa passagem importante. Espero que a nova vida de Abraão leve você a perguntar ao Senhor: “Qual futuro o Senhor tem para mim?”.

O legado generoso de Abraão

Embora Abraão tenha continuado a viver, ele nunca deixou que sua nova vida tirasse qualquer coisa da primeira. Isaque era o filho prometido — aquele a quem Deus nomeara como o único herdeiro da aliança, aquele por meio de quem a nação hebraica nasceria. Assim, quando o patriarca se casou pela segunda vez, a situação legal de Quetura não se equiparava à de Sara. De acordo com o costume, Quetura estava mais para uma concubina.

Conforme a tradição de muitas culturas antigas, as concubinas eram, usualmente, servas de uma casa que se tornavam parte da família e davam filhos ao patriarca. Elas normalmente desfrutavam de todos os direitos e privilégios de uma esposa, mas uma esposa legal as superava. Além disso, os filhos da esposa legal não precisavam compartilhar sua herança com a prole das concubinas.

Abraão muito provavelmente tomou Quetura como esposa no sentido pleno da palavra, e a Bíblia não dá evidências de que, depois de seu erro com Hagar, ele tenha se deitado com outra mulher, senão aquela com quem se casara. Quetura era sua esposa em todos os aspectos importantes, mas ele a considerava uma concubina para proteger a herança de Isaque. “Abraão deixou tudo o que tinha para Isaque” (Gn 25.5).

Obviamente, isso se refere às suas posses *depois* que ele morreu. Antes de morrer, ele cuidou de todos os seus filhos, garantindo que cada um deles estivesse estabelecido em termos financeiros na época em que saíram do ninho e iniciaram suas próprias famílias. Ele evidentemente havia aprendido com o erro que cometera com Ismael e Hagar, a quem mandara embora sem provisões adequadas. Ele se arrependeu de seu pecado anterior e “para os filhos de suas concubinas¹ deu presentes; e, ainda em vida, enviou-os para longe de Isaque, para a terra do oriente” (Gn 25.6).

Muitos anos atrás, um sábio e piedoso planejador financeiro me convenceu de que Cynthia e eu deveríamos compartilhar nossas heranças *antes* de morrermos. Ele gostava de citar este velho ditado: “Doe enquanto vive, pois assim saberá para onde vai sua doação!”. Em nossa opinião, esse foi um bom conselho. Por que esperar até que você esteja morto para, só então, seus descendentes e outros beneficiários poderem desfrutar daquilo que você recebeu e poupou? Por que não ter o prazer de ver sua abundância ajudar pessoas agora — especialmente seus filhos e netos?

Você está experimentando a alegria de liberar riqueza enquanto ainda está vivo, como Abraão fez? Já parou para pensar em quanto o governo vai lhe tomar se você não fizer um bom planejamento de seu espólio?

Quando visitou a problemática igreja de Corinto, Paulo se defendeu contra as pessoas que o acusavam de viver à custa de cristãos abastados. Em resposta, ele escreveu: “Agora, estou pronto para visitá-los pela terceira vez e não lhes serei um peso, porque o que desejo não são os seus bens, mas vocês mesmos. Além disso, os filhos não devem ajuntar riquezas para os pais, mas os pais para os filhos” (2Co 12.14). Paulo via a provisão parental como uma responsabilidade evidente.

Muito tempo atrás, Cynthia e eu decidimos ajudar cada um de nossos netos a obter o diploma universitário. Isso se tornou nosso compromisso com os pais deles. Tal iniciativa não apenas ajudou aqueles jovens que enfrentavam uma necessidade real, como também os fez valorizarem seus avós. Queremos estar presentes quando eles se formarem. Queremos estar na colação de grau para ver a neta ou o neto caminhar pelo palco e receber aquele diploma, ciente de que fizemos um bom investimento. Afinal, a instrução os acompanhará para sempre.

Compartilho isso apenas para plantar a ideia em sua mente e assegurar a você que Cynthia e eu colocamos em prática aquilo que estou pregando nestas páginas. Quando nossa família cresceu e chegou a hora de revisar nosso plano anterior, trabalhamos com um conselheiro de finanças que disse: “Nunca vi nada semelhante”. Erroneamente, eu pensava que era isso o que a maioria das pessoas fazia. Afinal de contas, o que mais você vai fazer com suas economias? Estofar a forração de seu caixão enquanto estiver deitado ali?

Abraão optou por doar enquanto estava vivo. Em vida, ele ajudou seus seis filhos com Quetura a se estabelecerem; também ajudou Ismael em suas necessidades. Em razão de sua imensa riqueza, Abraão ainda foi capaz de deixar uma vasta fortuna nas mãos de Isaque, que herdou as reservas de seu pai.

“Abraão viveu cento e setenta e cinco anos” (Gn 25.7). Ao fazer as contas, você percebe que, depois da morte de Sara, o patriarca viveu por mais 38 anos. Então, “morreu em boa velhice, em idade bem avançada, e foi reunido aos seus antepassados” (v. 8). Gosto dessa frase!

A expressão “em boa velhice” traduz a palavra hebraica *sahbah*, que quer dizer literalmente “estar pleno”. Abraão morreu com um sorriso. Pleno em idade. Pleno de satisfação. Pleno de contentamento. Quando olhava nos olhos de seus filhos e de seus netos, ele podia envolver-se com eles sem culpa na consciência. Ele deu de si e compartilhou seus recursos.

O trecho “foi reunido aos seus antepassados” retrata o ritual prático de sepultamento, no qual o corpo inerte era deixado em decomposição e, depois, os ossos eram reunidos e colocados no ossuário da família junto daqueles que haviam partido anteriormente. Mas a expressão também carregava o significado adicional de unir-se aos ancestrais crentes na intimidade celestial eterna, com o Todo-poderoso. Os ossos de Abraão se uniram aos de Sara na tumba assim como sua alma se juntou à dela na sala do trono de Deus.

“Seus filhos, Isaque e Ismael, o sepultaram na caverna de Macpela, perto de Manre, no campo de Efrom, filho de Zoar, o hitita, campo que Abraão comprara dos hititas. Foi ali que Abraão e Sara, sua

mulher, foram sepultados” (Gn 25.9-10). Isaque e Ismael deviam estar orgulhosos de seu pai e honrados por colocá-lo na caverna que servia de jazigo para a família.

O final feliz de Abraão

Meu comentário é bem simples: *Que jornada!*

Não chore por Abraão. Não lamente sua morte. Não sinta pesar por sua partida. Alegre-se! Celebre com ele. Olhe para o que ele fez de seus dias na terra. Veja como ele usou seus recursos.

Tenho dito desde o início que a história de Abraão é a nossa história. Essa narrativa particular de como ele viveu seus últimos dias e então morreu como um homem feliz guarda pelo menos dois segredos valiosos para que terminemos bem. Um deles tem a ver com consistência; o outro tem a ver com diligência.

O primeiro segredo: *Lembre-se consistentemente de que cada dia oferece oportunidades para você permanecer jovem de coração.*

A cada manhã você se levanta com a oportunidade de viver bem um novo dia, de encarar as próximas 24 horas como uma série de escolhas. O Senhor concedeu a você um interesse genuíno em relação àquilo que o dia lhe reserva. Escolha uma atitude positiva. Escolha buscar e se concentrar nas coisas boas. Escolha encarar suas oportunidades com uma ansiedade positiva. Escolha deixar de lado suas próprias expectativas e, então, abraçar aquilo que Deus decidir fazer. Escolha viver em um estado constante de surpresa ao deixar de lado sua própria vontade e permitir que a vontade de Deus se revele.

Escolha bem seus amigos. Seja bondoso com todos, mas distancie-se de pessoas negativas, ou se tornará como elas. Se elas forem egoístas, você também desejará satisfazer apenas a si mesmo. Se o mundo dessas pessoas girar em torno delas mesmas, você também se tornará narcisista, cínico e amargo.

Escolha sabiamente onde investirá seu tempo, sua energia, seu talento e seus recursos. Cultive hábitos saudáveis. Encha seu ambiente não apenas de tecnologia, mas também de música e arte ao assistir a uma orquestra, ir a concertos, peças, museus e galerias. Torne-se parte dessas celebrações da vida e da beleza. Assista menos à televisão e leia mais livros.

Escolha suar mais. Coma menos bobagens e saboreie o que é nutritivo.

Certa vez, aos 62 anos, o lendário lançador de beisebol Satchel Paige fez uma série de lançamentos em uma apresentação. Antes de se sentar, ele tirou Hank Aaron e outros cinco rebatedores do jogo, com doze lançamentos. Quando questionado sobre sua saúde excelente e sua longevidade impressionante, Paige divulgou as seis regras que seguia a fim de permanecer jovem. “Se você tiver mais do que 6 anos, siga estas regras com atenção”, disse ele.

Evite carnes fritas, que prejudicam o sangue.

Se seu estômago brigar com você, deite-se e acalme-o com bons pensamentos.

Cantarole alegremente enquanto caminha; isso manterá seus fluidos em circulação.

Cuidado com atos condenáveis, como o comportamento tolo em público. Transitar por círculos sociais não é prática tranquilizadora.

Evite apressar-se o tempo todo.

E não olhe para trás. Alguma coisa pode estar se aproximando de você.²

Escolha como vai enfrentar os fracassos e as decepções. Todos nós admiramos o jogador Babe Ruth como um dos maiores craques do beisebol norte-americano, um atleta que terminou sua carreira com um recorde de 714 *home-runs* (número que só foi ultrapassado em 1974). O rei do *home-run* também rebateu 1.330 vezes. O fato é que a lista de recordes de rebatidas parece ser uma representação de quem é quem entre os campeões. Reggie Jackson, Sammy Sosa e Alex Rodriguez aparecem entre os cinco primeiros.

Eis a lição: para atingir muitas bolas, você precisa fazer uma série de arremessos.

Continue arremessando.

Segundo segredo: *Recuse-se diligentemente a desistir.*

Firme o propósito de que você nunca vai parar de viver até que alguém coloque um espelho debaixo do seu nariz e não se veja nenhum vapor d'água sobre o vidro. Nunca pare. Nunca desista.

Um biógrafo de Satchel Paige escreveu: “Tendo ouvido constantemente que vidas obscuras são menos importantes que vidas brilhantes, ele provocava os jornalistas adicionando ou subtraindo anos cada vez que lhe perguntavam sua idade. Depois, questionava: ‘Quantos anos você teria se não soubesse quantos anos tem?’”³

É uma pergunta que nos leva a pensar, não é?

Então, quantos anos você tem?

CAPÍTULO 20

O retrato de um herói (com suas fraquezas e tudo mais)

UM VELHO PROVÉRBIO DE lenhadores diz: “Pode-se avaliar melhor uma árvore quando ela está caída”. Carl Sandburg fez uso dessa frase aplicando-a à biografia que fez de Abraham Lincoln.¹ Ela é tocante e totalmente verdadeira. Hesito em admirar pessoas que ainda têm algum tempo de vida pela frente, pois elas têm o potencial de apagar todos os bons anos que viveram até agora. Já vi isso acontecer inúmeras vezes. E alguns dos que caíram em desgraça eram meus amigos.

Quando a árvore está caída, porém, podemos julgar a grandeza com confiança inquestionável. Nessa condição, a vida da pessoa se tornou um legado, de modo que todos os fatos estão expostos. Até mesmo uma sequoia gigante, cujos grandiosos ramos retiveram segredos muito acima do chão da floresta quando sua estrutura vertical estava ereta, não pode mais esconder nada tão logo esteja no chão. As pessoas comuns podem se aproximar e avaliar. A morte da maioria de homens e mulheres simplesmente as coloca em seu verdadeiro lugar, mas, no caso de alguns poucos indivíduos especiais — os verdadeiramente grandes —, os segredos que eles guardavam enquanto vivos agora mostram que eles são dignos de respeito ainda maior.

A poderosa sequoia que foi Abraão está agora no chão, colocada horizontalmente diante de nós. Acompanhamos sua jornada desde a raiz até a mais recente folhagem no galho mais alto e examinamos cada falha e cada triunfo. As muitas imperfeições de Abraão revelam que ele era um homem cuja natureza era como a nossa; mesmo assim, mais da metade do mundo o considerou “grande”. A seu modo, judeus, muçulmanos e cristãos o veneraram como “pai”. Judeus, árabes e muitas tribos de beduínos traçam sua ancestralidade até esse patriarca. Os cristãos seguem o raciocínio do apóstolo Paulo, que chamou Abraão de “pai de todos os que creem” (Rm 4.11). Mas devemos chamá-lo de grande?

No Novo Testamento, o autor da carta aos Hebreus apresenta um resumo da vida de Abraão e, por cerca de doze versículos, faz uma convincente defesa da grandiosidade do patriarca.

Elogio a Abraão

O capítulo 11 de Hebreus costuma ser chamado de “galeria da fé” — e há boas razões para tal. Apresentando inicialmente uma das primeiras pessoas a viver na terra, o autor traça a qualidade essencial de fé através da história hebraica, destacando dez grandes homens e mulheres. O autor dá maior exposição a Abraão à medida que avança pelos altos e baixos da jornada espiritual desse profeta. Em um espaço curto, Abraão é avaliado e considerado digno de imitação.

O autor começa examinando os pontos altos de Abraão, o primeiro dos quais é este: *quando foi chamado, ele obedeceu*.

A avaliação se inicia com estas palavras: “Pela fé Abraão...” (Hb 11.8). As palavras “pela fé” são a parte mais importante da história de Abraão. Ele reagiu com base em suas crenças — e não porque era capaz de ver o que estava à frente, não porque tivera uma visão do que o futuro lhe reservava, não porque tinha calculado qual seria o retorno do investimento naquela aventura. “Pela fé” significa que ele prontamente trocou o conhecido pelo desconhecido, tudo porque confiou em Deus.

“Pela fé Abraão, quando chamado, obedeceu e dirigiu-se a um lugar que mais tarde receberia como herança, *embora não soubesse para onde estava indo*” (Hb 11.8). O que motivou Abraão a seguir as instruções do Senhor não foi o fato de não haver outra opção nem o de achar que aquilo poderia enriquecê-lo. Ele já estava bem estabelecido numa civilização próspera, e tinha todas as razões para permanecer em casa. Na época de seu chamado, Abraão contava 75 anos, todos eles vividos em Ur dos caldeus! Muitas pessoas nessa idade acham que é um risco descer os degraus da varanda, dar uma caminhada ou ir ao mercado sozinhas. Deus instruiu esse homem de 75 anos e sua esposa de 65 a empacotar suas coisas em carroças e partir, deixando tudo para trás — incluindo a família — rumo a um futuro desconhecido. Pela fé, Abraão obedeceu. E sem hesitação. Chamo isso de grande!

Pense em tudo o que Abraão *não* tinha. Não tinha destino preciso, nada de mapa ou GPS, nenhuma agência de viagens, nenhum programa de milhagem, nenhum seguro, nenhum contrato por escrito que lhe garantisse segurança. Ele não tinha equipe de guarda-costas — sendo um homem rico, poderia ser facilmente roubado. Nenhuma acomodação em hotel. Nenhum apoio em

oração vindo de casa (todo mundo que ele conhecia adorava ídolos). Foi um chamado diante do qual a maioria de nós teria extrema dificuldade em dizer “Sim”. Alguns nem sequer o levariam em conta. Se Deus ordenasse que fôssemos para algum lugar longe de casa, desejaríamos pelo menos um mapa. Mas o Senhor responde: “Não, quero que você cultive fé em mim, de modo que vou reter todos os detalhes. Você não saberá antecipadamente o que vai encontrar, por isso terá de ficar perto de mim”.

Grandes recompensas o aguardam se você obedecer sem saber todos os detalhes. Esse é um princípio que Deus quer que cada um de seus seguidores experimente. Aprender a confiar nele é como fazer uma jornada um passo de cada vez. A fé é construída sobre a fé. Quando confiamos, recebemos bênçãos inesperadas. Isso fortalece nossa confiança e nos inspira a confiar em Deus novamente à medida que damos outro passo. Não é complicado, mas vai contra nossa natureza. Lamentavelmente, a fé é um conceito hipotético para a maioria. Essas pessoas nunca experimentaram as alegrias da jornada de fé porque não se dispõem a dar o primeiro passo sem saber o destino com precisão. Mas, se soubermos o destino e tivermos todos os detalhes, não precisamos de fé, e nunca experimentaremos suas recompensas. (Leia essa última sentença novamente.)

Deus quer que crescamos na fé não apenas porque precisamos dele, mas também porque isso é bom para nós. A fé nos leva para além de nossa zona de conforto. Bem além. Precisamos conhecer a experiência de embarcar em uma empreitada que nunca tentamos. Precisamos saber que, com a ajuda de Deus, podemos enfrentar com segurança qualquer desafio e assumir o risco de encarar algo que está acima de nossa capacidade. Precisamos saber que, quando Deus nos chamar para uma tarefa, ele nos dará aquilo de que precisamos para ser bem-sucedidos.

Cynthia e eu fizemos várias mudanças em nossa vida. Cada uma delas levou a um futuro que não poderíamos ter antecipado, com desafios e recompensas que nunca conseguiríamos imaginar. Invariavelmente, olhamos para trás em nossos quase sessenta anos juntos e dizemos: “Somos felizes por termos feito isso”. Foi fácil? Raramente. A obediência exige um pouco mais de fé do que já tivemos no passado. Mas confiar em Deus nunca deixa de satisfazer. As recompensas pelo caminho são revigorantes. (Leia essas duas sentenças novamente.)

O autor de Hebreus elogia Abraão por outra virtude espiritual: *ele creu naquilo que lhe foi prometido*. “Pela fé peregrinou na terra prometida como se estivesse em terra estranha; viveu em tendas, bem como Isaque e Jacó, co-herdeiros da mesma promessa” (Hb 11.9).

Se você já viveu em uma terra estranha, da qual não conhecia o idioma ou a cultura, então pode imaginar a dificuldade de Abraão. Ele se mudou para um lugar onde não conhecia uma alma sequer. Não sabia com quem deveria fazer amizade e a quem deveria evitar. Não tinha lugar permanente onde pudesse viver, nenhuma comunidade na qual confiar e obter apoio e ninguém a quem recorrer em tempos difíceis. Quando deixou Ur, deixou também a segurança de uma residência fixa. Acampou em terras que poderiam ou não ser reclamadas e provavelmente era visto com suspeita. Foi capaz de viver longe de comunidades humanas consolidadas e seguras simplesmente porque “esperava a cidade que tem alicerces, cujo arquiteto e edificador é Deus” (Hb 11.10).

Foi também sustentado pela promessa feita por Deus de que teria um filho. Muitos anos depois de Abraão, Paulo comentou sobre a capacidade desse patriarca de suportar circunstâncias difíceis e permanecer obediente por todos os anos de espera:

Abraão não ficou pensando em sua incapacidade, dizendo: “Sem chance. Este corpo de cem anos nunca vai gerar um filho”. Ignorou décadas de infertilidade de Sara e foi persistente. Não foi reticente sobre a promessa de Deus, com questionamentos. Em vez disso, mergulhou na promessa e se fortaleceu. Ficou à disposição de Deus, certo de que ele cumpriria o que tinha dito.

Romanos 4.19-21, *A Mensagem*

Quer vivendo em tendas numa terra estranha, quer desafiando as probabilidades de ter um filho, Abraão creu na promessa. Ele acreditou naquilo que Deus dissera.

Você acredita em Deus? Se ele diz alguma coisa em seu Livro, você procura maneiras de esquivar-se do assunto e racionalizar uma forma de contorná-lo? Ou você vê as ordens divinas como uma oportunidade pessoal de viver pela fé? Não deixe que a dificuldade de uma escolha o impeça de aceitar o desafio de fazer o que o Senhor pede. Não deixe os obstáculos privarem você de confiar em Deus. Não raro, as circunstâncias lhe serão desfavoráveis. Verdade seja dita, é possível que você se veja sem saída diante de situações extremamente aflitivas. Quem vive pela fé não se concentra em atuários ou estatísticas. Quando Deus diz “Vá!”, as pessoas de fé não desperdiçam tempo calculando as probabilidades. Elas obedecem às instruções divinas e se recusam a viver às margens do medo.

Ao descrever outro dos pontos fortes de Abraão, o autor de Hebreus elogia sua fé perseverante: *quando foi testado, ele confiou*. “Pela fé Abraão, quando Deus o pôs à prova, ofereceu Isaque como sacrifício. Aquele que havia recebido as promessas estava a ponto de sacrificar o seu único filho” (Hb 11.17).

Como Abraão pôde fazer isso? Como um pai poderia subir uma montanha levando uma faca afiada, lenha e uma tocha e, então, colocar seu filho sobre o altar como sacrifício a Deus? Como ele pôde confiar no caráter divino tão plenamente a ponto de se dispor a cortar a garganta do rapaz, como fizera antes com os muitos sacrifícios de animais que oferecera? Às vezes, fecho os olhos, respiro fundo e tento me imaginar no lugar desse profeta. O que capacitou o idoso Abraão a fazer tal sacrifício?

“Abraão levou em conta que Deus pode ressuscitar os mortos e, figuradamente, recebeu Isaque de volta dentre os mortos” (Hb 11.19). Quando deixou seus servos junto ao pé da montanha, ele disse: “Fiquem aqui com o jumento enquanto eu e o rapaz vamos até lá. Depois de adorarmos, voltaremos” (Gn 22.5).

Não se esqueça de notar os pronomes ocultos. “*Nós vamos adorar*”, “*Nós voltaremos*”. Abraão sabia de antemão que, independentemente do que acontecesse lá no alto da montanha, por mais difícil que pudesse ser, ele de alguma maneira retornaria com Isaque. Como ele podia saber disso? Ele tinha os olhos da fé.

Por fim, incluo mais virtude manifesta na jornada de Abraão: *conforme foi abençoado, ele compartilhou*.

Como aprendemos, Abraão tornou-se incrivelmente rico (cf. Gn 13.2; 24.35). Rico em terras. Rico em gado, ovelhas, cabras e camelos. Rico em prata e ouro. E, na origem de toda essa riqueza, estava uma enorme empresa operada por centenas de pessoas (cf. Gn 14.14), talvez milhares ao final da vida do patriarca. Mas, assim como foi abençoado, ele compartilhou com outros. Permitiu que Ló se separasse dele e ficasse com uma porção da riqueza construída com sua ajuda (cf. Gn 13.2-11). Abraão insistiu que as pessoas que o haviam auxiliado no resgate de Ló retivessem uma parte dos espólios, enquanto ele mesmo não ficou com nada. (cf. Gn 14.24). Ele ajudou seus muitos filhos a estabelecerem a própria casa, dando-lhes provisões tiradas de sua fortuna (cf. Gn 25.5-6).

A única razão válida para alguém ganhar mais do que precisa é que o excedente se destine a doação. O propósito de Deus ao prover graciosamente uma riqueza excepcional é este: o de podermos compartilhar o que recebemos. Portanto, reparta! Siga contra a corrente de nossa cultura. Dê início a uma nova moda, uma mania radical. Escolha viver de maneira racional e modesta. (Não estou dizendo que devemos morar no lixão ou vestir sacos de estopa.) Entregue o excedente para qualquer ministério que o Senhor colocar em sua consciência.

O cristão comum de hoje oferta, em média, entre 3% e 4% de seus rendimentos à obra de Deus. Imagine os problemas que os ministérios poderiam resolver — sem a ajuda do governo — se os cristãos seguissem o exemplo de Abraão e doassem pelo menos 10% de sua renda. As dívidas dessas organizações seriam quitadas, suas instalações seriam totalmente pagas, seus equipamentos seriam atuais, haveria suprimentos estocados e uma grande obra seria realizada. E tudo isso com base em apenas 10% de contribuição!

As manchas de Abraão

Ninguém é perfeito. Nem mesmo os heróis que admiramos.

Norman Cousins, biógrafo do dr. Albert Schweitzer, conta a história de como o grande médico missionário detestava quaisquer distrações que o impedissem de ajudar seus pacientes. Um editor estava atrás de Schweitzer para que escrevesse um livro, mas o médico se recusava a fazer disso uma prioridade. Além de sua relutância, ele não fazia nenhum esforço para organizar seu material. Certa vez, sua assistente o pressionou para que escrevesse e, não sem resistir, ele prometeu trabalhar um pouco nos manuscritos. Ela contou a Cousins:

Ele chegou à sua sala no início da tarde e começou a escrever. Voltei uma hora depois e dei uma espiada no local. O doutor não estava mais lá. Uma brisa havia soprado algumas das folhas do manuscrito para fora da mesa. Um antílope havia passeado pela sala. Algumas das folhas haviam sido pisoteadas. Eu não tinha como saber se alguma delas havia sido comida.²

Embora o dr. Schweitzer fosse um indivíduo fenomenal — ele havia obtido vários doutorados, e era magnífico organista, cientista brilhante, médico e filósofo —, ainda era um simples ser humano. Cousins escreve:

Albert Schweitzer não está acima da crítica. Poucos homens de nosso século chegaram perto de conquistar a ideia grega do homem pleno — o pensador, o líder, o homem de ação, o cientista, o artista. Contudo, como todas as outras grandes personalidades históricas, ele se torna real não a despeito de suas fraquezas, mas por causa delas.³

A Bíblia não tenta pintar seus heróis de outra forma senão como pessoas reais, com falhas reais. Nós os vemos com “rudeza”, “manchas”, “rugas”, “defeitos” e “tudo o mais”, como nas palavras de Oliver Cromwell.⁴ Consequentemente, Abraão se torna real não pela ausência de fragilidades, mas por causa delas. Assim como todas as pessoas reais, ele teve fraquezas. Algumas dessas falhas nos causam decepção, mas elas nos ajudam a ver o homem completo. E também nos ajudam a aprender como devemos considerar nossas próprias mazelas.

Vemos em Gênesis 12 a evidência da primeira falha de Abraão: *quando teve medo, ele fugiu*. “Houve fome naquela terra, e Abrão desceu ao Egito para ali viver algum tempo, pois a fome era rigorosa” (v. 10).

Como leitores, queremos voltar no tempo e gritar uma advertência: “Não, Abraão, não vá para o Egito! Há problemas por lá. Fique na Terra da Promessa. Deus não deixará você passar fome; ele satisfará suas necessidades!”. Mas Abraão fugiu do desafio. Enquanto ele esteve no Egito, uma fraqueza chamou outra.

Quando estava chegando ao Egito, disse a Sarai, sua mulher: “Bem sei que você é bonita. Quando os egípcios a virem, dirão: ‘Esta é a mulher dele’. E me matarão, mas deixarão você viva. Diga que é minha irmã, para que me tratem bem por amor a você e minha vida seja poupada por sua causa”.

Gênesis 12.11-13

Isso não foi mera bajulação; Abraão genuinamente reconhecia que a beleza da esposa poderia trazer perigo para *ele*. Em outras palavras, ele estava dizendo: “Para salvar a minha pele, vá em frente e deixe-se levar ao harém dele. Pelo menos, assim eu viverei”. Ao fazer Sara dizer uma mentira, ele esperava transformar uma desvantagem em benefício. Mesmo depois de o esquema ter sido desmascarado, ele o repetiu vários anos depois! “Abraão partiu dali para a região do Neguebe e foi viver entre Cades e Sur. Depois morou algum tempo em Gerar. Ele dizia que Sara, sua mulher, era sua irmã. Então Abimeleque, rei de Gerar, mandou buscar Sara e tomou-a para si” (Gn 20.1-2).

Abraão repetiu o erro porque tinha uma propensão a mentir quando se sentia ameaçado. E não importa se esse horrível traço de personalidade foi herdado geneticamente ou aprendido por meio de exemplo: Isaque puxou-o de seu pai. Muitos anos depois, quando Abraão já havia morrido, Isaque mudou-se para perto da cidade filisteia de Gerar. “Quando os homens do lugar lhe perguntaram sobre a sua mulher, ele disse: ‘Ela é minha irmã’. Teve medo de dizer que era sua mulher, pois pensou: ‘Os homens deste lugar podem matar-me por causa de Rebeca, por ser ela tão bonita’” (Gn 26.7).

Parece familiar, não é? Algum tempo se passou e Isaque visitou a cidade acompanhado de Rebeca. Aparentemente, ele se esqueceu de continuar encenando o papel de irmão. O rei dos filisteus por acaso viu Isaque agindo com ela de maneira nada digna de um irmão, num momento em que estavam sozinhos. Algumas traduções dizem que o rei “viu Isaque acariciando Rebeca”. A palavra “acariciando” se baseia no termo hebraico traduzido por “riso”, mas a forma sugere algo bem mais íntimo. Ele provavelmente estava brincando com ela de maneira mais sexual.

Então Abimeleque chamou Isaque e lhe disse: “Na verdade ela é tua mulher! Por que me disseste que ela era tua irmã?”. Isaque respondeu: “Porque pensei que eu poderia ser morto por causa dela”. Então disse Abimeleque: “Tens ideia do que nos fizeste? Qualquer homem bem poderia ter-se deitado com tua mulher, e terias trazido culpa sobre nós”.

Gênesis 26.9-10

Se você tem filhos, compartilhe seus erros passados com eles e ajude-os a aprender com os erros que você cometeu. Eles não vão desconsiderá-lo; vão, isto sim, admirar sua autenticidade. Eles se sentirão mais próximos de você. Sua humildade os fará aproximar-se de você e lhes dará a coragem de confessar as lutas que eles mesmos enfrentam.

Abraão não fez isso com Isaque, e o filho repetiu o pecado do pai.

A segunda fraqueza de Abraão foi esta: *quando ficou impaciente, Abraão aquiesceu a um conselho errado*.

Ora, Sarai, mulher de Abrão, não lhe dera nenhum filho. Como tinha uma serva egípcia, chamada Hagar, disse a Abrão: “Já que o SENHOR me impediu de ter filhos, possua a minha serva; talvez eu possa formar família por meio dela”. Abrão atendeu à proposta de Sarai.

Gênesis 16.1-2

Confesso que eu também teria aquiescido a um conselho errado. Teria seguido uma orientação que, a meu ver, resolveria a situação rapidamente. Eu teria me cansado de esperar. No caso de Abraão, o conselho ruim veio de sua esposa, o que o colocou numa situação da qual, de um jeito ou de outro, sairia perdendo. Qualquer decisão que tomasse o colocaria em dificuldade com alguém — fosse Deus ou sua esposa. Quando colocado sob pressão, Abraão escolheu agradar à esposa em vez de atender ao Senhor.

Tome cuidado com quem você ouve. Às vezes, as pessoas que mais ama vão lhe dar conselhos absolutamente errados. Seu cônjuge ama você, mas suas decisões afetam seu cônjuge, de modo que ele pode ter dificuldade para permanecer neutro. Seus filhos o estimam muito, mas eles carecem de experiência de vida. Até mesmo conselheiros sábios, piedosos e imparciais podem estar errados. Tome cuidado ao ouvir pessoas que o amam, e dê atenção à opinião delas, mas sempre examine o conselho que você recebe sob a luz brilhante das Escrituras. Faça de sua decisão um assunto de oração, e resista ao desejo de acreditar prontamente naquilo que lhe foi dito e sair apressado para pôr a sugestão em prática.

Mais uma vez, tenho vontade de voltar no tempo e gritar uma advertência: “Abraão, pense. Fazer sexo com a criada? Pergunte a si mesmo: como uma criança concebida mediante um pecado poderia ser o herdeiro prometido de Deus?”.

Abraão respondeu ao estresse da demora dando ouvidos a um conselho ruim e, em seguida, antecipando-se a Deus. Seu plano estava fadado ao fracasso desde o início. Você pode ser uma pessoa ótima e piedosa e, ainda assim, optar por dar ouvidos a um conselho errado. Se o fizer, vai se arrepender pelo resto da vida. Abraão, como grande homem que era, ignorou seu melhor julgamento e agiu com afobação. Quantas vezes, depois do fato consumado, ele deve ter pensado: “Mas onde é que eu estava com a cabeça?”.

Lições para a caminhada

Ao nos aproximarmos do fim da jornada de fé empreendida por Abraão, quero deixar com você alguns princípios extraídos desta revisão da vida do patriarca — quatro, para ser preciso. São simples de entender, mas desafiadores em sua aplicação. De fato, levará uma vida inteira para dominá-los. Tal como os quatro pontos cardeais da bússola, eles vão guiá-lo adequadamente em sua jornada rumo à maturidade espiritual.

1. Qualquer que seja o local indicado por Deus, vá

Tenha certeza de que sua decisão se baseia na orientação divina. Em geral, vale perguntar a si mesmo quanta fé será necessária para cada uma das opções de que você dispõe. Aquela que exigir maior confiança em Deus é, comumente, a melhor. Parece ironia, mas a alternativa com maior risco aparente é a mais segura, porque o Senhor sempre honrará sua decisão de confiar nele. Ainda que você dê um passo em falso, ele honrará sua fé guiando-o de volta ao caminho que ele estabeleceu. Não há lugar mais seguro do que aquele para onde Deus o envia.

Um dos maiores desafios à minha fé veio na forma de uma ligação do dr. Don Campbell, na época diretor do Seminário Teológico de Dallas. Ele e um membro do conselho ligaram para perguntar se eu permitiria que meu nome fosse colocado numa pequena lista de indicados para ser o próximo diretor.

Eu disse:

— Diretor do quê?

— Diretor do Seminário Teológico de Dallas, é claro.

Pensei que um de meus amigos tivesse armado uma pegadinha. Quando ficou claro que estavam falando sério, respondi:

— Não preciso pensar muito. Não.

Eu não queria deixar o ministério que amava em Fullerton e *realmente* não me sentia qualificado para liderar um grupo de acadêmicos experientes. Mas, depois de algum tempo e oração, ficou claro que essa era exatamente a orientação de Deus. Deixar uma coisa boa é difícil. Seguir rumo ao desconhecido é ainda mais duro. Exige a confiança de que um Deus soberano nos conduzirá. Exige alguns sacrifícios, disposição de aceitar a incerteza, perda de posição social, divergências com alguns amigos e, às vezes, até mesmo um evidente sofrimento. Tudo isso e mais acompanharam minha decisão de obedecer. Mas não há dúvida: em termos de ministério, fiz exatamente a escolha que Deus queria. As recompensas eclipsaram todas as dificuldades.

Nossa jornada de fé exige que sigamos para onde deveríamos estar e que realizemos aquilo que deveríamos realizar. Se não agimos assim — se rejeitamos a orientação de Deus —, perdemos o melhor que ele tem para nós e aceitamos a mediocridade. Essa nunca é uma boa troca.

2. Seja o que for que Deus prometer, creia

Alguém colocou a questão da seguinte maneira: “Quando estiver em trevas, não duvide daquilo que Deus lhe deu na luz”. Nos melhores dias de sua vida, nos quais Deus fala por meio de sua Palavra, lembre-se de suas promessas. Descanse nelas, aplique-as e espere seu cumprimento. Deus lhe dá promessas para que você creia nelas, e não apenas para que as mencione aos outros. Sendo assim, acredite nelas! Pare de se esquivar delas. Pare de analisá-las ao extremo. Creia nas promessas — isto é, aceite-as — e então aja de acordo com elas.

3. Sempre que Deus testar, confie

Um teste geralmente nos faz sentir vulneráveis. Ficamos fracos. Começamos a sentir pânico. Tentamos encontrar segurança no que nos é familiar. Evitamos correr riscos. Mas os testes de fé pedem ousadia. Você pode ter ouvido a frase “Deus nunca nos dá mais do que aquilo com que conseguimos lidar”; porém, isso está absolutamente errado! Ele frequentemente nos desafia a confiar mais nele, dando-nos muito além do que aquilo que somos capazes de suportar por méritos próprios. Ele quer que nos voltemos para ele em desespero e peçamos seu auxílio. Ele está sempre disposto a ajudar, mas quer que reconheçamos nossa necessidade e que *desejemos* sua companhia.

Depois que aceitei o chamado para ser o diretor do Seminário Teológico de Dallas, meus primeiros dois anos naquela cidade se tornaram uma prova particular, um tempo de refinamento pessoal que ocasionalmente me reduzia a lágrimas e tremores. Eu amava o que estava fazendo. Era exigido e desafiado. Meus colegas no seminário davam seu apoio entusiasmado e abraçavam os desafios que eu lhes propunha. Mas aquilo estava *bem* acima da minha capacidade. Tendo deixado a segurança de meu cargo de pastor, precisava depender completamente de Deus agora que era o líder de um seminário.

Por fim, o que me manteve caminhando em meio à difícil transição foi a confiança. Eu sabia que Deus não me orientaria a ir a algum lugar apenas para recuar e deixar que me autodestruísse. Descobri que minha determinação de confiar nele e de extrair minha força dele sempre valeu a pena. Ele forneceu confiança interior e ideias criativas que se mostraram essenciais.

4. Seja como for que Deus o abençoar, compartilhe

Para nós, é fácil receber as bênçãos de Deus e deixar de equilibrar o receber com o dar. Firme o propósito de tornar-se uma pessoa generosa. Quero adverti-lo, porém, que dar generosamente exige fé, isto é, a confiança de que o Todo-poderoso cuidará de suas necessidades. Isso acontece porque temos um temor natural de que nossas provisões se esgotem, não importa quanto tenhamos. Quando ouvimos a pergunta “Quanto é suficiente?”, uma pequena e assustada voz dentro de nossa alma grita: “Apenas um pouco mais!”.

Fico pensando em quanto conheceríamos melhor nosso Deus se doássemos de forma mais generosa. Não temos maior intimidade com o Todo-poderoso porque não acreditamos de fato que ele honrará nossa generosidade. Assim, nós retemos. Para testar isso, questione-se: “Quando foi a última vez que doe alguma coisa? Algo realmente interessante? Algo que significava muito para mim?”. Alegria profunda e satisfatória aguarda aquele que doa de maneira abundante.

Deus abençoou você. Portanto, compartilhe. Torne-se uma pessoa generosa. Quando o fizer, você descobrirá uma satisfação maior do que tudo o que já viu.

Qualquer que seja o local indicado por Deus, vá.

Seja o que for que Deus prometer, creia.

Sempre que Deus testar, confie.

Seja como for que Deus abençoar, compartilhe.

Essas quatro diretivas simples resumem a fórmula de Abraão para o sucesso. Algumas vezes, ele sucumbiu à fraqueza e deixou que suas falhas o desviassem do caminho. Mesmo assim, ele terminou bem. A despeito de seu erro ocasional, Deus recompensou sua fé e chamou-o de “Abraão, meu amigo” (Is 41.8; cf. 2Cr 20.7; Tg 2.23). O apóstolo Paulo avaliou o patriarca depois de encerrada sua jornada e escreveu um epitáfio apropriado.

Mesmo assim não duvidou nem foi incrédulo em relação à promessa de Deus, mas foi fortalecido em sua fé e deu glória a Deus, estando plenamente convencido de que ele era poderoso para cumprir o que havia prometido. Em consequência, “isso lhe foi creditado como justiça”. As palavras “lhe foi creditado” não foram escritas apenas para ele, mas também para nós, a quem Deus creditará justiça, a nós, que cremos naquele que ressuscitou dos mortos a Jesus, nosso Senhor.

Romanos 4.20-24

A história de Abraão é a nossa história. Ao nosso modo, cada um de nós é um nômade. Tal como esse grande homem de fé, fomos chamados a embarcar em uma grande jornada espiritual rumo ao destino que Deus nos mostrará (cf. Gn 12.1). O epitáfio de Abraão também pode ser o nosso se, assim como ele, escolhermos ser plenamente convencidos de que Deus é poderoso para cumprir o que promete. Então, como foi com nosso pai na fé, seremos declarados justos com base em nossa confiança no Senhor.

Você já leu o suficiente sobre isso. Agora é hora de pôr em prática. Confie em seu Deus. Ele o recompensará abundantemente por fazer isso. Deus fará o que prometeu. Você vai confiar nele?

Prove.

APÊNDICE

Como iniciar um relacionamento com Deus

DE TODOS OS HERÓIS mencionados na Bíblia, o único a quem Deus chamou de “amigo” foi Abraão (Is 41.8; cf. 2Cr 20.7; Tg 2.23). A biografia de Abraão, porém, mostra que ele estava bem longe de ser perfeito; suas falhas aparecem por toda a história de sua vida. Sendo assim, por que o Senhor teve tanta consideração por ele? Igualmente importante é esta pergunta: Como você e eu podemos nos tornar amigos de Deus?

De acordo com a biografia de Abraão apresentada em Gênesis, Deus escolheu favorecê-lo sem basear-se em nada que o tornasse merecedor. O Senhor, por si próprio, estendeu um convite para que Abraão recebesse seu favor. O patriarca respondeu ao convite de Deus crendo em suas promessas. “Abraão creu no SENHOR, e isso lhe foi creditado como justiça” (Gn 15.6).

Isso aconteceu naquela época. Avance até os dias atuais. A boa notícia é que Deus nos estendeu o mesmo convite. Se quisermos ter um relacionamento com ele, precisamos entender quatro verdades vitais. Vamos analisar cada uma delas detalhadamente.

Nossa condição espiritual: totalmente corrompidos

A primeira verdade é profundamente pessoal. Basta uma olhada no espelho das Escrituras para que nossa condição humana se torne dolorosamente clara:

Não há nenhum justo, nem um sequer; não há ninguém que entenda, ninguém que busque a Deus. Todos se desviaram, tornaram-se juntamente inúteis; não há ninguém que faça o bem, não há nem um sequer.

Romanos 3.10-12

Todos nós somos completamente pecadores, totalmente corrompidos. Ora, isso não significa que cometemos todo tipo de mal conhecido pela humanidade. Não somos *tão maus* quanto podemos ser; somos *completamente maus* até onde podemos ser. O pecado tinge todos os nossos pensamentos, nossas motivações, palavras e ações. Se a depravação fosse azul, seríamos azuis por todos os lados. Por dentro e por fora.

Ainda não acredita? Olhe em volta. Tudo o que nos cerca revela a marca suja de nossa natureza pecaminosa. Apesar de nossos melhores esforços para criar um mundo perfeito, as estatísticas de crimes continuam a subir, a corrupção vaza dos poros de todas as sociedades e as famílias continuam a desabar.

Alguma coisa saiu terrivelmente errada em nossa cultura e em nós mesmos — algo mortal. Ao contrário do que o mundo possa afirmar, a ênfase no “eu primeiro” não remete a uma individualidade forte e à liberdade; remete à morte. Como Paulo escreveu em sua carta aos Romanos, “o salário do pecado é a morte” (6.23). Ele tinha em mente nossa morte espiritual e física, que vem do justo julgamento de Deus sobre nosso pecado, bem como todos os efeitos emocionais e práticos da separação que sofremos diariamente.

O caráter de Deus: infinitamente santo

Como Deus pode nos julgar pelo estado pecaminoso no qual nascemos? Nossa depravação total é apenas metade da resposta. A outra metade é a santidade infinita de Deus.

O fato de sabermos que as coisas não são como deveriam ser indica-nos um padrão de excelência que está além de nós mesmos. Nosso senso de injustiça deste lado da eternidade implica um padrão perfeito de justiça acima e além de nossa realidade. Esse padrão e essa fonte são o próprio Deus. E a impecável e reluzente brancura da santidade de Deus contrasta profundamente com nossa condição totalmente maculada.

As Escrituras dizem: “Deus é luz; nele não há treva alguma” (1Jo 1.5). Ele é absolutamente santo — o que cria um problema para nós. Se Deus é tão puro, como é possível que nós, que somos tão impuros, venhamos a ter um relacionamento com ele?

Talvez pudéssemos tentar ser pessoas melhores, fazendo nossos melhores esforços para inclinar a balança em nosso favor por meio de boas obras. Ou talvez pudéssemos buscar métodos de melhoria continuamente. Por toda a História, as pessoas procuraram viver de acordo com o padrão divino tentando cumprir os Dez Mandamentos ou agindo segundo seu próprio código de ética.

Infelizmente, ninguém conseguiu — e ninguém consegue — chegar perto de satisfazer as exigências da lei santa e superior de Deus. “Portanto, ninguém será declarado justo diante dele baseando-se na obediência à Lei, pois é mediante a Lei que nos tornamos plenamente conscientes do pecado” (Rm 3.20).

Nossa necessidade: um substituto

Aqui estamos, pecadores de nascimento, pecadores por natureza e pecadores por escolha, tentando nos erguer por meio da própria força e do próprio esforço a fim de obter um relacionamento com nosso santo Criador. Mas, todas as vezes que tentamos, caímos de cara no chão. Não podemos viver uma vida suficientemente boa a ponto de compensar nosso pecado, pois o padrão de Deus não é apenas “suficientemente bom”; é a perfeição absoluta. E é impossível compensar a ofensa produzida por nosso pecado sem que morramos por causa dele.

Quem pode nos tirar dessa confusão colossal?

Se alguém pudesse viver perfeitamente, honrando a lei de Deus completamente, e pudesse receber a pena de morte do pecado por nós — em nosso lugar —, então seríamos salvos dessa situação desagradável. Mas será que tal pessoa existe? Felizmente, sim!

Conheça nosso substituto: Jesus Cristo. Foi ele quem sofreu a punição da morte, a punição que merecemos!

Leia a declaração a seguir bem lentamente e com bastante atenção.

Deus tornou pecado por nós aquele que não tinha pecado, para que nele nos tornássemos justiça de Deus.

2Coríntios 5.21

A provisão de Deus: um salvador

Deus nos resgatou ao enviar Jesus, seu Filho, para morrer por nosso pecado na cruz (cf. 1Jo 4.9-10). Jesus era plenamente humano e, ao mesmo tempo, plenamente Deus (cf. Jo 1.1,18) — essa verdade garante sua compreensão de nossas fraquezas, seu poder de perdoar e sua capacidade de cobrir o abismo que existe entre nós e Deus (cf. Rm 5.6-11). Em resumo, somos “justificados gratuitamente por sua graça, por meio da redenção que há em Cristo Jesus” (Rm 3.24). Duas palavras presentes nesse versículo precisam de explicação adicional: *justificados* e *redenção*.

Justificação é o ato de misericórdia de Deus por meio do qual ele declara que os pecadores que creem são justos, embora ainda estejam em seu estado pecaminoso. A justificação não significa que Deus nos *faz* justos de modo que nunca mais pequemos; em vez disso, ele *declara* que somos justos, algo muito parecido com a atitude do juiz que perdoa um criminoso culpado. Uma vez que Jesus levou sobre si nosso pecado e na cruz sofreu nosso julgamento, Deus perdoa nossa dívida e nos proclama perdoados.

Redenção é a iniciativa divina de pagar o preço do resgate para nos libertar das garras do pecado. Sendo reféns de Satanás, fomos algemados pelas correntes do pecado e pelas indestrutíveis presas da morte. Tal como um pai amoroso cujo filho foi sequestrado, Deus pagou voluntariamente o resgate em favor de cada um de nós. E que preço ele pagou! Deu seu único Filho para suportar nossos pecados — do passado, do presente e do futuro. A morte e a ressurreição de Jesus quebraram nossas correntes e nos libertaram para que nos tornássemos filhos de Deus (cf. Rm 6.16-18,22; Gl 4.4-7).

Colocando nossa fé em Cristo

Essas quatro verdades descrevem como Deus nos forneceu um caminho até ele mesmo por meio de seu Filho, Jesus Cristo. Uma vez que o preço foi pago completamente por Deus, devemos responder ao seu presente gratuito — a vida eterna — com total confiança e certeza de que ele nos salvará. Estamos de volta àquela palavra cheia de importância que permeou toda a vida de Abraão: *fé*. Devemos dar um passo à frente na direção de um relacionamento com Deus, uma comunhão que ele já preparou para nós — não mediante boas obras ou boa conduta pessoal, mas indo até ele assim como estamos e aceitando sua justificação e redenção pela fé.

Pois vocês são salvos pela graça, por meio da fé, e isto não vem de vocês, é dom de Deus; não por obras, para que ninguém se glorie.

Efébios 2.8-9

Aceitamos o presente da salvação dada por Deus simplesmente colocando nossa fé apenas em Cristo para o perdão de nossos pecados. No momento em que fazemos isso, nossa imensa confusão é removida para sempre!

Você gostaria de iniciar um relacionamento com seu Criador pela fé, confiando em Cristo como seu Salvador? Se deseja, aqui está uma oração simples que você pode repetir para expressar sua fé:

Querido Deus, sei que meu pecado colocou uma barreira entre mim e ti. Obrigado por enviares teu Filho, Jesus, para pagar o preço completo de meus pecados ao morrer em meu lugar. Confio apenas em Jesus para receber perdão dos meus pecados e aceito a dádiva da vida eterna. Peço que Jesus seja meu Salvador pessoal e Senhor da minha vida. Agradeço-te por me aceitares como sou e por teu compromisso em fazeres de mim a pessoa que desejo ser. Em nome de Jesus. Amém.

Nenhuma outra decisão que você venha a tomar pode se comparar com aquela que o coloca em um relacionamento correto com Deus por intermédio de seu Filho, Jesus Cristo, que amou você e entregou a si mesmo em seu favor!

Ao iniciar esse relacionamento eterno com Deus, você segue os passos de Abraão, “o pai de todos os que creem” (Rm 4.11). Como ele, você começa sua própria jornada de fé, na qual o Senhor cultivará a confiança que você tem nele. E, melhor de tudo, Deus chama você de “meu amigo”.

Bibliografia

- AMBROSE, Stephen. *Band of Brothers*. Nova York: Simon & Schuster, 2001. [Publicado no Brasil sob o título *Band of Brothers: Companhia de heróis*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.]
- BROMILEY, Geoffrey W. (org.). *The International Standard Bible Encyclopedia*. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans, 1988.
- CARLYLE, Thomas. *Thomas Carlyle's Collected Works*. Londres: Chapman and Hall, 1869.
- COUSINS, Norman. *Albert Schweitzer's Mission*. Nova York: W. W. Norton & Company, 1985.
- _____. *Dr. Schweitzer of Lambarene*. Nova York: Harper & Brothers, 1960.
- CROMWELL, Oliver. *The Parliamentary or Constitutional History of England*. Vol. 21. Londres: William Sandby, 1760.
- EDMAN, V. Raymond. *The Disciplines of Life*. Wheaton, IL: Scripture Press, 1948.
- ELWELL, Walter A. (org.). *Baker Encyclopedia of the Bible*. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1988.
- FOSTER, Richard. *Dinheiro, sexo e poder*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.
- _____. *Celebração da disciplina*. São Paulo: Vida, 1997.
- GOODWIN, Doris Kearns. *Team of Rivals: The Political Genius of Abraham Lincoln*. Nova York: Simon & Schuster, 2006.
- GUDER, Eileen. *God, but I'm Bored!* Nova York: Doubleday, 1971.
- GRAHAM, Billy. *World Aflame*. Nova York: Doubleday, 1965. [Publicado no Brasil sob o título *Mundo em chamas*. Rio de Janeiro: Record, 1982.]
- HANSEL, Tim. *When I Relax I Feel Guilty*. Elgin, IL: David C. Cook Publishing Co., 1979.
- HARRIS, R. Laird; ARCHER JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. (orgs.). *Theological Wordbook of the Old Testament*. Chicago: Moody Press, 1999.
- HOUAISS, ANTÔNIO. *Dicionário Houaiss eletrônico da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2009.
- KAISER JR., Walter C. *Ecclesiastes: Total Life*. Chicago: Moody Press, 1979.
- _____; YOUNGBLOOD, Ronald F. (orgs.). *A Tribute to Gleason Archer*. Chicago: Moody Press, 1986.
- KNOPPERS, Laura Lunger. *Constructing Cromwell: Ceremony, Portrait, and Print, 1645-1661*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- KREBERNIK, Manfred. "Mondgott A. I.", *Reallexikon der Assyriologie und Vorderasiatischen Archäologie*. Vol. 8. Berlim: De Gruyter, 1993-1997.
- LEAHY, Michael. *Porn University: What College Students Are Really Saying about Sex on Campus*. Chicago: Northfield Publishing, 2009.
- LEUPOLD, H. C. *Exposition of Genesis*. Vol. 1. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1958.
- LONGMAN III, Tremper; GARLAND, David E. (orgs.). *The Expositor's Bible Commentary: Genesis-Leviticus*. Ed. rev. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2008.
- MACDONALD, Gordon. *The Effective Father*. Carol Stream, IL: Tyndale House Publishers, 1983.
- MEYER, F. B. *The Life of Abraham: The Obedience of Faith*. Lynnwood, WA: Emerald Books, 1996.
- NOONAN, Peggy. *When Character Was King: A Story of Ronald Reagan*. Nova York: Viking, 2001.
- PETERSON, Eugene H. *A Long Obedience in the Same Direction*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1980.
- PRITCHARD, James B. (org.). *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament with Supplement*. 3ª ed. Princeton: Princeton University Press, 1969.
- REDPATH, Alan. *The Making of a Man of God: Lessons from the Life of David*. Grand Rapids, MI: Revell, 2004.
- SANDBURG, Carl. *Abraham Lincoln: The Prairie Years and the War Years*. Orlando: Harcourt, 1954.
- SARNA, Nahum M. *Understanding Genesis: The World of the Bible in the Light of History*. Nova York: Jewish Theological Seminary of America, 1966.
- SCHLOSSBERG, Dan. *Baseball Gold: Mining Nuggets from Our National Pastime*. Chicago: Triumph Books, 2007.

- SPURGEON, C. H. *Lectures to My Students: A Selection from Addresses Delivered to the Students of the Pastors' College, Metropolitan Tabernacle*. Vol. 1. Londres: Passmore and Alabaster, 1875. [Publicado no Brasil sob o título *Lições aos meus alunos*. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1980.]
- THOMPSON, William Irwin. *Evil and World Order*. Nova York: Harper and Row, 1976.
- TOZER, A. W. *À procura de Deus*. Belo Horizonte: Betânia, 1985.
- _____. *The Attributes of God: Deeper into the Father's Heart*. Vol. 2. Camp Hill, PA: WingSpread, 2001.
- _____. *The Knowledge of the Holy*. San Francisco: HarperCollins, 1978.
- TYE, Larry. *Satchel: The Life and Times of an American Legend*. Nova York: Random House, 2010.
- VAN DYKE, Henry. "Life", *The Poems of Henry Van Dyke*. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1920.
- VOS, Howard F. *Nelson's New Illustrated Bible Manners and Customs: How the People of the Bible Really Lived*. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1999.
- WALTON, John H.; MATTHEWS, Victor Harold; CHAVALAS, Mark W. *The IVP Bible Background Commentary: Old Testament*. Ed. eletrônica. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2000.
- WALVOORD, J. F.; ZUCK, R. B. (orgs.). *The Bible Knowledge Commentary: An Exposition of the Scriptures*. Wheaton, IL: Victor Books, 1985.
- WHYTE, Alexander. *Bible Characters: Adam to Achan*. Edimburgo e Londres: Oliphant, Anderson and Ferrier, 1896.
- ZIMMERMAN, Carle C. *Family and Civilization*. Wilmington, DE: Intercollegiate Studies Institute, 2008.

Compartilhe suas impressões de leitura escrevendo para:
opinio-do-leitor@mundocristao.com.br
Acesse nosso *site*: <www.mundocristao.com.br>

INTRODUÇÃO

- 1 *The Parliamentary or Constitutional History of England*, p. 200.
- 2 Citado por Laura L. KNOPPERS em *Constructing Cromwell*, p. 80.
- 3 As estatísticas mostram que mais da metade da população mundial alega ser judia, muçulmana ou cristã. Cada uma dessas tradições religiosas afirma ter suas raízes em Abraão.

CAPÍTULO 1

- 1 Walter A. ELWELL (org.), *Baker Encyclopedia of the Bible*, p. 11.
- 2 James B. PRITCHARD (org.), *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament with Supplement*, p. 179.
- 3 Manfred KREBERNIK, "Mondgott A. I.", p. 361-369.

CAPÍTULO 2

- 1 Allen P. ROSS, "Genesis", citado em *The Bible Knowledge Commentary*, p. 47.
- 2 *The Life of Abraham*, p. 41-43.
- 3 Fugir para o Egito não foi inerentemente errado para Abraão ou para seus descendentes. Foi um pecado para a nação de Israel porque Deus lhes dissera que confiassem nele. Eles cometeram o pecado da desobediência direta à ordem de Deus.

CAPÍTULO 3

- 1 *Thomas Carlyle's Collected Works*, p. 228.
- 2 P. 71.
- 3 *Bible Characters*, p. 134.
- 4 Walter A. ELWELL (org.), *Baker Encyclopedia of the Bible*, p. 949.

CAPÍTULO 4

- 1 Walter A. ELWELL (org.), *Baker Encyclopedia of the Bible*, p. 569.

CAPÍTULO 5

- 1 P. 154-155.

CAPÍTULO 6

- 1 Allen P. ROSS, "Genesis", citado em *The Bible Knowledge Commentary*, p. 56.
- 2 *Dicionário Houaiss eletrônico da língua portuguesa*.
- 3 P. 79.
- 4 Idem, p. 81-82.
- 5 Idem, p. 83.

CAPÍTULO 7

- 1 Eugene H. PETERSON, *A Long Obedience in the Same Direction*, p. 15.
- 2 Idem, p. 15-16.
- 3 *Celebration of Discipline*, p. 9.
- 4 *Dicionário Houaiss eletrônico da língua portuguesa*.
- 5 *Evil and World Order*, p. 81.
- 6 História recontada com base no artigo de Billy ROSE intitulado "Pitching Horseshoes", *The Montreal Gazette*, 30 de jan. de 1947.

CAPÍTULO 8

- 1 P. 172-173.
- 2 Leon J. WOOD, "570 za'aq", citado em *Theological Wordbook of the Old Testament*, p. 248.

CAPÍTULO 9

- 1 Citado por Tim HANSEL em *When I Relax I Feel Guilty*, p. 89.
- 2 "Believing: The Prayer of Faith", *Impact Magazine* (Biola University), nº 2, 1986, p. 3.

CAPÍTULO 10

- 1 *Dicionário Houaiss eletrônico da língua portuguesa*.
- 2 *Bible Characters*, p. 138.

CAPÍTULO 11

- 1 *The Knowledge of the Holy*, p. 1.
- 2 *Exposition of Genesis*, p. 566.
- 3 Idem, p. 568.
- 4 Citado por Billy GRAHAM em "My Heart Aches for America", Billy Graham Evangelistic Association, 19 de jul. de 2012. Disponível em: <www.billygraham.org/story/billy-graham-my-heart-aches-for-america>. Acesso em: 10 de jul. de 2015.

Capítulo 12

- 1 *World Aflame*, p. 20.
- 2 Michael LEAHY, *Porn University*, p. 154.
- 3 *World Aflame*, p. 22-23.
- 4 Carle C. ZIMMERMAN, *Family and Civilization*.
- 5 *World Aflame*, p. 16-17.
- 6 Referência ao livro de Eugene PETERSON intitulado *A Long Obedience in the Same Direction*.

CAPÍTULO 13

- 1 *The Making of a Man of God*, p. 9.
- 2 “The Eskimo and the Wolf”, *The Florence Times*, 21 de ago. de 1966.

CAPÍTULO 14

- 1 *The Attributes of God*, p. 151-152.
- 2 *Ecclesiastes*, p. 60.
- 3 Walter ELWELL (org.), *Baker Encyclopedia of the Bible*, p. 462.
- 4 Pat ALGER, Larry BASTIAN e Garth BROOKS, “Unanswered Prayers”.
- 5 “Life”, p. 168.

CAPÍTULO 15

- 1 *The New English Translation Bible*, Gn 21.9.
- 2 Nahum M. SARNA, *Understanding Genesis*, p. 147.
- 3 Ver *The International Standard Bible Encyclopedia*, p. 674; *Nelson’s New Illustrated Bible Manners and Customs*, p. 99.

CAPÍTULO 16

- 1 P. 20-21.
- 2 “Genesis”, citado em *The Expositor’s Bible Commentary: Genesis-Leviticus*, p. 210.
- 3 Gordon MACDONALD, *The Effective Father*, p. 13-14.
- 4 P. 55.
- 5 P. 27.

Capítulo 17

- 1 Kenneth L. BARKER, “The Antiquity and Historicity of the Patriarchal Narratives”, citado em *A Tribute to Gleason Archer*, p. 134.

CAPÍTULO 18

- 1 Embora o casamento dentro da mesma casa fosse tabu, especialmente entre pais e filhos, as culturas antigas aceitavam casamento entre membros da família mais ampla. Mais tarde, a Lei de Moisés proibiria o casamento entre parentes próximos.
- 2 John H. WALTON, et al, *The IVP Bible Background Commentary: Old Testament*, Gn 24.22.
- 3 Idem, Gn 24.67.

CAPÍTULO 19

- 1 O plural *concubinas* sem dúvida se refere a Quetura e a Hagar. Hagar desempenhou o papel de concubina quando Abraão tentou apressar o plano de Deus (cf. Gn 16).
- 2 Citado por Dan SCHLOSSBERG em *Baseball Gold*, p. 227.
- 3 Larry TYE, *Satchel*, p. xi.

CAPÍTULO 20

- 1 *Abraham Lincoln*, p. 728.
- 2 *Dr. Schweitzer of Lambarene*, p. 16.
- 3 *Albert Schweitzer’s Mission*, p. 137-138.
- 4 Citado por Laura KNOPPERS em *Constructing Cromwell*, p. 80.